



Julia Quinn

O DUQUE PERDIDO DE
WYNDHAM

OS DOIS DUQUES DE WYNDHAM

1

Star Books Digital





O DUQUE PERDIDO DE WYNDHAM

—❖— OS DOIS DUQUES DE WYNDHAM —❖—
1

Julia Quinn



Título original: *The Lost Duke of Wyndham*

Copyright © 2009 por Julia Quinn

Copyright da tradução © 2019 por Pêgasus Lançamentos.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Soryu

preparo de originais: PL

revisão: Silvia Helena e Nessa Stein

diagramação: Star Books Digital

capa: Star Books Digital

imagem de capa: Trevillion

adaptação para ebook: Star Books Digital

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

<https://t.me/SBDLivros>

<https://t.me/StarBooksDigital>

Quinn, Julia

O Duque Perdido de Wyndham [recurso eletrônico] / Julia Quinn [tradução de PL]; Rio de Janeiro: PL, 2019.

recurso digital (Os Dois Duques de Wyndham; 1) Tradução de: The Lost Duke of Wyndham Continua com: A Prometida do Duque

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-00-6087-610-4 (recurso eletrônico) 1. Romance de Época. 2. Livros eletrônicos. I. Título. II. Série.

E-book distribuído sem fins lucrativos

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo

CAPÍTULO 1



Grace Eversleigh era dama de companhia da duquesa viúva de Wyndham há cinco anos, e nesse tempo descobriu várias coisas a respeito de sua empregadora, das quais a mais importante era a seguinte: Sob o exterior severo, exigente e altivo de sua excelência não pulsava um coração de ouro.

Isso não significava que o dito órgão fosse negro, não. Sua excelência, a duquesa viúva de Wyndham, não poderia se considerar malvada de tudo. Tampouco era cruel, rancorosa e nem sequer absolutamente mesquinha. Mas Augusta Elizabeth Cândida Debenham Cavendish era filha de um duque, casou-se com um duque e logo deu a luz a outro. Sua irmã já era membra de uma família real de pouca importância em um país do centro da Europa cujo nome Grace nunca conseguia pronunciar bem, e seu irmão possuía grande parte de East Anglia. No que a ela se referia, o mundo era um lugar estratificado, com uma hierarquia tão definida como rígida.

Os Wyndham, e em especial os que também levavam o sobrenome Debenham, estavam firmemente instalados na cúpula.

E como tal, a duquesa viúva esperava certa conduta e uma especial deferência para com ela. Raramente era amável, não tolerava a estupidez, e jamais fazia falsos cumprimentos (algumas pessoas poderiam dizer que não fazia nenhum jamais, mas Grace tinha recebido, duas vezes, um seco, mas sincero "*bem feito*", embora, claro, ninguém acreditara quando o contou depois).

Mas a viúva a tinha salvado de uma situação desesperada, e por isso contaria sempre com sua gratidão, respeito e, mais que nada, sua lealdade.

De todos os modos, não havia maneira de contornar a realidade de que a viúva não era uma pessoa amistosa e nem alegre, portanto, não pôde evitar sentir alívio ao ver que esta estava dormindo profundamente na elegante carruagem cujas boas molas de suspensão a faziam deslizarem-se sem saltos nem agitação pelo escuro caminho quando voltava do baile no salão de festas de Lincolnshire a meia-noite.

Tinha passado maravilhosamente bem essa noite, de verdade, por isso era consciente de que não deveria ser tão pouco caridosa. Logo que chegaram, a duquesa viúva instalou-se em seu assento de honra e começou a conversar com seus amigos, e assim não foi necessário atendê-la. Dançou e riu com todas as suas velhas amigas, bebeu três taças de ponche e gracejou com Thomas, o que sempre era uma boa diversão; ele era o duque, e sem dúvida necessitava muitíssimo que o tratassem com menos formalidade. Mas, o principal, era que tinha sorrido; sorriu com tanta frequência e tão bem, que doíam às bochechas.

Essa sensação tão pura e inesperada na festa deixou seu corpo vibrante de energia, e nesses momentos se sentia muito feliz sorrindo de orelha a orelha na escuridão, escutando os suaves roncões da viúva.

Fechou os olhos, mesmo quando não tinha sono; o movimento da carruagem tinha algo que a deixava sonolenta. Para ela o movimento era para trás, como sempre, e o rítmico *clop-clop* dos

cascos dos cavalos começava a adormecê-la. Era estranho; sentia cansados os olhos, embora o resto do corpo não. Mas talvez pudesse cochilar, pois assim que chegassem a Belgrave teria que ajudar à viúva a...

Crac!

Endireitou as costas e olhou para sua empregadora, que, milagrosamente, não despertou. O que foi esse ruído? Alguém teria...?

Crac!

Então o carro deu um salto e parou tão bruscamente que a duquesa viúva, sentada como sempre no assento da frente, tombou o corpo e quase caiu dele.

Imediatamente Grace se ajoelhou a seu lado e instintivamente a rodeou com os braços.

— Que diabos? — Ladrou a viúva, mas ficou calada ao ver sua expressão.

— Disparos — Sussurrou Grace.

A viúva franziu os lábios e em seguida tirou o colar de esmeraldas e o pôs nas mãos.

— Esconda isto — Ordenou.

— Eu? — Exclamou Grace, quase com um chiado, mas colocou a joia debaixo de uma almofada.

E o único que ocorreu pensar foi que adoraria, com um murro, colocar um pouco de sensatez à estimada Augusta Wyndham, por ser tão miserável a ponto de não entregar as joias e por causa disso morreriam...

Abriu-se bruscamente a portinhola.

— A bolsa ou a vida!

Grace ficou imóvel, ainda ajoelhada ao lado da viúva; lentamente levantou a cabeça e olhou, mas o único que conseguiu ver foi o extremo prateado do canhão de uma pistola, redondo e ameaçador, e pontudo a sua frente.

— Senhoras — Disse a voz, embora esta vez soasse distinta, quase amável. Então o homem avançou, saindo da escuridão e com um elegante gesto moveu o braço em arco, as convidando a descer. — O prazer de sua companhia, por favor — Murmurou.

Grace olhou de um lado a outro, exercício inútil dos olhos, pois, evidentemente, não havia maneira de escapar. Virou-se para a viúva, supondo que estaria balbuciando de fúria, e viu que estava pálida como um papel. E então viu que estava tremendo.

A viúva estava tremendo.

As duas estavam tremendo.

O bandoleiro se aproximou mais um pouco e apoiou o ombro no marco da portinhola. Então sorriu um sorriso indolente, com todo o encanto de um patife. Como podia ver tudo isso se usava uma máscara que cobria a metade do rosto? Grace não soube, mas ficaram muito claras três coisas sobre ele.

Era jovem.

Era forte.

E era perigosamente letal.

— Senhora — Disse à viúva, dando uma cotovelada. — Acredito que devemos fazer o que diz.

— Ah, eu adoro uma mulher sensata — Disse ele, e voltou a sorrir.

Foi um sorriso muito breve, que só levantou um canto da boca.

Mas continuava apontando para elas com sua pistola, e seu encanto não contribuiu muito para acalmar o medo de Grace.

E então ele estendeu o outro braço. Estendeu o braço! Como se estivesse para entrar em uma festa; como se fosse um cavalheiro do campo a ponto de perguntar sobre o tempo.

— Permitam-me que ajude? — Murmurou.

Grace negou energicamente com a cabeça. Não deveria tocá-lo. Não sabia exatamente por que, mas sabia no fundo de seu ser que seria um absoluto desastre se colocasse a mão na dele.

— Muito bem — Disse ele, exalando um suave suspiro. — As damas de hoje em dia são muito capazes. Parte-me o coração, na realidade. — Aproximou mais um pouco a cabeça, quase para confiar um segredo. — Ninguém gosta de sentir-se sobrando.

Grace se limitou a olhá-lo.

— As deixei mudas com minha cortesia e encanto — Continuou ele, retrocedendo para deixar espaço para sair. — Acontece sempre. De verdade, não deveriam me permitir me aproximar das damas. Tenho um efeito muito ruim em vocês.

Estava louco, concluiu Grace; essa era a única explicação. Por mais encantadoras que fossem suas maneiras, tinha que estar louco. E sustentava uma pistola.

— Embora sem dúvida haja quem diga — Murmurou ele, com sua arma firme enquanto suas palavras pareciam serpentear pelo ar — que uma mulher muda é a menos irritante de todas.

Thomas diria isso, pensou Grace. O duque de Wyndham não suportava nenhum tipo de conversa. Chamava-o Thomas porque há anos ele insistiu que o chamasse por seu primeiro nome, para evitar o enredo que se armava com o nome e o tratamento que deviam a ele.

— Senhora — Sussurrou, puxando o braço da viúva.

Esta não disse nenhuma só palavra, nem fez nenhum gesto de assentimento, mas agarrou sua mão e permitiu que a ajudasse a descer da carruagem.

— Ah, assim está muito melhor — Disse o bandoleiro, sorrindo de orelha a orelha. — Que boa sorte a minha ter me encontrado com duas damas tão divinas. E eu que pensei que encontraria um arisco cavalheiro ancião.

Grace deu um passo de lado, sem deixar de olhar no rosto. Não parecia um delinquente, ou, melhor dizendo, não combinava com sua ideia de delinquente. Sua pronúncia falava com gritos de educação e boa criação, e talvez tivesse até tomado um banho momentos antes, pois não cheirava mal.

— Ou talvez um desses jovens dândis metidos em um colete dois tamanhos menores. — Murmurou ele, esfregando pensativo o queixo com a mão livre. — Conhece o tipo, verdade? — Disse para Grace. — Rosto vermelho, bebe muito, pensa muito pouco.

E ante sua grande surpresa, Grace pegou-se assentindo.

— Parecia-me isso — Disse ele. — Existem aos montes.

Grace pestanejou e continuou imóvel onde estava, olhando sua boca.

Era a única parte que via, pois a máscara cobria toda a parte superior do rosto. Mas seus lábios eram tão móveis, tão perfeitamente formados e expressivos que quase parecia ver todo o rosto. Era algo estranho. Fascinante, e muito inquietante também.

— Ah, bom — Disse ele, com o mesmo enganoso suspiro de tédio que ela ouvia de Thomas quando desejava mudar de assunto. — Não tenho dúvidas, senhoras, de que compreendem que isto não é uma visita social. — Desviou os olhos para Grace e esboçou um sorriso travesso. — Não de todo.

Ela entreabriu os lábios.

Então viu que ele entreabria sedutoramente as pálpebras, pelos buracos da máscara.

— Eu adoro combinar trabalho com prazer — Murmurou ele. — Não costuma ser uma opção, com todos esses corpulentos cavalheiros que viajam pelos caminhos.

Ela compreendeu que deveria emitir uma exclamação ou inclusive um protesto, mas a voz do bandoleiro era tão agradável como o bom conhaque que às vezes ofereciam em Belgrave. Falava com uma entonação algo cantarina também, o que indicava que passou sua infância muito longe de Lincolnshire. Então notou que seu corpo vacilava, como se fosse para frente e depois caia ligeira e brandamente em outra parte. Longe, muito longe.

Rápida como um raio a mão dele agarrou o cotovelo, firmando-a.

— Não vai desmaiar verdade? — Disse pressionando o cotovelo apenas o suficiente para mantê-la de pé. Sem soltá-la.

Ela negou com a cabeça.

— Não — Respondeu em voz baixa.

— Tem minha mais sincera gratidão — Disse ele. — Eu adoraria levantá-la nos braços, mas teria que soltar a pistola e isso não podemos permitir não é, verdade? — Olhou à viúva e disse rindo. — E a senhora nem ocorra a ideia de desmaiar. Eu gostaria muitíssimo de levantá-la nos braços também, mas acredito que nenhuma das duas gostaria que deixasse meus sócios a cargo das armas de fogo.

Só então Grace percebeu que havia outros três homens. Claro que sim; ele não poderia ter orquestrado isso sozinho. Mas os homens ficaram calados, mantendo-se na escuridão.

E ela não era capaz de desviar o olhar do chefe.

— Nosso chofer está ferido? — Perguntou, envergonhada por não ter pensado antes nele.

Nem ele nem o laçao que cavalgava como escolta se viam por nenhum lado.

— Nada que não possa curar um pouquinho de amor e ternura. — Assegurou o bandoleiro. — Está casado?

Do que estava falando?

— Isto... Acredito que não — Respondeu.

— Envie-o ao botequim, então. Há ali uma garçonete muito peituda que... Vamos, mas no que estou pensando? Estou entre damas. — Riu. — Um caldo quente então, e talvez uma compressa fria. E depois disso, um dia livre para encontrar esse pouquinho de amor e ternura. Por certo, o

outro está aí. — Moveu a cabeça para um grupo de árvores próximas. — Absolutamente ileso, asseguro, embora talvez pudesse achar que as amarras estão mais apertadas do que preferiria.

Grace ruborizou e se voltou para a viúva, surpresa por não estar dando um sermão ao bandoleiro por essa maneira de falar tão desrespeitosa. Mas a duquesa seguia tão branca como um lençol e olhava ao ladrão como se estivesse vendo um fantasma.

— Senhora? — Disse agarrando a mão; estava fria e pegajosa. E flácida absolutamente flácida. — Senhora?

— Como se chama? — Sussurrou a viúva.

— Como me chamo? — Repetiu Grace horrorizada.

Teria sofrido um ataque? Perdido a memória?

— Como você se chama — Disse a viúva com mais força, e ficou claro que se dirigia ao salteador.

Ele simplesmente riu.

— Deleitam-me os cuidados de uma dama tão encantadora, mas suponho que não acredita que revelarei meu nome durante um ato que é quase sem dúvida um delito castigado com a força.

— Preciso saber seu nome — Disse a viúva.

— E eu preciso de seus objetos de valor — Replicou ele. Fez um gesto para a mão da viúva com uma respeitosa inclinação da cabeça. — Esse anel, se for tão amável.

— Por favor — Sussurrou a viúva.

Surpresa, Grace girou a cabeça para olhá-la; a viúva raramente dizia: *obrigada*. E jamais dizia: *por favor*.

— Precisa sentar-se — Disse ao bandoleiro.

Tinha certeza que a viúva estava doente; tinha uma saúde excelente, mas já passava dos setenta anos e tinha sofrido uma comoção.

— Não preciso me sentar — Disse a viúva secamente, empurrando-a.

Voltando a atenção ao bandoleiro, tirou o anel e o passou. Ele o agarrou, o fez girar entre os dedos e o colocou no bolso.

Grace ficou em silêncio, observando, esperando que ele pedisse mais.

Mas ante sua surpresa, a viúva falou primeiro.

— Tenho outra bolsa no carro — Disse, lentamente e com uma deferência estranha e absolutamente atípica nela. — Permita-me, por favor, ir buscá-la.

— Não sabe quanto eu gostaria de agradá-la. — Disse ele sinceramente. — Mas não posso. Talvez tenha duas pistolas escondidas debaixo do assento.

Grace engoliu saliva, pensando no colar de esmeraldas.

— Além disso — Acrescentou ele, já em um tom quase de paquera. — Vejo que é você o tipo de mulher que enlouquece. — Exalou um teatral suspiro. — Capaz. Vamos, reconheça-o. — Obsequiou-a com um sorrisinho perturbador.

— É uma amazona experiente, tem excelente pontaria, e é capaz de recitar as obras completas de

Shakespeare de traz para frente.

Incrivelmente, a viúva empalideceu mais ainda ao ouvir isso.

— Ai, se fosse vinte anos mais velho. — Disse ele, suspirando. — Não a deixaria escapar.

— Por favor — Suplicou a viúva. — Há uma coisa que quero dar.

— Bom isso sim é uma novidade — Comentou ele. — As pessoas não costumam me presentear. Isso faz com que as pessoas sintam-se amadas.

Grace estendeu a mão para a viúva.

— Permita-me que a ajude — Insistiu.

A duquesa não estava bem, não podia estar bem. Jamais era humilde, jamais suplicava nem...

— Pegue-a! — Disse de repente a viúva, agarrando o braço e lançando-a para o bandoleiro. — Pode tê-la como refém, com a pistola apontada para sua cabeça se quiser. Prometo que voltarei e sem arma.

Grace tropeçou quase inconsciente pelo sobressalto, e chocou de costas contra o corpo do bandoleiro, que imediatamente a rodeou com um braço.

Era uma espécie de abraço estranho, quase protetor, e compreendeu que ele estava tão espantado quanto ela.

Os dois observaram a viúva, que sem esperar o consentimento dele, apressou-se para subir ao carro.

Grace tentou continuar respirando; tinha as costas apoiadas nele, e ele tinha a enorme mão apoiada em seu abdômen, tocando brandamente o quadril direito com os dedos dobrados. Ele tinha o corpo quente, ela se sentia acalorada e, por Deus, jamais, jamais em sua vida, esteve tão perto de um homem.

Sentia seu aroma, sentia seu fôlego na nuca, quente e suave. Então ele fez algo incrível; aproximou os lábios de sua orelha e murmurou:

— Ela não deveria ter feito isto.

Sua voz soou... Amável, quase afetuosa; e indignada, como se não aprovasse o modo da viúva tratá-la.

— Não estou acostumado a sustentar assim uma mulher — Continuou ele, em seu ouvido. — Geralmente prefiro outro tipo de intimidade, você não?

Grace ficou em silêncio, temerosa de falar, receosa de que se tentasse falar sua voz não sairia.

— Não vou fazer mal — Murmurou ele, tocando a orelha com os lábios.

Ela desceu o olhar à pistola, que ele segurava na mão direita. A pistola se via perigosa e ele a tinha apoiada na coxa dela.

— Todos tem sua armadura — Murmurou ele.

Mudou de posição, posicionando-se mais ao lado dela, e de repente agarrou o queixo com a mão livre; passou um dedo pelos lábios e então se inclinou e a beijou.

Grace o olhou surpresa quando ele se afastou, sorrindo amavelmente.

— Foi muito rápido, uma lástima — Disse. Retrocedeu, agarrou a mão e beijou o dorso. — Em

outra ocasião talvez — Murmurou.

Mas não soltou a mão. Mesmo quando a viúva saiu da carruagem, continuou segurando sua mão, acariciando brandamente a pele com o polegar.

Estava seduzindo-a; quase não era capaz de pensar, quase não podia respirar, mas sabia disso. Dentro de uns minutos cada um iria por seu caminho; ele não fez nada mais que beijá-la e ela ficaria marcada para sempre.

A viúva já estava diante deles, e se percebeu que o bandoleiro estava acariciando a mão de sua acompanhante, não o disse. Simplesmente estendeu para ele um pequeno objeto.

— Pegue-o, por favor.

Soltou a mão de Grace, a contra gosto, passando uma última vez os dedos por sua pele. Quando estendeu a mão, ela viu que o objeto na mão da viúva era um retrato em miniatura, o de seu segundo filho, morto a muitíssimo tempo.

Conhecia esse retrato; a duquesa o levava com ela a todas as partes.

— Conhece este homem? — Perguntou a duquesa em um sussurro.

O bandoleiro olhou o pequeno retrato e negou com a cabeça.

— Olhe com mais atenção.

Mas ele voltou a negar com a cabeça, tentando devolver .

— Poderia valer algo — Disse um dos homens que o acompanhavam.

Ele negou com a cabeça e olhou fixamente para a viúva.

— Para mim nunca será tão valioso como é para a senhora.

— Não! Olhe! — Exclamou a viúva, sem pegar o retrato. — Por favor, olhe, olhe. Seus olhos, seu queixo, sua boca. São os seus.

Grace segurou o fôlego.

— Sinto muito — Disse o bandoleiro amavelmente. — Está equivocada.

Mas ela não se deixou dissuadir.

— Sua voz é a dele — Insistiu. — Seu tom, seu humor são os dele. Sei. Sei tal como sei respirar. Era meu filho. Meu filho.

— Senhora — Interveio Grace, rodeando-a com um braço em gesto maternal; normalmente a viúva não teria permitido um contato tão íntimo, mas essa noite não havia nada normal nela. — Senhora, está escuro. Ele usa uma máscara. Não pode ser ele.

— É óbvio que é ele — Ladrou ela, afastando-a com um violento empurrão.

Avançou para o bandoleiro e Grace quase caiu de terror ao ver que todos os homens apontaram suas pistolas.

— Não façam mal! — Gritou.

Mas sua súplica foi desnecessária. A viúva já tinha segurado a mão livre do salteador e a tinha agarrada como se fosse seu único meio de salvação.

— Este é meu filho — Disse, sustentando o retrato em miniatura em sua mão trêmula. — Chamava-se John Cavendish e morreu faz vinte e nove anos. Tinha o cabelo castanho, olhos azuis e

uma marca de nascimento no ombro. — Engoliu saliva e diminuiu a voz a um sussurro. — Adorava a música, e não podia comer morangos. E era capaz... Era capaz... sua voz falhou, mas ninguém falou; o silêncio ficou denso, todos os olhos cravados nela, até que se recuperou e continuou em apenas um sussurro: — Era capaz de fazer rir a qualquer um. — Então, fazendo uma consideração que Grace não teria imaginado jamais, girou a cabeça para ela e acrescentou: — Inclusive a mim.

O momento ficou suspenso no tempo, puro, silencioso, intenso.

Ninguém falou. Grace não sabia se alguém estava respirando.

Olhou para o bandoleiro, para sua boca, essa boca expressiva e travessa, e compreendeu que algo não estava bem. Ele tinha os lábios entreabertos e, mais ainda, quietos. Pela primeira vez viu seus lábios sem movimento, e à chapeada luz da lua viu que tinha empalidecido.

— Se isto significar algo para você — Continuou a viúva com tranquila resolução. — Pode me encontrar no castelo Belgrave esperando sua visita.

Ato contínuo, toda encurvada e trêmula, como Grace não a tinha visto nunca, girou com a mão fechada sobre a miniatura, e subiu a carruagem.

Grace continuou imóvel, sem saber o que fazer. Já não se sentia em perigo, por estranho que parecesse, com três pistolas ainda apontadas para ela, e uma a do bandoleiro, “*seu*” bandoleiro, em sua mão frouxa de lado.

Apenas foi entregue um anel, nada produtivo para um bando de ladrões experimentado, assim não se sentia capaz de voltar para a carruagem sem permissão.

Esclareceu a garganta.

— Senhor? — Disse, sem saber como chamá-lo.

— Meu sobrenome não é Cavendish — Disse ele em voz baixa, tão baixa que quase não chegou aos ouvidos dela. — Mas foi em outro tempo.

Grace afogou uma exclamação.

E então, com um movimento brusco e rápido, ele saltou para o cavalo e exclamou:

— Terminamos aqui.

E Grace ficou onde estava vendo-o afastar-se.

CAPÍTULO 2



Tinham transcorrido várias horas e Grace estava sentada em uma cadeira no corredor, fora do dormitório da viúva. Estava absolutamente cansada e não desejava outra coisa que ir para cama, mesmo sabendo que, apesar de seu esgotamento, passaria o resto da noite dando voltas e voltas na cama sem poder conciliar o sonho. Mas a viúva estava tão perturbada, e a tinha chamado tantas vezes, que finalmente renunciou à ideia de ir deitar-se e levou a cadeira a esse lugar. Na última hora tinha levado a viúva (que não se movia da cama) um maço de cartas que estavam guardadas no fundo de uma gaveta com chave; um copo de leite quente; uma taça de conhaque; outro retrato em miniatura de seu filho John, falecido tanto tempo atrás; um lenço que sem dúvida tinha um valor sentimental; outra taça de conhaque, para substituir a primeira, que bebeu enquanto ordenava que fosse procurar o lenço.

Tinham passado uns dez minutos desde a última chamada, dez minutos nos quais não pôde fazer nada além de ficar sentada esperando, pensando, pensando...

No bandoleiro.

Em seu beijo.

Em Thomas, o atual duque de Wyndham, que considerava um amigo.

No falecido filho do meio da viúva, e no homem que ao que parece era igual a ele. E em seu sobrenome.

Inspirou profundamente. Seu sobrenome. Seu sobrenome.

Bom Deus.

Isso não havia dito à viúva. Ficou imóvel no caminho, observando o bandoleiro se afastar à luz da meia lua. E, finalmente, quando pareceu que as pernas funcionavam, começou a agir para voltar para casa. Teve que ir desamarrar o laçao, logo atender o chofer, e quanto à viúva, estava tão transtornada que nem sequer emitiu um sussurro de protesto quando colocou o chofer ferido dentro do carro com ela.

Feito tudo isso subiu à boleia, onde já estava o laçao, e agarrou as rédeas para levar a carruagem de volta para casa. Não tinha muita experiência em levar as rédeas, mas se arrumou.

Teve que dar um jeito. Não havia ninguém mais que o fizesse. Mas isso era algo em que era boa.

Dar um jeito. Para fazer as coisas.

Quando chegaram em casa, procurou uma pessoa para que atendesse ao chofer e logo foi atender à viúva, todo esse tempo sem parar de pensar: — Quem era ele?

O bandoleiro. Disse que em outro tempo seu sobrenome era Cavendish.

Poderia ser o neto da duquesa viúva? Havia dito que John Cavendish morreu sem descendência, mas não seria o primeiro nobre jovem que deixava o campo semeado de filhos

ilegítimos.

Embora ele dissesse que seu sobrenome fosse Cavendish, ou, melhor dizendo, que tinha sido Cavendish. O qual significava...

Moveu a cabeça, esgotada. Estava tão cansada que não era capaz de pensar, entretanto parecia que a única coisa que podia fazer era pensar. O que significava o sobrenome do bandoleiro ser Cavendish? Podia um filho ilegítimo levar o sobrenome de seu pai?

Não tinha a menor ideia. Jamais em sua vida conheceu um filho bastardo, ao menos não um de origem nobre. Mas sabia de homens que mudavam o sobrenome. O filho do pároco foi viver com uns parentes quando era pequeno, e a última vez que veio de visita se apresentou com outro sobrenome. Ao que parece, então, um filho ilegítimo podia ficar com o sobrenome que quisesse. E embora não fosse legal fazê-lo, um bandoleiro não iria se preocupar com esses tecnicismos, não?

Tocou a boca, tentando simular que não gostava dos estremecimentos de excitação que passaram por toda ela ao recordar. Ele a tinha beijado.

Esse havia sido seu primeiro beijo, e não sabia quem era ele.

Conhecia seu aroma, conhecia o calor de sua pele e a aveludada suavidade de seus lábios, mas não conhecia seu nome.

Não todo, ao menos.

— Grace! Grace!

Levantou-se cansadamente. Deixou entreaberta a porta para ouvi-la se a chamasse, e não se equivocou; voltava a chamá-la. A viúva devia estar muito transtornada; raramente a chamava por seu primeiro nome; era mais difícil dizê-lo de maneira autoritária do que — senhorita Eversleigh — Entrou apressadamente no dormitório.

— Quer algo? — Perguntou, procurando fazer com que a voz não saísse cansada nem ressentida.

A viúva estava sentada na cama, bom, não de todo sentada, mas bem reclinada, somente a cabeça levantada sobre os travesseiros. Parecia tremendamente incômoda, mas a última vez que tentou acomodá-la melhor quase arrancou a cabeça.

— Onde estava?

Pareceu que essa pergunta não necessitava resposta, mas de todos os modos respondeu: — Aqui, no outro lado da porta, senhora.

— Necessito que me traga uma coisa — Disse a viúva, e parecia mais agitada que imperiosa.

— O que deseja que traga, excelência?

— Preciso do retrato de John.

Grace a olhou sem compreender.

— Não fique aí parada! — Exclamou a viúva, ou melhor, gritou.

— Mas, senhora. — Protestou Grace, retrocedendo de um salto. — Trouxe os três retratos em miniatura e...

— Não, não, não — Exclamou a viúva, movendo a cabeça de um lado a outro sobre os travesseiros. — Preciso do retrato. O da galeria.

— O retrato. — Repetiu Grace.

Eram três e meia da madrugada, e talvez estivesse atordoada pelo esgotamento, mas acreditava que acabavam de ordenar que desprendesse um retrato de corpo inteiro de uma parede e o subisse dois lances de escada até esse dormitório.

— Sabe qual é — Disse a viúva. — Ele está de pé junto à árvore e há brilho em seus olhos.

Grace pestanejou, tentando assimilar isso.

— Só tem esse, acredito.

— Sim — Disse a viúva, com a voz muito alta por sua urgência. Havia um brilho em seus olhos.

— Quer que o traga aqui.

— Não tenho outro dormitório — Disse a viúva.

— Muito bem. — Engoliu saliva; bom Deus, como conseguiria fazer isso? — Levará um pouco de tempo.

— Simplesmente suba em uma cadeira e tire o maldito quadro. Não é necessário que...

Veio um acesso de tosse e dobrou o corpo. Grace correu até a cama.

— Senhora, senhora! — Exclamou, rodeando as costas com o braço para endireitá-la. — Por favor, senhora. Deve tentar tranquilizar-se. Vai se machucar.

A viúva tossiu umas quantas vezes mais, bebeu um longo gole de leite quente, depois soltou uma maldição e agarrou a taça de conhaque. Tomou um gole.

— Machucarei você — Ofegou deixando a taça na mesinha de noite, com um golpe. — Se não me trouxer esse retrato.

Grace engoliu saliva e assentiu.

— Como quiser senhora.

Saiu apressadamente e quando já estava fora da vista da viúva se apoiou na parede do corredor.

A noite tinha começado muito bem. E agora terei que dar um jeito.

Teve uma arma apontada para seu coração, beijou-a um homem cujo próximo encontro sem dúvida era com a forca e agora a viúva queria que tirasse um enorme retrato de corpo inteiro da galeria e o subisse.

Às três e meia da madrugada.

— De maneira nenhuma me paga o bastante — Resmungou em voz baixa enquanto ia descendo a escada. — Não existe quantidade de dinheiro suficiente que...

— Grace?

Parou em seco e com o impulso saltou o último degrau.

Imediatamente mãos grandes agarraram os braços para firmá-la.

Levantou os olhos, embora já soubesse quem era. Thomas Cavendish era o neto da duquesa viúva; também era o duque de Wyndham e, portanto sem dúvida o homem mais rico do distrito. Estava em Londres quase com a mesma frequência com que estava em Belgrave, mas ela chegou a conhecê-lo bem nos cinco anos em que trabalhava como dama de companhia da viúva.

Eram amigos. A situação era estranha e totalmente inesperada, dada a diferença social entre eles, mas eram amigos.

— Excelência — Disse, mesmo ele dizendo que poderia chamá-lo por seu primeiro nome quando estivessem em casa.

Agradeceu com um gesto de assentimento quando soltou os braços, retrocedeu e baixou as mãos aos flancos; já era muito tarde para pensar em títulos e maneiras de tratá-lo.

— Que diabos faz ainda em pé? — perguntou ele. — São mais de duas horas.

— Passou das três, na realidade. — Disse ela, distraída.

E então pensou: Santo Deus, Thomas. Lembrou-se de tudo. O que devia dizer? Deveria contar algo do ocorrido? Não haveria maneira de ocultar que foram assaltadas por um bandoleiro, mas não sabia se deveria revelar que poderia ter mais informações percorrendo os caminhos aliviando seus objetos valiosos aos aristocratas da localidade.

Porque, considerando tudo, poderia não ser seu primo. Além disso, não tinha nenhum sentido preocupá-lo desnecessariamente.

— Grace?

Ela moveu a cabeça.

— Perdão, o que disse?

— Por que anda vagando pelos corredores?

— Sua avó não se sente bem — Disse e, desesperada para mudar de assunto, acrescentou: — Chegou tarde em casa.

— Tinha assuntos a resolver em Stanford — replicou ele secamente.

Sua amante. Se fosse qualquer outra coisa sua resposta não teria sido essa. Mas era estranho que tivesse chegado em casa. Normalmente ficava para passar a noite. Apesar de ser de berço respeitável, ela era uma empregada em Belgrave, e como tal sabia de quase todas as intrigas. Se o duque ficava fora toda a noite, geralmente ela sabia.

— Tivemos uma noite... Um pouco agitada — Disse.

Ele a olhou esperando.

Ela titubeou um momento e logo, bom, não havia nada que fazer além de dizer: — Uns bandidos nos assaltaram.

— Bom Deus — Exclamou ele imediatamente. — Está bem? Minha avó está bem?

— Não sofremos dano, nenhuma das duas, embora nosso chofer tenha um feio galo na cabeça. Tomei a liberdade de dar três dias livres para que se recupere.

— É obvio.

Fechou os olhos com uma expressão de causar pena, e ao abri-los disse: — Devo pedir desculpas. Deveria ter insistido em que levassem mais de um cavaleiro de escolta.

— Não seja tolo. Não é sua culpa. Quem teria pensado...? — Interrompeu-se, porque não tinha sentido procurar a alguém para culpar. — Não nos fizeram mal — Repetiu. — Isso é o que importa.

Ele exalou um suspiro.

— O que roubaram?

Ela engoliu saliva. Não podia dizer que só roubaram um anel.

Thomas não era nenhum idiota; perceberia que algo não estava se encaixando. Esboçou um sorriso tenso, decidindo que era melhor ser vaga.

— Não muito. A mim, nada. Imagino que era evidente que não sou uma mulher rica.

— Minha avó deve estar louca de fúria.

— Está um pouco perturbada — Disse ela, evasiva.

— Usava seu colar de esmeraldas, verdade? — balançou a cabeça. — A velha bruxa tem um carinho ridículo por essas pedras.

— Na realidade salvou as esmeraldas. Escondeu-as debaixo da almofada do assento.

Ele pareceu impressionado.

— Sim?

— Eu as escondi — Emendou-se, nada desejosa de compartilhar a glória.

— Passou-me as antes que abrissem a porta da carruagem.

Ele sorriu levemente e, passado um momento de silêncio incômodo, disse: — Não me disse por que está de pé tão tarde. Sem dúvida merece um descanso também.

— Isto... — Não havia maneira de evitar dizer, com certeza ele notaria o imenso espaço vazio na galeria ao dia seguinte. — Sua avó me fez um estranho pedido.

— Todos os seus pedidos são estranhos — Respondeu ele imediatamente.

— Não, este... Bom... — Pestanejou exasperada; como chegou a isto sua vida? — Suponho que não quer me ajudar a tirar um quadro da galeria.

— Um quadro.

Ela assentiu.

— Da galeria.

Ela voltou a assentir.

— Suponho que não pediu um desses quadrados relativamente pequenos.

— Não. — Posto que ele não fizesse nenhuma pergunta, acrescentou: — Quer o retrato de seu tio.

— De qual?

— John.

Ele assentiu, sorrindo levemente, embora sem humor.

— Sempre foi seu favorito.

— Mas você não o conheceu — Disse Grace, pela forma como ele falou, quase como se tivesse sido testemunha desse favoritismo.

— Não, claro que não. Morreu antes que eu nascesse. Mas meu pai falava dele.

Sua expressão dizia claramente que não desejava falar mais desse tema.

E a ela não ocorreu nada mais a dizer, assim continuou de onde estava esperando que ele ordenasse seus pensamentos.

E ao que parece ele os ordenou, porque voltando a olhá-la perguntou: — Não é de corpo inteiro

esse retrato?

Ela se imaginou desprendendo-o da parede.

— Acredito que sim.

Deu a impressão de que iria se voltar em direção à galeria, mas então apertou a mandíbula e se transformou novamente no imponente duque.

— Não — Disse, com firmeza. — Não vai levar esse quadro esta noite. Se ela deseja o maldito retrato em seu dormitório, poderá ordenar a um lacaios que o leve pela manhã.

Grace desejou sorrir ante essa atitude protetora, mas já estava muito cansada. Além disso, tratando-se da viúva, fazia muitíssimo tempo que tinha aprendido a seguir o caminho da menor resistência.

— Asseguro que nada desejo mais que ir me deitar neste mesmo instante, mas é mais fácil agradá-la.

— De maneira nenhuma — Disse ele imperioso.

Sem esperar resposta, começou a subir a escada. Grace ficou um momento observando-o e logo, encolhendo os ombros, dirigiu-se à galeria.

Não podia ser tão difícil tirar um quadro de uma parede, certo?

Só tinha dado dez passos quando ouviu Thomas ladrar seu nome.

Suspirando parou. Deveria saber. O homem era tão teimoso como sua avó, embora ele não agradecesse essa comparação.

Diminuiu os passos, e se apressou quando o ouviu chamá-la outra vez.

— Estou aqui — Disse, irritada. — Por Deus, vai despertar toda a casa.

Ele pôs os olhos em branco.

— Não me diga que foi à galeria para tirar o quadro sozinha.

— Se não o levar, passará o resto da noite puxando o cordão para me chamar e não poderei dormir.

Ele estreitou os olhos.

— Observe. — Disse.

— Observar o que? — Perguntou ela, perplexa.

— Arrancar seu cordão para chamar. — Disse ele, continuando a ascensão com renovada resolução.

— Arrancar seu... Thomas! — Subiu correndo, mas, claro, não podia alcançar. — Thomas, não pode!

Ele se virou e até sorriu, o que ela achou muito alarmante.

— É minha casa — Disse. — Posso fazer o que quiser.

E enquanto ela assimilava isso com seu esgotado cérebro, ele avançou pelo corredor e entrou no dormitório de sua avó.

— O que pretende fazer? — Ouviu-o dizer.

Soltando o fôlego, correu pelo corredor e entrou no quarto, justo quando ele estava dizendo: — Santo Deus, sente-se mau?

— Onde está a senhorita Eversleigh? — Perguntou a viúva, olhando nervosa por todo o quarto.

— Aqui — Disse Grace, aproximando-se apressadamente.

— Pegou? Onde está o retrato? Preciso ver meu filho.

— Senhora, é muito tarde — Disse Grace, tentando explicar .

Aproximou mais um pouco, embora não soubesse para que. Se a viúva comesse a falar sobre o bandoleiro e o parecido com seu filho favorito, ela não poderia impedir. De todos os modos, a proximidade criava ao menos a ilusão de que poderia evitar o desastre.

— Senhora. — Repetiu amavelmente, em voz baixa, olhando-a com cautela.

— Pela manhã pode ordenar a um laçao que o traga. — Disse Thomas, em um tom menos imperioso. — mas não vou deixar a senhorita Eversleigh fazer esse trabalho físico pesado, muito menos a esta hora da noite.

— Necessito o retrato, Thomas — Disse a viúva, e Grace quase se aproximou para segurar sua mão. Sua voz soava com pena, a voz de uma anciã, e de maneira nenhuma parecia ela mesma quando acrescentou: — Por favor.

Grace olhou para Thomas; ele parecia inquieto.

— Amanhã — Disse. — Na primeira hora se quiser.

— Mas...

— Não. Lamento que tenham assaltado esta noite, e é óbvio farei tudo o que for necessário, dentro do razoável, para que fique cômoda e velar por sua saúde, mas isto não inclui exigências caprichosas em horas inoportunas.

Olharam-se fixamente por tanto tempo que Grace desejou encolher-se.

Então Thomas disse:

— Grace, vá se deitar.

Mas não se voltou para sair do quarto.

Ela ficou imóvel um momento, esperando o que? Não sabia. Uma contra ordem da viúva? Que retumbasse um trovão fora da janela? Posto que não chegou nenhuma das duas coisas, concluiu que não podia fazer nada mais essa noite e saiu do quarto.

Enquanto ia caminhando lentamente pelo corredor os ouviu discutir, embora sem nenhuma palavra violenta, nenhuma palavra acalorada. Os Cavendish tinham um temperamento frio, e era muito mais provável que se atacassem com um dardo de gelo que com um grito acalorado.

Fez uma larga e tremente expiração. Jamais se acostumaria a essas coisas. Levava cinco anos trabalhando em Belgrave e ainda a surpreendia o ressentimento que havia entre Thomas e sua avó.

E o pior era que nem sequer havia um motivo. Uma vez se atreveu a perguntar para Thomas a que se devia esse desdém ou aversão entre eles; ele se limitou a encolher os ombros, dizendo que sempre foi assim. Que não caía bem seu pai, que seu pai odiava a ele e que teria passado o mar de bem sem nenhum dos dois.

Isso a deixou pasma. Pensava que em todas as famílias havia carinho mútuo. Na sua era assim.

Sua mãe, seu pai...

Fechou os olhos para conter as lágrimas. Estava ficando muito sensível. Ou talvez estivesse cansada. Já não chorava por eles. Sentia falta deles, mas o enorme buraco que deixou nela a morte dos dois já tinha se curado.

E agora... Bom, tinha encontrado um novo lugar no mundo. Não era o lugar que esperava e não era o que seus pais desejavam para ela, mas tinha comida e roupa e a oportunidade de ver suas amigas de vez em quando.

Mas às vezes, de noite, quando estava deitada, era difícil. Era consciente de que não deveria ser ingrata: estava vivendo em um "castelo", pelo amor de Deus. Mas não a tinham criado para essa vida. Não a tinham criado para a servidão nem para esses temperamentos azedos. Seu pai era um cavalheiro do campo e sua mãe um membro muito querido em sua comunidade. Tinham-na criado com carinho e risadas, e às vezes, quando estavam sentados em casa ao anoitecer, seu pai suspirava e dizia que teria que ficar solteirona porque sem dúvida não haveria nenhum homem no condado que valesse o suficiente para sua filha.

E ela ria e dizia:

— E no resto da Inglaterra?

— Tampouco.

— E na França?

— Por Deus, não.

— E nas Américas?

— É quer matar sua mãe, menina? Enjoa-se apenas vendo a praia.

E todos sabiam que ela se casaria com um homem do condado, que viveria um pouco mais à frente ou ao menos a uma distância curta de carruagem ou a cavalo, e que seria feliz. Que encontraria o que tinham encontrado seus pais, porque ninguém esperava que se casasse por um motivo que não fosse o amor. Teria bebês e sua casa estaria cheia de risadas, e seria feliz.

Ela se considerava a garota mais afortunada do mundo.

Mas a febre que golpeou a casa Eversleigh foi cruel e quando chegou ela ficou órfã. Aos dezessete anos não podia continuar vivendo sozinha na casa, e na realidade ninguém sabia o que seria dela enquanto não se esclarecessem os assuntos de seu pai e se lesse o testamento.

Riu amargamente enquanto tirava o enrugado vestido, preparando-se para dormir. As disposições de seu pai só pioraram as coisas. Estavam endividados, não terrivelmente, mas o bastante para convertê-la em uma carga. Ao que parece, seus pais sempre viveram ligeiramente a cima de seus recursos, talvez com a esperança de que seu amor e felicidade servissem para superar tudo.

E isso acontecia, de verdade. O amor e a felicidade os tinham ajudado a superar todos os obstáculos com que se encontraram os Eversleigh.

Com exceção da morte.

Sillsby, o único lar que conheceu, era uma propriedade vinculada. Ela sabia isso, mas não sabia com que impaciência seu primo Miles iria viver ali; tampouco sabia que ele continuava solteiro. Nem quando a esmagou contra uma parede e pousou o lábios nos seus deveria permitir agradecer em realidade a esse dândi seu gentil e benévolo interesse por ela.

O que fez foi enterrar o cotovelo nas costelas e o joelho em...

Bom, depois disso não ficou satisfeito. Essa era a única parte de todo o desastre que ainda a fazia sorrir.

Furioso pela rejeição, Miles a pôs na rua. Ficou sem nada. Sem casa, sem dinheiro e sem parentes (ele não o contava como parente).

Aí entrou a viúva.

A notícia de sua difícil situação deve ter viajado rápida pelo distrito. A viúva apareceu como uma deusa de gelo e a levou. Claro que ela não tinha nenhuma ilusão de que a fossem tratar como uma mimada hóspede. A viúva se apresentou com toda uma comitiva, olhou fixamente para Miles até fazê-lo abaixar os olhos e mover-se inquieto (e, francamente, esse foi o momento que mais desfrutou ela) e logo anunciou: — Vai ser minha dama de companhia.

Antes que ela tivesse a oportunidade de aceitar ou declinar o oferecimento, a viúva deu meia volta e saiu da sala. O qual só confirmou o que todos já sabiam: que ela não tinha a menor opção no assunto.

Disso fazia cinco anos. Agora vivia em um castelo, comia boa comida e sua roupa era se não a última moda, sim de boa confecção e bonita. (Pelo menos a viúva tinha bom gosto e não era miserável, embora talvez essas fossem suas únicas virtudes).

Vivia a só umas milhas do lugar onde se criou, e a maioria de suas amigas ainda viviam no condado, via-as com certa periodicidade, no povoado, na igreja ou nas visitas da tarde. E se não tinha sua família, ao menos não a tinham obrigado a se casar com Miles.

Mas embora agradecesse muitíssimo tudo o que tinha feito por ela a viúva, desejava algo mais.

Ou talvez nem sequer mais, talvez simplesmente algo diferente.

Muito improvável, pensou, entrando na cama. As únicas opções para uma mulher de seu berço eram ou emprego ou matrimônio; para ela, a única opção era o emprego. Os homens de Lincolnshire tinham muito medo da viúva para fazer alguma insinuação a ela. Era bem sabido que Augusta Cavendish não tinha o menor desejo de formar outra dama de companhia.

E era mais sabido ainda que Grace Eversleigh não tinha nenhum dinheiro.

Fechou os olhos, tentando recordar que os lençóis entre os quais estava deitada eram da melhor qualidade, e que a vela que acabava de apagar era de cera de abelha pura. De verdade, tinha todas as comodidades físicas.

Mas o que desejava era...

Na realidade não importava o que desejava. Esse foi seu último pensamento antes adormecer.

E sonhou com um bandoleiro.

CAPÍTULO 3



A cinco milhas de distância, em uma pequena estalagem, estava um homem sentado sozinho em sua habitação, com uma garrafa de caro conhaque francês, uma taça vazia, uma pequena mala com roupa e o anel de uma mulher.

Seu nome era Jack Audley; ex-capitão John Audley do exército de Sua Majestade; Ex-Jack Audley de Butlersbridge, do condado Cavan na Irlanda; antes disso tinha sido Jack Cavendish Audley, do mesmo condado, e antes, retrocedendo tudo o que se pode retroceder, até o dia de seu batismo, foi John Augustus Cavendish.

O retrato em miniatura não significava nada para ele. Quase não o viu na escuridão da noite e, em todo caso, ainda estava por descobrir o retratista que fosse capaz de captar a essência de um homem em um retrato em miniatura.

Mas o anel...

Com a mão um pouco trêmula, voltou a encher a taça.

Quando agarrou o anel das mãos da anciã não o olhou atentamente, mas aí, nessa habitação da estalagem, sim o olhou. E o que viu o estremeceu até o fundo da alma.

Conhecia esse anel. Via-o em seu dedo.

O seu era uma versão masculina, mas o desenho gravado era idêntico: uma flor com o caule curvado e um pequeno "D" muito elaborado, com flores. Não sabia o que significava quando disseram que seu pai se chamava John Augustus Cavendish, pois não havia nada sobre ele em nenhuma parte.

Continuava sem saber o que representava o D, mas sabia que a anciã sim. E por muito que tentasse convencer-se de que apenas era uma coincidência, sabia que essa noite, em um caminho deserto de Lincolnshire, conheceu sua avó.

Bom Deus.

Voltou a olhar para o anel. Colocou-o na vertical sobre a mesa, e a figura piscou à luz da vela. De repente girou seu anel no dedo e o tirou.

Não recordava a última vez que viu o dedo sem o anel. Sua tia sempre insistiu que o levasse com ele; era a única lembrança que tinham de seu pai.

Conforme contaram, sua mãe o tinha preso em sua trêmula mão quando a tiraram das gélidas águas do Mar da Irlanda.

Sustentou o anel ante ele um momento, contemplando-o, e logo o colocou junto ao outro. Seus lábios de levantaram levemente ao olhá-los. O que pensou? Que quando os pusesse juntos veria que eram totalmente diferentes?

Sabia muito pouco de seu pai. Seu nome, claro, e que era o filho do meio de uma família inglesa

rica. Sua tia apenas esteve com ele duas vezes, e a impressão que teve era que estava um pouco afastado de seus familiares.

Só falava deles rindo, dessa maneira como falam as pessoas quando não desejam dizer nada importante.

Não tinha muito dinheiro, ou ao menos isso supunha sua tia. Vestia roupa fina, mas muito usada, e, pelo que todos sabiam, tinha estado vários meses percorrendo o campo irlandês. Sua explicação era que foi para o casamento de um amigo do colégio, e gostou tanto do país que ficou. Sua tia não via nenhum motivo para duvidar disso.

Em resumo, a única coisa que sabia dele era que seu nome era John Augustus Cavendish, um cavalheiro inglês de bom berço que viajou para Irlanda, apaixonou-se por Louise Galbraith, casou-se com ela, e morreu quando o navio que os levava para a Inglaterra naufragou muito perto da costa da Irlanda. Louise foi arrastada à borda, com o corpo todo machucado e frio, mas viva. Já tinha passado mais de um mês quando perceberam que estava grávida.

Mas estava débil, e destroçada pela aflição, e sua irmã (a tia que o criou como se fosse seu filho), dizia que era mais surpreendente que tivesse sobrevivido a gravidez do que se tivesse morrido no parto.

E isso resumia todos seus conhecimentos a respeito de seu legado paterno. De vez em quando pensava em seus pais, com a curiosidade por saber quem eram e de qual dos dois tinha herdado seu sorriso, mas na realidade nunca desejou saber nada mais. Quando tinha dois dias de idade, foi entregue a William e Mary Audley, e se eles gostavam de seus filhos mais que dele, jamais permitiram que ele soubesse. Criou-se de fato como filho de um latifundiário rural, com dois irmãos, uma irmã e vinte acres de ondulante pradaria, perfeita para cavalgar, correr e saltar: tudo o que um menino pode desejar.

Sua infância foi maravilhosa. Quase perfeita. Se não levava a vida que tinha esperado, se às vezes quando estava na cama pensava que diabos fazia assaltando carros na escuridão da noite, pelo menos sabia que o caminho que o levou a isso estava pavimentado com suas próprias decisões, seus próprios defeitos.

Além disso, a maior parte do tempo estava feliz. Era bastante alegre por natureza e, na realidade, poderia estar fazendo algo pior que brincar de Robin Hood pelos caminhos rurais da Grã-Bretanha. Ao menos fazer isso dava a impressão de que sua vida tinha certa finalidade. Depois que se retirou do exército, não sabia o que fazer. Não tinha o menor desejo de voltar para a vida de soldado, mas para que outra coisa estava qualificado?

Ao que parece, só tinha duas habilidades; era capaz de montar um cavalo como se tivesse nascido nessa postura, e tinha o dom de desviar uma conversa com um engenho e uma elegância capazes de enfeitar até às pessoas mais ariscas. Levando tudo isso em consideração, assaltar carruagens pareceu à opção mais lógica.

Seu primeiro roubo foi em Liverpool, quando viu um jovem dândi dar um chute em um ex-soldado sem a mão que teve a temeridade de mendigar uma moeda. Animado por um copo de cerveja bastante potente, seguiu o jovem até um canto escuro, apontou-o ao coração com uma pistola e se afastou com sua carteira.

Então repartiu o conteúdo da carteira entre os mendigos de Queens Way, a maioria dos quais tinham lutado pela boa gente da Inglaterra e logo foram esquecidos.

Bom, repartiu noventa por cento do conteúdo da carteira; ele tinha que comer também.

Depois disso foi fácil dar o passo e roubar nas estradas; era muito mais elegante que a vida de um ladrão a pé; e não podia negar que era muito mais fácil afastar-se a cavalo.

E essa era sua vida. Isso era o que fazia. Se tivesse voltado para a Irlanda, provavelmente já estaria casado, dormindo com uma mulher, em uma cama, em uma casa. Sua vida seria o condado Cavan e seu mundo seria um lugar muitíssimo menor que o que era na atualidade.

A sua era uma alma errante. Por isso não voltava para a Irlanda.

Tomou outro gole de conhaque na taça. Havia cem motivos para não voltar para a Irlanda. Cinquenta, pelo menos.

Bebeu um gole, logo outro e outro, e continuou bebendo até que esteve tão bêbado que não pôde continuar mentindo para si mesmo.

Havia um só motivo para não voltar para a Irlanda. Um motivo, e quatro pessoas às quais acreditava que não poderia voltar a olhar à cara.

Levantou-se e foi à janela. Não era muito o que se via; um pequeno estábulo para os cavalos, uma frondosa árvore ao outro lado do caminho. A luz da lua fazia o ar translúcido, reluzente, espesso, como se um homem pudesse dar um passo fora e perder-se.

Sorriu tristemente. Era tentador. Sempre era tentador.

Sabia onde ficava o castelo Belgrave. Estava a uma semana no condado; não se podia ficar todo esse tempo em Lincolnshire sem descobrir onde estavam as casas grandiosas, mesmo se não fosse um ladrão que pretendia entrar e roubar seus moradores. Podia ir olhar, pensou. Talvez devesse olhar. Ou alguém; talvez devesse isso a si mesmo.

Nunca tinha interessado muito seu pai, embora sempre tivesse tentado um pouco a curiosidade.

Além disso, estava aí.

Quem sabia quando voltaria para Lincolnshire? Tinha muito carinho por sua cabeça para ficar em um mesmo lugar muito tempo.

Não desejava falar com a anciã. Não desejava apresentar-se e dar explicações nem simular que era uma pessoa distinta do que era.

Um veterano de guerra.

Um bandoleiro.

Um anti-herói.

Um idiota.

Um idiota sentimental, de vez em quando, que sabia que as damas de bom coração que tinham atendido aos feridos estavam equivocadas; às vezes, um, simples, — não pode — nos impedia de voltar para casa.

Mas, santo Deus, o que não daria para ir olhar.

Fechou os olhos. Sua família o receberia com os braços abertos. Isso era o pior. Sua tia daria um forte abraço; diria que não era culpa dele.

Seria muito pormenorizada.

Mas não compreenderia.

Esse foi seu último pensamento antes de dormir.

E sonhou com a Irlanda.

O dia seguinte amanheceu luminoso, com o céu aberto. Como uma brincadeira, pensou Jack. Se estivesse chovendo não se tomaria a moléstia de olhar Belgrave. Viajava a cavalo, e tinha passado boa parte de sua vida simulando que não importava molhar-se até os ossos. Não cavalgava sob a chuva se não tivesse necessidade. Tinha aprendido isso, pelo menos.

Mas não se encontraria com seus companheiros até a noite, assim não tinha nenhum pretexto para não ir. Além disso, só iria olhar.

Talvez descobrir se encontrava uma maneira de fazer chegar o anel à anciã. Para ela tinha que significar muitíssimo, e embora sem dúvida pudesse tirar uma boa soma, sabia que não seria capaz de vendê-lo.

Assim, tomou um café da manhã abundante, acompanhado por uma asquerosa bebida que, conforme jurou o hospedeiro, limparia a cabeça, mesmo que ele só conseguisse dizer:

— “Ovos”, quando o homem disse:

— Trarei o que necessita.

Surpreendentemente, a bebida teve seu efeito (daí sua capacidade para digerir o abundante café da manhã), assim montou em seu cavalo e empreendeu a marcha para o castelo Belgrave a passo lento.

Esses dias tinha cavalgado com frequência pela zona, mas essa era a primeira vez que sentia curiosidade. Por algum motivo, as árvores pareciam mais interessantes, a forma das folhas, sua maneira de encimar os dorsos quando soprava o vento. As flores também. Algumas eram conhecidas, idênticas às que floresciam na Irlanda. Mas outras eram novas para ele, talvez nativas dos vales e zonas pantanosas da região.

Era curioso. Não sabia muito bem em que coisas deveria pensar.

Talvez em que essa paisagem era o que via seu pai quando cavalgava por esse mesmo caminho; ou talvez que se não tivesse sido por essa terrível tempestade que açoitou o Mar da Irlanda, essas poderiam ser as árvores e flores que teria visto em sua infância. Não sabia se seus pais teriam se estabelecido na Inglaterra ou na Irlanda. Ao que parecia, foram à Inglaterra para apresentar a sua mãe à família Cavendish quando o navio afundou. Tia Mary dizia que tinham pensado decidir onde viver, depois que Louise tivesse tido a oportunidade de ver um pouco da Inglaterra.

Parou para arrancar uma folha de uma árvore, por nenhum motivo além de capricho. Não era tão verde como as da Irlanda, concluiu.

Logicamente, isso não tinha nenhuma importância, embora, de uma maneira estranha, sim importava.

Emitindo um suspiro de impaciência jogou a folha no chão, e aumentou a velocidade. Era ridículo que sentisse um golpe de culpa por ir ver o castelo. Bom Deus, não iria ali apresentar-se. Não desejava encontrar uma nova família. Devia muito mais que isso aos Audley.

Apenas desejava vê-lo. De longe. Ver o que poderia ter sido, o que o alegrava que não tivesse sido.

Mas que talvez devesse ter sido.

Pôs o cavalo a galope para que o vento levasse suas lembranças. A velocidade o limpava, quase o perdoava, e de repente se encontrou no começo do caminho de entrada da propriedade. E o único que ocorreu pensar foi:

— Bom Deus.



Grace estava esgotada.

Essa noite dormiu, mas não muito bem. E embora a duquesa decidisse passar a manhã na cama, não foi permitido esse luxo.

A viúva era tremendamente exigente, quer estivesse em posição vertical, horizontal ou oblíqua, se alguma vez conseguia descobrir como sustentar-se nela.

E embora desse voltas e voltas na cama, sem incomodar-se em levantar a cabeça do travesseiro, continuou chamando-a, pelo menos seis vezes.

Na primeira hora...

Finalmente, distraiu-se lendo um monte de cartas que enviou a procurar na gaveta de baixo do escritório de seu defunto marido, guardadas em uma caixa com a etiqueta "John, Eton".

Salva pelas cartas de um colegial. Quem o teria imaginado?

De todos os modos, apenas vinte minutos depois foi interrompido seu descanso pela chegada de lady Elizabeth e lady Amélia Willoughby, as bonitas filhas loiras do conde de Crowland, vizinhas de muito tempo e (sempre era um prazer recordar) amigas dela.

Elizabeth especialmente. Eram da mesma idade e antes que sua posição no mundo caísse em decadência com a morte de seus pais, a considerava uma boa companhia para elas. Ah, claro que todos sabiam que ela não faria um matrimônio como o das garotas Willoughby; ao fim e ao cabo nunca gozaria de uma temporada em Londres. Mas quando vivia na casa de seus pais, as considerava, se não iguais, pelo menos de um mesmo nível social.

As pessoas não eram muito cerimoniais nas funções sociais e danças.

E quando estavam sozinhas, nunca se fixavam em suas respectivas posições sociais.

Amélia era a irmã mais nova de Elizabeth; a diferença era de um ano, mas quando eram meninas a diferença de idade parecia imensa, assim não a conhecia tão bem. Embora isso mudasse logo, supunha. Amélia estava comprometida em matrimônio com Thomas, e o estava desde o berço. A honra teria correspondido a Elizabeth, mas esta já estava comprometida com outro nobre (também desde que nasceu; lorde Crowland não era um homem que deixasse as coisas ao azar). Mas o noivo morreu muito jovem. Lady Crowland (que não era muito dada à discrição ou tato), declarou que o assunto era muito molesto, mas os documentos que comprometiam Amélia com Thomas já estavam assinados, assim que se considerou melhor deixar as coisas como estavam.

Grace nunca falou do compromisso com Thomas; eram amigos, mas ele nunca falaria com ela de algo tão pessoal. De todos os modos, desde tempos suspeitava que ele encontrava bastante cômoda a situação. Uma noiva mantinha a raia às senhoritas interessadas em se casar (e a suas mães). Até

certo ponto. Era muito evidente que as damas da Inglaterra eram partidárias de proteger suas apostas, e o pobre Thomas não podia ir a nenhuma parte sem que as mulheres tentassem destacar seus encantos para captar sua atenção, só no caso de, se por acaso Amélia desaparecesse.

Morresse. Decidiu-se que não desejava ser duquesa.

Certamente, pensou irônica, como se Amélia tivesse alguma opção no assunto.

Mas mesmo uma esposa sendo um elemento dissuasivo mais eficaz que uma noiva, Thomas continuava dando desculpas, o que ela encontrava tremendamente insensível por sua parte. Amélia já tinha vinte e um anos, pelo amor de Deus. E, segundo lady Crowland, pelo menos quatro homens teriam proposto matrimônio em Londres se não estivesse assinalada como a futura duquesa de Wyndham.

Elizabeth, como irmã, dizia que o número de homens se aproximava mais a três, mas de todos os modos a pobre garota levava anos suspensa como uma corda.

— Os livros! — Anunciou Elizabeth quando entraram no vestibulo. — Como prometi.

A pedido de sua mãe, Elizabeth levou vários livros da viúva emprestados. Na realidade, lady Crowland não lia livros; lia muito pouco além das páginas de intrigas dos jornais, mas devolvê-los era um bom pretexto para visitar Belgrave, e sempre estava a favor de algo que pusesse Amélia perto de Thomas.

Ninguém tinha coragem de dizer que Amélia raramente via Thomas quando visitava Belgrave. A maioria das vezes se via obrigada a suportar a companhia da viúva, embora talvez "companhia" fosse uma palavra muito generosa para definir Augusta Cavendish diante da senhora que estava destinada a continuar a linhagem Wyndham.

A duquesa viúva era muito aficionada em encontrar defeitos. Inclusive poderia se dizer que esse era seu principal talento.

E Amélia era seu tema favorito.

Mas nesse dia se livrou, no momento. A viúva continuava no segundo andar em seu dormitório, lendo as conjugações dos verbos latinos de seu defunto filho, e, portanto, Amélia teve a sorte de tomar o chá enquanto Grace e Elizabeth conversavam.

Ou, melhor dizendo, enquanto Elizabeth conversava. Grace fazia inauditos esforços por fazer gestos de assentimento ou emitir um murmúrio nos momentos oportunos. Qualquer um diria que teria em branco sua cansada cabeça, mas na realidade ocorria o contrário. Não podia deixar de pensar no bandoleiro. E em seu beijo. E em sua identidade. E em seu beijo. E em se voltaria a vê-lo alguma vez. E que a tinha beijado. E...

E tinha que deixar de pensar nele. Era uma loucura. Olhou para a bandeja de chá pensando se seria de má educação comer a última bolacha.

— Está segura de que se sente bem, Grace? — Disse Elizabeth, agarrando a mão. — Vejo-te muito cansada.

Grace pestanejou, tentando enfocar a cara de sua amiga.

— Sinto muito — Disse automaticamente — Estou bastante cansada, mas isso não é desculpa para minha falta de atenção.

Elizabeth fez um gesto de pena; conhecia a viúva. Todos a conheciam.

— Ficou em pé até tarde ontem à noite?

Grace assentiu.

— Sim, embora na realidade não fosse culpa dela.

Elizabeth olhou para a porta para assegurar-se de que não havia ninguém ouvindo, e então respondeu:

— Sempre é culpa dela.

Grace sorriu irônica.

— Não, esta vez não, de verdade. Nós... — Bom, havia algum motivo para não contar a Elizabeth? Thomas já sabia, e ao cair da noite já saberiam em todas as partes da região. — Uns bandoleiros nos assaltaram.

— Oh, por Deus! Grace! — Deixou a xícara na mesinha. — Tem toda razão que esteja tão distraída.

— Mmm? — Murmurou Amélia.

Ficou olhando para o espaço, como estava acostumada a fazer enquanto elas conversavam, mas isso captou a atenção.

— Estou recuperada — Tranquilizou-a Grace. — Parece-me que só estou um pouco cansada. É que não dormi bem.

— O que aconteceu? — perguntou Amélia.

Elizabeth deu um empurrão.

— Grace e a viúva foram assaltaram por bandoleiros!

— Não me diga.

Grace assentiu.

— Ontem à noite, quando voltávamos do baile.

Então passou pela cabeça o pensamento: “*Bom Deus, se o bandoleiro for o neto da viúva e legítimo Duque, o que acontecerá com Amélia?*”. Mas não era legítimo, não podia ser. Bem podia ser Cavendish por seu sangue, mas não por direito de nascimento. Os filhos de duques não vão deixando filhos legítimos espalhados pelo campo. Isso simplesmente não ocorre.

— Levaram algo? — Perguntou Amélia.

— Como pode falar com tanta tranquilidade? — Exclamou Elizabeth. — Apontaram uma pistola — Olhou para Grace. — Verdade?

Grace voltou a ver a pistola na mente; o frio extremo redondo, o sedutor olhar do bandoleiro. Não teria disparado; isso já sabia. De todos os modos, respondeu:

— Sim.

— Ficou com medo? — Perguntou Elizabeth, em um fôlego. — Eu teria me apavorado, teria desmaiado.

— Eu não teria desmaiado — Disse Amélia.

— Bom você não, claro — Repôs Elizabeth, irritada. — Nem sequer emituiu uma exclamação quando Grace contou.

— A verdade é que acho bastante emocionante — Disse Amélia, olhando para Grace com muito interesse. — Foi?

E Grace, que Deus a ajudasse, sentiu subir o rubor à face.

Amélia se inclinou para ela com os olhos brilhantes.

— Era bonito, então?

Elizabeth olhou para sua irmã como se estivesse louca.

— Quem?

— O bandoleiro, logicamente.

Grace gaguejou algo e levou a xícara de chá aos lábios, simulando beber.

— Era. — Disse Amélia, triunfante.

— Estava mascarado — Assinalou Grace.

— Mas de todos os modos viu que era bonito.

— Não!

— Pois então seu sotaque era terrivelmente romântico — Insistiu Amélia.

— Francês? Italiano? — Abriu mais os olhos. — Espanhol.

— Ficou louca — Disse Elizabeth.

— Não falava com sotaque. — Replicou Grace. Então recordou essa entonação cantarina, essa travessa elevação da voz que não conseguia localizar. — Bom, não muito. Escocês, talvez? Irlandês? Não saberia dizê-lo.

Amélia se apoiou no respaldo, suspirando feliz.

— Um bandoleiro. Que romântico.

— Amélia Willoughby! — Disse Elizabeth. — Grace foi assaltada sob a mira de uma pistola e acha isso romântico?

Amélia abriu a boca para responder, mas neste momento ouviram passos no corredor.

— A viúva? — Sussurrou Elizabeth, com uma expressão que dizia que gostaria muitíssimo estar equivocada.

— Não acredito — Respondeu Grace. — Quando descí continuava na cama. Estava algo... Alterada.

— Imagino — Comentou Elizabeth, e então exclamou: — Levaram suas esmeraldas?

Grace negou com a cabeça.

— Escondemos. Debaixo da almofada do assento.

— Ah, que engenhoso! — Exclamou Elizabeth, aprovadora. — Não parece, Amélia? — Sem esperar resposta, olhou para Grace e acrescentou: — Foi sua ideia, verdade?

Grace abriu a boca para dizer que teria entregado alegremente o colar, mas justo então passou Thomas por diante da porta aberta da sala de estar.

Parou a conversa. Elizabeth olhou para Grace, Grace olhou para Amélia, e esta simplesmente continuou olhando para a porta. Passado um momento de silêncio, Elizabeth soltou o fôlego retido

e disse a Amélia:

— Acredito que não sabe que estamos aqui.

— Não me importa — declarou Amélia, e Grace acreditou.

— Eu gostaria de saber aonde vai — murmurou Grace.

Mas pareceu que não a ouviram; as duas irmãs continuavam olhando para a porta, para ver se ele voltava.

Então se ouviram grunhidos e logo um golpe. Grace se levantou, pensando se deveria ir investigar.

— Maldição! — Ouviu exclamar Thomas.

Fez um mau gesto e olhou suas amigas, que também se levantaram.

— Cuidado aí — ouviram dizer Thomas.

E então, enquanto as três olhavam em silêncio, passou o retrato de John Cavendish por diante da porta, levado por dois lacaios, com muitas dificuldades para mantê-lo direito e equilibrado.

— De quem é esse retrato? — perguntou Amélia, depois que o viram passar.

— Do filho do meio da viúva — explicou Grace. — Morreu faz vinte e nove anos.

— Por que o transladam?

— A viúva deseja tê-lo em seu quarto — respondeu Grace, pensando que essa resposta deveria bastar; quem sabia por que fazia às coisas a viúva?

Ao que parece Amélia ficou satisfeita com essa resposta, porque não fez mais perguntas. Ou talvez se desse pelo fato de Thomas escolher esse momento para reaparecer na porta.

— Senhoras — disse.

As três fizeram suas reverências.

Ele fez um gesto de assentimento, dessa maneira tão dele, quando era evidente que só queria ser educado.

— Perdão — disse, e se afastou.

— Bom — disse Elizabeth.

Grace não soube se com isso queria expressar sua ofensa pela grosseria ou simplesmente encher o silêncio. Se fosse o último, não ajudou, porque ninguém disse nada mais. Finalmente, Elizabeth acrescentou:

— Talvez devêssemos partir.

— Não, não podem — disse Grace, sentindo-se péssima por ser a portadora da má notícia. — Ainda não. A viúva deseja ver Amélia.

Amélia emitiu um gemido.

— Sinto muito — disse Grace, e disse sinceramente.

Amélia se sentou, olhou a bandeja do chá e declarou:

— Vou comer a última bolacha.

Grace assentiu. Amélia precisava de alento para a horrível entrevista que a esperava.

— Talvez devesse ordenar que trouxessem mais?

Mas justo nesse instante voltou Thomas.

— Quase o partimos na escada — disse para Grace, movendo a cabeça. — Inclinou-se para a direita e quase se enterrou no corrimão.

— Oh, caramba.

— Teria sido como cravar uma estaca no coração — disse ele, com macabro humor. — Teria valido a pena só por ver a cara.

Grace se dispôs a levantar para subir. Se a viúva estivesse levantada, queria dizer que tinha acabado sua reunião com as irmãs Willoughby.

— Sua avó se levantou, então? — perguntou.

— Só para fiscalizar o traslado — repôs ele. — No momento está a salvo. — Moveu a cabeça e pôs os olhos em branco. — Não posso acreditar que tenha tido a temeridade de te pedir que o levasse ontem à noite, ou — acrescentou com muita intenção — que você tenha acreditado que poderia levá-lo.

A Grace pareceu que deveria explicar isso a Elizabeth e Amélia.

— Ontem à noite a viúva me pediu que levasse o quadro — disse.

— Mas é enorme! — exclamou Elizabeth.

— Minha avó sempre preferiu seu filho do meio — disse Thomas, curvando os lábios de uma maneira que não se podia considerar um sorriso.

Então olhou para frente e, pareceu que apenas nesse instante tivesse percebido a presença de sua futura esposa, disse:

— Lady Amélia.

— Excelência — respondeu ela.

Mas parecia que ele não a ouviu; sentou-se e já estava virado para Grace, dizendo:

— Vai me apoiar, suponho, se a interno?

— Thom... — interrompeu; era de supor que Elizabeth e Amélia sabiam que tinha permissão para chamá-lo por seu nome quando estivessem em Belgrave, mas de todos os modos parecia uma falta de respeito chamá-lo assim diante de outras pessoas.

— Excelência — disse, pronunciando muito bem. — Hoje deve ter uma paciência extra com ela. Está muito alterada.

Elevou uma oração pedindo perdão por fazer acreditar a todos que o transtorno da duquesa só se devia a um vulgar roubo. Não era exatamente mentir a Thomas, mas supunha que neste caso um pecado de omissão poderia resultar igualmente perigoso.

Obrigou-se a sorrir; logicamente o sorriso saiu forçado.

— Amélia? Sente-se mau? — perguntou Elizabeth.

Grace as olhou e viu que Elizabeth estava observando sua irmã com expressão preocupada.

— Estou muito bem — respondeu Amélia, o qual bastou para demonstrar que não o estava.

As irmãs discutiram um momento, em voz tão baixa que Grace não conseguiu ouvir o que

diziam, e então Amélia se levantou dizendo que precisava tomar ar.

Thomas se levantou, logicamente, e Grace também. Amélia passou por diante deles e já quase tinha chegado à porta quando Grace compreendeu que Thomas não tinha a intenção de segui-la.

Por Deus, para ser um duque tinha umas maneiras abomináveis. Deu uma cotovelada nas costelas; alguém tinha que fazê-lo. Ninguém se atrevia a fazer frente jamais.

Thomas a olhou zangado, mas percebeu que tinha razão, porque girou para Amélia, fez um leve gesto de assentimento e disse: — Permita-me que te acompanhe.

Saíram. Grace voltou a sentar-se e durante pelo menos um minuto reinou o silêncio, até que Elizabeth disse resignada:

— Não faz um bom casal, verdade?

Grace olhou para a porta, mesmo que já fazia um momento que tinham saído, e negou com a cabeça.



Era imenso, pensou Jack. Era um castelo, claro, e um castelo se constrói para ser imponente, mas, francamente...

Estava-o contemplando boquiaberto.

Era imenso.

Estranho que ninguém houvesse dito que seu pai procedia de uma família ducal. Alguém saberia? Sempre supôs que seu pai era filho de um alegre latifundiário, talvez um baronete ou inclusive um barão.

Sempre haviam dito que era filho de John Cavendish, não de lorde John Cavendish, como deveriam tê-lo chamado.

E quanto à anciã... Essa manhã percebeu que não disse seu nome, mas sem dúvida era a duquesa. Era muito imperiosa para ser uma tia solteirona ou uma parenta viúva.

Bom Deus; era neto de um duque. Como era possível isso?

Continuou olhando o edifício. Não era provinciano de tudo. Tinha viajado muitíssimo quando estava no exército e compareceu ao colégio com os filhos das famílias mais notáveis da Irlanda. A aristocracia não era desconhecida. Não se sentia incômodo em meio a aristocratas.

Mas isso...

Isso era imenso.

Quantos cômodos teria? Teriam que ser mais de cem. E de que época?

Não parecia de tudo medieval, apesar das ameias, mas sem dúvida era perturbador. Algo importante deve ter ocorrido ali. Não se fazem casas tão grandes sem que tenha ocorrido algum acontecimento histórico. Um tratado, talvez? Talvez uma visita da realeza? Dava a impressão de ser alguma das coisas que se mencionam no colégio, e provavelmente por isso não sabia.

Estudioso não era.

A visão do castelo era enganosa quando se aproximava. Nessa parte havia muitíssimas árvores e as torres e torreões apareciam e desapareciam por entre a folhagem. Só quando chegou ao começo do caminho de entrada ficou totalmente à vista, imponente, impressionante. A pedra era de cor cinza com um ligeiro matiz amarelo e, embora os ângulos fossem principalmente quadrados, a fachada não tinha nada de aborrecido. Havia muitíssimos salientes e entradas; essa não era uma parede georgiana larga e lisa com janelas.

Não conseguia nem imaginar-se quanto tempo levaria orientar-se na casa a um recém-chegado; nem quanto tempo demoraria em encontrar ao pobre que se perdeu.

E assim continuou contemplando, tentando fazer uma ideia. Como teria sido crescer ali? Seu pai foi criado nessa casa, e por tudo o que diziam dele, era um homem bom e simpático. Bom, era a impressão de uma pessoa; sua tia Mary foi à única que o conheceu o bastante bem para poder contar uma ou duas histórias dele.

De todos os modos, se fazia difícil imaginar-se a uma família vivendo ali. Sua casa na Irlanda não era pequena sob nenhum critério, mas ainda assim, havendo quatro filhos, normalmente viviam chocando-se; não se podia caminhar dez minutos ou nem sequer dar dez passos sem encontrar-se com alguém e começar uma conversa, fosse um primo, um irmão, uma tia ou inclusive um cão (era um bom cão, Deus tenha sua alma peluda em paz; melhor que muitas pessoas).

Apreciavam-se mutuamente os Audley, mas como tinha concluído fazia muito tempo, era algo muito bom e muito pouco comum.

Passados uns minutos viu um revoio de movimentos na porta principal e apareceram três mulheres. Duas delas eram loiras. A essa distância não viu seus rostos, mas por sua forma de caminhar ou mover-se calculou que eram jovens, e possivelmente muito bonitas.

As garotas bonitas tinha notado a tempos, moviam-se de modo distinto às feias, soubessem ou não que eram bonitas; simplesmente não tinham consciência da "feiura"; em troca, as feias sempre sabiam.

Esboçou um meio sorriso satisfeito; talvez fosse um estudioso das mulheres, e esse tema, tentava convencer-se com frequência, era tão nobre como qualquer outro.

Mas foi a terceira garota, a última que saiu da casa, a que o fez reter o fôlego e ficar muito quieto, sem poder afastar os olhos dela.

Era a garota do coche da noite passada. Estava seguro. Seu cabelo era da mesma cor, lustroso e escuro, mas essa não era uma cor tão única que não pudesse encontrar em outra mulher. Sabia que era ela por que... Por que...

Porque sabia.

Recordava-a. Recordava sua maneira de caminhar, de mover-se, o que sentiu quando a tinha apertada contra seu corpo. Recordava o suave movimento do ar entre eles quando se afastou.

Tinha caído bem. Não eram frequentes as oportunidades de que caíssem bem ou mau as pessoas às que assaltava nos caminhos, mas justo estava pensando que encontrava algo atrativo no brilho de inteligência de seus olhos quando a anciã a empurrou para ele, dando permissão para pôr o canhão da pistola na cabeça.

Isso não passou, logicamente, mas de todos os modos o agradeceu, porque tocá-la, rodeá-la com o braço, foi um prazer inesperado. E quando a anciã voltou com o retrato em miniatura, seu único

pensamento foi que era uma lástima que não tivesse tido tempo de beijá-la como é devido.

Manteve-se imóvel na sela observando-a. Ela avançou pelo caminho de entrada, olhando atrás por cima do ombro, e então se aproximou das outras e disse algo. Uma das loiras se agarrou a seu braço e a levou para um lado. Eram amigas, compreendeu surpreso, e pensou se a garota (sua garota, considerava-a já) seria algo mais que uma dama de companhia.

Uma parenta pobre, talvez? Era evidente que não era filha da casa, mas parecia não ser uma criada.

Ela (como se chamaria? Desejava saber seu nome) amarrou as fitas de seu vestido e depois apontou para algo a distância. Ele olhou nessa direção, mas eram tantas as árvores que bordeavam o comprido caminho de entrada que não viu o que tinha captado seu interesse.

Então ela se voltou.

Ficou de frente a ele.

Viu-o.

Não fez nenhuma exclamação, nenhum gesto, mas ele soube que o tinha visto por sua forma de...

Talvez simplesmente por sua maneira de "estar", porque não via a cara a essa distância. Mas soube.

Sentiu um formigamento de percepção, e ocorreu que ela o tinha reconhecido também. Isso era ridículo, porque estava no outro extremo do caminho de entrada e não usava sua roupa de bandoleiro, mas soube que ela sabia que estava olhando ao homem que a beijou.

O momento (que só pôde durar uns segundos) alargou-se até a eternidade. Então grasnou um pássaro atrás dele, tirando-o do transe, e pela cabeça passou o rápido pensamento: *Momento de partir*.

Nunca ficava muito tempo no mesmo lugar, e esse, sem dúvida, era o mais perigoso.

Lançou um último olhar; não um olhar de desejo; não desejava isso. E quanto à garota da carruagem, engoliu saliva para passar algo estranho e azedo que queimou a garganta, tampouco desejaria a ela.

Alguns estilos de vida são simplesmente insustentáveis.



— Quem era esse homem? — perguntou Elizabeth.

Grace a ouviu, mas simulou que não a tinha ouvido. Estavam sentadas na cômoda carruagem dos Willoughby, mas ao feliz grupo de três se acrescentou uma quarta pessoa.

Uma vez que a viúva se levantou da cama, lançou um olhar às bochechas coradas de Amélia (que, na opinião de Grace, tinha dado um longo passeio com Thomas, considerando tudo) e soltou uma argumentação apenas inteligível sobre o decoro que corresponde a uma futura duquesa.

Não todos os dias se ouvia um discurso que contivera dinastia, procriação e manchas deixadas pelo sol em uma só frase.

Mas a viúva conseguiu, e já todas se sentiam mal, principalmente Amélia. À viúva meteu na cabeça que precisava falar com lady Crowland (muito provavelmente sobre as supostas manchas na

pele de Amélia) e, portanto se convidou às acompanhar no trajeto, e enviou a ordem ao estábulo de que preparassem um carro que as seguisse, para a volta.

Grace teve que acompanhá-las também, porque, francamente, não tinha outra opção.

— Grace? — disse Elizabeth.

Grace franziu os lábios e cravou o olhar em um ponto do respaldo do assento de frente, à esquerda da cabeça da viúva.

— Quem era? — insistiu Elizabeth.

— Ninguém — respondeu Grace — Estamos prontas para partir?

Olhou pelo guichê, fazendo como que estava interessada em ver se havia algum obstáculo no caminho de entrada que impedisse passar.

Em qualquer momento marcharia para Burges Park, onde viviam os Willoughby.

Ficou com medo todo o trajeto, mesmo sendo curto; e então foi quando o viu.

Ao bandoleiro. Cujo sobrenome não era Cavendish.

Mas em outro tempo foi.

Ele partiu antes que a viúva saísse do castelo, fazendo virar seu cavalo com uma perícia que, mesmo ela não sendo boa amazona, reconheceu.

Mas ele a viu. E a reconheceu. Disso estava segura.

Sentiu-o.

Impaciente tamborilou com os dedos em sua coxa. Pensou em Thomas e no enorme retrato que passou pela porta da sala de estar. Pensou em Amélia, a que desde que nasceu a criaram para ser a esposa de um duque. E pensou em si mesma. Seu mundo podia não ser o que desejava, mas era seu mundo, e era seguro.

Um homem teria o poder de destruir tudo isso. Por isso, ainda quando venderia um pedaço de sua alma por apenas um beijo mais de um homem ao que não conhecia, quando Elizabeth comentou que tinha parecido que o conhecia, disse secamente:

— Não.

A viúva levantou os olhos, com o rosto enrugado de irritação.

— Do que estão falando?

— Havia um homem ao final do caminho de entrada — Disse Elizabeth, antes que Grace pudesse dizer algo.

A viúva girou bruscamente a cabeça para ela.

— Quem era? saísse perguntou.

— Não sei. Não vi seu rosto.

O que não era mentira, ao menos a segunda parte.

— Quem era? saísse trovejou a viúva, levantando a voz para fazer-se ouvir por cima do ruído das rodas da carruagem que começava a marcha pelo caminho.

— Não sei — repetiu Grace, embora notasse que a voz saiu rouca.

— Você o viu? — perguntou a viúva para Amélia.

Grace captou o olhar de Amélia e passou algo de uma à outra.

— Não vi ninguém, senhora — disse Amélia.

A viúva a descartou com um sopro e dirigiu todo o peso de sua fúria para Grace.

— Era ele?

Grace negou com a cabeça.

— Não sei — Gaguejou. — Não saberia dizer.

— Para a carruagem! — Gritou a viúva, levantando-se. Passou de lado por Grace de um empurrão e golpeou forte a parede que as separava da boleia. — Para, eu disse!

A carruagem parou com uma sacudida, e Amélia, que ia sentada ao lado da viúva, foi para frente caindo aos pés de Grace. Tentou levantar-se, mas o impediu a viúva, que pegou o queixo de Grace, cravando cruelmente seus velhos e largos dedos na pele.

— Darei uma oportunidade mais, senhorita Eversleigh. Era ele?

Perdoe-me. Pensou Grace.

E assentiu.

CAPÍTULO 4



Dez minutos depois, Grace estava viajando no carro de Wyndham apenas com a duquesa viúva, tentando recordar por que disse a Thomas que não enviasse a sua avó a um asilo. Nos últimos cinco minutos, ordenou bruscamente ao chofer que virasse a carruagem para retornar a casa.

Tinha-a empurrado fora da carruagem, e feito saltar ao chão caindo violentamente sobre o tornozelo direito.

Ordenou às irmãs Willoughby que fizessem sozinhas o trajeto para sua casa, sem dar menor explicação.

Fez voltar à carruagem de Wyndham que ia seguindo outra.

Ordenou subir a mencionada carruagem seis fornidos lacaios.

Ordenou a um que a jogasse dentro do carro (o laçao ao que tocou a tarefa pediu desculpas, mas de todos os modos...).

— Senhora? — perguntou vacilante; a velocidade a que foram só se podia considerar perigosa, mas a viúva não parava de golpear a parede com sua bengala gritando ao chofer que fosse mais rápido. — Senhora? Aonde vamos?

— Sabe muito bem.

Grace esperou um momento, por cautela, e então disse:

— Sinto muito, senhora, não sei. — A viúva cravou nela um olhar furioso.

— Não sabemos onde está — Assinalou.

— Encontraremos.

— Mas, senhora...

— Basta! — Grunhiu a viúva.

Não disse em voz alta, mas sim com tanta fúria que Grace ficou em silêncio imediatamente. Passado um momento, olhou-a dissimuladamente.

A anciã estava sentada com as costas reta como uma vara, na realidade muito reta para um trajeto de carro, e levava a mão direita dobrada como uma garra, sustentando aberta a cortina para poder olhar fora.

Árvores.

Isso era tudo o que se podia ver. Grace não conseguia imaginar-se o que olhava a viúva com tanta atenção.

— Se você o viu — disse esta em voz baixa, interrompendo seus pensamentos. — Quer dizer que continua no distrito.

Grace não disse nada. Em todo caso, a viúva não a estava olhando.

— O que significa — Continuou esta com voz glacial. — Que só há três lugares onde poderia estar. Três pousadas nas proximidades. Só há três.

Grace apoiou a testa na mão; isso era sinal de debilidade, debilidade que normalmente procurava não deixar ver diante da viúva, mas já não havia maneira de manter uma fachada de fria tranquilidade. Estava indo sequestrá-lo. Ela, Grace Catriona Eversleigh, que jamais roubou nem sequer uma fita em uma feira, iria tomar parte em algo que tinha que ser, com toda segurança, um delito grave.

— Santo Deus — sussurrou.

— Cale-se e seja útil. — Ladrrou a viúva.

Grace apertou os dentes. Como diabos pensava a viúva que ela poderia ser útil? Sem dúvida, qualquer trabalho físico que fosse necessário o faria os lacaios, cada um dos quais media, por norma em Belgrave, só uma polegada menos de 1,83cm. E não, não duvidava de qual era a finalidade de levá-los; quando olhou interrogativamente à viúva, a resposta desta foi contundente: — Poderia ser necessário convencer a meu neto. — Olhe pela janela — Grunhiu a viúva, em um tom que dava a entender que acreditava que ela tornou-se idiota da noite para o dia. — Você foi a que o viu melhor.

Bom Deus, agradecida perderia cinco anos de sua vida só para estar em qualquer lugar menos dentro dessa carruagem.

— Senhora, como disse... Estava ao final do caminho de entrada. Não o vi direito.

— Viu-o ontem à noite.

Grace tinha tentado não olhá-la, mas ante isso não pôde evitar fazê-lo.

— Vi-o beijando-a. — Disse a viúva. — E advirto agora. Não tente elevar-se acima de sua posição.

— Senhora, ele me beijou.

— É meu neto — Ladrrou a viúva — E muito bem poderia ser o verdadeiro duque de Wyndham, assim não tenha nenhuma ilusão. Você é valorizada como minha acompanhante, mas nada mais.

Grace não conseguiu encontrar a indignação para reagir a esse insulto.

O único a fazer foi olhá-la horrorizada, sem poder acreditar que houvesse dito essas palavras: — "O verdadeiro duque de Wyndham".

Apenas a sugestão era escandalosa. Abandonaria com tanta facilidade Thomas, despojando-o de seu patrimônio, de sua identidade? Wyndham não apenas era o título de Thomas, era também o que era ele.

Mas se a viúva defendesse publicamente o bandoleiro como o verdadeiro herdeiro, bom Deus, não conseguia nem imaginar as proporções do escândalo que se armaria. Claro que se demonstraria que o bandoleiro era filho ilegítimo, um impostor, pois não podia ser de outra maneira, mas o dano já teria sido feito. Sempre haveria pessoas que murmurariam que *possivelmente* Thomas não fosse o verdadeiro duque, que não deveria ser tão presunçoso e arrogante, porque realmente não tinha o direito de sê-lo, não?

Não conseguia imaginar o que faria isso a ele. A todos.

— Senhora — disse, e a voz saiu trêmula. — Não pode acreditar que este homem possa ser legítimo.

— É óbvio que posso. Suas maneiras são impecáveis.

— É um bandido!

— Um de muito bom porte e pronúncia absolutamente perfeita — replicou a viúva. — Seja qual for sua situação atual, teve boa criação e recebeu a educação de um cavalheiro.

— Mas isso não significa...

— Meu filho morreu em um navio — interrompeu a viúva em tom duro. — Depois de passar oito meses na Irlanda. Oito malditos meses que deveriam ter sido quatro semanas. Foi assistir um casamento. Um casamento. — Seu corpo ficou rígido e chiaram os dentes pela lembrança. — E não o casamento de alguém digno de mencionar; apenas um amigo do colégio cujos pais compraram um título e com este forçaram a entrada do menino em Eton, como se isso fosse deixá-lo melhor do que era.

Grace arregalou os olhos. A voz da viúva diminuiu a um tom maligno, venenoso; sem sequer ter a intenção, deslizou-se para a janela; resultou insuportável estar tão perto dela.

— E então — continuou a viúva. — E então, recebi apenas uma nota, com três frases, escritas por outra pessoa, dizendo que o estava passando tão bem que acreditava que ficaria ali.

Grace pestanejou.

— Não a escreveu ele? — perguntou, sem saber por que encontrava tão curioso esse detalhe.

— Assinou-a — disse bruscamente a viúva. — E a selou com seu anel. Sabia que eu não decifraria sua letra. — Apoiou-se no respaldo, com o rosto contorcido por décadas de ira e ressentimento. — Oito meses. Oito estúpidos meses inúteis. Quem poderia dizer que não se casou com uma rameira que conheceu ali? Teve tempo de sobra.

Grace a observou um bom momento. Tinha o nariz levantado em gesto altivo, e tudo indicava que estava furiosa, mas algo não andava bem.

Tinha os lábios apertados em uma linha reta e os olhos brilhavam de modo suspeito.

— Senhora — disse, amavelmente.

— Não — disse a viúva, e sua voz soou como em cascata.

Grace pensou que talvez não fosse prudente falar, mas chegou à conclusão que havia muitas coisas em jogo e não podia ficar em silêncio.

— Excelência, simplesmente não pode ser — disse, aferrando-se ao valor apesar da furiosa expressão que viu no rosto da viúva. — Esta não é uma humilde propriedade rural. Aqui não é Sillsby, — acrescentou, engolindo a bola que se formou em sua garganta ao falar do lar de sua infância. — Aqui é Belgrave, um ducado. Os possíveis herdeiros não desaparecem na névoa. Se seu filho tivesse tido um filho, saberíamos disso.

A viúva a olhou fixamente durante um incômodo momento e logo disse:

— Procuraremos em Happy Hare em primeiro lugar. É a menos desajeitada das estalagens da localidade. — Acomodou-se no assento, olhando à frente e continuou: — Se ele se parecer em algo a seu pai, gostará de comodidades e não se conformará com nada inferior.



Jack já se sentia um idiota quando lançaram um saco sobre a cabeça.

Tinha ocorrido, pois. Era consciente de que ficou muito tempo.

Durante todo o trajeto de volta se culpou por quão tolo foi. Deveria ter partido depois do café da manhã. Deveria haver partido à alvorada. Mas não, essa noite se embebedou e logo foi olhar o maldito castelo. E então a viu.

Se não a tivesse visto, não teria ficado tanto tempo nesse extremo do caminho de entrada. E não teria tido que partir a tanta velocidade, e não teria que parar para deixar descansar seu cavalo.

E não estaria ali servindo de alvo quando alguém o atacou por trás.

— Amarrem-no. — Disse uma voz firme.

Isso bastou para pôr todos os poros de seu corpo em modalidade de luta. Um homem não passa sua vida tão perto da corda do verdugo sem estar preparado para essa palavra.

Não importava que não visse nada; que não soubesse quem eram nem por que o pegaram. Lutou. E sabia lutar, de maneira limpa e de maneira suja. Mas eram três, pelo menos, provavelmente mais, e só conseguiu dar dois murros antes de cair de barriga para baixo no chão, com as mãos agarradas às costas e amarradas com...

Bom, não era uma corda. Pelo tato pareceu que era uma fita de seda, sorte fosse a verdade.

— Perdão — resmungou um de seus captores.

E isso era muito estranho. Aos homens encarregados de amarrar a outros homens raramente ocorriam pedir desculpas.

— Não há de que — disse, e imediatamente se amaldiçoou por sua insolência.

O único que conseguiu com sua brincadeira foi que enchesse a boca com um saco de estopa.

— Por aqui — disse um dos homens, ajudando-o a ficar de pé.

E ele não pôde fazer outra coisa que obedecer.

— Erhhh..., por favor — disse a primeira voz, a do homem que ordenou que o amarrassem.

— Seriam tão amáveis de me dizer aonde vamos? — Conseguiu perguntar se livrando do monte de estopa.

Então o rodearam e deram uns suaves empurrões. Capangas. Esses eram só empregados. Exalou um suspiro. Os capangas nunca sabem as coisas importantes.

— Hummm..., pode subir?

E antes que ele pudesse agradá-los ou pelo menos dizer: — Perdão, o que disse? — levantaram-no bruscamente e o colocaram dentro de algo que parecia ser uma carruagem.

— Coloquem no assento — Ladrou uma voz.

Essa voz sim que a conhecia. Era a da anciã. Sua avó.

Bom, ao menos não o iria levar a força para pendurá-lo.

— Ninguém vai se ocupar de meu cavalo? — perguntou.

— Ocupem-se de seu cavalo — Ladrou a anciã.

Jack se deixou instalar em um assento, manobra não particularmente fácil, amarrado como estava e cego pelo saco na cabeça.

— Suponho que não soltarão minhas mãos — disse.

— Não sou estúpida — respondeu à anciã.

— Não — Disse ele, exalando um falso suspiro. — Já imaginei que não fosse. A beleza e a estupidez nunca vão tão de mãos dadas quando a gente precisa.

— Lamento ter que pegá-lo desta maneira — Disse a anciã. — Mas não me deixou nenhuma outra opção.

— Nenhuma outra opção — murmurou ele. — Sim, claro, até agora fiz muito para escapar de suas garras.

— Se tivesse a intenção de me visitar — disse a anciã, secamente. — Não teria se afastado a cavalo.

A ele curvaram os lábios em um sorriso zombeteiro.

— Ela não aguentou, então — Disse, pensando em por que imaginou que não o diria.

— A senhorita Eversleigh?

Assim que esse era seu sobrenome.

— Não teve outra opção — Acrescentou à anciã, depreciativa, como se os desejos da senhorita Eversleigh fossem algo que raramente considerava.

Então Jack a sentiu. Um leve roçar a seu lado, um leve movimento.

Estava ali, a elusiva senhorita Eversleigh. A silenciosa senhorita Eversleigh.

A deliciosa senhorita Eversleigh.

— Tirem seu capuz — Ouviu ordenar sua avó. — Ou irá sufocar.

Esperou pacientemente fixando um indolente sorriso no rosto; ao fim e ao cabo essa não era uma expressão que esperariam ver, e, portanto, era a que mais desejava exhibir. Ouviu-a emitir um som, quer dizer, à senhorita Eversleigh. Não foi exatamente um suspiro, e tampouco um gemido. Foi algo que não conseguiu discernir. Lenta resignação, ou talvez...

Saiu o capuz e tomou um momento para saborear o ar fresco.

Depois a olhou.

Era sofrimento. Era isto. A pobre senhorita Eversleigh parecia sentir-se desgraçada. Um cavalheiro mais cortês teria desviado a vista, mas ele não se sentia muito caridoso nesse momento, assim que se deu de presente aos olhos um longo exame de seu rosto. Era formosa, embora não de um modo previsível; não era uma rosa inglesa, com esse glorioso cabelo escuro, brilhantes olhos azuis ligeiramente puxados. Seus cílios eram negros, em forte contraste com a branca perfeição de sua pele.

Claro que a brancura poderia ser palidez devido a seu extremo mal-estar. A pobre garota parecia a ponto de vomitar o conteúdo de seu estômago a qualquer momento.

— Foi tão horrível me beijar? — Murmurou.

Ela ficou vermelha.

— Ao que parece sim. — Olhou sua avó e disse em seu tom mais cordial: — Suponho que sabe que isto que está fazendo é um delito castigado com a força.

— Sou a duquesa de Wyndham — Respondeu ela, arqueando altivamente uma sobrancelha. — Nada é um delito castigado com a força.

— Ah, as injustiças da vida — Disse ele, suspirando. — Não está de acordo, senhorita Eversleigh?

Ela deu a impressão de que desejava falar. De fato, a pobre garota estava mordendo a língua.

— Agora bem, se fosse você a que comete este pequeno delito — continuou ele, descendo insolentemente o olhar desde seu rosto aos seios e subindo até seu rosto outra vez. — Tudo isto seria muito diferente.

Ela apertou a mandíbula.

— Seria — Murmurou ele, fixando o olhar em seus lábios — Muito encantador, acredito. Imagine você e eu sozinhos nesta carruagem tão grandiosamente luxuosa. — Suspirou satisfeito e se reclinou no respaldo. — A imaginação corre.

Esperou se por acaso a anciã a defendesse. Esta não disse nada.

— Importaria me dizer quais são seus planos? — perguntou, pondo um tornozelo sobre o joelho da outra perna, bem reclinado no assento.

Não era uma postura fácil, com as mãos amarradas às costas, mas que o derrubaria se endireitasse as costas para ser mais educado.

A anciã o olhou com os lábios franzidos.

— A maioria dos homens não se queixaria.

Ele encolheu os ombros.

— Não sou a maioria dos homens. — Obsequiou-a com um sorriso enviesado e girou o rosto para a senhorita Eversleigh. — Que comentário mais banal de minha parte, não parece? Tão evidente. A um novato teria ocorrido. — Moveu a cabeça como se estivesse decepcionado. — De verdade, espero não estar perdendo a sanidade.

Ela arregalou os olhos.

Ele sorriu.

— Acredita que estou louco.

— Ah, sim — disse ela.

Gostou de ouvir sua voz outra vez, banhando-o calidamente.

— Isso é algo que terá que considerar. — Voltou a olhar à anciã. — A loucura vem de família?

— É óbvio que não — Ladrou ela.

— Bom isso é um alívio. E não é que eu reconheça um parentesco. Acredito que não desejo ser parente de uma delinquente de sua classe. Nem sequer eu recorri jamais ao sequestro. — Inclinou-se para a senhorita Eversleigh para fazer uma séria confidência. — Está muito mal visto, sabe?

E acreditou ver, ah, que encantador, que ela curvava os lábios. A senhorita Eversleigh tinha senso de humor. Estava mais e mais deliciosa por momentos.

Sorriu. Sabia como sorrir. Sabia exatamente como sorrir para uma mulher para fazê-la sentir o sorriso profundamente.

Sorriu, e ela ruborizou.

E isso o fez sorrir mais ainda.

— Basta — Ladrou a anciã.

Ele fingiu não entender.

— Do que?

Olhou-a, olhou essa mulher que muito provavelmente era sua avó.

Tinha o rosto enrugado, com as comissuras da boca curvadas para baixo pelo peso de uma expressão eternamente zangada. Embora sorrindo se veria desgraçada; até no caso de que conseguisse curvar a boca para formar uma meia lua com os extremos para cima.

Não, concluiu. Não resultaria; jamais o conseguiria; morreria pelo esforço.

— Deixa em paz minha acompanhante — Disse ela secamente.

Ele se inclinou para a senhorita Eversleigh, obsequiando-a com um sorriso enviesado, mesmo que ela estava resolutamente olhando para outro lado.

— Incomodei-a?

— Não — disse ela, imediatamente — Claro que não.

O que não podia estar mais longe da verdade, mas quem era ele para objetar? Voltou a olhar à anciã.

— Não respondeu a minha pergunta.

Ela arqueou uma sobrancelha, imperiosa.

Ab, pensou ele, absolutamente sem humor, *dela berdei esse gesto*.

— O que pensa fazer comigo? — perguntou.

— Fazer contigo — repetiu ela, com curiosidade, como se encontrasse estranha à pergunta.

Ele arqueou uma sobrancelha, pensando se ela reconheceria o gesto.

— Há muitíssimas opções — disse.

— Meu querido menino — disse ela, em tom solene, condescendente, como se ele apenas necessitasse isso para compreender que devia lambar as botas. — Vou dar o mundo.

Grace acabava de conseguir recuperar-se do sobressalto quando o bandoleiro, depois de estar um bom momento pensativo e carrancudo, olhou à viúva e disse: — Acredito que não estou interessado em seu mundo.

Grace não pôde impedir que saísse uma fervorosa risada horrorizada. Por Deus, a viúva parecia a ponto de cuspir. Cobriu a boca com uma mão e desviou o rosto, tentando não fixar-se em que o bandoleiro estava sorrindo de orelha a orelha.

— Minhas desculpas — disse ele à viúva, muito tranquilo, absolutamente contrito — mas posso ter o mundo *dela* no lugar?

Grace girou a cabeça bem a tempo de ver que ele fazia um gesto para ela.

Ele encolheu os ombros.

— Você me cai melhor.

— Alguma vez fala sério? — espetou a viúva.

Então ele mudou. Não mudou sua postura ajeitado no assento, mas Grace percebeu que o ar ao redor dele parecia enroscar-se de tensão. Era um homem perigoso. Ocultava-o bem com seu encanto indolente e seu sorriso insolente, mas era um homem ao que não convinha chatear. Disso estava segura.

— Sempre falo sério — disse ele, sem deixar de olhar à viúva nos olhos. — Fará bem em ter presente isso.

— Sinto muito — sussurrou Grace.

As palavras saíram antes que tivesse tempo para pensar. Sentia a gravidade da situação com desagradável intensidade. Estava muito preocupada com Thomas, e com o que tudo isso significaria para ele, mas acabava de perceber que eram dois os homens presos nesta rede.

E fosse quem fosse esse homem, não o merecia. Talvez desejasse uma vida como Cavendish, com suas riquezas e prestígio; a maioria dos homens a desejariam. Mas merecia poder escolher. Todo mundo merece poder escolher.

Então o olhou, obrigando-se a dirigir os olhos para seu rosto. Tinha evitado seu olhar todo o possível, mas de repente encontrava desagradável sua covardia.

Ele deve ter notado que o observava porque se virou para ela. Sobre a testa caíam umas mechas de cabelo escuro e viu que seus olhos, de um espetacular cor verde musgo, ficaram quentes.

— Você eu gosto mais — murmurou.

E ela acreditou (desejou?) ver um brilho de respeito em seu olhar.

Então, com tanta rapidez como um abrir e fechar de olhos, o momento acabou; ele esboçou esse descarado sorriso enviesado e soltou o fôlego.

— É um elogio. — Disse.

Ela esteve a ponto de dizer *Obrigada*, por mais ridículo que fosse, mas então ele encolheu um ombro, apenas um, como se não pudesse encolher os dois, e acrescentou: — Claro que imagino que a única pessoa que eu gostaria *menos que nossa estimada condessa...*

— Duquesa — espetou a viúva.

Ele se interrompeu para dirigir um insosso e altivo olhar, e voltando-se novamente para Grace, continuou: — Como dizia, a única pessoa que eu gostaria menos que *ela* — Fez um gesto para a viúva. — Seria o homem que representa o perigo francês, assim suponho que isso não tem muito de elogio, mas queria que soubesse que disse com sinceridade.

Grace tentou não sorrir, pois parecia que ele sempre a olhava como se estivessem brincando, os dois sozinhos, e sabia que isso enfurecia cada vez mais à viúva. Um olhar à frente o confirmou: a viúva estava mais estirada e irritada que o habitual.

Voltou a olhar para o bandoleiro, mais para proteger-se que por outra coisa; a duquesa emitia todos os sinais de estar a ponto de iniciar um discurso moralista, mas dada sua atuação na noite passada, sabia que estava tão apaixonada pela ideia de ter encontrado seu neto que não o converteria em alvo de sua ira.

— Como se chama? — perguntou, posto que parecesse a pergunta mais óbvia.

— Meu nome?

Ela assentiu.

Ele olhou à viúva com uma expressão de desaprovação.

— É estranho que a *senhora* não tenha perguntado isso ainda. — Moveu a cabeça. — Vergonhosas maneiras. Todos os sequestradores conhecem os nomes de suas vítimas.

— Não te sequestrei!

A isso seguiu um incômodo silêncio, e passado um momento, soou a voz dele, como seda: — Então não entendo as amarras.

Grace olhou à viúva, receosa; esta sempre detestou o sarcasmo, a não ser que saísse de seus lábios, e não permitiria ter a última palavra. Dito e feito, quando falou, pronunciou as palavras em tom abrupto e seco, e coloridos de azul com o sangue de uma pessoa que estava segura de sua superioridade.

— Vou devolvê-lo a seu verdadeiro lugar neste mundo.

— Compreendo — disse ele, passado um momento.

— Estupendo — disse a viúva em tom enérgico. — Estamos de acordo, então. O único que fica por...

— Meu verdadeiro lugar — interrompeu-o.

— Exatamente.

— No mundo.

Grace percebeu que tinha o fôlego retido. Não podia desviar os olhos, não podia afastar o olhar dele.

— A presunção é extraordinária — disse ele então.

Disse em voz baixa, quase pensativo. A viúva se voltou bruscamente para a janela. Grace observou o perfil, se por acaso via algo, algo, que indicasse que era humana, mas a anciã continuou rígida, com expressão dura, e em sua voz não se detectou nenhuma emoção quando disse: — Já estamos quase chegando em casa.

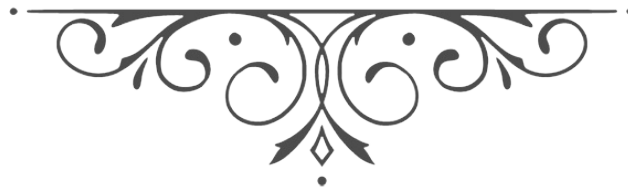
A carruagem estava virando para o caminho de entrada, passando pelo lugar onde Grace o tinha visto antes.

— Você — disse o bandoleiro, olhando pela janela.

— Chegará a considerar seu lar — afirmou a viúva, em tom imperioso e exigente, e mais que nada, decisivo.

Ele não respondeu. Mas não era necessário que respondesse. As duas sabiam o que estava pensando: — *Jamais*.

CAPÍTULO 5



— Bela casa — disse Jack, enquanto o levava ainda amarrado pelo magnífico vestíbulo de Belgrave. Girou o rosto para a viúva: — Decorou-a a senhora? Tem esse toque feminino.

A senhorita Eversleigh caminhava atrás deles, mas a ouviu engolir uma risada.

— Vamos, deixe-a sair, senhorita Eversleigh — disse por cima do ombro. — É muito melhor para seu organismo.

— Por aqui — Ordenou a viúva, indicando que a seguisse por um corredor.

— Devo obedecer, senhorita Eversleigh?

Ela não respondeu, era inteligente. Mas estava tão furioso que não podia ser prudente por compaixão, assim levou mais longe a insolência: — Ei! Senhorita Eversleigh? Ouviu-me?

— Pois claro que te ouviu — Ladrou a viúva, furiosa.

Ele parou, inclinou a cabeça e a olhou.

— Acreditava que estava muito contente de te haver conhecido.

— Estou. — Respondeu ela.

— Mmm. — Voltou-se para a senhorita Eversleigh, que tinha alcançado enquanto falavam. — Parece-me que não está muito contente, senhorita Eversleigh. O que parece para você?

A senhorita Eversleigh olhou dele para sua empregadora e logo novamente a ele, e então disse: — A duquesa viúva está muito desejosa de aceitar em sua família.

— Bem dito, senhorita Eversleigh — Elogiou-a ele. — Perspicaz e, entretanto circunspecta. — Voltou-se para a viúva. — Espero que pague bem.

Nas bochechas da duquesa apareceram duas manchas vermelhas, tão em contraste com a brancura de sua pele que ele teria jurado que usava ruge se não tivesse visto aparecer às manchas de fúria com seus próprios olhos.

— Pode retirar-se — Disse ela em tom de ordem, sem olhar para senhorita Eversleigh.

— Eu? — Disse ele. — Estupendo. — Mostrou as mãos amarradas. — Importaria?

— Não você, ela — Disse sua avó, e apertou a mandíbula. — Como bem sabe.

Mas ele não estava em veia para ser complacente, e nesse momento nem sequer interessava manter sua fachada jocosa normal. Portanto, olhou-a nos olhos, cravando seus verdes nos azuis gelo dela, e ao falar sentiu um formigamento como de algo já visto, quase como se estivesse de volta ao Continente, de volta a batalha, com os ombros direitos e os olhos estreitados, olhando ao inimigo: — Fique.

Os três ficaram imóveis, e ele não desviou o olhar dos olhos da viúva ao continuar: — Você a colocou nisto. Ficará até o final.

Supunha que a senhorita Eversleigh protestaria. Diabos, qualquer pessoa sensata fugiria o mais longe possível do iminente enfrentamento.

Mas ela continuou absolutamente imóvel, com os braços retos como varas e o único que moveu foi à garganta ao engolir saliva.

— Se assim deseja. — Disse tranquilamente. — Aceitará a ela também.

A viúva fez uma larga e forte inspiração pelo nariz e girou a cabeça.

— Grace — Ladrou. — Ao salão carmesim. Imediatamente.

Grace era seu nome, pensou ele. Voltou a olhá-la. Tinha a pele muito branca e os olhos grandes e avaliadores.

Grace. Gostava. Combinava.

— Não quer saber meu nome? — Gritou à viúva, que já estava caminhando pelo corredor. Ela parou e se voltou como ele sabia o que faria. — É John — declarou encantado ao ver como o sangue abandonava o rosto. — Jack para os amigos. — Olhou para Grace, com sedução em seus olhos quase fechados. — E para as amigas. Teria jurado que a sentiu estremecer-se, o que adorou. — Somos? — Murmurou.

Ela entreabriu os lábios e os manteve assim todo um segundo, até que conseguiu tirar um som: — Somos o que?

— Amigos, é obvio.

— Isto... Eu...

— Vai deixar em paz minha acompanhante?! — Ladrou a viúva.

Ele suspirou e moveu a cabeça olhando à senhorita Eversleigh.

— É terrivelmente dominante, não parece?

A senhorita Eversleigh ruborizou. Francamente, era a cor rosa mais bonito que tinha visto em sua vida.

— Uma lástima estas amarras. — Continuou. — Parece que estamos presos em um momento romântico, deixando de lado a ácida presença de sua empregadora, e seria muito mais fácil dar um beijo no dorso da mão se pudesse levantar com uma das minhas. — Esta vez teve a certeza de que ela estremeceu. — Ou em sua boca — Sussurrou. — Poderia beijá-la na boca.

A isso seguiu um delicioso silêncio, que foi interrompido de um modo algo brusco por: — Que diabos?!

A senhorita Eversleigh retrocedeu de um salto, talvez um palmo ou mais, e ele se voltou para olhar um homem muito furioso que vinha caminhando para ele.

— Este homem a está incomodando, Grace? — Perguntou.

Ela se apressou a negar com a cabeça.

— Não, não, mas...

O recém-chegado o olhou com uns furiosos olhos azuis. Furiosos olhos azuis que se pareciam bastante aos da viúva, salvo pelas bolsas e as rugas.

— Quem é você?

— Quem é você? — Perguntou Jack, com uma aversão instantânea.

— Sou Wyndham, e você está em minha casa.

Jack pestanejou. Um primo. Sua nova família ia aumentando como por encanto em segundos.

— Ah, bom, nesse caso, sou Jack Audley, antes membro do estimado exército de Sua Majestade, e mais recentemente do poeirento caminho.

— Quem são os Audley? — Perguntou a viúva, voltando-se.

— Não é um Audley. Isso se vê em sua cara. Em seu nariz, em seu queixo e em todos os malditos traços, exceto nos olhos, que são da cor incorreta.

— Cor incorreta? — Perguntou ele, simulando sentir-se ferido. — De verdade? — Olhou à senhorita Eversleigh. — Sempre me disseram que as damas gostam de olhos verdes. Informaram-me mau?

— É um Cavendish! — Rugiu a viúva. — É um Cavendish e exijo saber por que não me informou de sua existência.

— Que diabos está acontecendo? — Perguntou Wyndham.

Jack pensou que não correspondia a ele responder, assim ficou em silêncio.

— Grace? — Disse Wyndham, olhando para a senhorita Eversleigh.

Jack os observou com interesse. Eram amigos, mas eram *amigos*?

Não podia saber.

A senhorita Eversleigh engoliu saliva com visível desconforto.

— Talvez possamos conversar melhor em privado?

— E estragar tudo? — Cortou Jack, porque depois do tratamento ao que o tinham submetido, opinava que ninguém merecia um momento para falar em privado. Então, para conseguir a máxima irritação, acrescentou: — Depois do que passei...

— Ele é seu primo — Declarou a viúva rotundamente.

— Ele é o bandoleiro — Disse a senhorita Eversleigh.

— Não estou aqui por vontade própria — Acrescentou Jack, mostrando as mãos amarradas. — Asseguro.

— Sua avó acreditou reconhecê-lo ontem à noite — Explicou a senhorita Eversleigh ao duque.

— Não acreditei, reconheci-o — Ladrou a viúva, movendo a mão para ele, e ele teve que resistir ao impulso de agachar-se. — Simplesmente olhei para ele.

— Eu usava uma máscara — Explicou Jack ao duque, porque, francamente, não queria carregar a culpa do assunto.

Sorriu alegremente, observando com interesse o duque.

O duque colocou a mão na testa e pressionou as têmporas com uma força que poderia romper o crânio. E então, simplesmente, abaixou a mão e gritou: — Cecil!

Jack estava a ponto de fazer uma brincadeira a respeito de outro primo desconhecido quando apareceu um laçaio patinando pelo corredor, o tal Cecil, supôs.

— O retrato — Espetou Wyndham. — O de meu tio.

— O que acabamos de subir para...?

— Sim. Desçam ao salão. Imediatamente!

Inclusive Jack aumentou os olhos ante a potente energia de sua voz.

Então viu a senhorita Eversleigh pôr a mão no braço do duque; e sentiu como ácido no ventre.

— Thomas — Disse ela em voz baixa, surpreendendo-o ao chamá-lo por seu nome. — Permita-me explicar, por favor.

— Sabia? — Perguntou Wyndham.

— Sim, mas...

— Ontem à noite — Disse ele, com voz glacial. — Sabia ontem à noite?

Ontem à noite?

— Sim, mas, Thomas...

— Basta — Respondeu ele. — Ao salão. Todos ao salão.

Jack o seguiu, e quando já fechou a porta, assinalou as mãos atadas.

— Acredita que poderia...? — Perguntou, em tom amistoso, como se estivesse falando consigo mesmo.

— Pelo amor de Cristo — Resmungou Wyndham.

Foi até a escrivaninha que estava perto da parede e voltou com algo.

Era um abre cartas de ouro. Com um só e violento movimento cortou as cordas.

Jack olhou as mãos para comprovar que não estivessem sangrando.

Não tinha nem um só arranhão.

— Bom trabalho. — Murmurou.

— Thomas — Estava dizendo a senhorita Eversleigh. — De verdade acredito que deveria me permitir falar contigo um momento antes que...

— Antes do que? — Ladrou Wyndham, voltando-se para ela com uma fúria que na opinião de Jack era bastante indecorosa. — Antes que se me informe que tenho um primo cuja existência desconhecia e que poderia ou não ser procurado pela Coroa?

— Não pela Coroa, acredito — Disse Jack, mansamente. — Embora sim por uns quantos magistrados. E um ou dois párocos. — Voltou-se para a viúva: — Geralmente roubar nas estradas não se considera de menor risco que todas as ocupações possíveis.

Ninguém admirou sua frivolidade, nem sequer a pobre senhorita Eversleigh, que conseguiu ficar fora do foco da fúria dos dois Wyndham.

Bastante imerecidamente, em sua opinião. Detestava os valentões.

— Thomas — Suplicou à senhorita Eversleigh, e seu tom fez com que Jack pensasse no que existia entre esses dois. — Sua Graça — Emendou, jogando um nervoso olhar à viúva. — Há uma coisa que precisa saber.

— Certamente — Disse Wyndham, mordaz. — As identidades de meus verdadeiros amigos e confidentes, para começar.

A senhorita Eversleigh retrocedeu como se a tivesse golpeado, e nesse instante Jack decidiu que até aí podia aguentar.

— Recomendo que fale com mais respeito à senhorita Eversleigh, em tom alegre, mas com a voz firme.

O duque se voltou para ele, olhando-o pasmo, e o silêncio caiu sobre a sala.

— Com seu perdão, o que disse?

Jack o odiou nesse momento, até sua última bolinha de orgulho aristocrático.

— Não está acostumado a que falem como a um homem, não é? — Ironizou.

O ar pareceu eletrizar-se. Jack compreendeu que deveria ter previsto o que ocorreria. Viu que o duque tinha o rosto contorcido pela fúria, e, pelo que via, ele não era capaz de recuar quando se equilibrava e o agarrou pelo pescoço com as duas mãos, e os dois caíram sobre o tapete.

Amaldiçoando sua estupidez, tentou segurar quando Wyndham deu o primeiro soco na mandíbula. Por puro instinto de sobrevivência esticou o ventre, endurecendo-o, e com um movimento rápido como um raio, levantou o tórax empregando a cabeça como arma. Sentiu o satisfatório ranger quando enterrou a cabeça sob a mandíbula, e aproveitou seu atordoamento para fazê-lo rodar e rodar, e inverter as posições.

— Não... Volte a... Golpear-me... Nunca mais — Grunhiu.

Tinha brigado nos bairros baixos e em campos de batalha, por seu país e por sua vida, e jamais tolerava homens que davam o primeiro soco.

Wyndham enterrou o cotovelo no ventre, e ele estava a ponto de devolver o favor, enterrando o joelho na virilha, quando a senhorita Eversleigh saltou à frente colocando-se entre os dois, sem pensar nem no decoro nem em sua segurança.

— Basta! Os dois!

Jack conseguiu agarrar o braço de Wyndham justo antes que seu punho golpeasse a bochecha dela. Teria sido um acidente, claro, mas então teria que matá-lo, e isso sim teria sido um delito castigado com a força.

— Deveriam sentir vergonha. — disse a senhorita Eversleigh, olhando para o duque.

Ele simplesmente arqueou uma sobrancelha e disse:

— Talvez fosse conveniente levantar-se de cima da min...

Olhou a cintura, que era onde ela estava sentada.

— Oh! — Exclamou então, levantando-se de um salto.

Jack teria defendido sua honra, embora tivesse que reconhecer que ele haveria dito o mesmo se ela estivesse sentada em cima dele. Por não dizer que seguia segurando o braço.

— Vai curar minhas feridas? — perguntou.

Olhou-a com os olhos grandes, muito verdes e o transbordar da expressão sedutora mais eficaz do mundo. Esta dizia, é óbvio: — *Necessito-te. Necessito-te, e se me aceitar eu renunciarei a todas as demais mulheres, derreteria a seus pés e muito possivelmente ficaria asquerosamente rico, e se você quisesse inclusive me faria membro da realeza, tudo em um só golpe de sonho.*

Nunca falhava. Embora, ao parecer, nesse momento sim.

— Não tem nenhuma ferida — respondeu ela, afastando-o de um empurrão. Então olhou para Wyndham, que ficou em pé e estava a seu lado. — E você tampouco.

Jack estava a ponto de fazer um comentário sobre a amabilidade humana, quando a viúva avançou e golpeou no ombro seu neto, esse neto de cuja linhagem estavam muito seguros.

— Peça desculpas imediatamente! — Ladrou. — Ele é um hóspede em nossa casa.

Um hóspede pensou Jack. Isso o comoveu.

— *Minha* casa — Replicou o duque.

Jack observou à anciã com interesse; isso não caiu bem.

— É seu primo em primeiro grau — Disse secamente. — Qualquer um diria que dada à falta de parentes próximos na família, estaria desejoso de dar as boas vindas.

Ah, sim. O duque estava simplesmente *transbordando* de alegria.

— Alguém me faria o favor de explicar como este homem chegou até meu salão? — Perguntou Wyndham, mordaz.

Jack esperou que alguém desse alguma explicação, mas já que isso não aconteceu, decidiu dar sua própria versão: — Ela me sequestrou — disse, fazendo um gesto para a viúva.

Wyndham se voltou lentamente para sua avó.

— Sequestrou-o — disse, com voz insípida, curiosamente não incrédula.

— É óbvio — respondeu ela, adiantando altivamente o queixo. — E o voltaria a fazer.

— É verdade. — disse a senhorita Eversleigh, e então o deleitou voltando-se para ele e dizendo: — Sinto muito.

— Aceito a desculpa, é óbvio — respondeu ele, cortesmente.

Mas isso não divertiu ao duque. Tão zangado parecia estar que a senhorita Eversleigh sentiu a necessidade de defender-se.

— Sequestrou-o!

Wyndham ignorou.

De verdade, esse homem começava a irritá-lo.

— E me obrigou a participar — resmungou a senhorita Eversleigh.

Ela, em troca, estava se convertendo rapidamente em uma de suas pessoas favoritas.

— Ontem à noite o reconheci — declarou a viúva.

Wyndham a olhou incrédulo.

— Às escuras?

— E com o rosto coberto por uma máscara — respondeu ela com orgulho.

— É a imagem de seu pai. Sua voz, sua risada, tudo.

Jack não tinha encontrado particularmente convincente esse argumento, assim tinha curiosidade para ver a reação do duque.

— Vovó — disse este, em um tom que Jack teve que reconhecer era de uma paciência extraordinária. — Compreendo que continue lamentando a morte de seu filho...

— Seu tio — atravessou ela.

— Meu tio. — esclareceu-se garganta. — Mas passaram-se trinta anos desde sua morte.

— Vinte e nove — corrigiu ela.

— Isso é muitíssimo tempo. As lembranças se desvanecem.

— As minhas não — Repôs ela, altivamente — E muito menos as que tenho de John. Seu pai ficaria satisfeito se o esquecesse totalmente...

— Nisso estamos de acordo — interrompeu Wyndham, deixando Jack com a curiosidade de saber sobre *essa* história.

E então, como se sentisse um enorme desejo de estrangular alguém (Jack teria apostado todo seu dinheiro na viúva, posto que com ele já tivesse o prazer), Wyndham se voltou para a porta e gritou: — Cecil!

— Excelência! — respondeu uma voz do corredor.

O duque foi abrir a porta e Jack observou enquanto dois lacaios viravam penosamente um imenso quadro e entravam no salão.

— Ponham em qualquer parte — ordenou o duque.

Emitindo uns poucos grunhidos, e passado um precário momento em que pareceu que o quadro iria cair sobre um muito caro vaso chinês, os lacaios conseguiram encontrar um lugar desocupado e puseram o quadro no chão, vertical, e o apoiaram brandamente contra a parede.

Jack avançou para olhá-lo. Todos avançaram.

E a senhorita Eversleigh foi primeira em dizer:

— Oh meu Deus.

É *ele*, pensou Grace. Claro que não era ele, porque era John Cavendish, que tinha morrido quase trinta anos atrás, mas, bom Deus, via-se exatamente igual ao homem que estava a seu lado.

Aumentou tanto os olhos que doeram, e olhou do quadro ao bandoleiro e do bandoleiro ao quadro, e...

— Vejo que agora ninguém está em desacordo comigo — disse a viúva, toda presunçosa.

Thomas voltou a olhar para o senhor Audley como se estivesse vendo um fantasma.

— Quem é você? — murmurou.

Mas o senhor Audley estava mudo. Estava olhando o retrato, olhando-o, olhando-o, com o rosto pálido, os lábios entreabertos e todo o corpo flácido.

Grace reteve o fôlego. Finalmente sairia à voz, e quando o fizesse sem dúvida diria o que disse a ela essa noite: *“Meu sobrenome não é Cavendish. Mas em outro tempo foi”*.

— Meu nome — Gaguejou o senhor Audley — O nome que me puseram... — Interrompeu-se, engoliu saliva e continuou com a voz trêmula. — Meu nome completo é John Rollo Cavendish Audley.

— Quem foram seus pais? — perguntou Thomas em um sussurro.

O senhor Audley, o senhor Cavendish Audley, não respondeu.

— Quem foi seu pai? — perguntou então Thomas, em voz mais alta, mais insistente.

— Quem diabos acredita que foi? — ladrrou o senhor Audley.

Grace sentia retumbar o coração. Olhou para Thomas. Estava pálido, tremiam as mãos, e se sentiu uma terrível traidora. Poderia haver dito. Poderia havê-lo advertido.

Foi uma covarde.

— Seus pais... Estavam casados? — perguntou Thomas.

— O que pretende insinuar? — perguntou o senhor Audley.

Por um momento, Grace temeu que voltassem a brigar. O senhor Audley a fazia pensar em um animal enjaulado, ao que cravam e sacodem até que já não o pode suportar.

— Por favor — rogou, ficando entre eles outra vez. — Ele não sabe.

O senhor Audley poderia não saber o que significava na realidade ser legítimo; mas Thomas sim sabia, e estava tão imóvel que ela temeu que se derrubasse. Olhou-o, e logo olhou para sua avó.

— É necessário que alguém explique ao senhor Audley...

— Cavendish — ladrrou a viúva.

— Ao senhor Cavendish Audley — Apressou-se a dizer, porque não sabia como chamá-lo sem ofender. — É necessário que alguém diga que...

Que...

Voltou a olhá-los, pedindo ajuda, pedindo orientação, pedindo algo, porque sem dúvida esse não era um dever dela. Ela era a única que não tinha sangue Cavendish. Por que tinha que dar então todas as explicações?

Olhou para o senhor Audley, tentando não ver o retrato e disse:

— Seu pai, o homem do retrato, caso *seja* seu pai, era... Mais velho que o pai de sua graça.

Ninguém disse nada.

Grace esclareceu garganta.

— Portanto, se... Se seus pais estavam legalmente casados...

— Estavam. — Disse o senhor Audley, quase ladrando.

— Sim, é óbvio. Quero dizer, não é óbvio, a não ser...

— O que quer dizer — Interrompeu Thomas. — É que se de verdade for você o filho legítimo de John Cavendish, você é o duque de Wyndham.

E aí estava. A verdade. Ou, se não a verdade, a possibilidade da verdade, e ninguém, nem sequer a viúva, soube o que dizer. Os dois homens, os dois duques, pensou Grace, sentindo subir à garganta uma risada histérica, simplesmente ficaram se olhando, medindo-se, até que de repente o senhor Audley estendeu a mão, ao parecer para uma poltrona. A mão tremia tal como tremia à viúva quando tentava afirmar-se em algo, e, finalmente, apoiou-a no respaldo e apertou fortemente os dedos.

Com as pernas também trêmulas, deu a volta e se sentou.

— Não — disse. — Não.

— Ficaré aqui — ordenou a viúva. — Até que este assunto se resolva.

— Não — Disse o senhor Audley, com muita mais convicção. — Não.

— Ah, sim que ficará — Respondeu ela. — Se não, entregarei às autoridades como o ladrão que é.

— A senhora não faria isso. — Soltou Grace, e olhou para o senhor Audley. — Ela não faria isso jamais. Não o faria se acredita que você é seu neto.

— Feche a boca! — Grunhiu a viúva. — Não sei o que pretende fazer, senhorita Eversleigh, mas não é da família, e está demais neste salão.

O senhor Audley se levantou, seu porte imponente, orgulhoso. Pela primeira vez Grace viu nele o militar que foi, conforme disse. E quando falou o fez em tom medido, a voz abrupta, totalmente distinta à voz arrastada, brincalhona, que já esperava dele.

— Não volte a falar nunca mais dessa maneira.

Ela sentiu derreter-se algo em seu interior. Thomas a tinha defendido de sua avó; na realidade, fazia muito tempo que era seu defensor. Mas não dessa maneira. Ele valorizava sua amizade, isso sabia. Mas isto... Isto... era diferente. Não só ouvia as palavras.

Sentia-as.

E observando o senhor Audley, seu olhar se pousou em sua boca. E recordou... O contato de seus lábios, seu beijo, seu fôlego, e a agridoce comoção quando pôs fim ao beijo, porque ela não tinha desejado esse beijo e logo não desejava que acabasse.

Fez-se um silêncio, quietude inclusive, além dos olhos da viúva que foram aumentando, aumentando. E então, justo quando percebeu que começavam a tremer as mãos, a duquesa disse mordaz: — Sou sua avó.

— Isso está por determinar-se — respondeu o senhor Audley.

A Grace entreabriram os lábios pela surpresa, porque ninguém podia duvidar de quem era seu pai, estando à prova ali apoiada na parede do salão.

— O que? — Exclamou Thomas. — Agora quer dizer que acredita que não é o filho de John Cavendish?

O senhor Audley encolheu os ombros e em um instante desapareceu de seus olhos a acerada resolução. Novamente era o bandoleiro pícaro, temerário e despreocupado, sem um pinga de responsabilidade.

— Francamente — Disse. — Não sei se desejo entrar neste encantador clube.

— Não tem outra opção — Disse a viúva.

— Que amorosa — Suspirou o senhor Audley. — Que considerada. De verdade, uma avó para a eternidade.

Grace colocou a mão na boca, mas de todos os modos saiu uma risada abafada. Era muito inapropriada, em muitos sentidos, mas foi impossível contê-la. O rosto da viúva ficou vermelho, os lábios tão franzidos que as rugas subiam pelo nariz. Nem sequer Thomas tinha provocado nunca uma reação assim nela, e Deus sabia que tinha tentado.

Olhou para Thomas. De todos os presentes, ele era o que tinha mais em jogo. Via-se esgotado, desconcertado, furioso, e, surpreendentemente, como se estivesse a ponto de rir.

— Excelência — disse vacilante.

Não sabia o que queria dizer; visto que não havia nada a dizer, mas o silêncio era simplesmente espantoso.

Ele ignorou, mas ela percebeu que a tinha ouvido, porque o corpo ficou mais rígido ainda e logo estremeceu ao soltar o fôlego. E então a viúva, pelo amor de Deus, alguma vez aprenderia a deixar as coisas em paz?

— Disse seu nome como se estivesse chamando um cão.

— Cale-se — Replicou ele.

Grace desejou estendeu a mão para ele. Thomas era seu amigo, mas estava, como sempre, muito por cima dela. E aí se encontrava ela, odiando-se porque não podia deixar de pensar no outro homem presente, que bem poderia despojar Thomas de sua própria identidade.

Assim, não disse nem fez nada. E se odiou mais por isso.

— Deveria ficar — Disse Thomas ao senhor Audley. — Vamos precisar... — Esclareceu a garganta, e Grace esperou com o fôlego suspenso. — Vamos ter que resolver isto.

Todos esperavam a resposta do senhor Audley. Ele estava observando Thomas, como se estivesse avaliando-o, medindo-o.

Grace rogou que ele compreendesse quão difícil era para Thomas falar com tanta educação. Sem dúvida responderia da mesma maneira.

Desejava terrivelmente que ele fosse uma boa pessoa. Tinha-a beijado.

Tinha-a defendido. Era muito desejar que fosse, por debaixo de tudo, um cavalheiro honrado?

CAPÍTULO 6



Jack sempre se orgulhou de sua capacidade para ver a ironia em qualquer situação, mas ali no salão de Belgrave, correção, em *um* dos salões de Belgrave, sem dúvida havia dúzias, não conseguia ver nada além da crua e fria realidade.

Durante seis anos foi oficial do exército de Sua Majestade, e se tinha aprendido algo nesses anos nos campos de batalha, era que a vida pode dar um giro inesperado em qualquer momento, e isso é o que ocorre com frequência. Uma má decisão, um passo mal dado, uma pista não vista, e podia perder todo um regimento de homens. Mas quando voltou para Grã-Bretanha, pelo que fosse, perdeu tudo de vista. Sua vida era uma série de decisões sem importância e encontros insignificantes. Era certo que levava uma vida de delinquência, o que significava que sempre estava saltando a poucos passos da corda do verdugo, mas isso não era o mesmo. De seus atos não dependia a vida de ninguém; nem sequer dependia o sustento de ninguém.

Não havia nada grave em roubar os passageiros das carruagens. Era um simples jogo, jogado por homens com muita educação e muito pouca direção. Quem teria pensado que uma de suas decisões insignificantes, tomar o caminho do norte de Lincoln e não o do sul iria levar a esta situação? Porque uma coisa era segura: sua despreocupada vida nos caminhos tinha chegado a seu fim. Supunha que Wyndham se sentiria mais que feliz se ele partisse sem dizer uma palavra, mas a viúva não seria tão complacente. Face ao que disse a senhorita Eversleigh, estava muito seguro de que a velha bruxa chegaria a extremos para mantê-lo ali; talvez não o entregasse às autoridades, mas sem dúvida comunicaria ao mundo que seu neto recém-encontrado percorria os caminhos assaltando carruagens. E isso faria condenadamente difícil continuar com sua profissão.

E se realmente fosse o duque de Wyndham...

Que Deus amparasse a todos.

Começava a ter a esperança de que sua tia tivesse mentido, porque ninguém o quereria em um posto de tanta autoridade, e muito menos ele.

— Por favor, alguém poderia me explicar...? — interrompeu-se para fazer uma funda inspiração e pressionou as têmporas; sentia-se como se todo um batalhão tivesse passado por cima dele. — Poderia alguém me explicar à genealogia familiar?

Porque, não deveria alguém saber que seu pai era o herdeiro de um ducado? Sua tia? Sua mãe? Ele?

— Tive três filhos — Disse a viúva, com voz enérgica. — Charles era o mais velho, John o do meio e Reginald o mais novo. Seu pai partiu para a Irlanda justo depois que Reginald se casou com — em seu rosto apareceu uma expressão de desgosto e fez um gesto com a cabeça para Wyndham — sua mãe.

— Ela era de Londres, plebeia — Disse Wyndham, com o rosto absolutamente sem expressão. — Seu pai tinha fábricas. Muitas fábricas. — Arqueou levemente uma sobrancelha. — Agora são

noossas.

A viúva esticou os lábios, mas não fez nenhum comentário a essa interrupção.

— Comunicaram-nos a morte de seu pai em julho de mil setecentos e noventa.

Jack assentiu. Haviam dito o mesmo.

— Um ano depois disso, meu marido e meu filho mais velho morreram de uma febre. Eu não contrái a enfermidade. Meu filho mais novo já não vivia em Belgrave, assim que ele também se livrou. Charles ainda não tinha se casado, e acreditamos que John morreu sem descendência. Portanto, Reginald se converteu em duque. — Fez uma pausa, mas não expressou nenhuma emoção. — Não se esperava que fosse ele.

Todos olharam para Wyndham. Este guardou silêncio.

— Ficarei — Disse Jack em voz baixa, porque não via nenhuma alternativa.

Além disso, talvez não fizesse nenhum mal inteirar-se de uma ou duas coisas a respeito de seu pai. Um homem deve saber de onde procede; isso era o que dizia sempre seu tio. Começava a pensar se seu tio não teria devotado o perdão adiantado se por acaso algum dia ele decidisse que desejava ser Cavendish.

Claro que o tio William não tinha conhecido a *estes* Cavendish; se os tivesse conhecido poderia ter revisado essa opinião.

— Muito judicioso de sua parte — disse a viúva, juntando as mãos. — Então, vamos a...

— Mas antes — interrompeu Jack — Devo voltar para a estalagem para buscar minhas coisas. — Passeou o olhar pelo salão, quase rindo da opulência. — Por pobres que sejam.

— Que tolice — exclamou a viúva. — Suas coisas se podem substituir. — Por cima do altivo nariz olhou sua roupa de viagem. — Com objetos de muita melhor qualidade, poderia acrescentar.

— Não estou pedindo permissão — disse Jack alegremente.

Não queria que se revelasse sua raiva na voz. Isso põe a um homem em desvantagem.

— De todos mo...

— Além disso — continuou ele, simplesmente porque não desejava ouvir sua voz mais do que o necessário. — Devo dar explicações a meus sócios. — Olhou para Wyndham — Nada que se aproxime da verdade — Acrescentou não que o duque acreditasse que iria propagar o rumor por todo o condado.

— Não desapareça — ordenou a viúva — porque te asseguro que o lamentará.

— Não há motivo para preocupar-se com isso — Disse Wyndham afavelmente. — Quem desapareceria tendo a promessa de receber um ducado?

Jack apertou a mandíbula, mas se obrigou a deixar passar o insulto.

Não precisava de outra briga essa tarde.

Então, condenado fosse, o duque acrescentou abruptamente:

— Eu acompanharei.

Vamos pelo amor Deus. Isso era a última coisa que necessitava.

Olhou-o duvidoso, arqueando uma sobrancelha.

— Tenho que me preocupar com minha segurança?

Wyndham se esticou visivelmente, e Jack, que foi treinado para notar até os menores detalhes, viu que tinha os punhos fortemente fechados. Ou seja, insultou ao duque. Considerando as contusões que adornariam o pescoço, não se importou.

Olhou para a senhorita Eversleigh, obsequiando-a com seu mais humilde sorriso.

— Sou uma ameaça para sua identidade — disse, fazendo um leve gesto para o duque. — Suponho que qualquer homem prudente poria em dúvida sua segurança.

— Não, equivoca-se! — exclamou ela. — Julga-o mau. O duque... — Olhou horrorizada para Wyndham, e todos se viram obrigados a sentirem-se incômodos quando percebeu o que acabava de dizer. Mas, garota resolvida que era, continuou, em voz baixa e efusiva: — É o homem mais honrado que conheci. Você nunca sofreria nenhum mau em sua companhia.

A efusão tinha colorido as bochechas, e pela cabeça de Jack passou o pensamento mais ácido. Haveria algo entre a senhorita Eversleigh e o duque? Residiam na mesma casa, só com a companhia da amargurada duquesa viúva, e embora esta distasse muito de estar senil, era difícil imaginar que não houvesse oportunidades para levar um romance ante seus próprios narizes.

Observou atentamente à senhorita Eversleigh, e seus olhos posaram em seus lábios. Essa noite se surpreendeu quando a beijou; não era sua intenção beijá-la, e nunca fez nada semelhante quando assaltava uma carruagem. Mas pareceu o mais natural do mundo: acariciar a bochecha, levantar o rosto e roçar seus lábios com os seus.

Foi um beijo suave, rápido, fugaz, e só nesse momento percebia o muito que desejava mais.

Olhou para Wyndham, e talvez seu ciúme se refletisse em seu rosto, porque seu recém descoberto primo pareceu friamente divertido ao dizer: — Asseguro que sejam quais sejam meus impulsos violentos, não atuarei segundo eles.

— Que terrível dizer isso — comentou a senhorita Eversleigh.

— Mas é sincero — disse Jack, reconhecendo isso com um gesto de assentimento.

Não caía bem esse homem, esse duque ao que tinham criado para considerar o mundo seu domínio particular. Mas valorizava a sinceridade, viesse de quem viesse.

E enquanto o olhava nos olhos, pareceu que chegavam a um acordo tácito. Não tinham por que ser amigos. Nem sequer tinham que ser amistosos. Mas seriam sinceros.

E isso era bom.

Segundo os cálculos de Grace, os homens deveriam ter voltado depois de noventa minutos, ou às duas horas, como máximo. Não tinha passado muito tempo sobre uma sela, assim não era boa para julgar a velocidade, mas estava bastante segura de que dois homens a cavalo podiam chegar à estalagem em menos de uma hora; então o senhor Audley recolheria seus pertences, o que não levaria muito tempo. E depois...

— Afaste-se da janela — ordenou a viúva.

Grace apertou os lábios, irritada, mas conseguiu devolver a seu rosto uma expressão de placidez antes de girar-se.

— Faça-se útil — disse a viúva.

Grace olhou aqui e ali, tentando decifrar a ordem; a viúva sempre pensava algo concreto, e

chateava que a obrigasse a adivinhar.

— Quer que leia? — perguntou.

Esse era o mais agradável de seus deveres; estavam lendo *Orgulho e prejuízo*, novela da qual gostava muitíssimo e a viúva simulava que não gostava absolutamente.

A viúva grunhiu; era um grunhido que dizia *não*. Já era uma perita nesse método de comunicação, e se orgulhava especialmente dessa habilidade.

— Poderia escrever uma carta — sugeriu. — Não estava pensando em responder à missiva que recebeu recentemente de sua irmã?

— Eu posso escrever minhas cartas — disse a viúva secamente, mesmo que as duas soubessem que sua letra e sua ortografia eram horrendas.

Ela sempre acabava reescrevendo as cartas antes que as levassem ao correio.

Fez uma funda inspiração e deixou sair lentamente o ar, sentindo sua vibração por toda ela; não tinha a energia para decifrar o funcionamento da mente da viúva. Esse dia não.

— Tenho calor — declarou a viúva.

Grace não respondeu. Não fazia falta resposta, era de esperar. Então a viúva agarrou algo de uma mesa próxima. Um leque viu Grace, consternada, quando o desdobrou.

Vamos, não, por favor. Agora não.

A viúva contemplou o leque, um azul bastante festivo, com pinturas chinesas em branco e dourado. Então o fechou, evidentemente para que fosse mais fácil sustentá-lo ante ela como uma batuta.

— Poderia me pôr mais cômoda — disse.

Grace ficou quieta. Só foi um instante, talvez nem sequer um segundo, mas era sua única maneira de rebelar-se. Não podia negar-se, e não podia manifestar chateação com sua expressão, mas podia demorar um momento.

Podia deixar quieto o corpo o tempo suficiente para que a viúva sentisse saudades.

E então, claro, avançou.

— Encontro muito agradável o ar — disse, quando já tinha ocupado seu posto ao lado da viúva e começado a abaná-la. — Isso porque o move com o leque.

Grace olhou. Algumas rugas se deviam à idade, mas não as que tinham ao redor da boca, que empurravam as comissuras para baixo em um gesto perpétuo de mau humor. O que teria ocorrido a essa mulher para estar tão amargurada? Seria pela morte de seus filhos? Pela perda de sua juventude? Ou simplesmente nasceu com essa disposição azeda?

— Que opinião tem de meu neto? — perguntou de repente a viúva.

Grace ficou paralisada. Rapidamente recuperou a serenidade e continuou movendo o leque.

— Não o conheço o bastante bem para me formar uma opinião — Respondeu cautelosa.

— Isso é uma tolice — disse a viúva, sem deixar de olhar à frente. — Todas as melhores opiniões se formam em um instante. Isso sabe muito bem. Se não, teria se casado com esse repelente primo, não?

Grace pensou em Miles, comodamente instalado na que foi sua casa.

Teve que reconhecer que, nesse momento, a viúva tinha toda a razão.

— Seguro que tem algo que dizer senhorita Eversleigh.

Ela subiu e desceu três vezes o leque, tentando decidir.

— Parece-me que tem um senso de humor flutuante.

— Flutuante — repetiu a viúva, com certa curiosidade na voz, como se estivesse provando a palavra na língua. — Esse é um adjetivo apto. A mim não me teria ocorrido, mas é apto.

Isso era o mais próximo a um elogio que podia dizer a viúva.

— Parece-se bastante a seu pai — continuou ela.

Grace mudou de mão o leque, murmurando:

— Sim? Certamente. Embora se seu pai tivesse sido um pouco mais *flutuante*, não estaríamos nesta confusão, verdade? — Grace engasgou com o ar. — Oh, sinto muito, senhora. Deveria escolhido com mais cuidado minhas palavras.

A viúva não se incomodou em dar-se por aludida ante a desculpa.

— Sua frivolidade é muito parecida com a de seu pai. Meu John nunca permitia que passássemos com ele um momento sério. Tinha um engenho muito mordaz.

— Eu não diria que o senhor Audley é mordaz — disse Grace; seu humor era muito peralta.

— Não se chama senhor Audley, e sim que o é — disse a viúva, secamente. — Você está tão apaixonada que não o vê.

— Não estou apaixonada.

— Pois claro que está. Qualquer garota estaria. É muito bonito. Uma lástima os olhos, isso sim.

— O que estou é cansada — disse Grace, resistindo ao desejo de fazer notar que não havia nada mau em ter os olhos verdes. — Este foi um dia muito exaustivo. E a noite — acrescentou passado um momento.

A viúva encolheu os ombros.

— O engenho de meu filho era legendário — disse, voltando a conversa ao tema que desejava. — Você não o teria considerado mordaz tampouco. É brilhante o homem que sabe dizer um insulto sem que o perceba a pessoa receptora.

Grace o considerou bastante triste.

— Qual é a finalidade, então?

A viúva pestanejou várias vezes, muito rápido.

— A finalidade? Do que?

Grace voltou a mudar de mão o leque e sacudiu a que ficou livre, pois doía.

— De insultar a alguém — respondeu. — Ou, melhor dizendo — Emendou, posto que sem dúvida a viúva fosse muito capaz de encontrar muitos bons motivos para criticá-la:— A finalidade de insultar a alguém com a intenção de que não perceba?

A viúva seguia sem olhá-la, mas a viu pôr os olhos em branco.

— É uma causa de orgulho, senhorita Eversleigh. Não esperaria que você o entendesse.

— Não — Disse Grace.

— Você não sabe o que significa ser sobressalente em algo. — Franziu os lábios e moveu ligeiramente o pescoço de um lado a outro, estirando-o. — Não poderia sabê-lo.

Esse tinha que ser um insulto tão mordaz como qualquer outro, embora ao parecer à viúva não tivesse a menor consciência de que a tinha insultado.

Havia uma ironia nisso, em alguma parte. Tinha que ter.

— Vivemos tempos muito interessantes, senhorita Eversleigh — Comentou a viúva.

Grace assentiu em silêncio, e desviou o rosto para o outro lado, de forma que se a viúva decidisse girar a cabeça para olhá-la, não visse as lágrimas que encheram os olhos. Seus pais careciam de recursos para viajar, mas tinham corações errantes, e a casa Eversleigh abundava em mapas e livros sobre lugares longínquos. Como se fosse ontem recordou a ocasião em que estavam todos sentados junto ao lar e seu pai levantou aos olhos do livro que estava lendo e disse: — Não é maravilhoso? Na China, se alguém deseja insultar outro, diz: — *Desejo que viva tempos interessantes.*

De repente não soube se as lágrimas que enchiam os olhos eram de pena ou de risada.

— Basta, senhorita Eversleigh — Disse então a viúva. — Já me refresquei o bastante.

Grace fechou o leque e decidiu deixá-lo na mesa próxima à janela, para ter um pretexto para atravessar a sala. Só estava começando a escurecer, assim não era difícil ver o caminho de entrada. Não sabia por que estava tão impaciente por ver chegar de volta os homens, talvez somente para ter a prova de que não se mataram no trajeto. Embora tivesse defendido a honra de Thomas, não gostou da expressão que viu em seus olhos. Certo que nunca tinha ouvido dizer que tivesse atacado a ninguém, mas se comportou como um selvagem quando se equilibrou para atacar ao senhor Audley. Se este tivesse sido menos perito na luta, não cabia dúvida de que Thomas teria causado uma lesão permanente.

— Acredita que vai chover senhorita Eversleigh?

Grace voltou a olhá-la.

— Não.

— Está levantando vento.

— Sim.

Esperou até que a viúva voltou à atenção a uma quinquilharia que tinha na mesa a seu lado, e então se voltou para a janela. Claro que no mesmo momento a ouviu dizer: — Espero que chova.

Ficou imóvel um momento. Então se virou:

— Perdão?

— Espero que chova — repetiu a viúva, tranquilamente, como se fosse o mais natural do mundo desejar que caísse um aguaceiro enquanto dois cavalheiros estão fora a cavalo.

— Vão se molhar. — Assinalou.

— Se verão obrigados a abrigarem-se. Isso terá que fazer cedo ou tarde. Além disso, meu John nunca se importou de cavalgar sob a chuva. Na realidade, gostava o bastante.

— Isso não significa que o senhor...

— Cavendish.

Grace engoliu saliva; isso servia para armar-se de paciência.

— Como quer que deseje que o chamem, acredito que não podemos supor que goste de cavalgar sob a chuva só porque o seu pai gostava. À maioria das pessoas não gosta.

Ao parecer à viúva não tinha o menor desejo de considerar isso, mas se deu por aludida respondendo: — Não sei nada da mãe, certo. Ela poderia ser responsável por qualquer quantidade de adulterações.

— Gostaria de tomar o chá, senhora? — perguntou Grace. — Eu poderia chamar.

— O que sabemos dela, depois de tudo? Quase seguro que era irlandesa, o qual poderia significar muitíssimas coisas, todas horrendas.

— Está ventando — Disse Grace. — Não convém esfriar-se.

— Disse-nos seu nome sequer?

— Acredito que não — Suspirou Grace, porque essas perguntas diretas faziam difícil simular que não participava da conversa.

— Bom Deus — exclamou a viúva, estremecendo e em seus olhos apareceu uma expressão de absoluto horror. — Poderia ser *católico*.

— Conheci vários católicos — disse Grace, posto que fosse evidente que fracassou em sua tentativa de mudar de assunto. — É curioso — murmurou — Nenhum tinha chifres.

— O que disse?

— Só que sei muito pouco sobre a fé católica — Respondeu alegremente.

Sim que havia um motivo para dirigir seus comentários à janela ou à parede.

A viúva emitiu um som que não conseguiu identificar. Pareceu um suspiro, mas o mais provável é que fosse um sopro, porque as seguintes palavras que saíram de sua boca foram: — Teremos que nos encarregar disso. — Inclinou-se e apertou a ponta do nariz, com cara de estar muito irritada. — Suponho que terei que contatar com o arcebispo.

— Isso é um problema?

A viúva negou com a cabeça, desgostada.

— É um homem de poucos recursos que passará anos aproveitando-se disto.

Grace se aproximou mais à janela. Foi um movimento o que viu na distância?

— Ou seja, que tipo de favores me vão pedir — Resmungou a viúva. — Suponho que terei que alojá-lo no Dormitório Real, só para que possa dizer que dormiu entre os lençóis da rainha Isabel.

Grace estava olhando quando apareceram os dois homens a cavalo pelo caminho de entrada.

— Estão de volta — Disse.

E pensou não pela primeira vez essa tarde, que papel tocava desempenhar nesse drama. Não era da família; nisso a viúva tinha toda a razão. E em que pese a sua posição relativamente elevada entre o pessoal, não a incluíam nos assuntos relativos à família ou o título. Não o esperava e tampouco o desejava. A viúva mostrava seu pior aspecto quando surgiam assuntos de dinastia, e Thomas o seu quando tinha que tratar com a viúva.

Deveria desculpar-se para não estar presente, por muito que o senhor Audley tivesse insistido. Sabia qual era seu posto, e qual era seu lugar, e não desejava intrometer-se em um assunto familiar.

Mas cada vez que se dizia que deveria sair da sala, que era o momento de ir, que deveria dar as costas à janela e informar à viúva de que iria para que pudesse falar com seus netos em privado, não conseguia se obrigar a se mover. Seguia ouvindo, não, sentindo, a voz do senhor Audley: — *Fique*.

Necessitava-a? Talvez sim. Ele não sabia nada dos Wyndham, não sabia nada de sua história nem das tensões que pululavam pela casa como horrendas teias de aranha impossíveis de tirar. Não se podia esperar que se arrumasse sozinho em sua nova vida, ao menos não nesses momentos.

Estremeceu e rodeou o peito com os braços, observando desmontar os homens. Que estranho sentir-se necessitada. Thomas gostava de dizer que precisava dela, mas os dois sabiam que isso não era certo. Podia contratar qualquer uma para que suportasse a sua avó. Thomas não precisava ninguém.

Não necessitava nada. Era maravilhosamente autossuficiente. Seguro de si mesmo e orgulhoso, o único que precisava era uma ocasional espetada para arrebentar a borbulha que o rodeava. Ele sabia, e isso era o que o salvava de ser absolutamente insofribel. Nunca dizia muito, mas ela sabia que a isso se devia que eram amigos. Possivelmente ela era a única pessoa em Lincolnshire que não se inclinava totalmente e dizia só o que acreditava que ele desejava ouvir.

Mas não precisava dela.

Ouviu passos no corredor e se virou tensa pelos nervos. Esperou a que a viúva ordenasse sair da sala. Inclusive a olhou, arqueando as sobrancelhas levemente, como a desafiando a dizer, mas a viúva estava com o olhar fixo na porta, ignorando-a de propósito.

Thomas foi o primeiro em entrar.

— Wyndham — Disse a viúva, energicamente; jamais o chamava de outra maneira que por seu título.

Ele assentiu.

— Ordenei que levassem as coisas do senhor Audley ao dormitório azul.

Grace olhou cautelosa à viúva para ver sua reação. O azul era um dos melhores dormitórios para hóspedes, mas não o maior nem o mais prestigioso. Mas estava no mesmo corredor do da viúva.

— Excelente eleição — respondeu ela. — Mas devo repetir. Não o chame senhor Audley em minha presença. Não conheço estes Audley e não me interessa conhecê-los.

— Não acredito que interesse conhecê-la tampouco — Disse o senhor Audley entrando na sala.

A viúva arqueou uma sobrancelha, para deixar clara sua própria magnificência.

— Mary Audley é irmã de minha falecida mãe — declarou o senhor Audley. — Ela e seu marido, William Audley, cuidaram de mim quando nasci. Criaram-me como um filho e, a meu pedido, deram-me seu sobrenome. Não desejo renunciar a ele.

Olhou tranquilamente à viúva, como a desafiando a dizer algo.

Ela não disse nada, o que surpreendeu muitíssimo Grace.

Então ele se voltou para ela e fez uma elegante reverência.

— Pode me chamar senhor Audley se o desejar senhorita Eversleigh.

Ela se inclinou em uma reverência. Não sabia se isso era necessário, posto que ninguém soubesse qual era sua posição, mas pareceu simplesmente cortesia. Depois de tudo, inclinou-se.

Olhou à viúva, e viu que a estava olhando furiosa, e logo olhou para Thomas, que parecia divertido e irritado ao mesmo tempo.

— Não pode despedir por chamá-lo por seu sobrenome legal — disse então Thomas, com sua habitual impaciência. — E se te despede, eu te retirarei com um bom legado e a enviarei a alguma propriedade muito longínqua.

O senhor Audley olhou para Thomas surpreso e aprovador, e logo se voltou para Grace sorrindo.

— É tentador — murmurou. — Onde a pode enviar que esteja bastante longe?

— Estou pensando em aumentar nossas propriedades — respondeu Thomas. — As Híbridas Exteriores estão preciosas nesta época do ano.

— É desprezível — Disse a viúva.

— Por que sigo tendo-a aqui? — Perguntou Thomas, como pensando em voz alta.

Dizendo isso foi até um armário e se serviu uma taça.

— É sua avó — disse Grace, posto que alguém tinha que ser a voz da razão.

— Ah, sim, o sangue — suspirou Thomas. — disseram-me que é mais espesso que a água. Uma lástima. — Olhou para o senhor Audley. — Descobrirá logo.

Grace imaginou que o senhor Audley se arrepiaria pelo tom de superioridade de Thomas, mas ele continuou com expressão afável e despreocupada. Curioso. Dava a impressão de que tinham acordado uma espécie de trégua.

— E agora — Declarou Thomas, olhando fixamente a sua avó. — Terminou meu trabalho aqui. Devolvi o filho pródigo à seu amoroso seio, e tudo está bem no mundo. Não em *meu* mundo, mas sim no mundo de alguém, não tenho dúvida.

— Não no meu — Disse o senhor Audley, posto que ninguém fizesse um comentário. Então esboçou um sorriso, um sorriso indolente, o que tinha a intenção de pintá-lo como ao pícaro despreocupado que era. — Se por acaso interessava.

Thomas o olhou, enrugando o nariz em um gesto de vaga indiferença:

— Não me interessava.

Grace olhou novamente ao senhor Audley. Continuava sorrindo.

Então olhou para Thomas, esperando que dissesse algo mais.

Ele inclinou a cabeça para ela, em uma espécie de irônico brinde, bebeu a taça de licor de um só gole, escandalosamente largo.

— Vou sair.

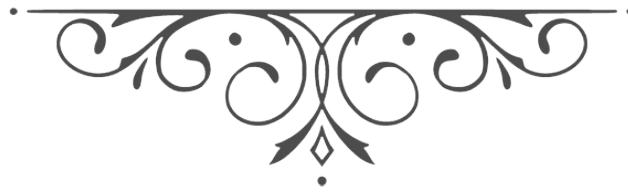
— Aonde? — perguntou a viúva.

Thomas parou na porta.

— Ainda não decidi.

O qual significava, sem dúvida, *A qualquer parte, com tal de não estar aqui.*

CAPÍTULO 7



Mas isso decidiu Jack, dava a ele o sinal para sair da sala também.

E não era que sentisse um grande carinho pelo duque. Na realidade, já teve muito de sua maravilhosa senhoria por um dia e se sentiu muito feliz quando viu suas costas ao sair da sala. Mas a ideia de ficar ali com a viúva...

Nem sequer a deliciosa companhia da senhorita Eversleigh era tentação suficiente para suportar mais *disso*.

— Acredito que eu também me retirarei — Declarou.

— Wyndham não se retirou para seu quarto. — Disse a viúva, mal-humorada. — Vai sair.

— Pois então *eu* me retirarei — Disse ele sorriu afavelmente.

— Ainda não está de tudo escuro — Assinalou a viúva.

— Estou cansado.

Isso era certo. Estava.

— Meu John costumava ficar até a madrugada — Disse ela em tom suave.

Jack exalou um suspiro. Não desejava sentir compaixão por essa mulher. Era dura, desumana e absolutamente antipática. Mas ao parecer, tinha amado seu filho. A seu pai. E o tinha perdido.

Uma mãe não deveria sobreviver a seus filhos. Isso sabia tão bem como sabia respirar. Era algo antinatural.

Assim, em lugar de dizer que a seu John não o tinham sequestrado, tentado estrangular, chantageado nem despojado de seu meio de vida (por miserável que fosse), tudo em um só dia, caminhou até ela e deixou na mesinha o anel, o dela, que praticamente tinha arrancado do dedo. O seu o tinha no bolso; não estava disposto a deixar que ela descobrisse sua existência.

— Seu anel, senhora — Disse.

Ela assentiu e o agarrou.

— O que representa o D? — perguntou ele.

Toda sua vida sentiu curiosidade por saber o que significava essa letra; bem poderia tirar algo desse desastre.

— Debenham. Meu sobrenome de solteira.

Ah. Tinha lógica. Deu de presente sua relíquia de família a seu filho favorito.

— Meu pai era o duque de Runthorpe.

— Não me surpreende — murmurou ele; ela podia decidir se isso era um elogio ou não. Inclinou-se. — Boa noite, excelência.

Ela franziu os lábios, decepcionada. Mas ao parecer compreendeu que se tinha lutado uma batalha esse dia, ela era a única vitoriosa, e foi surpreendentemente amável ao dizer: — Ordenarei que subam o jantar.

Ele assentiu, murmurou obrigado, deu meia volta e se dirigiu à porta.

— A senhorita Eversleigh levará ao seu quarto.

Isso chamou a atenção, e quando olhou à senhorita Eversleigh viu que a ela também.

Tinha suposto que o levaria um laçao ou, possivelmente, o mordomo.

Isso era uma deliciosa surpresa.

— Tem algum problema, senhorita Eversleigh? — perguntou a viúva, e sua voz soou maliciosa, talvez um pouco insultante.

— Não, claro que não — Respondeu ela.

Tinha os olhos nublados, mas não de tudo indecifráveis. Estava surpresa. Ele o notou porque seus cílios se levantaram mais para as sobranceiras. Não estava acostumada a que ordenassem atender a ninguém além da viúva. Sua empregadora não gostava de compartilhá-la com ninguém, compreendeu. Quando olhou seus lábios novamente, concluiu que estava totalmente de acordo; se ela fosse dele, se ele tivesse algum direito sobre ela, não gostaria de compartilhá-la tampouco. Desejou beijá-la outra vez. Desejou acariciá-la, embora fosse um ligeiro roce em sua pele, tão fugaz que poderia se considerar accidental.

Mas mais que tudo isso, desejava chamá-la por seu nome.

Grace.

Gostava, encontrava-o tranquilizador.

— Ocupe-se de que esteja cômodo senhorita Eversleigh.

Jack voltou-se para a viúva com os olhos aumentados pela surpresa.

Estava sentada imóvel como uma estátua, as mãos rigidamente juntas na saia, às comissuras da boca ligeiramente para cima, e em seus olhos havia uma expressão ardilosa e divertida.

Estava entregando Grace, tão claro como a água. Estava dizendo que utilizasse sua acompanhante se esse era fosse seu desejo.

Bom Deus. Em que classe de família tinha entrado?

— Como quiser senhora — Respondeu a senhorita Eversleigh.

Nesse momento Jack se sentiu sujo, quase asqueroso, porque estava seguro de que ela não tinha nem ideia de que a intenção de sua empregadora era convertê-la na puta dele.

Era o tipo mais horrível de suborno: — *Fique para passar a noite e pode ter a garota.*

Sentiu-se enojado, duplamente enojado porque desejava a garota. Mas não desejava que a viúva a percebesse.

— Você é muito amável, senhorita Eversleigh — Disse, pensando que tinha que ser cortês para compensar o insulto da viúva.

Chegaram à porta e então ele se voltou, não que fosse esquecessem, durante a saída o duque e ele tinham falado pouco, muito brevemente, mas estiveram de acordo em uma coisa.

— Ah, por certo. — disse — Se alguém perguntar sou um amigo de Wyndham, de anos.

— Da universidade? — Perguntou à senhorita Eversleigh.

Jack engoliu a triste risada.

— Não. Não fui à universidade.

— Não?! — Exclamou a viúva. — Fui levada a acreditar que tinha recebido uma educação de cavalheiro.

— Por quem? — Perguntou Jack, muito amavelmente.

— Pela sua maneira de falar.

— Derrubado por minha pronúncia. — Olhou à senhorita Eversleigh e encolheu os ombros — Erres ingleses e Agas corretos. O que pode fazer um homem?

Mas a viúva não estava disposta a abandonar o tema.

— Tem educação, verdade?

Esteve tentado de dizer que tinha estudado na escola do povoado com os rapazes da localidade, embora só fosse para ver sua reação. Mas devia algo melhor a seus tios, assim que a olhou e disse: — Porto Royal, e logo dois meses no Trinity College, em Dublin, não em Cambridge, e depois seis anos de serviço no exército de Sua Majestade, protegendo vocês da invasão. — Inclinou a cabeça. — Receberia o agradecimento agora, por favor. — À viúva entreabriu os lábios, ofendida. — Não? — Arqueou as sobancelhas. — É estranho que a ninguém importe que aqui continue falando inglês e fazendo reverências ao bom rei Jorge.

— A mim sim — Disse a senhorita Eversleigh, e quando ele a olhou pestanejou e acrescentou: — Isto... Obrigada.

— Não há de que — Disse ele, e percebeu que essa era a primeira vez que tinha motivos para dizer isso.

De vez em quando se elogiava aos soldados, e era certo que os uniformes eram eficazes em atrair às damas, mas a ninguém ocorria jamais dar agradecer. A ele não interessava, e muito menos aos homens que tinham sofrido lesões permanentes ou mutilações que os desfiguravam.

— Diga a todos que fomos companheiros em aulas de esgrima — Disse à senhorita Eversleigh, fazendo todo o possível para desentender-se da viúva.

— É um engano tão bom como qualquer outro. Wyndham diz que é passável com uma espada, verdade?

— Não sei — Respondeu ela.

Claro, como iria? Mas o que importava. Se Wyndham dizia que era passável, quase seguro que era um perito. Estariam igualados se alguma vez tivessem que oferecer uma prova da mentira. A esgrima era a disciplina que dava melhor no colégio. Possivelmente esse foi o único motivo pelo qual o deixaram continuar até os dezoito anos.

— Vamos? — Murmurou, movendo a cabeça para a porta.

— O dormitório azul — Gritou a viúva, em tom azedo.

— Não gosta que a deixem fora de uma conversa, verdade? — Murmurou ele, de forma que só pudesse ouvi-lo a senhorita Eversleigh.

Sabia que ela não podia responder, estando tão perto de sua empregadora, mas a viu desviar os olhos para ocultar sua diversão.

— Você também pode retirar-se por esta noite, senhorita Eversleigh — Disse a viúva, em tom de ordem.

Grace se voltou para olhá-la surpresa.

— Não deseja que a atenda? Ainda é cedo.

— Nancy pode me atender — Respondeu a viúva, com os lábios um pouco franzidos. — Tem uma mão aceitável para soltar os botões e, mais importante ainda, não diz nenhuma só palavra. Isso acho uma qualidade em uma criada.

Posto que ela ficasse silêncio com mais frequência, Grace decidiu tomar isso como um elogio e não como o insulto final que pretendia ser.

— É óbvio, senhora — Disse, inclinando-se em uma recatada reverência. — Até manhã, então, quando levar seu chocolate e o jornal.

O senhor Audley já estava na porta, com a mão estendida para indicar que saísse antes que ele. Não tinha ideia do que se propunha a viúva, ao deixá-la livre essa noite para descansar, mas não iria discutir.

— Nancy é sua donzela — Explicou ao senhor Audley quando ele chegou a seu lado.

— Imaginei.

— É muito estranho — Disse ela, movendo a cabeça. — Ela...

Viu que o senhor Audley esperava com bastante paciência que terminasse a frase, mas pensou melhor. Ia dizer que a viúva odiava Nancy.

De fato, queixava-se amarga e longamente cada vez que ela tinha o dia livre e a substituíra Nancy.

— Dizia senhorita Eversleigh...? — Murmurou ele ao fim.

Ela quase disse. Era curioso, porque apenas o conhecia e, além disso, era impossível que interessasse os corriqueiros detalhes da vida do pessoal de Belgrave. E até no caso de se converter em duque (a só ideia formava uma espécie de nó no estômago)... Bom, não era que Thomas fosse capaz de identificar a alguma das criadas. E se perguntassem qual caía pior a sua avó, seguro que sua resposta seria *Todas*.

E muito provavelmente isso era certo, pensou, sorrindo irônica.

— Está sorrindo, senhorita Eversleigh — Comentou o senhor Audley, com a expressão de ser ele o que tinha um segredo. — Diga-me por que.

— Ah, por nada. Nada que possa interessar. — Fez um gesto para a escada do final do corredor. — Por aqui. Por aqui sobe ao dormitório.

— Estava sorrindo — Insistiu ele, caminhando a seu lado.

Fosse o que fosse, isso a fez sorrir outra vez.

— Não disse que não estivesse.

— Uma dama que não dissimula — disse ele, aprovador. — Com cada minuto que passa você me cai melhor e melhor.

Ela franziu os lábios e o olhou por cima do ombro.

— Isso não indica uma opinião muito elevada das mulheres.

— Minhas desculpas. Deveria dizer uma *pessoa* que não dissimula. — Obsequiou-a com um sorriso que a estremeceu até os dedos dos pés. — Nunca diria que os homens e as mulheres são intercambiáveis, e isso terá que agradecê-lo, mas em assuntos de *dissimulidade*, nenhum dos dois sexos obtém uma nota muito alta.

Ela o olhou surpresa.

— Acredito que *dissimulidade* não é uma palavra. Na realidade, estou segura de que não o é.

— Não?

Desviou os olhos, só um segundo, ou talvez nem sequer um segundo, mas o instante bastou para fazê-la pensar se o teria envergonhado. Mas isso não era possível; tinha uma lábia absolutamente incrível e parecia sentir-se muito a gosto em sua pele. Não era necessário conhecê-lo mais de um dia para perceber isso. E, de verdade, seu sorriso ficou mais alegre e enviesada ao dizer: — Pois, deveria ser.

— Inventa palavras com frequência?

Ele encolheu os ombros modestamente.

— Procuro me refrear.

Ela o olhou com bastante incredulidade.

— De verdade — protestou ele, colocando uma mão sobre o coração, como se estivesse ferido, embora seus olhos continuassem risonhos. — Por que ninguém acredita quando digo que sou um cavalheiro de moral e honra nesta terra, com *toda* a intenção de acatar *todas* as regras?

— Talvez porque a maioria das pessoas conhece quando ordena descer de uma carruagem as apontando com uma pistola?

— Certo — reconheceu-o. — Isso influi na relação, verdade?

Ela o olhou, viu o humor que relampejava em seus olhos cor esmeralda, e sentiu formigar os lábios. Sentiu vontade de rir; desejou rir como ria quando seus pais estavam vivos, quando tinha a liberdade para contemplar as coisas ridículas da vida e rir delas.

Quase se sentia como se estivesse despertando algo dentro dela.

Pareceu bom, encontrou-o agradável. Desejou agradecer, mas pareceria uma idiota. Portanto, fez o segundo melhor: Pediu desculpas.

— Lamento — disse, parando ao pé da escada.

Isso pareceu surpreendê-lo.

— Lamenta?

— Sim. Sobre... Sobre hoje.

— Ter me sequestrado? — perguntou ele, seu tom vagamente divertido, talvez com um sotaque de superioridade.

— Eu não queria — protestou ela.

— Estava na carruagem — Assinalou. — Acredito que em qualquer tribunal a considerariam

cúmplice.

Até aí pôde aguentar ela.

— Esse seria, suponho o mesmo tribunal que o enviaria à forca essa mesma manhã por apontar com uma pistola uma duquesa.

— Tss, tss, já disse que esse não é um delito castigado com a forca.

— Não? — disse ela, imitando exatamente o tom dele anterior. — Pois, deveria ser.

— Ah, isso pensa?

— Se *dissimulidade* chegar a ser uma palavra, pois abordar uma duquesa com uma arma deveria bastar para ser condenado à forca.

— É rápida — disse ele, admirado.

— Obrigada — respondeu ela, e em seguida reconheceu: — Não estou em forma, falta-me prática.

— Mmm — murmurou ele, olhando para o salão, onde sem dúvida a viúva seguiria sentada em seu sofá como em um trono. — Mantém-na bastante silenciosa, não?

— A loquacidade não se considera apropriada em uma criada.

— Isso se considera você? — Olhou-a nos olhos observando com tanta intensidade que ela quase retrocedeu uns passos. — Uma criada?

Então ela se afastou, porque o que fosse que descobrisse nela não sabia se queria que o visse.

— Não deveríamos estar parados aqui — disse, indicando que seguisse pela escada. — O dormitório azul é formoso. É muito cômodo e tem uma excelente luz pela manhã. As obras de arte são particularmente soberbas. Acredito que gostará.

Estava tagarelando, mas ele era amável, assim não fez essa observação, mas sim disse: — Seguro que será uma melhora com respeito a meu atual alojamento.

Ela o olhou por cima do ombro, surpresa.

— Ah, eu tinha suposto... — interrompeu-se, envergonhada porque iria dizer que acreditava um nômade sem teto.

— Uma vida em posadas e campos de erva — disse ele, e exalou um afetado suspiro. — Essa é a sorte de um bandoleiro.

— Gosta? — perguntou ela, surpreendendo-se por fazer a pergunta e pela curiosidade que sentia de ouvir sua resposta.

Ele sorriu.

— Assaltar charretes?

Ela assentiu.

— Depende de quem está dentro — disse ele brandamente. — Eu gostei muitíssimo de não roubar você.

— Não me roubar? — voltou a olhá-lo, e o gelo se rompeu oficialmente.

— Não roubei nada, verdade? — o repôs, com uma expressão de total inocência.

— Roubou-me um beijo.

— Isso — disse aproximando-se com todo descaramento — Deu-me livremente.

— Senhor Audley...

— Eu gostaria muito que me chamasse Jack — suspirou ele.

— Senhor Audley — repetiu ela. — Eu não... — Olhou ao redor e abaixou a voz a um sussurro:
— Não fiz o que você diz que fiz.

Ele sorriu indolente.

— Desde quando é tão perigosa a palavra *beijar*?

Ela fechou firmemente a boca, porque de verdade não havia maneira de ganhar nessa conversa.

— Muito bem — disse ele — não a atormentarei. E teria sido uma afirmação generosa e amável, se não tivesse acrescentado: — Hoje.

Mas de todos os modos ela sorriu. Era difícil não sorrir em sua presença.

Já tinham chegado ao alto da escada, assim Grace virou pelo corredor que levava aos aposentos da família, onde se alojaria ele. Avançaram em silêncio, o que deu bastante tempo para pensar no cavalheiro que ia a seu lado. Não tinha importância o que disse sobre não ter terminado a universidade. Era tremendamente inteligente, apesar de seu vocabulário único; além disso, seu encanto era inegável. Não havia nenhum motivo para que não tivesse um emprego bem remunerado. Mas não podia perguntar por que roubava os passageiros das carruagens. Seria muita ousadia sendo tão pouco o tempo que se conheciam.

Isso sim era irônico. Quem teria pensado que a preocupariam as maneiras e a correção com um ladrão?

— Por aqui — Disse ao chegar a outro corredor, indicando que a seguisse para a esquerda.

— Quem dorme aí? — Perguntou ele, olhando para o outro lado do corredor.

— Sua excelência.

— Ah, sua excelência — disse ele, sobriamente.

— É um homem bom — disse ela, pensando que deveria defendê-lo.

Era compreensível que Thomas não se comportou como deveria.

Desde o dia em que nasceu o educaram para ser o duque de Wyndham, e de repente o informam que é possível que apenas seja o simples senhor Cavendish.

Se o senhor Audley teve um dia difícil, bom, sem dúvida o de Thomas foi pior.

— Admira o duque — disse o senhor Audley.

Ela não soube se era uma pergunta; acreditava que não. Mas o fosse ou não, disse em tom sarcástico, como se acreditasse algo ingênua por admirá-lo.

— É um homem bom — repetiu, firmemente. — Quando o conhecer melhor estará de acordo comigo.

Ele exalou um ligeiro sopro, como se sentisse divertido.

— Agora fala como uma criada, toda engomada, escrupulosa e muito leal.

Ela o olhou zangada, mas ficou claro que não importou, porque já estava sorrindo, e então disse:
— Agora vai defender a duquesa viúva? Eu gostaria de ouvi-la, porque é grande minha curiosidade

por saber como poderia alguém tentar semelhante façanha.

Ela supôs que ele não esperava resposta, mas desviou o rosto para que não visse seu sorriso.

— Eu não o conseguiria — continuou ele — e me disseram que tenho uma conversa de ouro. — Aproximou-se mais, para confiar um importante segredo. — É o irlandês que há em mim.

— Você é um Cavendish.

— Só a metade. Graças a Deus.

— Não são tão terríveis.

Ele riu.

— Não são tão terríveis? Essa é sua calorosa defesa?

E o céu a amparasse, não ocorreu nada que dizer, além de:

— A viúva daria sua vida pela família.

— Uma lástima que não a tenha dado já.

Ela o olhou surpresa.

— Fala igual ao duque.

— Sim, percebi que entre eles há uma relação cálida e amorosa.

— Chegamos — disse ela, abrindo a porta do dormitório.

Então retrocedeu. Não seria decoroso que entrasse com ele em seu dormitório. Levava cinco anos em Belgrave e nenhuma só vez tinha entrado nos aposentos de Thomas. Podia não ter muito no mundo, mas tinha respeito por si mesma e por sua reputação, e estava decidida a conservá-los.

O senhor Audley olhou o interior.

— Que azul.

Ela não pôde evitar sorrir.

— E sedoso.

— Pois sim — entrou. — Não vai entrar comigo?

— Ah, não.

— Temia isso. Uma pena. Vou ter que me arrumar sozinho para nadar neste esplendor azul.

— A viúva tem razão — disse ela, movendo a cabeça. — Nunca fala a sério.

— Isso não é verdade. Muitas vezes falo sério. De você depende adivinhar quando. — Encolhendo os ombros foi até o escritório e passou ociosamente os dedos pelo mata-borrão até que este se moveu e apareceu pelo lado dele. — Encontro prático fazer adivinhar às pessoas.

Ela ficou em silêncio, observando-o inspecionar o quarto. Deveria partir; acreditava que desejava partir; todo o dia tinha ansiado meter-se na cama e dormir. Mas ficou. Simplesmente olhando-o, tentando imaginar-se como seria ver tudo isso pela primeira vez.

Ela entrou no castelo Belgrave como criada. Ele era muito possivelmente o senhor, o amo.

Tinha que ser estranho. Tinha que ser triste. Não tinha o valor para dizer que esse não era o mais elegante nem o mais ostentoso dos dormitórios para hóspedes. Nem de perto.

— Excelente arte — comentou ele, contemplando com a cabeça inclinada um quadro pendurado

na parede.

Ela assentiu, entreabriu os lábios e voltou a fechá-los.

— Iria me dizer que é um Rembrandt.

Ela voltou a entreabrir os lábios, mas esta vez pela surpresa. Ele nem sequer olhou-a.

— Sim — disse.

— E este? — perguntou ele, olhando o quadro que estava debaixo. — Caravaggio?

Ela pestanejou.

— Não sei.

— Eu sim — disse ele, em um tom que era entre impressionado e sombrio. — É um Caravaggio.

— É um entendido em pintura? — perguntou ela.

Então percebeu que as pontas de seus sapatos estavam mais à frente da soleira da porta. Os calcanhares ainda se achavam corretamente fora, no chão do corredor, mas as pontas...

Formigaram os dedos dos pés.

Desejavam aventura.

Ela desejava aventura.

Ele dirigiu o olhar a outro quadro; a parede estava cheia deles, e murmurou: — Não diria que sou um entendido, mas sim, eu gosto da pintura. É fácil de ler.

Que maneira tão estranha de expressá-lo.

— De ler?

Ele assentiu.

— Sim, olhe isto. — Apontou para uma mulher que parecia ser de uma pintura pós-renascentista. Estava sentada em uma elegante poltrona com almofadas de veludo escuro orlados com galão de linho de ouro. Um trono, talvez?

— Observe como olham seus olhos. Está olhando a esta outra mulher, mas não a olha no rosto. Sente inveja.

— Não — Disse Grace, avançando e postando-se a seu lado. — Está zangada.

— Sim, claro, mas está zangada porque sente inveja.

— Dela? — perguntou Grace, apontando à mulher do canto. Esta tinha o cabelo da cor do trigo e vestia uma túnica grega de muito fino tecido; parecia escandalosa; um de seus seios parecia a ponto de aparecer a qualquer momento.

— Eu acho que não. Olhe. — Apontou à primeira mulher, a do trono.

— Tem tudo.

— Todo o material, sim. Mas esta mulher — Assinalou a da túnica grega.

— Tem seu marido.

— Como pode saber que está casada?

Estreitou os olhos e se aproximou do quadro, procurando um anel em um dedo, mas o pincel não era o bastante fino para pintar esse detalhe tão pequeno.

— Claro que está casada. Olhe sua expressão.

— Não vejo nada que indique *esposidade*.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— *Esposidade*?

— Estou quase segura de que é uma palavra. Mais que *dissimulidade* em todo caso. — Franziu o cenho. — E se está casada, onde está o marido?

— Aqui — Disse ele, tocando o marco dourado muito laboriosamente lavrado, justo além da mulher da túnica grega.

— Como pode saber isso? Está fora do tecido.

— Só tem que olhar a cara dela. Seus olhos. Está olhando ao homem que a ama.

Grace encontrou curioso isso.

— Não ao homem que ela ama?

— Isso não saberia dizer. — Respondeu ele, inclinando levemente a cabeça.

Ficaram em silêncio e passado um momento ele disse:

— Há uma novela inteira neste quadro. Só tem que tomar o tempo para lê-la.

Tinha razão, compreendeu Grace, e era inquietante porque ele não teria que ser tão perceptivo. Ele não, não o bandoleiro eloquente e desenvolto que não se incomodava em encontrar uma boa profissão.

— Está dentro do meu quarto — disse ele então.

Ela retrocedeu bruscamente.

Ele estendeu o braço como um raio e agarrou o cotovelo.

— Não vá cair agora.

Ela não pôde responder, porque teria caído.

— Obrigada — disse em voz baixa.

Não soltou o cotovelo.

Tinha recuperado o equilíbrio; estava calma.

Mas ele não a soltou.

E ela não retirou o braço.

CAPÍTULO 8



E então a beijou. Não pôde evitar.

Não, não pôde impedir. Tinha a mão em seu braço, sentia sua pele, sentia seu calor e então, quando a olhou, ela estava com o rosto levantado para ele, e seus olhos, profundos e azuis, mas tão expressivos, sem nenhum mistério, estavam-no olhando, e na realidade não havia maneira, simplesmente nenhuma maneira, de poder fazer outra coisa que não fosse beijá-la.

Qualquer outra coisa teria sido uma tragédia.

E havia uma arte em beijar, isso sabia há muito tempo, e haviam dito que era um perito. Mas para esse beijo, com essa mulher, a única vez que deveria ser uma arte, estava sem fôlego, porque jamais em sua vida desejou tanto uma mulher como desejava à senhorita Grace Eversleigh.

E nunca desejou tanto fazê-lo bem.

Não queria assustá-la; tinha que agradar. Queria que ela o desejasse, e queria que o conhecesse. Desejava que ela se afofasse a ele, sussurrasse ao ouvido que era um herói e que não desejava respirar nunca o ar perto de outro homem.

Desejava saboreá-la, desejava devorá-la. Desejava beber sua essência e ver se isso poderia transformá-lo no homem que às vezes pensava que deveria ser. Nesse momento ela era sua salvação.

E sua tentação.

E tudo no meio disso.

— Grace — murmurou, roçando os lábios com o fôlego.

— Grace — repetiu, porque adorava dizer seu nome.

Ela respondeu com um gemido, um som suave que disse tudo o que desejava saber.

Beijou-a brandamente, completamente. Seus lábios e língua encontraram todas as suas curvas e então desejou mais.

— Grace — repetiu, com a voz já muito rouca.

Deslizou as mãos pelas costas, apertando-a contra ele para sentir seu corpo como parte do beijo. Notou que ela não usava espartilho sob o vestido, assim sentia todas suas exuberantes curvas, todos seus quentes contornos. Mas desejava algo mais que conhecer a forma de seu corpo.

Desejava o sabor, o aroma, o contato.

O beijo era sedução.

E era ele o seduzido.

— Grace — disse outra vez.

— Jack — sussurrou ela.

E isso foi sua perdição. O som de seu nome nos lábios dela, a suave sílaba, passou por ele como jamais poderia passar o senhor Audley. Sua boca ficou urgente e a apertou com mais força contra seu corpo, tão nublado que não importou estar apertando-a contra seu membro excitado.

Beijou a bochecha, a orelha, o pescoço, descendo para a curva de suas clavículas. Deslizou uma mão ao longo de seu corpo, levantando os seios com a pressão até que a curva superior esteve muito perto de seus lábios, tão sedutora...

— Não.

Foi mais um sussurro que outra coisa, mas de todos os modos o separou de um empurrão.

Ele a olhou com a respiração agitada, sem fôlego. Viram seus olhos aturdidos, os lábios molhados e bem beijados. O corpo vibrava de desejo, de necessidade, e desceu o olhar para seu ventre, como se pudesse ver mais abaixo através das dobras do vestido, o v em seu centro.

O que fosse que havia sentido, triplicou-se. Bom Deus doía.

Emitindo um estremecido gemido, subiu o olhar para seu rosto.

— Senhorita Eversleigh — disse, posto que o momento pedia algo, e de maneira nenhuma iria pedir desculpas por um momento tão maravilhoso.

— Senhor Audley — respondeu ela, tocando os lábios.

E nesse cego instante de terror puro, ele compreendeu que tudo o que via em seu rosto, cada pasmo pestanejo de seus olhos, sentia-o também.

Mas não, isso era impossível. Acabava de conhecê-la e, além disso, ele não a amava. Corrigindo: não se entregava a luxúria com o coração retumbante e a mente obscurecida que muitas vezes se confundia com amor.

Gostava das mulheres, logicamente. Caíam bem também. Gostava da maneira como se moviam, gostava dos sons que faziam se estivessem derretendo em seus braços ou cacarejando sua desaprovação. Gostava de como cada uma cheirava, como cada uma se movia de diferente maneira e como, mesmo assim, havia algo em todas que as marcava como grupo. *Sou mulher*, parecia dizer o ar que as rodeava, *Decididamente não sou como você*.

E menos mal também.

Mas nunca amou uma mulher. E não sentia a menor inclinação a amar.

Os afetos são assuntos complicados, causadores de todo tipo de desgostos. Preferia passar de uma aventura a outra. Isso ia muito melhor com sua vida, e com sua alma.

Sorriu. Um sorriso muito leve, justo do tipo que se esperaria de um homem como ele em um momento como esse. Talvez levantasse os lábios, o suficiente para introduzir ironia em seu tom: — Você entrou em meu quarto.

Ela assentiu, mas com um movimento tão lento que ele não soube se era consciente de que o fazia. E então disse, com um pouco atordoada, talvez como falando consigo mesma: — Não o voltarei a fazer.

Bom, isso sim seria uma tragédia.

— Eu gostaria que voltasse a entrar — disse, obsequiando-a com seu mais encantador sorriso; estendeu a mão e antes que ela pudesse adivinhar sua intenção, agarrou a sua e a levou aos lábios. — Esta foi, sem dúvida, as boas vindas mais prazerosas de meu dia aqui em Belgrave. — Sem soltar a

mão, acrescentou: — Desfrutei muitíssimo comentando esse quadro com você.

Era certo; sempre gostou mais das mulheres inteligentes.

— Eu também — respondeu ela, dando um suave puxão e obrigando-o a soltar deu meia volta e se dirigiu à porta; a poucos passos voltou-se e disse: — A coleção que há aqui rivaliza com a de qualquer um dos grandes museus.

— Faz-me fantasia vê-los todos com você.

— Começaremos pela galeria.

Ele sorriu. Sim que era inteligente. Justo antes que chegasse à porta, perguntou: — Há nus?

Ela ficou imóvel.

— Só por curiosidade — disse ele em tom inocente.

— Há. — respondeu ela, mas sem se girar para olhá-lo; ele desejava ver a cor das bochechas; vermelho ou simplesmente rosa?

— Na galeria? — perguntou ele, unicamente porque seria de má educação que ela não respondesse a essa pergunta, e queria ver seu rosto.

— Não, não na galeria — respondeu ela, e se voltou um pouco, ele conseguiu ver o brilho em seus olhos. — É uma galeria de retratos.

— Compreendo — disse ele, com uma expressão convenientemente grave. — Nada de nu, então, por favor. Confesso que não tenho o menor desejo de ver o bisavô Cavendish ao natural!

Ela apertou os lábios, e ele percebeu que era para reprimir a risada, não porque o desaprovasse. O que faria falta para dar um empurrãozinho, para obrigá-la a soltar a risada que sem dúvida tinha borbulhando na garganta?

— Ou, por Deus, à viúva — murmurou.

Ela balbuciou algo.

Ele colocou uma mão na testa.

— Meus olhos — gemeu. — Meus olhos.

E então, maldição, perdeu. Ela riu. Não cabia dúvida, embora fosse mais um som afogado que outra coisa. Mas tinha a mão sobre os olhos.

— Boa noite, senhor Audley.

Ele desceu a mão.

— Boa noite, senhorita Eversleigh. — Então, embora tivesse jurado que estava disposto a deixá-la partir, ouviu-se perguntar. — A verei no café da manhã?

— Suponho, se for você madrugador.

Pois não o era.

— Ah, pois sim, sou-o, absolutamente.

— É a refeição favorita da viúva — explicou ela.

— Não o chocolate e o jornal?

Recordava tudo o que havia dito ela esse dia? Muito provavelmente.

Ela negou com a cabeça.

— Isso é às seis. O café da manhã se serve às sete.

— Na sala de café da manhã?

— Sabe onde está, pois?

— Não tenho nem ideia. Mas me pareceu uma opção provável. Virá aqui para me guiar?

— Não — Disse ela, seu tom ligeiramente divertido, ou exasperado? não conseguiu discerni-lo — mas me encarregarei de que outra pessoa o acompanhe.

— Uma pena — suspirou ele. — Não será o mesmo.

— Imagino — disse ela, fechando lentamente a porta; e então do outro lado a ouviu dizer: — Enviarei um autêntico laçao.

Riu. Adorava uma mulher com senso de humor.



As seis em ponto da manhã seguinte, Grace entrou no dormitório da viúva e sustentou aberta a porta para que entrasse a criada que a tinha seguido da cozinha com a pesada bandeja.

A viúva estava acordada, o que não era uma grande surpresa. Sempre despertava cedo, já fosse porque entrasse o sol do verão pelas frestas das cortinas, ou porque a habitação estivesse sumida na densa escuridão do inverno.

Ela, em troca, dormiria até o meio-dia se estivesse permitido.

Desde sua chegada a Belgrave se acostumou a dormir com as cortinas abertas para que a luz do sol a obrigasse a abrir as pálpebras cada manhã.

Isto não dava muito bom resultado, como tampouco a badalada do relógio que instalou em sua mesinha de noite fazia uns anos. Acreditava que finalmente se adaptaria ao horário da viúva, mas ao que parece seu relógio interior era rebelde, o último pedacinho dela que se negava a acreditar que era e eternamente seria a dama de companhia da duquesa viúva de Wyndham.

Considerando tudo, era estupendo ser amiga das criadas. A viúva podia tê-la para começar o dia, mas antes chegavam às criadas, que se alternavam em entrar em seu quarto cutucando o ombro até que ela gemia: — Basta.

Era estranho o senhor Audley. Não imaginava que fosse uma pessoa madrugadora.

— Bom dia, excelência — Saudou, caminhando para as janelas.

Abriu as pesadas cortinas de veludo. O dia estava nublado e flutuava uma ligeira névoa, mas parecia que o sol estava fazendo um bom trabalho.

Talvez as nuvens se dissipassem pela tarde.

A viúva estava sentada com as costas retas apoiadas nos travesseiros, como uma rainha sob o elegante e ornamentado dossel em cúpula. Já quase tinha terminado sua série de exercícios matutinos, que consistiam em flexionar os dedos das mãos, logo estirar em ponta os dedos dos pés e finalmente rodar o pescoço à esquerda e à direita; nunca estirava o pescoço para os lados, tinha observado Grace.

— Meu chocolate — Disse secamente.

Grace foi até o escritório, onde tinha deixado à bandeja a criada, que logo saiu apressadamente.

— Aqui está, senhora. Com cuidado, que está quente.

A viúva esperou a que acomodasse a bandeja na saia e pusesse o jornal estendido. Era só de dois dias atrás (três era o típico nessa região), e o mordomo o tinha engomado bem.

— Meus óculos para ler.

Grace já os tinha na mão.

A viúva os pôs na ponta do nariz, bebeu um gole de chocolate com cautela e olhou para o jornal.

Grace foi sentar-se na poltrona de respaldo reto do escritório. Não era o lugar mais conveniente. A viúva requeria tanta atenção pela manhã como o resto do dia, e seguro que teria que ir e vir da poltrona à cama e da cama à poltrona muitíssimas vezes. Mas não estava permitido sentar-se junto à cama. A viúva se queixava de que tinha a impressão de que lia o jornal por cima de seu ombro.

O qual era certo, claro. Já tinha conseguido que levassem o jornal ao seu quarto depois que a viúva terminava de lê-lo. Assim, o jornal só tinha dois dias e meio de antiguidade quando o lia, o qual significava doze horas antes que o resto da gente do distrito.

Curioso, na realidade, as coisas que a faziam sentir-se superior.

— Mmm.

Grace inclinou a cabeça, mas não perguntou. Se perguntasse, a duquesa não o diria.

— Houve um incêndio em Howath Hall — disse a viúva.

Grace não sabia o que era isso.

— Espero que ninguém tenha ficado prejudicado pelo fogo.

A viúva leu umas quantas linhas mais e respondeu:

— Só um lacaio. E duas criadas. — Passado um momento, acrescentou: — Morreu um cão. Ah, caramba, isso sim que é uma pena.

Grace não fez nenhum comentário. Não confiava em si mesma para conversar pela manhã enquanto não tivesse bebido sua xícara de chocolate, que não podia tomar até o café da manhã das sete.

Grunhiu seu estômago ao pensar. Para ser uma pessoa que detestava as manhãs, tinha chegado a adorar o café da manhã. Se pudessem servir arenques defumados e ovos para o jantar todos os dias, estaria no céu.

Olhou para o relógio. Só faltavam cinquenta e cinco minutos. Estaria acordado o senhor Audley? Pensou.

Provavelmente. As pessoas madrugadoras nunca despertam apenas para ter dez minutos livres antes do café da manhã.

Pensou como se veria, meio dormindo e despenteado.

— Acontece algo, senhorita Eversleigh? — perguntou a viúva, asperamente.

Grace pestanejou.

— Algo, senhora?

— Há... *gorjeado*— disse a viúva, com considerável repugnância, como se tivesse na mão algo particularmente fedido.

— Sinto muito, senhora — apressou-se em dizer Grace, olhando as mãos juntas no colo.

Sentiu subir o calor às bochechas, e teve a impressão de que até com a débil luz da manhã e a má vista da viúva, seu rubor seria claramente visível.

Na realidade, não deveria imaginar o senhor Audley, e menos ainda quando não estivesse vestido. Ou seja, que sons inapropriados emitiria na próxima vez.

Mas sim que era uma imagem bem arrumada. Isso ficou claro inclusive quando só viu a parte inferior do rosto e a máscara. Tinha uns lábios... Do tipo que sempre contêm um toque de humor; saberia ficar áspero e carrancudo? E seus olhos... Bom, essa primeira noite não os viu, e isso quase foi o melhor. Nunca viu um verde tão esmeralda. Eclipsavam as esmeraldas da viúva, pelas quais, ainda chateava recordá-lo, quase arriscou sua vida (em teoria ao menos).

— Senhorita Eversleigh!

Novamente se assustou.

— Senhora?

— Bufou.

— Sim?

— Põe em dúvida minha audição?

— Claro que não, senhora. — A viúva aborrecia a ideia de que qualquer parte dela pudesse ser vulnerável às deteriorações normais da idade.

Esclareceu-se garganta. — Peço desculpas, senhora. Não percebi. Devo haver... Isto... Respirado forte.

— Respirado forte — repetiu a viúva, como se isso o encontrasse tão atrativo como seu gorjeio anterior.

Grace tocou ligeiramente o peito.

— Tenho um pouco de congestão, parece-me.

À viúva agitaram as narinas e olhou para xícara que tinha nas mãos.

— Espero que não tenha respirado em cima de meu chocolate.

— Não, senhora, é óbvio que não. As criadas da cozinha sempre sobem a bandeja.

Sem dúvida a viúva não encontrou nenhum motivo para seguir dando voltas a isso e voltou à atenção ao jornal, deixando-a novamente a sós com seus pensamentos sobre o senhor Audley.

Senhor Audley.

— Senhorita Eversleigh!

Grace ficou de pé. O assunto já estava ficando ridículo.

— Sim, senhora?

— Suspirou.

— Suspirei?

— Nega-o?

— Não. Quer dizer, não percebi que tinha suspirado, mas reconheço que *poderia* ter feito.

A viúva agitou uma mão para ela, irritada.

— Esta manhã está me incomodando muito e me distraíndo.

A Grace pareceu que alegravam os olhos; isso significaria que escaparia antes?

— Sente-se, senhorita Eversleigh.

Sentou-se.

A viúva abaixou o jornal e apertou os lábios.

— Fale-me de meu neto.

Grace sentiu subir o rubor outra vez.

— Perdão?

A viúva arqueou a sobancelha direita, fazendo uma boa imitação do contorno superior de um guarda-sol aberto.

— Ontem à noite o levou ao seu quarto, não?

— É obvio senhora. — Por ordem dela.

— E bem? O que disse? Estou ansiosa para saber que tipo de homem é. O futuro da família poderia muito bem depender dele.

Grace pensou em Thomas, sentindo-se culpada; tinha-o esquecido totalmente nessas doze últimas horas. Ele era tudo o que deveria ser um duque, e ninguém conhecia o castelo melhor que ele, nem sequer a viúva.

— Isto..., não acredita que dizer isso poderia ser algo prematuro, excelência?

— De maneira que está defendendo a meu outro neto, não é?

Grace aumentou os olhos. Notou algo malévolo em seu tom.

— Considero um amigo sua excelência — disse cautelosa. — Nunca desejaria mal.

— Pff. Se o senhor Cavendish, e não se atreva a chamá-lo senhor Audley, é realmente o descendente legítimo de meu John, não estaria desejando nenhum mal a Wyndham. De fato, ele deveria estar agradecido.

— De que o despojem de seu título?

— De ter tido a boa sorte de ter o título todo o tempo que o teve — Replicou a viúva. — Se o senhor, vamos maldição, o vou chamar John.

Jack pensou Grace.

— Se John for realmente o filho legítimo de *meu* John, quer dizer que Wyndham nunca teve o título. Assim não podemos dizer que o despoja de nada.

— Só que disse que é dele desde que nasceu.

— Isso não é minha culpa, verdade? — bufou a viúva. — E não foi desde seu nascimento.

— Não — Concedeu Grace; Thomas assumiu o título aos vinte anos, quando seu pai morreu de uma enfermidade pulmonar. — Mas desde que nasceu soube que algum dia seria dele, o que deve

ser mais ou menos o mesmo.

A viúva esteve um momento grunhindo em voz baixa, mal-humorada, o que fazia sempre que alguém apresentava um argumento para o qual não tinha pronto uma contradição. Finalmente, olhou-a furiosa, agarrou o jornal e o levantou ocultando o rosto com ele.

Grace aproveitou para relaxar a postura. Mas não se atreveu a fechar os olhos.

E claro, só tinha passado dez segundos quando a viúva abaixou o jornal e perguntou bruscamente: — Acredita que será um bom duque?

— O senhor Aud...? — interrompeu-se bem a tempo. — Quer dizer...Nosso hóspede?

A viúva pôs os olhos em branco ante essa acrobacia verbal.

— Chame-o senhor Cavendish. É seu sobrenome.

— Mas ele não quer que o chamem assim.

— Importa-me um rabanete como deseja que o chamem. É quem é. — Bebeu um longo gole de chocolate. — Todos o somos. Boa coisa também.

Grace não disse nada. Viu-se obrigada muitas vezes a suportar os sermões da viúva sobre a ordem natural da humanidade para arriscar-se a provocar outro.

— Não respondeu a minha pergunta, senhorita Eversleigh.

Grace se tomou um momento para decidir o que responder.

— A verdade é que não saberia dizê-lo, senhora, conhecendo-o há tão pouco tempo.

Isso era certo em sua maior parte. Resultava muito difícil imaginar a qualquer que não fosse Thomas como duque, mas, além disso, parecia que o senhor Audley, com todo seu amistoso encanto e humor, faltava certa seriedade. Era inteligente, sem dúvida, mas possuiria o tino e o julgamento necessários para governar uma propriedade da envergadura de Wyndham? Belgrave podia ser a sede e principal residência da família, mas havia incontáveis outras propriedades, tanto na Inglaterra como no estrangeiro. Thomas empregava pelo menos a doze secretários e administradores para que o ajudassem, embora não fosse um proprietário ausente. Se não percorresse palmo a palmo os terrenos de Belgrave, apostaria que se aproximava muito. E ela tinha substituído à duquesa viúva em muitos de seus deveres na propriedade, por isso sabia que Thomas conhecia por seu nome quase a todos seus inquilinos.

Isso sempre o tinha considerado uma consecução extraordinária em um homem criado como foi ele, com a constante ênfase do lugar de Wyndham na hierarquia social (abaixo apenas do rei e muito acima de todos outros, obrigado).

Thomas gostava de apresentar a imagem de um homem da alta sociedade sofisticado e ligeiramente enfastiado, mas nele havia bastante mais. Por isso era tão bom no que fazia, supunha.

E a que se devia essa insensibilidade da viúva para tratá-lo com tanta falta de consideração? Claro que teria sentimentos para preocupar-se com os sentimentos dos outros, mas, francamente, isto superava com muito seu egoísmo habitual.

Não tinha nem ideia de se Thomas tinha retornado para casa essa noite, mas se não, bom, não podia deixar de compreendê-lo.

— Mais chocolate, senhorita Eversleigh.

Grace se levantou e foi encher a xícara com a jarra que tinha deixado na mesinha de noite.

— Do que falaram ontem à noite?

Grace decidiu aparentar estupidez.

— Fui deitar-me cedo. — Pôs vertical a jarra cuidando de não deixar cair nenhuma gota. — Com sua muito amável permissão.

A expressão da viúva ficou zangada. Ela evitou olhá-la, devolvendo a jarra a seu lugar na mesinha. E tomou muitíssimo tempo na tarefa.

— Falou de mim?

— Isto... Não muito — respondeu Grace, evasiva.

— Não muito ou nada?

Grace voltou a olhá-la. Só podia evitar o interrogatório até certo ponto, pois do contrário, a viúva se enfureceria.

— Estou segura de que a mencionou.

— O que disse?

Em nome de Deus, como poderia dizer que a chamou velha bruxa? E se não a tinha chamado assim, seguro que a tinha chamado algo pior.

— Não o recorde exatamente, senhora. Sinto muitíssimo. Não sabia que a senhora desejava que tomasse nota de suas palavras.

— Bom, a próxima vez tome. — Resmungou a viúva.

Dizendo isso voltou à atenção ao jornal e depois olhou para a janela, com os lábios apertados em uma linha reta, teimosa.

Grace continuou onde estava muito quieta, com as mãos agarradas diante de si e esperou pacientemente enquanto a viúva se movia daqui para lá, nervosa, bebia um gole e fazia chiar os dentes. Então, custou acreditar, pensou que na realidade poderia compadecer à anciã.

— Recorda à senhora. — Disse, sem pensar duas vezes.

A viúva a olhou encantada, a expressão de seus olhos toda ditosa.

— Sim? Em que?

Grace sentiu o estômago se contorcer, embora não soubesse se foi pela atípica felicidade que via no rosto da viúva ou a que não sabia o que dizer.

— Bom, não totalmente, é óbvio — disse, para ganhar tempo — mas há algo em sua expressão.

Mas quando levava uns dez segundos sorrindo afavelmente, ficaram evidentes que a viúva esperava mais.

— Sua sobrancelha — Disse parecendo que isso era um golpe de gênio. — Levanta-a igual a senhora.

A viúva arqueou a sobrancelha esquerda tão rápido que a Grace surpreendeu que não saísse voando.

— Assim?

— Isso... Sim. Um pouco parecido. As dele são... — Moveu a mão torpemente perto de suas

próprias sobrancelhas.

— Mais peludas?

— Sim.

— Bom, é um homem.

— Sim. — Ah, sim.

— Sabe fazê-lo com as duas?

Grace a olhou sem entender.

— Com as duas, senhora?

A viúva começou a levantar e a baixar uma e outra sobrancelha, as alternando. Esquerda, direita, esquerda, direita. Um espetáculo singularmente estranho.

— Não sei — disse Grace, rápido, para que parasse.

— Muito estranho — disse a viúva, voltando as duas sobrancelhas ao lugar onde Grace esperava que as mantivesse. — Meu John não podia fazê-lo.

— A herança é muito misteriosa — concordou Grace. — Meu pai não podia fazer isto. — Agarrou o polegar e o dobrou para trás até que tocou o antebraço. — Mas dizia que seu pai sim.

— Aaahh! — exclamou a viúva, desviando a cara, com repugnância. — Endireite-o, endireite-o.

Grace sorriu e disse com a mais perfeita doçura:

— Então não quer ver o que posso fazer com o cotovelo.

— Bom Deus, não — Bufou a viúva e fez um gesto para a porta. — Terminei com você. Vá tomar seu café da manhã.

— Digo a Nancy que venha a ajudá-la a se vestir?

A viúva exalou um suspiro de sofrimento incrivelmente profundo, como se toda uma vida de privilégios aristocráticos fosse muito.

— Sim — Concedeu sem a menor amabilidade — embora só seja porque não suporto olhar o polegar.

Grace riu. E devia se sentir especialmente ousada, porque nem sequer tentou sufocar a risada.

— Está rindo de mim, senhorita Eversleigh?

— Não, é obvio que não.

— Não ocorra nem pensar dizer que está rindo comigo.

— Simplesmente ri senhora — disse Grace, com os lábios curvados em um sorriso que se negou a deixar que a reprimisse. — Às vezes rio.

— Nunca a tinha visto rir — disse a viúva, como se quisesse dizer que isso não podia ser certo.

Grace não podia dizer nenhuma das três réplicas que saltaram imediatamente à cabeça: — *Isso se deve a que não escuta excelência.*

— *Isso se deve a que raramente tenho motivos para rir em sua presença.*

— *E o que?*

Assim, simplesmente sorriu afetuosa inclusive. Agora bem, isso sim era estranho. Tinha passado

grande parte de seu tempo tragando as réplicas, e sempre ficava um sabor amargo na boca.

Mas esta vez não. Esta vez se sentia ligeira, sem travas. Se não podia dizer à viúva o que pensava, não importava muito. Essa manhã tinha muitas coisas que esperar com ilusão.

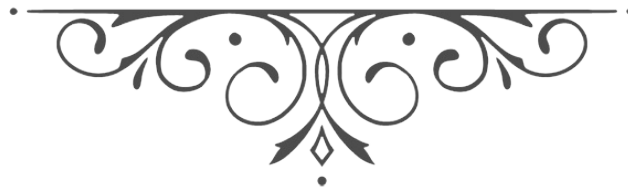
Café da manhã. Bacon com ovos. Arenques defumados. Torradas com manteiga e geleia, e...

E ele.

O senhor Audley.

Jack.

CAPÍTULO 9



Jack saiu da cama quando faltavam exatamente quatorze minutos para as sete. Despertar foi um assunto complicado. Essa noite, depois que partiu a senhorita Eversleigh, puxou o cordão para chamar uma criada, e deu a ordem de golpear sua porta às seis e quinze. Então, quando a garota já partia, pensou melhor e mudou a ordem a seis golpes fortes à hora já dita e logo doze, quinze minutos depois.

Afinal sabia que não seria capaz de levantar-se da cama à primeira.

Também informou à criada de que se não o visse na porta passados dez segundos da segunda série de golpes, devia entrar no quarto e não partir até que estivesse segura de que estava bem acordado.

E, finalmente, prometeu um xelim se não dissesse a ninguém nenhuma sílaba sobre isso.

— E se o diz saberei — Advertiu, obsequiando-a com seu mais encantador sorriso. — As intrigas sempre me chegam de volta.

E isso era certo. Fosse qual fosse a casa, fosse qual fosse o estabelecimento, criadas sempre o diziam tudo. Era surpreendente o longe que se pode viajar sem nada além de um sorriso e uma expressão de cachorrinho.

Por desgraça para ele, entretanto, embora seu plano ostentasse estratégia, necessitava de execução final.

E não podia jogar a culpa na criada; ela cumpriu sua parte à letra. Seis golpes as seis com quinze minutos, pontualmente. Ele conseguiu abrir um olho, uns dois terços, e somente por eventualidade isso bastou para ver a hora no relógio de sua mesinha de noite.

Às seis e meia estava novamente roncando, e só contou sete dos doze golpes na porta, sem dúvida foi por sua culpa, não dela. E, francamente, tinha que admirar a fidelidade da pobre garota ao plano quando se enfrentou a um mal-humorado: — Não, — seguido por uns ásperos — Vá embora; — Dez minutos mais; — Disse dez minutos mais, e — Não tem nenhuma maldita panela que esfregar?

E quando faltavam quinze minutos para as sete, quando estava balançando de barriga para baixo na borda da cama, com um braço pendurando, finalmente conseguiu abrir os olhos e a avistou sentada recatadamente em uma cadeira do outro lado da habitação.

— Ah... A senhorita Eversleigh está acordada? — balbuciou, esfregando o olho esquerdo para afugentar o sonho.

O olho direito voltou a se fechar, tentando arrastar o resto dele de volta à cama.

— Já algum tempo, senhor.

— Contento e gorjeando como um maldito rouxinol, sem dúvida.

A criada ficou em silêncio.

Ele inclinou a cabeça, repentinamente mais acordado.

— Não tão contente, não é?

Ou seja, que a senhorita Eversleigh não era uma pessoa madrugadora.

O dia se via mais luminoso por momentos.

— Não é tão terrível como o senhor — Reconheceu finalmente a criada.

Jack abaixou as pernas e bocejou.

— Para *isso* teria que estar morta.

A garota riu. Foi um som agradável, acolhedor. Enquanto fizesse rir às criadas, a casa seria dele. Quem tem aos criados tem o mundo. Descobriu isso aos seis anos. E com isso deixava louca a sua família, mas simplesmente o fazia tudo mais doce.

— Até que hora imagina que dormiria se não despertasse? — perguntou.

— Ah, isso não poderia dizer. — Disse a criada, ficando toda vermelha.

Não parecia que os hábitos de sono da senhorita Eversleigh constituíssem um segredo, mas de todos os modos teve que aplaudir a garota por sua lealdade. Embora isso não significasse que não fosse fazer todas as tentativas possíveis para conquistá-la.

— Nunca? E quando a viúva dá o dia livre? — perguntou, em tom bastante despreocupado.

A garota negou com a cabeça, tristemente.

— A duquesa nunca dá o dia livre.

Isso o surpreendeu. Sua recém-descoberta avó era exigente e prepotente, além de ter outros molestos defeitos, mas tinha dado a impressão de que no fundo era justa.

— Alguma vez?

— Só as tardes — disse a criada. Então se inclinou e olhou para os lados para assegurar-se de que não havia nenhuma outra pessoa que pudesse ouvi-la. — Eu acredito que o faz só porque sabe que à senhorita Eversleigh não gosta das manhãs.

Ah, isso sim descrevia à viúva.

— Dá o dobro de tardes — continuou a garota — assim ao final se compensam.

— É uma lástima — disse Jack, compassivo.

— Injusto.

— Muito injusto.

— E a pobre senhorita Eversleigh — continuou a garota, já com a voz mais animada. — É muito boa. É encantadora com todas as criadas. Jamais se esquece de nossos aniversários e nos dá presentes que diz que são da duquesa, mas todas sabem que são dela.

Então o olhou, e ele a recompensou com um sério gesto de assentimento.

— E o único que deseja a pobre é uma manhã livre por semana para poder dormir até meio-dia.

— Isso disse?

— Só uma vez. Não acredito que o recorde. Estava muito cansada. Acredito que a duquesa a

deixou de pé até muito tarde de noite. Levou-me o dobro de tempo despertá-la.

Jack assentiu compassivo.

— A duquesa não dorme nunca — continuou a garota.

— Alguma vez?

— Bom, com certeza deve dormir. Mas parece que não precisa dormir muito.

— Uma vez conheci um vampiro — murmurou Jack.

— A pobre senhorita Eversleigh tem que se amoldar ao horário da viúva. — Disse a garota.

Ele continuou assentindo. Pelo visto isso dava resultado.

— Mas não se queixa — acrescentou ela, sem dúvida desejosa de defendê-la. — Nunca se queixaria de sua graça.

Se ele tivesse vivido em Belgrave o tempo que Grace, teria se queixado quarenta e oito horas ao dia.

— Alguma vez?

A criada negou com a cabeça, com uma piedade que teria sido muito apropriada na esposa de um pároco.

— A senhorita Eversleigh não é dada às fofocas.

Jack estava a ponto de dizer que todo mundo fofoca e que apesar do que diziam, todos gostavam de fazê-lo. Mas não queria que a criada interpretasse isso como uma crítica ao que ela estava fazendo nesse momento, assim assentiu uma vez mais, e a animou a continuar dizendo: — Muito admirável.

— Não com o pessoal, ao menos — esclareceu ela. — Talvez com suas amigas.

— Suas amigas? — repetiu ele, atravessando o quarto ainda de pijama.

Tinham deixado roupa, recém-lavada e engomada, e não precisou olhá-la duas vezes para ver que era da melhor qualidade. De Wyndham, muito provavelmente. Eram de um tamanho similar. Pensou se o duque saberia que tinham assaltado o guarda roupa. Provavelmente não.

— Lady Elizabeth e lady Amélia — disse a garota. — Vivem do outro lado do povoado. Na outra casa grande. Não é tão grande como esta isso sim.

— Não, claro que não — Murmurou ele.

Decidiu que essa criada, cujo nome deveria saber, seria sua favorita.

Era um tesouro de conhecimentos, e o único que teria que fazer era sentá-la um momento em uma cadeira cômoda.

— Seu pai é o conde de Crowland — Continuou a garota.

E assim continuou tagarelando quando ele entrou no outro cômodo para se vestir. Sem dúvida alguns homens se negariam a usar a roupa do duque depois da briga do dia anterior, mas ele achava que entregar esta batalha não seria nada prático. Se assim fosse não iria triunfar em atrair à senhorita Eversleigh a uma louca orgia de agilidade (ao menos não esse dia) e para isso tinha que vestir-se. E suas roupas estavam puídas e cheias de poeira.

Além disso, era possível que sua graça, o duque, achasse ruim que usasse sua roupa, e, em sua opinião, essa seria uma boa coisa.

— A senhorita Eversleigh passa tempo com lady Elizabeth e lady Amélia com muita frequência?
— perguntou, enquanto calçava as meias.

Ficaram perfeitas.

— Não. Embora ontem estivessem aqui.

As duas garotas que viu com ela no caminho de entrada. As loiras.

Claro. Deveria ter percebido que eram irmãs. Teria percebido, supôs, se tivesse desviado o olhar da senhorita Eversleigh tempo suficiente para ver algo mais que a cor do cabelo.

— Lady Amélia é nossa próxima duquesa — acrescentou a criada.

Jack interrompeu a tarefa de abotoar a camisa de Wyndham, de extraordinária confecção.

— Sim? Não sabia que o duque estava comprometido.

— Desde que lady Amélia nasceu — explicou a garota. — Logo teremos um casamento, acredito. Temos que tê-lo. Ela já está há anos esperando. Não acredito que seus pais aguentem muito mais tempo a tardança.

As garotas tinham parecido muito jovens, mas, claro, estava de muito longe.

— Vinte e um, acredito que tem.

— Tão velha? — disse ele, sarcástico.

— Eu tenho dezessete — disse a criada, suspirando.

Jack decidiu não fazer nenhum comentário, pois não sabia se ela desejava parecer mais velha ou mais nova que a idade que tinha. Saiu do outro cômodo, dando os últimos toques na gravata.

A criada se levantou de um salto.

— Oh, não deveria fofocar.

Jack fez um gesto tranquilizador.

— Não direi uma palavra, prometo.

Ela se dirigiu à porta apressadamente, e então voltando-se disse:

— Meu nome é Bess. — Inclinou-se em uma reverência. — A sua disposição.

Então Jack sorriu, porque estava muito seguro de que seu oferecimento era totalmente inocente. Havia algo bastante refrescante nisso.

Só tinha passado um minuto desde que partiu Bess, quando chegou um laçao, tal como prometeu a senhorita Eversleigh, para guiá-lo até a sala de café da manhã. Resultou não ser nem de perto tão informativo como Bess (os laçaios jamais o eram, ao menos não com ele), e fizeram em silêncio a caminhada de cinco minutos.

Não passou despercebido que o trajeto durasse cinco minutos. Se de longe Belgrave se via desmesuradamente grande, por dentro era francamente um labirinto. Estava bastante seguro de que não tinha visto nem a décima parte e já tinha localizado três escadas. Além disso, havia torreões, tinha-os visto de fora, e quase com toda segurança havia masmorras também.

Tinha que haver masmorras, concluiu quando estava no terceiro andar depois de descer a escada. Nenhum castelo que se respeitasse carecia delas.

Decidiu pedir a Grace que fizesse um roteiro, embora só fosse porque nos porões poderiam

contar entre quão únicos não tivessem velhas obras de preço inestimável penduradas nas paredes.

Podia ser um amante da arte, mas aquilo era demais, quase se encolheu quando passou quase roçando um quadro Grego, simplesmente era demais. Inclusive em seu quarto, recoberto de madeira até o alto, havia muitos valiosos óleos. Quem fosse o responsável pela decoração aí, tinha uma predileção tremenda pelos cupidos. Dormitório azul, certamente.

Deveriam chamá-lo “*Dormitório dos Bebês Corpulentos Armados com Aljavas e Flechas*”. Subtítulo: “*Cuidado, visitantes*”.

Porque, de verdade, teria que haver um limite à quantidade de cupidos que se viam em lugar pequeno como cômodo para trocar de roupa.

Deram a volta por uma última esquina e quase suspirou de satisfação quando chegaram a seu nariz os conhecidos aromas de um café da manhã inglês. O laçao indicou uma porta aberta; entrou sentindo por todo o corpo um formigamento de espera desconhecida, e então descobriu que a senhorita Eversleigh ainda não tinha chegado.

Olhou o relógio, faltava um minuto para as sete. Sem dúvida era um novo recorde pós-militar.

Já estavam dispostas as fontes no aparador, assim pegou um prato, o encheu a transbordar, escolheu uma cadeira e se sentou à mesa. Já fazia algum tempo que não tomava o café da manhã em uma verdadeira casa.

Ultimamente fazia suas refeições em pousadas e em habitações alugadas, e antes no campo de batalha. Achava um luxo sentar-se a uma mesa com sua comida, quase hedonismo.

— Café, chá ou chocolate, senhor?

Não provava chocolate a mais tempo do que recordava, e o corpo quase estremeceu de prazer. O laçao tomou nota de sua preferência e foi até outra mesa, onde havia três elegantes jarras em fileira, que com seus picos arqueados pareciam cisnes em fila. Passado um instante, tinha sua xícara diante de si e apressou a pôr três colheres cheias de açúcar e um pingo de leite.

Havia vantagens em levar uma vida de luxo, pensou, bebendo um gole celestial.

Já quase tinha terminado de comer quando ouviu passos, e, passado um momento, apareceu à senhorita Eversleigh. Usava um recatado vestido branco, não, não branco, mas bem creme, da cor do leite no cântaro quando ainda não tirou a nata. Fosse qual fosse a cor, combinava com as molduras em gesso que adornavam o marco da porta. Só o fazia falta uma fita amarela (pelas paredes, que se viam surpreendentemente alegres para ser de uma casa tão imponente), e teria jurado que a habitação foi decorada concretamente para esse momento.

Levantou-se e fez uma cortês reverência.

— Senhorita Eversleigh — murmurou.

Gostava quando ela ruborizava. Só um pouco, era o ideal. Muito teria significado que estivesse sobressaltada; em troca, um leve matiz rosa claro significava que gostava do encontro.

E talvez pensasse que não deveria sentir isso.

O qual era melhor ainda.

— Chocolate, senhorita Eversleigh? — perguntou o laçao.

— Ah, sim, por favor, Graham.

Pareceu aliviadíssima quando teve a xícara na mão, e quando por fim se sentou frente a ele, com o prato quase tão cheio como o seu, suspirou de prazer.

— Não põe açúcar? — perguntou surpreso.

Não conhecia nenhuma mulher, e a muito poucos homens, aos que gostassem do chocolate não adoçado. Ele não o suportava.

Ela negou com a cabeça.

— Não pela manhã. Necessito-o puro.

Ele a observou com interesse, e, para ser sincero, um pouco divertido, enquanto ela alternava entre beber um gole e aspirar ao aroma do chocolate. Não soltou a xícara até que bebeu a última gota, e imediatamente Graham, que evidentemente conhecia seus gostos, chegou a seu lado e encheu a xícara sem sequer perguntar.

Decididamente, a senhorita Eversleigh não era uma pessoa madrugadora, concluiu.

— Chegou faz muito tempo? — perguntou ela então, quando já bebeu inteira a primeira xícara.

— Não muito. — Olhou pesaroso seu prato, que já estava quase limpo. — No exército aprendi a comer rápido.

— Por necessidade, imagino — disse ela, agarrando um bocado de ovos quentes.

Ele abaixou levemente o queixo, em gesto de assentimento.

— A duquesa viúva não demorará em descer — disse ela.

— Ah. Isso quer dizer que devemos ser rápidos se quisermos ter uma conversa agradável antes que desça a duquesa viúva.

A ela curvaram os lábios.

— Isso não é exatamente o que quis dizer, mas... — bebeu um pouco de chocolate, embora isso não ocultasse o sorriso — Aproxima-se.

— As coisas que temos que aprender a fazer rápido — suspirou ele.

Ela levantou os olhos, com o garfo na metade de caminho para a boca, e caiu um pouco de ovo no prato; tinha as bochechas francamente acesas.

— Não quis dizer *isso* — disse ele, muito satisfeito com a direção dos pensamentos dela. — Meu Deus, jamais faria rápido "*isso*".

Ela entreabriu os lábios, não exatamente em uma *ou*, a não ser em um pequeno bico muito atraente.

— A não ser, claro, que tenha que fazê-lo — acrescentou ele, entreabrindo as pálpebras, dando calor a seu olhar. — Quando enfrento o dilema entre rapidez e abstinência...

— Senhor Audley!

Ele inclinou-se para trás, sorrindo satisfeito.

— Estava pensando em que momento chamaria minha atenção.

— Não depressa o bastante. — Resmungou ela.

Ele agarrou a faca e o garfo e cortou uma parte de bacon; era grosso e de cor rosa, cozido à perfeição.

— E outra vez está aí — disse, levando o bocado à boca; mastigou-o, engoliu-o e acrescentou: — Minha incapacidade para falar sério.

— Mas assegurou que isso não é verdade.

Inclinou-se, muito pouco, mas o movimento pareceu dizer: — *Observe.*

Ele quase estremeceu. Gostava de ser observado por ela.

— Disse — continuou ela — que com frequência fala sério e que de mim depende adivinhar quando.

— Curiosa?

— Algo bastante parecido.

— Muito bem. — inclinaram-se também, seus olhos prenderam os dela, verde sobre azul, por cima da mesa. — O que parece? Falo sério neste momento?

Teve a impressão de que iria responder que sim ou que não, mas, simplesmente voltou o corpo para trás, com os lábios curvados em um leve sorriso inocente e passados um momento disse: — A verdade é que não saberia dizer.

— Decepciona-me, senhorita Eversleigh.

Então o sorriso dela se voltou francamente sereno e voltou à atenção à comida que tinha no prato.

— De maneira nenhuma poderia emitir um julgamento sobre um tema tão pouco apto para meus ouvidos — murmurou.

Ele começou a rir.

— Tem um senso de humor muito ardiloso, senhorita Eversleigh.

Ela pareceu sentir prazer com o elogio, mais ou menos como se levasse anos esperando que alguém reconhecesse isso. Mas antes que pudesse dizer algo mais (se é que tinha essa intenção), o momento se viu interrompido pela viúva, que entrou pisando forte na sala, seguida por duas criadas com aspecto de sentir-se curvadas e desgraçadas.

— Do que riem? — perguntou.

— De nada em particular — respondeu Jack, decidindo economizar a senhorita Eversleigh a tarefa de conversar; depois de cinco anos ao serviço da viúva, a garota merecia um descanso. — Só estava desfrutando da encantadora companhia da senhorita Eversleigh.

A viúva dirigiu a cada um severo olhar.

— Meu prato — ladrou. Quando uma das criadas correu para o aparador, deteve-a acrescentando: — A senhorita Eversleigh se encarregará disso.

Sem dizer uma palavra, Grace se levantou e a viúva olhou para Jack dizendo: — É a única que o faz bem.

Moveu a cabeça e soprou mal-humorada, sem dúvida lamentando o nível de inteligência que se encontra correntemente entre os criados.

Jack ficou em silêncio, pensando que esse era um bom momento para seguir ao axioma de sua tia: “*Se não pode dizer algo agradável, não diga nada*”.

Embora sim fosse tentador dizer algo extraordinariamente agradável sobre os criados.

Grace voltou com o prato, colocou-o diante da viúva e logo o girou um pouco, até que os ovos ficaram na posição das nove, se fosse um relógio, para o lado dos garfos.

Jack contemplou o prato, ao princípio com curiosidade e logo impressionado. A comida estava distribuída em seis porções exatamente iguais em forma. Nenhuma porção tocava a outra, nem sequer o molho holandês, que cobria os ovos com esmerada precisão.

— É uma obra — declarou, inclinando-se para olhar mais de perto, queria ver se ela colocou sua assinatura com o molho holandês.

Grace o olhou séria; não era difícil interpretar seu olhar.

— É um relógio de sol? — perguntou, com a maior inocência.

— Do que fala? — grunhiu a viúva, agarrando um garfo.

— Não, não o estrague! — exclamou ele.

Foi o melhor que pôde fazer sem estalar em uma gargalhada.

Mas ela agarrou uma rodela de maçã assada de todos os modos.

— Como pôde? — disse Jack, acusador.

Grace desviou o rosto, quase virando o corpo, para não olhar.

— De que diabos fala? — perguntou a viúva. — Senhorita Eversleigh, por que está olhando para a janela? Do que fala ele?

Grace girou a cabeça para ela, com uma mão sobre a boca.

— Não sei.

A viúva estreitou os olhos.

— Acredito que sabe.

— Asseguro que nunca sei do que fala.

— Alguma vez? — perguntou Jack. — Esse comentário generaliza muito. Acabamos de nos conhecer.

— Eu tenho a impressão de que já faz mais tempo — disse Grace.

— Vá, devo pensar que fui insultado?

— Se tivesse sido insultado não teria por que perguntá-lo — disse a viúva, severa.

Grace olhou um pouco surpresa.

— Isso não foi o que disse ontem.

— O que disse ontem? — perguntou ele.

— É um Cavendish — disse simplesmente a viúva, para ela isso explicava tudo, mas ao parecer tinha pouca fé na capacidade dedutiva de Grace, assim acrescentou, como se falasse com uma menina: — Somos diferentes.

— As regras não valem — disse o senhor Audley, encolhendo os ombros; então, logo que a viúva desviou o olhar, piscou para ela e voltou a perguntar: — O que disse ontem?

Grace duvidava ser capaz de repetir bem a frase, posto que não concordasse com a ideia, mas não

podia esquivar-se duas vezes da pergunta, assim respondeu: — Que é uma arte insultar, e se as pessoas sabem fazê-lo sem que a outra pessoa perceba, é ainda mais impressionante.

Olhou à viúva, para o caso que a corrigisse.

— Não vale quando se é o receptor do insulto — disse a viúva, astutamente.

— Não seria arte de todos os modos para a outra pessoa? — perguntou Grace.

— É óbvio que não — disse a viúva. — E por que teria que me importar se o fosse? — Aspirou pelo nariz desdenhosamente, e voltou à atenção a seu café da manhã. — Eu não gostei deste bacon — declarou.

— Suas conversas são sempre assim oblíquas? — perguntou o senhor Audley.

— Não — Respondeu Grace, sinceramente. — Estes foram dois dias muito excepcionais.

Ninguém teve que acrescentar nada a isso, talvez porque os três estivessem de acordo. Mas o senhor Audley encheu o silêncio olhando à viúva e dizendo: — Eu considero o bacon soberbo.

A resposta da viúva foi:

— Wyndham voltou?

— Acredito que não — Respondeu Grace. Olhou ao laçao: — Graham?

— Não, senhorita, não está em casa.

A viúva franziu os lábios em um gesto de irritação, de desgosto.

— Muito desconsiderado de sua parte.

— É cedo ainda — disse Grace.

— Não disse que estaria fora toda a noite.

— Normalmente o duque deve apresentar a lista de seus planos e atividades a sua avó? — perguntou então o senhor Audley, claramente com a intenção de irritar.

Grace o olhou irritada; essa pergunta não necessitava resposta. Sorriu.

Gostava de irritá-la; isso já deixou muito claro. Mas pareceu que não tinha muita importância; gostava de irritar todo mundo. Voltou à atenção à viúva.

— Sem dúvida voltará logo — disse.

A expressão irritada da viúva não mudou.

— Esperava que estivesse aqui para que pudéssemos conversar francamente, mas suponho que podemos fazê-lo sem ele.

— Considera prudente? — perguntou Grace, sem poder conter-se.

E claro, a reação da viúva a sua oposição foi um olhar fulminante.

Mas não podia arrepender-se de ter falado. Não era correto tomar decisões para o futuro em ausência de Thomas.

— Laçao! — ladrou a viúva. — Nos deixe a sós e ao sair fecha a porta.

Quando já esteve bem fechada, a viúva se voltou para o senhor Audley e declarou: — Pensei muitíssimo neste assunto.

— Realmente acredito que deveríamos esperar o duque — atravessou Grace.

A voz soou um pouco aterrada, e não sabia por que se sentia tão angustiada. Talvez porque Thomas fosse a única pessoa que tinha feito suportável a vida esses últimos cinco anos. Se não tivesse sido por ele, teria esquecido o som de sua risada.

Caía bem o senhor Audley. Com toda sinceridade, caía muito bem, mas não permitiria que a viúva entregasse o patrimônio de Thomas enquanto tomavam o café da manhã.

— Senhorita Eversleigh... — disse a viúva, mordaz, para começar uma feroz reprimenda.

— Estou de acordo com a senhorita Eversleigh — cortou o senhor Audley tranquilamente. — Deveríamos esperar que esteja presente o duque.

Mas a duquesa não estava disposta a esperar ninguém. E sua expressão era em parte formidável e em parte desafiante ao dizer: — Devemos viajar para Irlanda. Amanhã, se conseguimos organizá-lo.

CAPÍTULO 10



A reação habitual de Jack quando diziam algo desagradável, fosse uma informação, uma notícia ou uma ordem, era sorrir. Essa era sua reação às coisas agradáveis também, é óbvio, mas qualquer um pode sorrir quando fazem um elogio. Falta talento para curvar as commissuras dos lábios para cima quando se recebe uma ordem, digamos, de limpar a latrina de um dormitório ou ir para trás das linhas inimigas para determinar o número de soldados.

Mas geralmente conseguia. Fosse para tirar excremento, avançar indefeso por entre os franceses, sempre reagia com uma brincadeira irônica e um sorriso indolente.

Isso não era algo que teve que cultivar. Na realidade, a parteira que o trouxe ao mundo jurou até o dia de sua morte que ele era o único bebê que tinha visto sair do útero de sua mãe sorrindo.

Não gostava de conflitos. Nunca gostou, o que deixava muito interessante ter elegido como profissão, primeiro a de militar e, logo, a de delinquente. Mas disparar uma arma a um sapo anônimo ou tirar um colar do pescoço de uma aristocrata superalimentada não supunha nenhum conflito.

Conflito, em sua opinião, era algo pessoal. A traição de uma amante, o insulto de um amigo; dois irmãos que rivalizam pela aprovação de seu pai, um parente pobre obrigado a engolir o orgulho. Uma zombaria, ou uma voz alta e deixar à pessoa pensando que cometeu uma ofensa.

Ou decepcionado à outra pessoa.

Descobriu, com êxito quase total, que um sorriso e um comentário alegre poderia reduzir a tensão de quase todas as situações. Ou mudar de assunto. Isso significava que muito raramente tinha que falar de temas que não fossem de sua preferência.

Entretanto, desta vez, enfrentado a viúva e a sua inesperada declaração (embora devesse ter esperado), a única coisa que pôde fazer foi olhá-la e dizer: — Perdão?

— Devemos ir para a Irlanda — Repetiu ela nesse tom autoritário com que tinha nascido. — De maneira nenhuma poderemos chegar ao fundo do assunto sem visitar o lugar onde aconteceu o casamento. Suponho que nas Igrejas irlandesas tem um registro?

Bom Deus acreditava que todos eram analfabetos? Obrigou-se a engolir a bÍlis e disse, secamente: — É óbvio.

— Estupendo. — A viúva voltou a atenção para sua comida, contudo já bem decidida sobre o que fazer em sua mente. — Averiguaremos quem celebrou a cerimônia e obteremos o registro.

Jack começou a refletir e esticar os dedos debaixo da mesa; sentia-se como se o sangue fosse sair pelos poros.

— Não preferiria enviar a alguém em seu lugar? — perguntou.

A viúva o olhou como se estivesse olhando para um idiota.

— A quem poderia confiar um assunto de tanta importância? Não, tenho que ser eu. E você, é

óbvio, e Wyndham, já que suponho que desejará ver também as provas.

O Jack normal não teria deixado acontecer jamais esse comentário sem acrescentar um muito irônico *Isso diria eu*, mas o Jack do momento, que estava desesperado tentando imaginar uma maneira de ir para a Irlanda sem que o visse sua tia, seu tio e seus primos, mordeu o lábio.

— Senhor Audley? — Disse Grace em voz baixa.

Não a olhou. Resistiu a olhá-la; ela veria mais em seu rosto do que veria a viúva jamais.

— É obvio — Disse energicamente. — Claro que devemos ir.

Porque, o que outra coisa poderia dizer? *Sinto terrivelmente, mas não posso ir para a Irlanda já que matei meu primo?*

Levava uns quantos anos sem estar na sociedade, mas estava muito seguro de que isso não se consideraria um bom tema de conversa durante o café da manhã.

Bom, sabia que não tinha apertado o gatilho, sabia que não tinha obrigado Arthur a comprar uma comissão para entrar no exército junto com ele, e sabia, além disso, e isso era o pior, que sua tia nem sonharia em culpá-lo da morte de Arthur.

Mas conhecia Arthur e, mais importante ainda, Arthur o conhecia melhor que ninguém. Conhecia todas suas forças e todas suas debilidades, e quando finalmente ele fechou a porta à sua carreira universitária e partiu para seguir a carreira militar, Arthur se negou a deixá-lo partir sozinho.

E os dois sabiam por que.

— Poderia ser um pouco ousado tentar partir amanhã — disse Grace. — Terá que encontrar passagens...

— Ora! — exclamou a viúva. — O secretário de Wyndham pode arrumar isso. Já é hora de que justifique o salário. E se não for amanhã, será depois de amanhã.

— Vai querer que a acompanhe? — perguntou Grace em voz baixa.

Jack estava a ponto de exclamar: — *Sim, maldição. Se ela não for eu não vou*, mas adiantou a viúva, que, olhando-a altivamente disse: — É óbvio. Não acredita que vou fazer uma viagem como esta sem acompanhante, verdade? Não posso levar nenhuma criada, as intrigas, sabe? Assim necessitarei alguém que me ajude a me vestir.

— Sabe que não sou muito boa para penteá-la — assinalou Grace.

Então, para horror dos horrores, Jack riu. Foi uma risada curta, cheia de nervosismo, mas bastou para que as damas interrompessem a conversa para olhá-lo.

Vamos. Brilhante. Como poderia explicar sua risada? — *Ignorem-me, simplesmente ri do ridículo de tudo isto. Vocês preocupadas com o cabelo e eu com um primo morto.*

— Acha divertido meu cabelo? — perguntou a viúva, severa.

E, ele, uma vez que não tinha nada a dizer, simplesmente encolheu os ombros e respondeu: — Um pouco.

A viúva emitiu um suspiro de indignação, e Grace o olhou francamente furiosa.

— O cabelo das mulheres sempre me diverte — esclareceu ele. — Tanto trabalho que se tomam, quando o único que deseja qualquer um é vê-lo solto.

Ao parecer as duas relaxaram um pouco; esse comentário, embora atrevido talvez, tirou peso ao

insulto. Depois de dirigir um irritado olhar, a viúva reatou a conversa com Grace.

— Poderia passar a manhã com Maria — disse. — Ensinará o que terá que fazer. Pegue uma das faxineiras da cozinha e pratique com ela. Agradecerá a oportunidade, não tenho dúvida.

Grace não pareceu absolutamente entusiasmada, mas assentiu.

— Muito bem — murmurou.

— Procure que não afete o trabalho da cozinha — acrescentou a viúva e escondeu o último bocado de uma maçã assada. — Um penteado elegante é bastante compensação.

— De que? — perguntou Jack.

A viúva o olhou, com o nariz um pouco mais bicudo que de costume.

— Compensação do que? — repetiu ele, pois tinha vontade de contrariá-la.

A viúva o olhou um momento mais longo e sem dúvida decidiu que era melhor ignorar, pois novamente se voltou para Grace.

— Poderia começar a fazer meus baús quando tiver acabado com Maria.

E, depois, ocupe-se de inventar uma história apropriada para explicar nossa ausência. — Agitou a mão, como se isso fosse algo singelo. — Uma partida de caça na Escócia iria muito bem. Na fronteira, diria eu. Ninguém acreditará se disser que vou às Highlands.

Grace assentiu em silêncio.

— Mas um pouco afastado do caminho trilhado, isso sim — continuou a viúva, com expressão de que o estava desfrutando. — O último que preciso é que algumas de minhas amigas tentem ir me ver.

— Tem muitas amigas? — perguntou Jack, em tom tão amável que ela ficaria todo o dia pensando se a tinha insultado ou não.

— A duquesa viúva é muito admirada — apressou-se em dizer Grace, como a perfeita dama de companhia que era.

Jack decidiu não fazer nenhum comentário.

— Esteve na Irlanda? — perguntou Grace à viúva.

E ele alcançou ver o olhar furioso que esta dirigiu a ele antes de olhar para sua empregada.

— Não, é óbvio que não — Respondeu, com a cara enrugada. — Para que diabos teria ido ali?

— Diz-se que tem um efeito calmante no temperamento — disse Jack.

— Até o momento não me impressiona muito, a influência nos seus modos. — Respondeu a viúva.

— Me acha mal educado?

— Te acho impertinente.

Ele olhou para Grace, suspirando tristemente.

— E eu que acreditava que seria o neto pródigo que não faz nada ruim.

— Todo mundo faz algo ruim — Disse a viúva, secamente. — Sendo assim se trata é do pouco ou muito que se faz mal.

— Eu diria que o mais importante o que alguém faz para corrigir o engano.

— Ou talvez — ladrrou a viúva, furiosa — a gente poderia arrumar para não cometer o engano, em primeiro lugar.

Jack se inclinou para ela, já interessado.

— O que fez meu pai de tão ruim?

— Morreu — disse ela, em um tom tão amargurado e frio que de seu lado da mesa Jack ouviu a inspiração que fez Grace.

— Não o culpa por isso, verdade? Uma terrível tormenta, um navio que...

— Não deveria ter ficado tanto tempo na Irlanda — Disse a viúva. — Para começar, não deveria ter ido. Precisava dele aqui.

— Você — disse Jack amavelmente.

O rosto da viúva perdeu sua habitual rigidez e ele acreditou ver que umedeciam os olhos. Mas fosse qual fosse a emoção que a invadiu, esmagou-a imediatamente. Enterrou o garfo em uma parte de bacon, o levou a boca, mastigou e engoliu.

— Precisávamos dele aqui. Todos.

Grace ficou de pé.

— Procurarei Maria agora, excelência, se parecer bem.

Jack se levantou também. De maneira nenhuma iria permitir que ela o deixasse sozinho com a viúva.

— Acredito que me prometeu um percurso pelo castelo.

Grace olhou para a viúva, logo para ele e novamente à viúva.

Finalmente esta agitou a mão dizendo:

— Ah, leve-o para fazer esse percurso. Deveria ver seu patrimônio antes de sair. Pode ter sua sessão com Maria depois. Eu ficarei aqui esperando Wyndham.

E antes que chegassem à porta a ouviram dizer em voz baixa:

— Se é que esse continua sendo seu título.

Grace estava tão furiosa que não esperou educadamente do outro lado da porta, e já ia pela metade do corredor quando o senhor Audley alcançou.

— Isto é um percurso ou uma corrida? — Perguntou, esboçando esse sorriso que ela já conhecia.

Mas desta vez só aumentou sua fúria.

— Por que a provocou? — soltou. — Por que faz isso?

— O comentário sobre seu cabelo, quer dizer? — perguntou ele, com um desses olhares inocentes que dizem — o que poderia ter saído mal?

Quando tinha que sabê-lo muito, muito bem.

— Tudo — respondeu acalorada. — Estávamos estupendamente bem tomando o café da manhã, e você...

— Pode ser que você estivesse estupendamente bem — Interrompeu-o, e sua voz tinha um tom

que não conhecia. — Eu estava conversando com Medusa.

— Sim, mas não tinha porque piorar as coisas provocando-a.

— Não é isso o que faz sua santidade?

Ela o olhou desconcertada e zangada.

— Do que fala?

— Perdão. — Encolheu os ombros. — Do duque. Notei que ele não segura a língua em sua presença. Ocorreu-me.

— Senhor Aud...

— Ah, mas falei mal. Não é um santo, verdade? Simplesmente é perfeito.

Ela não pôde fazer outra coisa que olhá-lo surpresa. O que tinha feito Thomas para ganhar esse desdém? Com todo direito deveria ser ele o que estivesse de mau humor. E provavelmente estava, para ser justa, mas ao menos foi desafogar sua fúria em outra parte.

— Sua excelência verdade? — continuou o senhor Audley, sem diminuir em nada o desdém na voz. — Tenho tão pouca educação que não sei a forma correta de tratá-los.

— Eu não disse isso. Tampouco disse a duquesa, devo acrescentar. — Exalou um suspiro de irritação. — Agora vai ficar zangada todo o dia.

— Não o está normalmente?

Bom Deus desejou golpeá-lo. Claro que a viúva era difícil sempre.

Ele sabia. Mas o que podia ganhar comentando além da exaltação de sua pessoa, de sua ironia e engenho?

— Ficará pior — disse mordaz. — E serei eu a pagar.

— Minhas desculpas, então — disse ele e se inclinou em uma contrita reverência.

De repente Grace se sentiu incômoda. Não porque acreditasse que ele zombava dela, mas sim porque estava segura de que não.

— Não foi nada — balbuciou. — Não corresponde a você preocupar-se com minha situação.

— A Wyndham sim?

Ela o olhou, e ficou um pouco cativada pela franqueza de seu olhar.

— Não — Disse. — Sim, preocupa-se, mas não...

Não, não se preocupava. Thomas cuidava dela, sim, e em mais de uma ocasião interveio quando considerava que a tinham tratado injustamente, mas jamais ficava calado ante sua avó para conservar a paz. E ela nem sonharia pedir. Nem brigar com ele.

Era o duque. Ela não podia falar com ele dessa maneira, por muito amigos que fossem.

Mas o senhor Audley era...

Fechou os olhos e desviou o rosto para que ele não visse a confusão em que estava. No momento era simplesmente o senhor Audley, e não estava muito acima dela. Mas seguia soando em seus ouvidos a voz da viúva, suave e ameaçadora: — *Se é que esse continua sendo seu título.*

Referia-se a Thomas, logicamente. Mas também era certo o equivalente; se Thomas não fosse Wyndham, seria o senhor Audley.

E esse homem, esse homem que a tinha beijado duas vezes, fazendo-a sonhar com algo que escapava às paredes do castelo, viveria no castelo. O título de duque não era somente palavras no final do nome. Significava terras, significava dinheiro, era a história da Inglaterra colocada sobre os ombros de um homem. E se uma coisa tinha aprendido nos cinco anos que estava em Belgrave, era que os aristocratas são diferentes do resto da humanidade. Mortais, sim, sangram e choram como todo mundo, mas levam consigo algo que os distingue, separa-os, o fazem diferentes.

Melhor não eram; por muito que exortasse a viúva sobre o tema, jamais acreditaria nisso. Mas sim eram diferentes. Além disso, estavam configurados pelo conhecimento de sua história e seus papéis nela.

Se o nascimento do senhor Audley fosse legítimo, ele seria o duque de Wyndham e ela uma solteirona insensata por sonhar com ele.

Fez uma profunda inspiração para recuperar-se e quando pareceu que tinha os nervos calmos, virou-se para ele.

— Que parte do castelo gostaria de ver, senhor Audley?

Ele deve ter percebido que esse não era um momento para exigir nada, porque respondeu alegremente: — Tudo, logicamente, mas imagino que isso não seja possível em uma só manhã. Por onde sugere que comecemos?

Ele esteve muito interessado nos quadros de seu quarto essa noite, pensou ela, assim a galeria pareceu um lugar lógico para começar.

— Pela galeria?

— E contemplar os rostos amistosos de meus supostos antepassados? — Suas narinas se agitaram e quase deu a impressão de que engoliu algo desagradável. — Acredito que não. Já tive bastante de antepassados para uma manhã, obrigado.

— Estes antepassados já estão mortos — murmurou Grace, sem poder acreditar que tinha o descaramento para dizer isso.

— Que é como os prefiro, mas não esta manhã.

Ela olhou para o outro lado do corredor, onde se via a luz do sol que entrava pela janela.

— Poderia mostrar os jardins.

— Não estou vestido para isso.

— A estufa.

Ele deu um golpe na orelha.

— Feito de lata, temo.

Ela apertou os lábios para não rir, e passado um momento, perguntou: — Pensou em algum lugar?

— Muitos — respondeu ele imediatamente — mas deixariam destruída sua reputação.

— Senhor Aud...

— Jack — recordou ele e, assim, diminuiu o espaço entre eles. — Ontem à noite me chamou Jack.

Grace não se moveu, mesmo que formigassem os calcanhares para retroceder. Ele não estava tão

perto para beijá-la, e nem sequer para roçar casualmente o braço com a mão. Mas de repente sentiu vazio de ar os pulmões e o coração acelerado com pulsações irregulares.

Sentiu a palavra formando-se em sua língua: Jack. Mas não podia dizê-la. Não nesse momento, com a imagem dele como duque ainda fresca na mente.

— Senhor Audley — Disse, e embora tentasse dizê-lo com severidade não o conseguiu de tudo.

— Estou destroçado — disse ele, justo com a nota exata de frivolidade para que ela recuperasse a serenidade. — Mas continuarei por árduo que seja.

— Sim, tem aspecto de sentir-se muito desanimado.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Notei sarcasmo?

— Só um pouco.

— Bom, porque asseguro. — Golpeou. o coração — que por dentro estou morrendo.

Ela riu, mas tentou conter-se, assim a risada saiu mais parecida com um suspiro. Deveria sentir-se sobressaltada, se houvesse outra pessoa teria se sentido; mas havia devolvido a serenidade, assim sentiu desejo de sorrir. Percebia o talento que requeria isso: — Converte qualquer conversa em um sorriso?

— Venha comigo, senhor Audley — Disse, indicando com um gesto que a acompanhasse pelo corredor. — Mostrarei meu lugar favorito.

— Há cupidos?

Ela pestanejou.

— Perdão?

— Esta manhã me atacaram os cupidos — disse ele, encolhendo os ombros como se isso fosse algo que ocorria cada dia. — Onde me visto.

Novamente ela sorriu esta vez com um sorriso mais longo.

— Ah, tinha esquecido. São muitos, não?

— A não ser que goste dos bebês nus.

Novamente a risada saiu como um suspiro.

— Tem algo na garganta? — perguntou ele, todo inocência.

Lançou um olhar irônico.

— Acredito que foi decorado pela bisavó do atual duque.

— Sim, já havia imaginado que não foi a viúva — Disse ele alegremente.

— Não me parece do tipo que gosta dos querubins de nenhuma índole.

A imagem que veio à mente com isso a fez rir forte.

— Por fim — Disse ele, e ao ver sua expressão de curiosidade, acrescentou: — Estava pensando que iria se afogar por reprimir a risada.

— Parece que você também recuperou o ânimo -observou ela.

— Para isso só fazia falta retirar minha presença da presença *dela*.

— Mas se só conheceu a viúva ontem. Suponho que antes já teria vivido algum acontecimento desagradável.

Ele sorriu da brincadeira.

— Fui feliz desde o momento em que nasci.

— Oh, vamos senhor Audley.

— Jamais reconheço meus estados de ânimo negativos.

— Simplesmente os experimenta? — perguntou ela, com as sobrancelhas arqueadas.

Ele riu.

— Pois sim.

Caminharam amigavelmente pela parte de atrás da casa e de repente perguntou para onde iam.

— Não direi — Respondeu ela tentando libertar-se da tola sensação de espera que começava a percorrê-la. — Dito com palavras não parece nada especial.

— Só outro salão, não é?

Para todos outros, talvez, mas para ela era um lugar mágico.

— Quantos há, por certo?

Ela parou, tentando contá-los.

— Não sei bem. A viúva só prefere três, assim raramente usamos os outros.

— Cheios de poeira e mofados?

Ela sorriu.

— Limpam os cada dia.

— Ah, claro — Disse ele, olhando ao redor.

Ela o observou e pareceu que não se via intimidado pela grandeza que o rodeava, só parecia divertido.

Não, não divertido. Era mais bem uma espécie de incredulidade sarcástica, como se estivesse pensando se poderia permutar tudo isso por ser sequestrado por uma duquesa viúva diferente; talvez uma com um castelo menor.

— Um peni por seus pensamentos, senhorita Eversleigh — disse ele — Embora esteja seguro de que valem uma libra.

— Mais — disse ela por cima do ombro.

O humor dele era contagioso, e se sentia assim. Isso era desconhecido. Desconhecido e agradável.

Ele levantou as mãos em gesto de rendição.

— Um preço muito elevado. Sou apenas um salteador pobre.

Ela inclinou a cabeça.

— Isso não o faz um salteador sem êxito?

— Meio louco, mas, ai de mim, não é verdade. Tive uma carreira muito lucrativa. A vida de ladrão vai à perfeição a meus talentos.

— Seus talentos são apontar com uma arma e despojar de seus colares os pescoços das damas?

— As *enfeitiço* para que os tirem antes — disse ele, movendo a cabeça como se estivesse muito ofendido. — Tenha a amabilidade de fazer essa distinção.

— Vamos, por favor.

— A enfeiticei.

— Pois não — Respondeu ela, indignada.

Antes que ela pudesse afastar-se, agarrou a mão e a levou a seus lábios.

— Recorde essa noite, senhorita Eversleigh. A luz da lua, a suave brisa.

— Não havia brisa.

— Está estragando minha lembrança — grunhiu ele.

— Não havia brisa. Está acrescentando romantismo ao encontro.

— E não é capaz de me compreender? — disse ele, sorrindo travesso. — Nunca sei quem vai sair pela porta do carro. A maioria das vezes é um texugo velho resfolegando.

O primeiro que pensou Grace foi perguntar se com *texugo* se referia a um homem ou a uma mulher, mas decidiu que com isso só daria fôlego. Além disso, não tinha soltado sua mão e estava acariciando a palma com o polegar, e essas carícias limitavam gravemente a capacidade para encontrar uma resposta engenhosa.

— Aonde me leva senhorita Eversleigh? — perguntou ele, apenas em um murmúrio, roçando a pele com seu fôlego.

Estava-a beijando outra vez, e estremeceu todo o braço pela excitação.

— À volta por aquele lado. — Sussurrou.

Ao que parece a voz a tinha abandonado, e escassamente podia respirar.

Então ele se endireitou, mas não soltou a mão.

— Guie-me, senhorita Eversleigh.

E ela o guiou, puxando-o brandamente pela mão em direção a seu destino. Para todos era apenas um salão, decorado em cores nata e dourado, com um ocasional toque de verde claro. O horário e as atividades impostas pela viúva tinham dado motivos para entrar ali a essa hora da manhã, quando o sol ainda estava no horizonte.

A primeira hora da manhã, o ar parecia vibrar, com uma cor quase dourada pela luz; há essa hora, em que a luz do sol entrava pelas janelas desse afastado salão sem nome, o mundo parecia resplandecer. No meio da manhã só seria um salão luxuosamente decorado, mas nesse momento, em que ainda cantavam as cotovias fora, era mágico.

Se ele não via isso...

Bom, não sabia o que significaria se ele não visse isso, mas seria decepcionante. Era algo insignificante, sem nenhum sentido para ninguém além dela, entretanto...

Desejava que ele visse a simples magia da luz da manhã; a beleza e agrado da única habitação de Belgrave que quase podia imaginar que fosse sua.

— Quase chegamos — disse, um pouco sem fôlego pela espera.

A porta estava aberta e enquanto se aproximavam viu a luz que caía oblíqua iluminando o liso chão. Tinha uma cor dourada e via cada bolinha de pó que flutuava no ar.

— Há um coro secreto? — brincou ele. — Uma casa de feras fantástica?

— Nada tão vulgar — Respondeu ela. — Mas feche os olhos. Deveria vê-lo imediatamente.

Agarraram as duas mãos e de frente a ela colocou-as sobre seus olhos. Isso a aproximou terrivelmente dele, com os braços levantados, o corpete de seu vestido a pouquíssima distância da fina jaqueta dele. Seria muito fácil apoiar-se nele e suspirar; poderia descer as mãos, fechar os olhos e aproximar o rosto do dele; então ele a beijaria e ela ficaria sem fôlego, perderia sua vontade e o desejo de ser apenas ela nesse momento.

Desejou fundir-se com seu corpo. Desejou ser uma parte dele. E o mais estranho de tudo, ali, nesse momento, banhados pela luz dourada, isso pareceu o mais natural do mundo.

Mas ele tinha os olhos fechados e perdia uma parte da magia. E a perdia, porque se houvesse sentido tudo o que flutuava ao redor dela e em seu interior, não haveria dito com sua voz mais absolutamente encantadora: — Ainda não chegamos?

— Quase — disse ela.

Deveria agradecer que se rompesse o momento. Deveria sentir-se aliviada por não ter feito o que sem dúvida lamentaria.

Mas não se sentia aliviada. Desejava lamentá-lo. Desejava-o terrivelmente. Desejava fazer algo que sabia que não deveria fazer, e desejava jazer na cama de noite agasalhada pela lembrança.

Mas não era tão valente para iniciar sua própria queda. Assim, simplesmente, levou-o até a porta aberta e disse em voz baixa: — Chegamos.

CAPÍTULO 11



Jack olhou e ficou sem fala.

— Ninguém vem aqui além de mim — disse Grace em voz baixa. — Não sei por que.

A luz. A luz do sol ondulava no ar ao entrar pelos irregulares vidros das janelas.

— É mágico, no inverno especialmente — continuou ela, com a voz um pouco entrecortada. — Não sei explicar. Acredito que o sol está mais baixo. E com a neve...

Era a luz. Tinha que ser a luz. Era essa forma de vibrar, do brilho sobre ela.

Oprimiu o coração. Golpeou-o como um punho essa necessidade, esse desejo avassalador. Não podia falar. Nem sequer podia começar a dizer uma sílaba.

— Jack? -sussurrou ela, e isso bastou para tirá-lo do transe.

— Grace.

Uma só palavra, mas foi uma bênção. Isso era muito mais que desejo, era necessidade. Era algo indefinível, inexplicável, vivo, que vibrava dentro dele e só ela podia apaziguar. Se não a abraçasse, se não a acariciasse nesse mesmo momento, algo morreria dentro dele.

Nada podia ser mais aterrador para um homem que tentar considerar a vida como uma interminável série de ironias e ocorrências engenhosas.

Abriu os braços e a atraiu para si bruscamente; sem delicadeza nem suavidade. Não podia. Era impossível nesse momento, em que a necessitava tão terrivelmente.

— Grace — repetiu, porque isso era ela para ele.

Encontrava impossível que só a conhecesse a um dia. Ela era sua graça, sua Grace, e era como se sempre tivesse estado dentro dele, esperando que por fim ele abrisse os olhos e a encontrasse.

Colocou as mãos em seu rosto; era um tesouro incalculável e, entretanto não conseguia obrigar-se a tocá-la com a reverência que se merecia; tinha as mãos torpes, o corpo agitado e vibrante. Seus olhos, tão claros, tão azuis, poderia afogar-se neles. Desejava afogar-se neles, inundar-se nela e não sair jamais.

Roçou os lábios com os seus e se encontrou imerso nela. Para ele não existia nada fora dessa mulher, nesse momento e talvez inclusive para todos os momentos do resto de sua vida.

— Jack — suspirou ela.

Era a segunda vez essa manhã que o chamava por seu nome, e isso fez com que ondas de desejo percorressem todo seu corpo já tenso.

— Grace — respondeu.

Não se atreveu a dizer nada mais, não fosse que pela primeira vez em sua vida falhasse a eloquência e saíssem mal as palavras; diria algo que significaria muito pouco ou talvez algo que

significaria muito. E então ela saberia se por algum milagre não soubesse ainda, que o tinha enfeitado.

Beijou-a ávida e apaixonadamente, com todo o fogo que ardia dentro. Desceu as mãos por suas costas, memorizando a suave curva de sua coluna, e quando chegou às curvas mais exuberantes de seu traseiro, não pôde evitar, apertou-a contra ele com mais força. Estava excitado, mais do que teria podido imaginar, e só podia pensar, se é que pensava, era que a necessitava mais perto, junto do seu corpo. O que pudesse conseguir, o que pudesse ter, tomaria nesse momento.

— Grace — repetiu, deslizando sua mão pela pele das clavículas, justo por cima do recatado decote.

Ela se encolheu e ele parou o movimento, sem poder imaginar como poderia afastar-se. Mas cobriu a mão com a sua e murmurou:

— Estou surpreso.

Com as mãos trêmulas deslizou os dedos por sua pele, roçando o tecido de seu decote; acreditou notar que aceleravam os batimentos do coração com sua carícia, e nunca em sua vida esteve tão consciente de um só som, do ar ao passar por seus lábios.

— Que formosa é — murmurou.

E o surpreendente foi que disse isso sem sequer olhar para seu rosto. Era simplesmente sua pele, sua cor branca leitosa e a cor rosa claro que deixavam seus dedos.

Desceu a cabeça e deslizou suave e meigamente os lábios pelo oco da base da garganta. Então ela afogou uma exclamação, ou talvez gemesse, e jogou lentamente a cabeça para trás, em silenciosa aceitação. Tinha-o rodeado com os braços e tinha as mãos em seu cabelo. Então, sem sequer pensar no que fazia, levantou-a nos braços e, atravessando a sala, depositou-a no largo sofá situado perto da janela, banhado pela mágica luz do sol que tinha seduzido aos dois.

Esteve um momento ajoelhado a seu lado, sem poder fazer outra coisa que contemplá-la, até que finalmente acariciou a bochecha com a mão trêmula. Ela o estava olhando e em seus olhos ele viu maravilha, espera e, sim, um pouco de nervosismo.

Mas também havia confiança. Desejava-o. A ele, não a nenhum outro.

Nunca antes a tinham beijado, disso tinha certeza. Poderia aceitar um beijo antes se quisesse, disso tinha mais certeza ainda. Uma mulher com a beleza de Grace não chega a sua idade sem ter rejeitado muitíssimos cuidados e insinuações.

Tinha esperado. Tinha esperado a ele.

Assim ajoelhado se inclinou para beijá-la, descendo brandamente a mão desde sua bochecha ao ombro e daí a seu quadril. Intensificou-se sua paixão, e a dela também. Correspondia o beijo com um entusiasmo que tirava o fôlego.

— Grace, Grace — gemeu, com a boca sobre a dela.

Procurou a barra do vestido e colocou a mão por baixo, agarrando o esbelto tornozelo. E daí foi deslizando para cima, até chegar ao joelho.

Continuou para cima, pela coxa, até que não pôde suportar e subiu ao sofá, cobrindo-a em parte com seu corpo.

Desceu os lábios por seu pescoço e a sentiu fazer uma forte inspiração com a boca em sua

bochecha. Mas não disse não. Não cobriu a mão com a sua para impedir que continuasse. Não fez nada, além de sussurrar seu nome e arquear os quadris.

Ela não podia saber o que significava esse movimento, não podia saber o que fazia com ele, mas essa ligeira pressão ao arquear-se, apertando-se contra seu membro excitado, levou-o ao máximo do desejo e necessidade.

Continuou beijando seu pescoço, descendo até a suave elevação de seu seio, e seus lábios encontraram a borda do decote por onde tinha passado os dedos antes. Ergueu-se, afastando-se dela um pouco, o suficiente para poder passar um dedo por debaixo da borda do vestido, para introduzir a mão, ou talvez levantá-la, o que fosse necessário para liberá-la a suas carícias.

Mas justo quando iria deslizando a mão para seu destino, justo quando faltava um glorioso segundo para alcançar o vértice entre suas pernas, pele com pele, sentindo o roce do rígido tecido na palma, ela emitiu uma exclamação; suave, de surpresa.

E de consternação.

— Não, não posso.

Com um brusco movimento se liberou dele e ficou de pé, arrumando o vestido. Tremiam as mãos; era mais que tremor, pareciam cheias de uma energia estranha, nervosa, e quando a olhou nos olhos, sentiu-se como se o perfurasse com uma faca.

Não era repugnância o que viu; não era medo. Era angústia.

— Grace — disse, aproximando-se — O que aconteceu?

— Sinto muito — disse ela, retrocedendo. — Não... Não deveria ter... Não agora. Não até... — Rapidamente cobriu a boca com uma mão.

— Não até...? Grace? Não até o que?

— Sinto muito — repetiu ela, confirmando a crença de que essas eram as duas palavras piores do idioma. Inclinou-se em uma rápida e mecânica reverência. — Devo ir.

Então saiu correndo da sala, deixando-o absolutamente sozinho.

Esteve um minuto inteiro olhando a porta, tentando imaginar o que tinha acontecido. E só quando finalmente saiu ao corredor percebeu que não tinha a menor ideia de como chegar a seu dormitório.

Grace passou pelos corredores de Belgrave meio caminhando, meio saltando e meio correndo, enfim, qualquer coisa para chegar a seu dormitório com igual medida de dignidade e rapidez. Se os criados a viam (e não conseguia imaginar que não a vissem; essa manhã pareciam estar por toda parte), sem dúvida sentiriam curiosidade por saber o que a afligia.

A viúva não a esperava. Sem dúvida acreditava que estava fazendo o percurso da casa com o senhor Audley. Tinha pelo menos uma hora antes que tivesse que mostrar-se de novo em público.

Bom Deus, o que tinha feito? Se finalmente não tivesse caído em si mesma, recordado quem era ele e quem poderia ser teria permitido continuar. Tinha desejado que continuasse, tinha-o desejado com um ardor que a horrorizava. Quando agarrou a mão, quando a abraçou, despertou algo nela.

Não. Isso ele despertou duas noites atrás. Aquela noite à luz da lua, fora da carruagem, nasceu algo dentro dela. E nesse momento...

Sentou-se na cama, desejando esconder-se debaixo das mantas, mas continuou sentada olhando a

parede. Não havia volta atrás. É impossível não ter sido beijada uma vez que já se beijaram.

Fazendo uma inspiração nervosa, ou talvez emitindo uma risada histérica, cobriu o rosto com as duas mãos. Como pôde escolher ao homem menos conveniente para apaixonar-se? Não, seus sentimentos não eram de amor, disse a si mesma, para tranquilizar-se, mas não era tão tonta como para não reconhecer suas inclinações. Se permitisse... Se permitisse que ele...

Se apaixonaria.

Oh Deus.

Ou ele era um bandido, e estava destinada a associar-se com um foragido, ou era o verdadeiro duque de Wyndham, em cujo caso...

Riu, porque isso era francamente divertido. Tinha que ser divertido.

Se não era divertido só podia ser trágico, e não se via capaz de lidar com isso nesse momento.

Fabuloso. Apaixonada pelo duque de Wyndham. Bom, isso sim seria fenomenal. Veja em quantos sentidos isso seria um desastre? Ele seria seu empregador, para começar, o dono da casa em que ela vivia, e seu lugar na sociedade estaria tão acima dela, que a distância era quase incomensurável.

E logo tinha Amélia. Estava claro que não formava um bom casal com Thomas, mas tinha todo o direito de supor que seria a duquesa de Wyndham quando se casasse. Não conseguia imaginar a mal educada e arrivista que pareceria aos olhos das Willoughby, suas boas amigas, se alguém a visse jogando-se nos braços do novo duque.

Fechando os olhos tocou os lábios com as pontas dos dedos. Se respirasse pausada e profundamente talvez relaxasse. Embora continuasse quase sentindo a presença dele, suas carícias, o calor de sua pele.

Horrível.

Maravilhoso.

Era uma idiota.

Deitou-se na cama soltando uma larga e lenta expiração. Curioso quanto desejava uma mudança, algo que rompesse a monotonia de seus dias atendendo à viúva. Pois sim que zombeteira a vida, não? E o amor...

O amor era a brincadeira mais cruel de todas.

— Lady Amélia veio vê-la, senhorita Eversleigh.

Grace se levantou bruscamente, pestanejando. Deve ter adormecido.

Não recordava a última vez que dormiu ao meio-dia.

— Lady Amélia? — Repetiu surpresa. — Com lady Elizabeth?

— Não senhorita. Veio sozinha.

Grace se sentou com as costas retas e flexionou os pés e as mãos para avivar seu corpo.

— Que curioso. Diga, por favor, que descerei em seguida.

Assim que a criada saiu foi olhar em seu pequeno espelho para arrumar o cabelo. Estava pior do que supunha, embora não pudesse saber se o desordenou por estar na cama dormindo ou foi o

senhor Audley.

Sentiu subir o rubor às bochechas ao recordar e se queixou disso com um gemido. Fazendo munção da resolução, colocou as presilhas e saiu do quarto, caminhando a um passo mais enérgico possível, como se a velocidade e o par de ombros retos fossem manter a raia todas suas preocupações.

Ou, como mínimo, fazê-la parecer como se não importassem.

Encontrava estranho que Amélia tivesse ido a Belgrave sem Elizabeth.

Não recordava que tivesse feito isso antes. Ao menos não para vê-la.

Talvez sua primeira intenção fosse visitar Thomas, que seguia fora, pelo que ela sabia.

Desceu apressadamente a escada e virou em direção ao salão que dava à fachada da casa. Mas ainda não tinha dado dez passos quando alguém a agarrou pelo braço e a fez entrar em uma sala lateral.

— Thomas! — Exclamou.

Era ele; estava bastante cansado e tinha um feio machucado sob o olho esquerdo. Sua aparência a chocou. Nunca o viu tão desalinhado, a camisa enrugada, sem gravata e, decididamente, não tinha se penteado nem sequer com as mãos.

E os olhos; estavam avermelhados na borda das pálpebras, nada próprio dele.

— O que aconteceu?

Ele colocou um dedo nos lábios e fechou a porta.

— Esperava outra pessoa? — perguntou.

Ela sentiu subir o calor às bochechas. Na realidade, quando sentiu a forte mão masculina em seu braço e logo o puxão, supôs que seria o senhor Audley, que queria roubar um beijo. Ruborizou mais ainda ao perceber que a decepcionou que não fosse ele.

— Não — Apressou a responder, embora soubesse que ele tinha percebido que era mentira. Olhou ao redor para ver se estavam sozinhos. — O que acontece?

— Precisava falar contigo antes que visse lady Amélia.

— Ah, sabe que está aqui, então?

— Eu a trouxe.

Os olhos dela aumentaram. Isso sim que era uma novidade. Ele esteve fora toda a noite e se via bastante mal. Olhou para um relógio próximo.

Ainda não era nem meio-dia. A que hora pôde passar para recolher Amélia?

E onde?

E por quê?

— É uma longa história -seguiu dizendo ele, sem dúvida para evitar que fizesse perguntas. — Mas basta dizer a mãe dela que esteve em Stamford esta manhã e a convidou para vir a Belgrave.

Ela arqueou as sobrancelhas. Se estiver pedindo que mentisse, o assunto era muito grave na realidade.

— Thomas, muitas pessoas sabem muito bem que não estive em Stamford esta manhã.

— Sim, mas sua mãe não é uma delas.

Grace não sabia se sentia-se escandalizada ou encantada. Ele tinha comprometido Amélia? Por que, se não, tinham que mentir para sua mãe por que?

— Isto... Thomas — disse, sem saber muito bem como continuar. — Acredito que devo te dizer que dada à quantidade de prosternações, imagino que lady Crowland estaria encantada de saber que...

— Vamos, pelo amor de Deus — resmungou ele — Não é nada disso. Amélia me ajudou a vir para casa quando viu que eu estava... — Ruborizou.

Thomas ruborizado!

— Mau.

Grace mordeu o lábio para não sorrir. Era incrível quão agradável resultava a imagem que apresentava Thomas, absolutamente serena.

— Foi muito caridosa — Disse, talvez com excessiva grosseria, mas não o pôde evitar.

Ele a olhou indignado e com isso só fez mais difícil manter o rosto sério. Esclareceu a garganta.

— Há... Isto... Considerou a possibilidade de se arrumar um pouco?

— Não — Ladrou ele — Eu gosto bastante de parecer um idiota sujo.

Grace fez uma careta.

— Agora escute — Continuou ele, muito resolvido. — Amélia vai repetir o que disse, mas é fundamental que não fale do senhor Audley.

— Jamais diria nada — apressou-se a dizer ela. — Não me corresponde.

— Estupendo.

— Mas ela vai desejar saber por que você estava... Isto... Oh Deus, como dizer de maneira educada?

— Você não sabe por que — disse ele firmemente. — Simplesmente diga isso. Por que vai suspeitar que soubesse mais?

— Sabe que te considero um amigo. E, além disso, vivo aqui. Criadas sempre sabem tudo. Ela sabe.

— Você não é uma criada — resmungou ele.

— Sou e sabe — respondeu ela, quase divertida. — A única diferença é que me permite vestir roupa mais fina e de vez em quando conversar com os hóspedes ou as visitas. Mas te asseguro que sei de toda fofoca.

Durante vários segundos ele não fez outra coisa que olhá-la, como se esperasse que ela risse e dissesse — *Era uma brincadeira*. Finalmente, resmungou algo em voz baixa, algo que teve a certeza de que não desejava que ela entendesse (e não entendeu; os criados às vezes diziam palavras subidas de tom, mas nunca maldições e blasfêmias).

— Por mim, Grace — disse ele, olhando-a nos olhos. — Diria que não sabe nada?

Isso era o mais próximo a uma súplica que ouvia pela primeira vez, e isso a desorientou e produziu um imenso desconforto.

— É óbvio — disse — tem minha palavra.

Ele assentiu energicamente.

— Amélia está esperando.

— Sim. Sim, claro.

Foi apressadamente até a porta, mas quando tocou a maçaneta, descobriu que ainda não estava disposta a sair. Virou-se e lançou um último olhar.

Não era ele. Ninguém podia recriminá-lo; foram dois dias muito extraordinários. Mas de todos os modos, preocupava-a.

— Ficar bem? — Perguntou.

E imediatamente lamentou ter perguntado. A ele moveu o rosto, pareceu retorcer-se e ela não soube se começaria a rir ou a chorar. Mas sim sabia que não desejava presenciar nem um nem o outro.

— Não me responda — balbuciou, e saiu correndo da sala.

CAPÍTULO 12



Jack encontrou seu dormitório, finalmente, mas embora tivesse quase a certeza de que ainda estaria dormindo feliz se não estivesse tão resolvido a acompanhar Grace no café da manhã, quando deitou sobre a colcha com a intenção de dormir uma sesta, não conseguiu conciliar o sono.

Isso o irritava tremendamente. Sempre se orgulhou de sua capacidade para dormir a vontade, isso foi muito útil durante seus anos de soldado.

Nenhum de seus companheiros conseguia dormir bem, nem em quantidade nem em qualidade. Ele dormia em qualquer lugar se tivesse tempo, e seus amigos invejavam terrivelmente que pudesse apoiar-se em uma árvore, fechar os olhos e dormir antes de três minutos.

Mas parecia que nesse dia não era capaz, mesmo que em lugar de um nodoso tronco de árvore tinha o colchão mais fofo e cômodo que podia comprar o dinheiro. Fechou os olhos, fez suas habituais respirações profundas... Nada.

Nada a não ser Grace.

Adoraria dizer que ela o atormentava, mas seria mentira. Não era culpa dela que ele fosse um idiota. E, a verdade, não era que estivesse totalmente desesperado por ela (embora estivesse e muito desagradavelmente também).

Não conseguia tirar da cabeça porque não queria tirá-la da cabeça. Se não pensasse em Grace teria que começar a pensar em outras coisas. Na possibilidade de que ele fosse o duque de Wyndham, por exemplo.

A possibilidade. Ora. Sabia que era verdade. Seus pais estavam casados. O único que precisava era localizar o registro da paróquia.

Fechou os olhos, tentando tirar de cima a entristecedora sensação de terror que pesava sobre ele. Deveria ter mentido e dito que seus pais não estavam casados. Mas, maldição, quando disse que estavam não sabia quais seriam as consequências. Ninguém disse que seria coroadado como um maldito duque. A única coisa que sabia era que estava tremendamente furioso com a viúva por tê-lo sequestrado e com Wyndham por olhá-lo como se fosse algo que teria que colocar debaixo do tapete.

E então chega Wyndham e diz, com essa voz lisonjeadora e de superioridade: — *Seus pais, estavam casados?*

Bom, ele ladrrou a resposta antes de tomar um momento para pensar nas consequências. Essas pessoas não eram melhores que ele; não tinham nenhum direito a difamar seus pais.

Mas já era muito tarde. Embora tentasse mentir e retratar-se, a viúva não descansaria até que tivesse deixado sulcada toda a Irlanda com seus rastros em busca do documento que certificava o matrimônio.

Ela desejava que ele fosse o herdeiro, isto estava muito claro. Era difícil imaginá-la amando a

alguém, mas ao parecer tinha adorado seu segundo filho.

Seu pai.

E embora a viúva não tivesse demonstrado ter nenhum afeto especial (e não é que ele se tomou a moléstia de fazer ou dizer algo para impressioná-la), estava claro que preferia a ele antes que a seu outro neto.

Não tinha nem ideia do que poderia ter ocorrido entre ela e o atual duque, se é que tivesse ocorrido algo. Mas havia muito pouco afeto entre eles.

Reconhecendo finalmente a derrota e renunciando à ideia de dormir, levantou-se e foi para a janela. O sol já estava brilhante e alto no céu, e de repente se apoderou dele a necessidade de sair ao ar livre, ou, melhor dizendo, fora de Belgrave. Curioso que alguém pudesse sentir-se tão preso em um edifício tão grande. Mas se sentia e desejava sair.

Atravessou o quarto e agarrou sua jaqueta. Via-se satisfatoriamente desalinhada em cima do fino traje de Wyndham que vestiu essa manhã.

Quase desejou encontrar-se com a viúva, para que o visse com a jaqueta toda poeirenta e desgastada pelo uso nas estradas.

Quase o desejou, só quase.

A passos largos e rápidos desceu em direção ao vestibulo de entrada, mais ou menos o único lugar que sabia chegar. Seus passos ressoavam desagradavelmente sobre o mármore. Tudo fazia eco nessa casa. Era muito grande, muito impessoal, muito...

— Thomas?

Parou. Era uma voz feminina. Não a de Grace. Jovem; duvidosa de seu entorno.

— É...? Ah, perdoe.

Era uma garota, de estatura mediana, loira, olhos castanhos bastante atrativos. Estava perto da porta do salão ao que o levaram no dia anterior.

Tinha as bochechas deliciosamente rosadas, com umas quantas sardas que seguro ela detestava (todas as mulheres detestam suas sardas, já sabia).

Havia nela algo excepcionalmente agradável. Se não estivesse tão obcecado por Grace, paqueraria com ela.

— Lamento decepcioná-la — disse, sorrindo travesso.

Isso não era paquera, era sua maneira de conversar com todas as damas; a diferença estava na intenção.

— Não, não, foi meu engano. Estava sentada aí. — Fez um gesto para trás, para um conjunto de poltronas. — Quando vi passar me pareceu que fosse o duque.

Tinha que ser a noiva, compreendeu Jack. Muito interessante; encontrou difícil imaginar por que Wyndham evitava o casamento.

Inclinou-se em uma elegante reverência.

— Capitão Jack Audley, para servi-la, senhora.

Fazia tempo que não se apresentava como um militar, mas pareceu o apropriado.

Ela se inclinou em uma cortês reverência.

— Lady Amélia Willoughby.

— A noiva de Wyndham.

— Conhece, então? Ah, bom, claro que conhece. É um hóspede aqui. Ah, deve ser seu companheiro de esgrima.

O dia estava ficando mais interessante por momentos.

— Falou de mim?

— Não muito — Respondeu ela.

Pestanejou olhando um lugar que não eram seus olhos. Ele percebeu que estava olhando sua bochecha, na qual tinha uma mancha adquirida na briga com seu noivo no dia anterior.

— Ah, isto — disse aparentado uma leve vergonha. — Vê-se muito pior do que é na realidade.

Ela desejou perguntar como o fez; viu-o em seus olhos. Teria visto o olho arroxeadado de Wyndham? Sem dúvida isso teria despertado a curiosidade.

— Diga-me, lady Amélia, de que cor está hoje? — perguntou cordialmente.

— Sua bochecha? — perguntou ela, um pouco surpresa.

— Sim. As manchas tendem a verem-se piores com o passar do tempo, fixou-se? Ontem estava muito púrpura, quase púrpura régio, misturado com matizes azuis. Não olhei no espelho estas últimas horas. — Girou a cabeça para que ela o visse melhor. — Segue igual de atrativo?

Ela aumentou os olhos, ao parecer sem saber o que dizer. Ele pensou que talvez não estivesse acostumada a que os homens paquerassem com ela.

Vergonhoso por parte de Wyndham; fazia um mau trabalho.

— Isto... Não — Respondeu ela então. — Eu não o chamaria atrativo.

Ele riu.

— Não segura à língua, não é?

— Acredito que esses matizes azuis dos quais estava tão orgulhoso ficaram um pouco verdes.

— Para combinar com meus olhos? — disse ele sorrindo.

— Não — Disse ela, ao parecer imune a seus encantos — não com a púrpura em cima. Vê-se bastante horrendo.

— Púrpura misturado com verde faz...?

— Um desastre.

Jack voltou a rir.

— É encantadora, lady Amélia. Mas não me cabe dúvida de que seu noivo diz isso em todas as ocasiões possíveis.

Ela não respondeu. E não podia responder, logicamente. As únicas respostas possíveis eram sim, com o que revelaria presunção, ou não, com o que revelaria a negligência de Wyndham. Uma dama não deseja revelar nenhuma dessas duas coisas ao mundo.

— Espera a ele aqui? — perguntou, dizendo-se que era o momento de pôr fim à conversa.

Lady Amélia era encantadora, e não podia negar que sentia certa diversão por conhecê-la e falar com ela sem que soubesse Wyndham, mas de todos os modos sentia algo tenso por dentro e não via a hora de sair ao ar livre.

— Não — Respondeu ela — Só... — esclareceu garganta. — Vim ver a senhorita Eversleigh.

A Grace? E quem podia dizer que um homem não poderia tomar ar fresco em um salão? Só teria que abrir uma janela.

— Conhece a senhorita Eversleigh? — perguntou lady Amélia.

— Sim. É muito formosa.

— Sim. — Ficou em silêncio um momento, justo o suficiente para que ele sentisse curiosidade. — É muito admirada por todo mundo.

A ele ocorreu que poderia criar um problema para Wyndham. Uma singela frase murmurada faria muitíssimo: — *Tem que ser difícil para você, com uma dama tão formosa residindo aqui em Belgrave.* Mas criaria um problema igual para Grace, e isso não estava disposto a fazê-lo. Assim, decidiu-se pelo insípido e aborrecido: — Você e a senhorita Eversleigh se conhecem?

— Sim, ou seja, não. Somos mais que conhecidas. Conheço Grace desde criança. É muito amiga de minha irmã mais velha.

— De você também, seguro.

— É óbvio. Mas é mais de minha irmã. São da mesma idade, sabe?

— Ah, a triste realidade da irmã mais nova.

— Teve essa experiência?

— Não, não — Respondeu ele, sorrindo de orelha a orelha. — Era eu o que ignorava.

Recordou sua vida com os Audley. Edward era seis meses mais velho e Arthur dezoito meses mais. Ao pobre Arthur não tinham permitido participar de muitas de suas travessuras. Entretanto, quem iria imaginar?

Foi com Arthur com quem formou os laços mais fortes depois.

Arthur era incrivelmente perceptivo; tinham isso em comum. Ele sempre foi bom para interpretar às pessoas; tinha que lê-lo; às vezes era sua única maneira de obter informação. Mas quando era menino considerava Arthur um molesto cachorrinho. Só quando os dois estavam estudando na em Royal percebeu que Arthur via tudo também.

E embora Arthur nunca fizesse nenhum comentário, era consciente de que também sabia tudo a respeito dele.

Mas não era o momento para ficar sentimental, estando em companhia de uma dama encantadora e com a promessa da chegada de outra em qualquer momento. Assim, pôs em primeiro lugar pensamentos mais feliz sobre Arthur e disse: — Fui o mais velho da ninhada. Uma posição afortunada acredito. Teria sido muito desgraçado se não estivesse ao mando.

Lady Amélia sorriu.

— Eu sou segunda de cinco, assim sei valorizar sua opinião.

— Cinco! Todas as garotas?

— Como soube?

— Não tenho nem ideia. — Respondeu ele, sinceramente. — Só que é uma imagem muito encantadora. Teria sido uma lástima sujá-la com um menino.

— Sempre é assim com fala de prata, capitão Audley?

Ele a obsequiou com um de seus melhores sorrisos enviesados.

— À exceção de quando é de ouro.

— Amélia!

Os dois se voltaram para olhar. Era Grace, que acabava de entrar na sala.

— E senhor Audley — Disse ela, olhando-o surpresa.

— Oh, sinto muito — Disse lady Amélia, olhando para ele. — Acreditei que fosse *capitão* Audley.

— Sou — Disse ele, com um leve encolhimento do ombro. — Depende de meu estado de ânimo. — Olhou para Grace e se inclinou. — É realmente um privilégio voltar a vê-la tão rápido, senhorita Eversleigh.

Ela ruborizou. Notaria lady Amélia? Pensou ele.

— Não sabia que estava aqui — disse ela depois de fazer a reverência.

— Não há nenhum motivo para que soubesse. Eu ia em direção à porta para sair e fazer uma saudável caminhada quando lady Amélia apareceu.

— Acreditei que fosse Wyndham — disse lady Amélia. — Não é muito estranho isso?

— Pois sim — respondeu Grace, com aspecto de sentir-se muito incômoda.

— Claro que eu não estava olhando com muita atenção — continuou lady Amélia— E seguro que isso o explica. Só o vi pela extremidade do olho quando passou por diante da porta aberta.

— Explicado assim tem muita lógica, verdade? — disse Jack, olhando para Grace.

— Muita — repetiu Grace, e olhou atrás por cima do ombro.

— Espera alguém, senhorita Eversleigh?

— Não, só pensei que sua excelência poderia querer vir nos acompanhar. Isto... Dado que está aqui sua noiva.

— Voltou, então? — perguntou Jack. — Não sabia.

— Isso é o que me disseram — disse Grace, e ele teve a segurança de que mentia, embora não conseguiu imaginar por que. — Eu não o vi.

— Esteve ausente algum tempo — disse Jack.

Grace engoliu saliva.

— Acredito que devo ir buscá-lo.

— Mas se acabou de chegar aqui.

— De todos os modos...

— Vamos chamá-lo — disse ele, posto que de maneira nenhuma fosse permitir escapar facilmente. Por não dizer que fazia ilusão que o duque o encontrasse ali com Grace e lady Amélia. Atravessou o salão e deu um puxão ao cordão para chamar.

— Já está. Feito.

Grace sorriu incômoda e se dirigiu ao sofá.

— Acredito que vou me sentar.

— Eu também — disse lady Amélia imediatamente.

Seguiu Grace apressadamente e se sentou a seu lado. Ficaram sentadas muito juntas, rígidas e com aspecto de sentirem-se incômodas.

— Que quadro mais atrativo formam as duas — comentou ele, porque, francamente, como poderia não gracejar? — E eu sem meus óleos.

— Pinta, senhor Audley? — perguntou lady Amélia.

— Ai de mim, não, mas estive pensando em tomar umas quantas aulas. É uma atividade nobre para um cavalheiro, não parece?

— Ah, sim, certamente.

Fez-se um silêncio, e lady Amélia deu uma cotovelada em Grace.

— O senhor Audley aprecia muitíssimo a arte — soltou Grace.

— Então deve estar desfrutando de sua estadia em Belgrave — disse lady Amélia.

Sua cara era o quadro perfeito de afável interesse. Ele pensou quanto tempo teria levado aperfeiçoar essa expressão. Como filha de um conde, teria muitíssimas obrigações sociais. Imaginava que essa expressão, plácida, imóvel embora não hostil, fosse muito útil.

— Espero logo fazer o percurso para ver a coleção — Respondeu. — A senhorita Eversleigh consentiu em me mostrar.

Grace desviou o rosto.

Lady Amélia se voltou para Grace o melhor que pôde, uma vez que estavam quase juntas.

— Muito amável de sua parte, Grace.

Grace grunhiu algo que talvez pretendesse ser uma resposta.

— Pensamos evitar os cupidos — disse ele.

— Cupidos? — repetiu lady Amélia.

Grace desviou o rosto novamente.

— Descobri que eu não gosto.

Lady Amélia o olhou com uma expressão mescla de irritação e incredulidade.

— O que têm os cupidos que não gosta?

Ele se sentou no braço do sofá de frente.

— Não os acham um pouco perigosos?

— Bebês gordinhos?

— Carregam armas letais.

— Não são verdadeiras flechas.

— O que parece, senhorita Eversleigh? — perguntou ele, em outra tentativa de fazê-la participar da conversa.

— Não estou acostumada a pensar nos cupidos — Respondeu ela, secamente.

— Entretanto, falamos deles duas vezes.

— Porque o senhor levantou o tema.

— Meu vestíbulo está francamente cheio deles — Explicou ele a lady Amélia.

Esta se virou para Grace.

— Estive em seu vestíbulo?

— Não com ele — disse Grace, com bastante agressividade. — Mas o vi.

Jack sorriu para seu colete, pensando o que o fazia gostar tanto de criar problemas.

— Perdão — resmungou Grace, envergonhada de sua explosão.

— Senhor Audley — disse lady Amélia, olhando-o muito resolvida.

— Lady Amélia.

— Seria de muito má educação se a senhorita Eversleigh e eu déssemos uma volta pelo salão?

— Claro que não — Disse ele, embora no rosto dela via que sim o considerava de má educação.

Mas não importava. Se as damas queriam ter segredos, de maneira nenhuma ele faria algo para atrapalhar. Além disso, desfrutava vendo Grace caminhar.

— Obrigada por sua compreensão — Disse lady Amélia, e ato seguido agarrou o braço de Grace e se levantou, levantando-a com ela.

— Sinto a necessidade de esticar as pernas, e acredito que caminhar seria muito enérgico para uma dama.

Como tinha podido dizer isso sem engasgar-se com a língua, não sabia.

Mas se limitou a sorrir e a observá-las avançar para a janela, caminhando muito juntas, afastando-se dele até que estiveram fora do alcance de seus ouvidos.

CAPÍTULO 13



Grace se deixou levar. Amélia impôs o passo, e logo que estiveram do outro lado do salão, esta começou a contar em sussurros o ocorrido essa manhã: seu encontro com Thomas; como viu que este necessitava sua ajuda, e logo algo a respeito de sua mãe.

Grace se limitava a assentir, olhando de tanto em tanto para a porta.

Thomas chegaria a qualquer momento e embora não tivesse ideia do que podia fazer para impedir um encontro que sem dúvida seria desastroso, não podia pensar em outra coisa.

E Amélia continuava falando em sussurros. Teve a suficiente presença de ânimo para captar o final, quando Amélia disse: — Rogo-te que não o contradiga.

— É óbvio que não — Apressou-se a dizer, porque sem dúvida Amélia tinha feito o mesmo pedido que Thomas. Do contrário, não tinha nem ideia do que se estava comprometendo ao acrescentar: — Tem minha palavra.

Mas nesse momento não sabia se importava.

Continuaram caminhando, ficaram em silêncio quando passaram perto do senhor Audley, que as olhou sorrindo e fez um gesto de pormenorizado assentimento.

— Senhorita Eversleigh — murmurou — lady Amélia.

— Senhor Audley — respondeu Amélia.

Grace conseguiu dizer o mesmo, mas a voz saiu desagradável, como um grasnido.

Quando já se afastaram o suficiente do senhor Audley, Amélia reatou a conversa em sussurros.

Justo então se ouviram fortes passos no corredor. Grace se virou para olhar, mas só era um laçao que passou levando um baú.

Engoliu saliva. Bom Deus, a viúva já tinha começado a preparar sua bagagem para a viagem à Irlanda e Thomas nem sequer sabia de seus planos. Como pôde se esquecer de dizer durante a conversa?

E então se lembrou de Amélia, que tinha esquecido mesmo que estivesse presa a seu braço.

— Sinto muito — Apressou-se a dizer, pois supôs que tocava a ela falar. — Disse algo?

— Não — Respondeu Amélia, negando com a cabeça.

Grace percebeu que mentia, mas de maneira nenhuma iria discutir.

Então ouviram outros passos no corredor.

Grace não pôde suportar o suspense nem um momento mais.

— Desculpe — Disse, e soltando do braço foi apressada até a porta. E mais criados que foi passando, todos ocupados nos preparativos da iminente viagem a Irlanda. Voltou ao lado de Amélia e agarrou seu braço outra vez.

— Não era o duque.

— Alguém vai a algum lugar? — perguntou Amélia, olhando os dois lacaios que passaram ao outro lado da porta, levando um baú e o outro uma chapeleira.

— Não — disse Grace. Mas detestava mentir, e o fazia pessimamente, além disso, assim acrescentou: — Bom, suponho que alguém poderia, mas não sei.

E isso era mentira também. Fabuloso. Olhou para Amélia e tentou sorrir alegremente.

— Grace — disse Amélia em voz baixa, olhando-a muito preocupada. — Está bem?

— Não, ou seja, sim. Estou muito bem.

Voltou a sorrir alegremente, mas pareceu que o sorriso saiu pior que a anterior.

— Grace — sussurrou então Amélia, em um tom inquietantemente ardiloso. — Está apaixonada pelo senhor Audley?

— Não!

Por Deus, a exclamação saiu muito alta. Olhou para o senhor Audley, e não porque queria olhá-lo, mas sim porque acabavam de dar a volta no canto e estavam cara a cara com ele outra vez e não pôde evitar. Ele tinha a cabeça ligeiramente inclinada, mas viu que a estava olhando, bastante desconcertado.

— Senhor Audley — disse, porque já que ele a estava olhando pareceu correto, mesmo que ele estivesse muito longe para ouvi-la.

E logo que teve a oportunidade, virou o rosto para Amélia e sussurrou energicamente: — Acabo de conhecê-lo. Ontem. Não, anteontem. — Bom, sim que era boba. Moveu a cabeça e resolutamente dirigiu os olhos à frente. — Não me lembro.

— Conheceram a cavalheiros interessantes estes últimos dias. — Comentou Amélia.

Teve que voltar a olhá-la.

— O que quer dizer?

— O senhor Audley — brincou Amélia — o bandoleiro italiano.

— Amélia!

— Vamos, não passa nada, disse que era escocês, ou irlandês. Não estava segura. — Franziu o cenho, pensativa. — De onde é o senhor Audley, por certo?

Tem algo a contar também.

— Não sei — disse Grace, entre dentes.

Onde estava Thomas? Temia sua chegada, mas esperar era pior.

E então Amélia, santo Deus, por quê? Exclamou:

— Senhor Audley.

Grace se virou para olhar para uma parede.

— Estávamos nos perguntando de onde é você — continuou Amélia. — Seu sotaque não me é conhecido.

— Da Irlanda, lady Amélia. Ao norte de Dublin.

— Irlanda! — exclamou Amélia. — Ah, caramba, é de muito longe.

Tinham acabado de dar a volta ao salão, assim Amélia soltou o braço e foi sentar-se, mas Grace continuou de pé. Então começou a avançar para a porta da maneira mais dissimulada possível.

— Como está sendo sua estadia em Lincolnshire, senhor Audley? — ouviu perguntar Amélia.

— Muito surpreendente.

— Surpreendente?

Grace apareceu à cabeça ao corredor, escutando a conversa.

— Minha visita não foi como esperava — disse ele, e Grace imaginou seu sorriso travesso ao dizer isso.

— Não? O que esperava? — perguntou Amélia. — Asseguro que somos bastante civilizados neste canto da Inglaterra.

— Muitíssimo — murmurou ele. — Mais do que eu prefiro, na realidade.

— Vamos senhor Audley, o que pode significar isso?

Se ele respondeu, Grace não o ouviu, porque justo nesse instante viu Thomas avançando pelo corredor, muito bem arrumado e com aspecto de duque outra vez.

— Ah — Escapou. — Me desculpem.

Saiu ao corredor agitando as mãos como uma louca para Thomas, em silêncio, para evitar que Amélia e o senhor Audley percebessem sua inquietação.

— Grace — disse ele, avançando com muita resolução. — O que significa isto? Penrith me disse que Amélia veio para me ver. É verdade?

Não diminuiu o passo ao aproximar-se e ela compreendeu que sua intenção era que ela caminhasse a seu lado.

— Thomas, espere — sussurrou e, agarrando o braço, parou-o.

Ele girou para olhá-la com uma sobrancelha arqueada, altivo.

— O senhor Audley — disse ela, afastando-o mais da porta. — Está no salão.

Thomas olhou para a porta do salão e logo a ela, sem compreender.

— Com Amélia — Disse ela.

Nele desapareceu até o último traço de seu imperturbável exterior.

— Que diabos? — Voltou a olhar para o salão, mesmo que de onde estava não podia ver nada. — Por quê?

— Não sei — disse ela, e a voz saiu brusca, pela irritação. Como iria saber ela o por quê? — Estava aí quando eu cheguei. Amélia disse que o viu passar pelo corredor e acreditou que fosse você.

Ele estremeceu, visivelmente.

— O que disse?

— Não sei. Eu não estava aí. E depois não pude interrogá-la na presença dele.

— Não, claro que não.

Ela esperou em silêncio a que ele dissesse algo mais. Estava apertando a ponte do nariz e dava a

impressão de que doía a cabeça. Com o fim de dizer algo que não fosse desagradável, acrescentou: — Estou segura de que não revelou seu... — vamos, Por Deus, como poderia dizer?

— Sua identidade. — Terminou, fazendo um mau gesto.

Thomas dirigiu um olhar absolutamente horrível.

— Não é minha culpa, Thomas — replicou.

— Não disse que era.

Sua voz soou abrupta, e, sem acrescentar uma palavra mais, voltou para o salão.

Do instante em que Grace saiu do salão, nem ele nem lady Amélia haviam dito nenhuma palavra; foi como se tivessem chegado a um acordo tácito; e o silêncio continuou enquanto os dois tentavam ouvir o que se dizia no corredor.

Ele sempre se considerou melhor que muitos para escutar conversas alheias, mas não conseguia nem sequer captar o som dos sussurros. De todos os modos, tinha uma boa ideia do que diziam. Grace advertia a Wyndham que o malvado senhor Audley tinha enterrado as garras à formosa e inocente lady Amélia. Então Wyndham soltaria uma maldição, em voz baixa, logicamente, pois jamais seria tão grosseiro para amaldiçoar em voz alta diante de uma dama, e iria querer saber o que disse.

Todo o assunto seria enormemente divertido se não fosse por ela, e esta manhã. E o beijo.

Grace.

Desejava recuperá-la.

Desejava à mulher que teve em seus braços, não a que esteve caminhando muito rígida pelo perímetro do salão com lady Amélia, olhando-o como se ele fosse roubar a prata a qualquer momento.

Era divertido, em certo modo. E devia felicitar-se, supôs. O que fosse que ela sentia por ele não era desinteresse, que poderia ter sido a mais cruel das reações.

Mas estava compreendendo que, pela primeira vez, a conquista de uma dama não era um jogo para ele. Não interessava a emoção da caça, nem manter-se em um agradável e entretido passo por adiante, nem planejar a sedução e logo levá-la a cabo com elegância e flores.

Simplesmente a desejava.

Talvez inclusive para sempre.

Olhou para lady Amélia. Estava com a cabeça ligeiramente inclinada, para pôr o ouvido no melhor ângulo possível.

— Não poderá ouvi-los — disse.

O olhar que dirigiu ela não teve preço; e foi absolutamente falso.

— Vamos, não simule que não era isso o que tentava — Disse ele. — Era.

— Muito bem — disse ela, e passado um momento perguntou: — Do que acredita que estão falando?

Ah, a curiosidade sempre ganhava com as garotas. Era mais inteligente do que pareceu ao conhecê-la. Encolheu os ombros, fingindo ignorância.

— Difícil saber. Jamais presumiria conhecer a mente feminina, nem a de nosso estimado anfitrião.

Ela o olhou surpresa.

— Não cai bem o duque?

— Não disse isso — Respondeu ele, mas, claro, os dois sabiam que quis dizer isso.

— Quanto tempo vai ficar em Belgrave?

Ele sorriu.

— Impaciente por livrar-se de mim, lady Amélia?

— Não, não. Vi os criados levando baús. Pensei que poderiam ser seus.

Custou não mudar a expressão. Não sabia por que o surpreendia que a velha já tivesse começado a fazer sua bagagem.

— Imagino que pertencem à viúva — respondeu.

— Vai a alguma parte?

Ele quase riu ao ver a esperançada expressão.

— A Irlanda — disse, distraído, e só então ocorreu que talvez não tivesse que informar os planos a essa mulher em particular.

Ou talvez fosse a pessoa a que realmente teria que dizer que merecia saber, sem dúvida. Merecia sinceridade, em sua opinião, se de verdade pensava se casar com Wyndham. Não conseguia imaginar-se nada menos agradável que passar a vida com esse escrupuloso arrogante.

E então, como se seu pensamento o tivesse chamado, apareceu o escrupuloso arrogante.

— Amélia.

Wyndham estava na porta em todo seu esplendor ducal; salvo por seu formoso olho, pensou com certa satisfação. A mancha se via pior que a noite passada.

— Excelência — Respondeu ela.

— Quanto me alegra te ver — disse Wyndham quando se sentou. — Vejo que conheceu nosso hóspede.

— Sim, o senhor Audley é muito amável.

— Muito — disse Wyndham.

Disse com cara de ter comido um rabanete picante, em opinião de Jack; ele detestava os rabanetes picantes.

— Vim visitar Grace — disse lady Amélia.

— Sim, é obvio — respondeu Wyndham.

— E eu a encontrei primeiro, aí de mim — atravessou Jack, gozando com o desconforto do casal.

A reação de Wyndham foi um glacial desdém. Jack sorriu, convencido de que isso o irritaria mais que algo que pudesse dizer.

— Na realidade eu encontrei ele — disse lady Amélia. — Vi-o no corredor, e pensei que fosse

você.

— Admirável verdade? — murmurou Jack, e olhou para lady Amélia. — Não nos parecemos em nada.

— Não — Disse Wyndham, secamente.

— O que acha senhorita Eversleigh? — perguntou Jack, ficando de pé, ao parecer o único que tinha notado que ela entrou no salão. — Temos algum traço em comum o duque e eu?

Grace entreabriu os lábios e demorou um segundo inteiro em responder: — Acredito que não conheço o bastante bem para emitir um julgamento acertado.

— Bem dito, senhorita Eversleigh — Disse ele, cumprimentando-a com um gesto de assentimento. — Posso deduzir, então, que ao duque o conhece bastante bem?

— Levo cinco anos trabalhando para sua avó. Durante este tempo tive a sorte de me inteirar de algo de seu caráter.

— Lady Amélia — Disse Wyndham, claramente impaciente para pôr fim à conversa. — Permite-me que acompanhe a sua casa?

— É obvio.

— Tão logo? — murmurou Jack, só por chatear.

— Minha família estará me esperando — Disse lady Amélia, mesmo antes que Wyndham se oferecesse a levá-la não tinha manifestado nem um indício de urgência em ir.

— Partiremos imediatamente, então — disse Wyndham.

Sua noiva agarrou seu braço e se levantou com ele.

— Isto..., excelência.

Jack girou imediatamente, para ouvir a voz de Grace, que estava perto da porta.

— Poderíamos falar um momento, eeh... Antes que partam? Por favor.

Wyndham se desculpou e saiu ao corredor atrás dela. Ficaram visíveis, embora fosse difícil, ou, melhor impossível, escutar a conversa.

— Do que poderiam estar falando? — disse Jack a Amélia.

— Não tenho a menor ideia — Respondeu ela, mordaz.

— Eu tampouco — disse ele, em tom alegre e despreocupado, só para levar à contrária; assim a vida era imensamente mais entretida.

Então ouviram:

— Irlanda!

Foi à voz de Wyndham, e bastante forte. Jack se inclinou um pouco para vê-los melhor, mas o duque agarrou o braço de Grace e a afastou da porta, deixando-a fora da vista. E dos ouvidos também.

— Temos nossa resposta — murmurou.

— Não pode estar irritado porque sua avó vai sair do país — disse lady Amélia. — Eu diria que estaria pensando em uma celebração.

— Eu acredito que a senhorita Eversleigh o informou que sua avó pretende que ele a

acompanhe.

— A Irlanda? — exclamou lady Amélia, movendo a cabeça. — Vamos, deve estar equivocado.

Ele encolheu os ombros, simulando indiferença.

— É possível. Sou um recém-chegado aqui.

Então ela se lançou em um discurso do mais veemente:

— Além de que não consigo imaginar por que a viúva desejaria ir a *Irlanda*, e não é que eu não gostaria de ver seu formoso país, mas o encontro muito inesperado nela, pois a ouvi falar com desprezo de Northumberland, da região dos lagos e de toda Escócia na realidade. — Interrompeu-se, talvez para respirar. — Irlanda me parece um pouco longe para ela.

Ele assentiu, pois isso era o que se esperava dele.

— Mas, francamente, não tem lógica que ela deseje que a acompanhe sua excelência. Não agrada a mútua companhia.

— Que amavelmente expresso, lady Amélia — comentou Jack. — Alguém gosta de estar em companhia deles?

Ela aumentou os olhos horrorizada, e então a ele ocorreu que talvez devesse ter limitado o insulto à viúva, mas justo então entrou Wyndham no salão, com aspecto furioso e arrogante. E quase digno do insulto que talvez acabasse de fazer.

— Amélia — disse ele, com voz enérgica e indiferente. — Acredito que não poderei te acompanhar até sua casa. Peço desculpas.

— É óbvio — Disse ela, como se o fosse possível dizer outra coisa.

— Farei com que fique cômoda. Talvez queira buscar um livro da biblioteca?

— Pode ler em uma carruagem? — perguntou Jack.

— Você não? — perguntou ela.

— Eu sim — Respondeu ele com brio. — Posso fazer várias coisas em uma carruagem. — Acrescentou, sorrindo para Grace, que estava na porta.

Wyndham o olhou furioso e agarrou a sua noiva pelo braço, levantando-a sem muita cerimônia.

— Foi um prazer conhecer, senhor Audley — disse então lady Amélia.

— Sim, parece que parte — disse ele, alegremente.

— Amélia — disse o duque, em tom mais abrupto que antes.

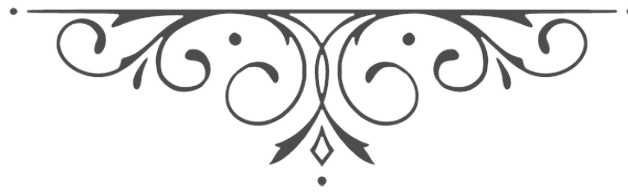
E ato seguido a tirou do salão.

Jack os seguiu até a porta, procurando Grace, mas ela tinha desaparecido. Ah, bom, talvez isso fosse só melhor.

Olhou para a janela. O céu se escureceu e uma chuva parecia iminente.

Momento para sair para caminhar, decidiu. A chuva seria fria, e molhada, claro. Exatamente o que necessitava.

CAPÍTULO 14



Nos cinco anos que Grace estava em Belgrave, embora não se acostumasse, pelo menos percebeu tudo o que se pode fazer tendo um pouco de prestígio e muitíssimo dinheiro. Não obstante, inclusive a surpreendeu a rapidez com que se colocavam em marcha os planos para a viagem. Antes de três dias já tinham um navio reservado que os levaria de Liverpool a Dublin e esperaria aí no porto todo o tempo que fosse necessário, até que eles estivessem preparados para voltar para a Inglaterra.

Um dos secretários de Thomas foi enviado a Irlanda organizar a estadia. Grace não pôde deixar de compadecer ao pobre homem enquanto a viúva o obrigava a escutar, e logo repetir duas vezes suas copiosas e muito detalhadas instruções. Ela estava acostumada ao estilo da viúva, mas o secretário, acostumado a tratar com um empregador muito mais razoável, parecia quase a ponto de chorar.

Em uma viagem como essa só iriam bem as melhores pousadas e, logicamente, em cada uma delas esperariam ter os melhores quartos.

No caso desses quartos já estarem reservados, os hospedeiros teriam que tomar medidas para colocar em outra parte esses clientes. A viúva comentou com Grace que em casos como este gostava de enviar alguém na frente, porque era de boa educação avisar aos hospedeiros com bastante antecipação para que pudessem encontrar alojamento para seus outros clientes.

Grace pensou que seria mais educado não exigir que tirassem os quartos das pessoas cujo único delito era ter reservado quartos antes que a duquesa, mas o único que pôde fazer foi sorrir compassiva ao pobre secretário. A viúva não iria mudar sua maneira de ser e, além disso, já estava lançada na seguinte série de instruções, as pertinentes à limpeza, a comida e as dimensões preferidas das toalhas de mão.

Nestes dias ficou indo de um lado a outro pelo castelo, perdida nos preparativos da viagem e levando mensagens, posto que os outros três residentes parecessem resolvidos a evitar-se mutuamente.

A viúva estava áspera e mal educada como sempre, mas sob seu mau humor ela começava a notar uma espécie de atordoamento que encontrava desconcertante. A viúva estava "entusiasmada" pela iminente viagem, e isso era para inquietar a mais experimentada das damas de companhia, porque jamais se entusiasmava com nada. Satisfeita, sim; satisfeita, com frequência (embora insatisfeita fosse muito mais frequente). Mas entusiasmada? Jamais a tinha visto entusiasmada.

Era estranho, porque dava a impressão de que à viúva não caía muito bem o senhor Audley, e estava claro que não tinha o menor respeito. E quanto ao senhor Audley, correspondia esses sentimentos.

Nesse aspecto era muito similar a Thomas. Ela tinha a impressão de que os dois homens poderiam ser muito bons amigos se não se conhecessem em circunstâncias tão difíceis, de tanta

tensão.

Mas enquanto Thomas era franco em seu trato com a viúva, o senhor Audley era muito mais ladino. Sempre a provocava quando estava em sua companhia; sempre tinha um comentário preparado tão sutil que ela só podia adivinhar seu significado quando captava seu sorriso secreto.

Sempre havia um sorriso secreto, e sempre o dirigia a ela.

Inclusive nesse momento, só pensando, surpreendeu-se se rodeando com os braços, para guardar esse sorriso em seu coração. Quando sorria, ela sentia o sorriso, como se fosse mais que algo que apenas via. E chegava como um beijo e seu corpo reagia conforme, um ligeiro revoo no estômago, rubor nas bochechas. Mantinha a expressão serena, porque isso estava em sua formação, e inclusive conseguia fazer uma espécie de resposta: curvar muito tenuemente as comissuras da boca, talvez uma mudança na maneira de olhar. Sabia que ele via isso também. Via tudo; gostava de se fazer se parvo, mas era a pessoa de olhos mais perspicazes que tinha conhecido.

E enquanto ocorria tudo isto, a viúva continuava tenaz em sua resolução de tirar o título de Thomas para dar ao senhor Audley; quando falava da iminente viagem nunca dizia *se* encontrassem a prova, a não ser *quando* a encontrassem. Já tinha começado a pensar em qual seria a melhor maneira de anunciar a mudança ao resto da sociedade.

E tampouco era particularmente discreta a respeito. O que foi o que disse só fazia uns dias diante de Thomas? Algo assim como que terei que reescrever incontáveis contratos para que levassem o nome ducal correto; inclusive se virou para ele e perguntou se acreditava que algo que ele tivesse assinado enquanto era o duque era legalmente impossível de passar para o novo duque.

Ela pensou que Thomas fosse um professor em autodomínio porque não a estrangulou aí mesmo. De fato, o único que disse foi: — Não será meu problema se ocorrer isso.

E então, fazendo uma irônica reverência em direção à viúva, saiu da sala.

A verdade, não sabia por que a surpreendia tanto que a viúva não moderasse suas palavras diante de Thomas; jamais tinham importado os sentimentos de ninguém; mas essas eram circunstâncias extraordinárias, não? Seguro que inclusive Augusta Cavendish era capaz de entender que era prejudicial estar diante de Thomas e falar de seus planos para humilhá-lo publicamente.

Quanto a Thomas, não era ele mesmo. Bebia muito, e quando não estava fechado em seu escritório, vagava pela casa como um leão mal-humorado. Ela tentava evitá-lo, em parte por esse mau humor, mas principalmente porque se sentia culpada de tudo e desleal com ele porque caía tão bem o senhor Audley.

E logo estava ele, o senhor Audley. Passava muito tempo com ele; sabia, mas não podia evitar. E na realidade não era culpa dela. A viúva passava o dia enviando-a a dar recados que a punham na presença dele.

De qual porto, Liverpool ou Holyhead, era mais lógico partir? Seguro que Jack saberia (a viúva seguia negando-se a chamá-lo de senhor Audley, e ele não respondia se o chamasse Cavendish).

O que podiam esperar do tempo atmosférico? Procure Jack e pergunte sua opinião.

É possível obter um bule de chá decente na Irlanda? E uma vez que partissem de Dublin? E depois, quando voltava com as respostas, um — Sim e um — Pelo amor de Deus! (corrigido para eliminar o palavrão), voltava a enviá-la a perguntar se sabia sequer julgar a qualidade de um chá.

Era quase vergonhoso fazer essa pergunta. E deveria haver dado vergonha, mas quando fez

começou a rir apenas vê-lo. E isso já ocorria sempre. Ele sorria; então ela sorria. E isso recordava o muito mais que gostava quando tinha um motivo para sorrir.

E nesse momento o andava procurando por ordem da viúva, que queria que fizesse uma avaliação completa da rota proposta para viajar pela Irlanda, o qual ela achou estranho, porque tinha suposto que a viúva já tinha resolvido isso. Mas não iria se queixar, logicamente, quando a tarefa a tirava da presença dela para pô-la ante a do senhor Audley.

— Jack — sussurrou para si mesmo.

Era Jack. Seu nome sentava à perfeição, galhardo e alegremente despreocupado. John era muito sério e senhor Audley muito formal.

Desejava que fosse Jack para ela, embora não se permitia chamá-lo assim em voz alta, desde aquele beijo.

Ele a gracejava pelo nome, sempre a gracejava. Insistia, cortejando-a, dizendo que devia chamá-lo por seu nome porque, se não, ele não responderia, mas ela continuava firme em sua resolução. Porque uma vez que o fizesse, temia não poder dar marcha atrás, e já estava muito perigosamente perto de entregar o coração para sempre.

Poderia ocorrer. Ocorreria se o permitisse. Só tinha que deixar-se levar. Podia fechar os olhos e imaginar um futuro, com ele, filhos e muita risada.

Mas não aí, não em Belgrave, com ele como duque.

Desejava voltar a ter Sillsby, não a casa, pois isso não poderia ser jamais, a não ser a sensação, a atmosfera; o agradável calor, o pomar que cuidava sua mãe, que nunca se considerou tão importante que não pudesse fazer isso. Desejava os anoteceiros na sala de estar, "a" sala de estar, disse a si mesma, a única. Nada que se pudesse chamar por uma cor, um tecido ou um lugar da casa. Desejava ler junto ao lar com seu marido, comentar as coisas que a divertissem e rir quando comentasse algo similar.

Isso era o que desejava, e quando tivesse o valor para ser sincera consigo mesma, sabia que o desejava com ele.

Mas não estava acostumado a ser sincera consigo mesma. Do que serviria? Ele não sabia quem era; como podia saber o que sonhar?

Estava se protegendo, retendo o coração dentro de uma armadura, até que tivesse uma resposta. Porque se ele fosse o duque de Wyndham, ela seria uma idiota.

Mesmo sendo a formosa e elegante casa que era Belgrave, Jack preferia passar seu tempo ao ar livre, e agora que tinham trasladado seu cavalo ao estábulo daí (onde sem dúvida estava muito feliz com as inumeráveis cenouras e o calor de seu curral), tinha tomado o costume de cavalgar todas as manhãs.

Embora isso não fosse muito diferente de seu costume anterior: normalmente se encontrava montado a cavalo a última hora da manhã. A diferença estava em que antes cavalgava para alguma parte ou, de vez em quando, fugindo de alguma parte. Agora saía a cavalgar por esporte, para fazer um exercício saudável. Curiosa à vida de um cavalheiro; o exercício físico se fazia com atividades organizadas e não com um dia de honrado trabalho, como o resto da sociedade.

Ou trabalho não honrado, como podia ser o caso.

Seu quarto dia em Belgrave voltou para a casa (custava chamá-lo castelo, embora fosse isso; sempre o fazia desejar pôr os olhos em branco), sentindo-se vigorizado pelo suave frio do ar nos campos.

Quando subia a escada da porta principal se surpreendeu olhando para todos os lados com a esperança de ver Grace, mesmo que fosse muito improvável que estivesse fora. Sempre tinha a esperança de vê-la, estivesse onde estivesse. Só de vê-la produzia uma revoada, uma espécie de efervescência no peito. A metade das vezes ela nem sequer o via, e isso não importava. Mas se há olhasse muito tempo (e sempre há olhava muito tempo, pois nunca tinha um bom motivo para olhar para o outro lado) ela sempre o sentia. Finalmente, ela sentia sua presença, embora ele estivesse em um ângulo estranho ou na sombra, e girava para ele.

Então sentia a tentação de se fazer de sedutor, olhando-a com provocadora intensidade, para ver se ela se derretia e formava um atoleiro, gemendo desejo.

Mas nunca o fazia. Porque o único que podia fazer, sempre que ela o olhava, era sorrir como um bobo apaixonado. E então haveria sentido com vergonha de si mesmo, mas sempre correspondia o sorriso, o que nunca deixava de transformar a revoada e a efervescência em algo até mais borbulhante e ditoso.

Empurrou a porta, entrou no vestíbulo e parou. Levou uns segundos adaptar-se à brusca falta de vento e veio um arrepio não desejado, como se seu corpo quisesse sacudir o frio. Isso também deu o tempo para passar o olhar pelo vestíbulo e sua diligência foi recompensada.

Aí estava Grace, ao fundo do longo vestíbulo, sem dúvida de ida ou de volta de um dos ridículos recados da viúva.

— Senhorita Eversleigh! — gritou, para fazer-se ouvir essa distância.

— Senhor Audley — disse ela sorrindo e caminhando para ele.

Ele tirou a jaqueta (presumivelmente roubada do roupeiro do duque) e a passou a um laçao, maravilhando-se, como sempre, de que os criados se materializassem como saídos de nenhuma parte, sempre no momento exato em que os necessitava.

Alguém os tinha ensinado bem. Não tinham transcorrido tantos anos de seu tempo no exército como para não apreciar isso.

Grace chegou a seu lado antes que terminasse de tirar as luvas.

— Saiu para cavalgar?

— Sim, é um dia perfeito para isso.

— Até com o vento?

— É melhor com vento.

— Suponho que com seu cavalo?

— Ah, sim, Lucy e eu formamos uma boa equipe.

— Uma égua?

— Um castrado.

Ela pestanejou, com curiosidade, não com estranheza nem surpresa.

— Pôs Lucy o nome de seu castrado?

Ele encolheu os ombros com certo estilo teatral.

— É uma dessas histórias que vão perdendo detalhes à medida que se contam.

Na realidade a história era de bebedeira, três apostas distintas e uma inclinação a contrariar a que não sabia se sentia orgulhoso.

— Eu não sou muito boa amazona — disse ela, não como desculpa a não ser simplesmente como uma declaração.

— Por eleição ou circunstâncias?

— Um pouco pelas duas coisas — Respondeu ela, e pareceu curiosa, como se nunca ouviu essa pergunta.

— Terá que me acompanhar alguma vez.

Ela sorriu pesarosa.

— Não acredito que isso está entre meus deveres para com a duquesa.

Jack duvidava. Continuava desconfiando dos motivos da viúva quanto a Grace; parecia lançá-la em direção a ele em todas as ocasiões possíveis, como uma fruta amadurecida pendurada diante de seu nariz para incitá-lo a não partir. Isso o encontrava bastante terrível, mas não iria se negar o prazer da companhia de Grace só por chatear a velha bruxa.

— Ora — disse — todas as melhores damas de companhia saem a cavalgar com os hóspedes da casa.

— Ah, de verdade? — Disse ela, muito duvidosa.

— Bom, ao menos em minha imaginação.

Ela moveu a cabeça sem sequer tentar reprimir o sorriso.

— Senhor Audley...

Mas ele estava olhando aqui e lá de uma maneira clandestina quase cômica.

— Acredito que estamos sozinhos — sussurrou.

Ela se aproximou, sentindo-se muito travessa.

— E isso significa...?

— Que pode me chamar Jack.

Ela simulou pensá-lo.

— Não, acredito que não.

— Não direi a ninguém.

— Mmm... — Enrugou o nariz e acrescentou com a maior naturalidade: — Não.

— Uma vez me chamou por meu nome.

Ela apertou os lábios, não para reprimir um sorriso a não ser uma gargalhada.

— Isso foi um engano.

— Certamente — disse uma voz.

Grace inspirou bruscamente e se virou para olhar. Era Thomas.

— De onde diabos saiu? — resmungou o senhor Audley.

Da sala de estar, pensou Grace, abatida; a porta estava justo atrás deles. Thomas estava acostumado a passar seu tempo ali, lendo ou ocupando-se de sua correspondência. Dizia que gostava da luz da tarde.

Mas não era tarde; e cheirava a conhaque.

— Simpática conversa — disse Thomas, com voz arrastada, zombeteira. — Uma de muitas, suponho.

— Estava escutando? — disse o senhor Audley, afavelmente. — Que vergonhoso.

— Excelência... — disse Grace — Eu...

— Thomas — interrompeu-o, depreciativo. — Não o recorda? Chamou-me por meu nome muitíssimo mais de uma vez.

Grace sentiu subir calor às bochechas. Não sabia quanto tinha ouvido ele da conversa. Ao parecer, a maior parte.

— Sim? — Atravessou o senhor Audley. — Nesse caso, insisto em que me chame Jack. — Olhou para Thomas e encolheu os ombros. — É justo.

Thomas não respondeu nada, embora sua expressão furiosa dissesse muitíssimo.

— A chamarei de Grace — disse então o senhor Audley olhando para ela.

— De maneira nenhuma. — Ladrou Thomas.

O senhor Audley continuou tão tranquilo como sempre.

— Sempre tomam estas decisões em seu lugar?

— Esta é minha casa — replicou Thomas.

— Possivelmente não por muito tempo.

Grace virtualmente se equilibrou segura de que Thomas o iria golpear.

Mas ao final este simplesmente riu. Riu, mas sua risada soou horrenda.

— Só para que saiba — disse, olhando nos olhos do senhor Audley. — Ela não vem com a casa.

Grace o olhou horrorizada.

— E o que quer dizer com isso? — perguntou o senhor Audley, com a voz tão suave, tão educada, que era impossível não captar o tom resistente que continha.

— Acredito que sabe.

— Thomas — disse Grace, com o fim de desviar a atenção.

— Ah, voltamos para o Thomas, não é?

— Acredito que você gosta da senhorita Eversleigh — disse o senhor Audley, em tom quase alegre.

— Não seja ridículo — Respondeu ela imediatamente.

Porque não era certo. Não podia ser. Se Thomas houvesse... Bom, teve anos para fazer saber, mesmo que disso não teria resultado nada.

Thomas cruzou os braços e dirigiu um olhar ao senhor Audley, esse tipo de olhar que fazia

escapular-se à maioria dos homens em busca de um lugar seguro.

O senhor Audley se limitou a sorrir, e logo disse:

— Não queria impedir que atenda a suas responsabilidades.

Era uma maneira de despachá-lo, elegante nas palavras e inegavelmente grosseira. Grace não podia acreditar. Ninguém falava assim com Thomas.

Mas Thomas sorriu:

— Ah, agora são *minhas* responsabilidades.

— Enquanto a casa siga sendo sua.

— Não é só uma casa, Audley.

— Acredita que não sei?

Fez-se o silêncio. A voz do senhor Audley saiu calma, em voz muito baixa. E assustada.

— Se me desculpem — disse Thomas bruscamente, deu meia volta, entrou na sala de estar e fechou a porta.

Grace ficou olhando-o em silêncio. Passado um momento, que pareceu uma eternidade, observando a porta grafite e branco, voltou-se para o senhor Audley.

— Não deveria tê-lo provocado.

— *Eu* não deveria tê-lo provocado?

Ela soltou uma expiração, tensa.

— Suponho que entende quão difícil é a situação em que se encontra.

— Ao contrário da minha — disse ele, no tom mais desagradável que tinha ouvido. — Ah, como eu adoro que me sequestrem e me retenham contra minha vontade.

— Ninguém pôs o canhão de uma pistola na cabeça.

— É o que acredita? — perguntou ele, em tom zombeteiro, enquanto seus olhos diziam que não podia acreditar que fosse tão ingênua.

— Acredito que nem sequer o deseja — disse ela.

Como não tinha ocorrido antes? Pensou. Como não o tinha visto?

— Desejar o que? — perguntou ele, secamente.

— O título. Não o deseja, verdade?

— O título não me deseja — respondeu ele, glacialmente.

Ela só pôde olhá-lo horrorizada quando ele girou sobre seus calcanhares e se afastou.

CAPÍTULO 15



Em suas vagabundagens por Belgrave, um dia em que um aguaceiro impediu de sair para cavalgar, Jack conseguiu encontrar uma coleção de livros de arte. Não foi tarefa fácil; no castelo havia nada menos que duas bibliotecas, cada uma com uns quinhentos livros mais ou menos. Mas tinha observado que os livros de arte costumavam ser maiores que outros, e isso facilitou a tarefa. Procurou nas seções em que os volumes tinham o lombo mais alto. Tirou esses livros, olhou e, descartando um após o outro finalmente encontrou o que procurava.

Mas não desejava instalar-se na biblioteca; sempre tinha encontrado opressivo estar rodeado por tantos livros. Assim, agarrou os que pareceram mais interessantes e os levou para sala que já era sua favorita: o salão em nata dourada na parte de atrás do castelo.

O salão de Grace. Nunca poderia considerar o de outra maneira.

E a esse salão se retirou depois do embaraçoso encontro com Grace no vestíbulo principal. Não gostava de perder os estribos; mais exatamente, o detestava.

Levava umas horas aí, sentado ante uma mesa de leitura, levantando-se de tanto em tanto a dar uma volta para esticar as pernas. Estava olhando o último, um estudo do estilo rococó francês, quando ao outro lado da porta aberta passou um laçao, parou e retrocedeu.

Olhou-o, arqueando uma sobrancelha, interrogante, mas o jovem não disse nada, simplesmente se voltou por onde tinha vindo.

Dois minutos depois foi recompensado por sua paciência pelo som de passos femininos no corredor; os passos de Grace.

Simulou estar absorto no livro.

— Ah, está lendo — disse ela, ao parar na porta, ao que parece surpresa.

Ele voltou cuidadosamente à página.

— Faço-o de vez em quando.

Virtualmente a ouviu pôr os olhos em branco.

— Procurei por toda parte.

Ele levantou a cabeça e a olhou, obrigando-se a sorrir.

— E aqui estou.

Ela continuou na porta, vacilante, com as mãos fortemente agarradas diante. Estava nervosa, percebeu. Odiou-se por isso.

Inclinou a cabeça, convidando-a, fazendo um gesto para a cadeira do lado.

— O que está lendo? — perguntou ela, entrando.

Ele moveu o livro para a cadeira desocupada do lado.

— Olhe.

Ela não se sentou, mas sim apoiou as mãos na mesa e se inclinou a olhar as páginas por onde estava aberto o livro.

— Arte — disse.

— Meu segundo tema favorito.

Ela o olhou sagaz.

— Quer que pergunte qual é seu favorito.

— Tão óbvio sou?

— Só é óbvio quando deseja sê-lo.

Ele levantou as mãos fingindo consternação.

— E, ai de mim, segue sem me dar resultado. Não me perguntou qual é meu tema favorito.

— Por que... — disse ela, sentando-se. — Tenho certeza de que a resposta conterà algo muito inapropriado.

Ele levou a mão ao peito, em gesto teatral, com o que recuperou um pouco a tranquilidade; era mais fácil fazer de bobo; ninguém espera muito dos tontos.

— Sinto-me ferido — declarou.

— Prometo que não iria dizer que meu tema favorito é a sedução nem a arte de beijar nem a maneira correta de tirar a luva de uma dama, nem tampouco a maneira de tirar...

— Basta!

— Estava dizendo — continuou ele, aparentando que se sentia atormentado, subjugado — Que ultimamente meu tema favorito é você.

Olharam-se nos olhos, mas só um instante, porque ela desviou o olhar para sua saia. Ele a observou, fascinado pelas emoções que passaram por seu rosto, pela forma como esticaram e moveram as mãos, que tinha agarradas em cima da mesa.

— Eu não gosto deste quadro — disse ela, de repente.

Ele teve que voltar a olhar o livro para ver que quadro se referia. Era uma cena campestre, um homem e uma mulher sentados sobre a erva; a mulher dava as costas ao espectador e tinha a mão no peito do homem, empurrando-o para rejeitar um abraço. Não o conhecia, mas pareceu que reconhecia o estilo.

— O de Boucher?

— Sim, não — Disse ela, pestanejando confusa e inclinando-se a olhá-lo mais de perto. — Jean — Antoine Watteau, Passo em falso.

Ele o olhou com mais atenção.

— Ah, sinto muito — disse alegremente. — Acabava de passar a página. Mas acredito que seu estilo é parecido ao de Boucher, não parece?

Ela encolheu levemente de ombros.

— Não conheço nenhum dos dois pintores. Não estudei muito de pintura nem de pintores quando era menina. A meus pais não interessava muito a arte.

— Como é possível isso?

Ela sorriu, com esse sorriso que era quase uma risada.

— Não era tanto que não interessasse, mas sim simplesmente interessavam mais outras coisas. Acredito que por cima de tudo teria gostado de viajar. Aos dois adoravam os mapas e os atlas de todo tipo.

Jack pôs os olhos em branco.

— Eu detesto os mapas.

— Sim? — perguntou ela, assombrada, e talvez um pouco encantada porque ele reconhecia isso.
— Por quê?

— Não tenho o talento para entendê-los.

— Você? Um bandoleiro?

— O que tem que ver isso?

— Não precisa saber para onde vai?

— Não tanto como preciso saber onde estive já. — Ao ver sua expressão de perplexidade, acrescentou: — Há certas zonas do país, possivelmente todo Kent, para ser franco, que me convém mais evitar.

— Este é um desses momentos — disse ela pestanejando várias vezes muito rápido — que não sei se fala a sério.

— Ah, muito a sério — disse ele, quase alegremente. — À exceção, talvez, da parte sobre Kent.

Ela o olhou sem compreender.

— Poderia ter ficado curto.

— Ficado curto — repetiu ela.

— Tenho bons motivos para evitar o sul.

— Por Deus.

Essa era uma exclamação tão própria de uma dama que ele quase riu.

— Acredito que não tinha conhecido a nenhum homem que reconheça que é mau em entender os mapas — disse ela, quando se recuperou.

— Disse que sou especial — disse ele, acrescentando calor a seu olhar, até fazê-la arder.

— Vamos, pare. — Não o estava olhando, ao menos não no rosto, assim não viu sua mudança de expressão, e talvez por isso continuasse com o mesmo tom enérgico e animado: — Tenho que dizer que isto complica as coisas. A viúva me pediu que o buscasse para perguntar se podia nos ajudar com as rotas uma vez que desembarquemos em Dublin.

— Isso posso fazer — disse ele, agitando uma mão.

— Sem um mapa?

— Íamos com frequência em meus tempos de escolar.

Ela o olhou e sorriu quase nostálgica, como se pudesse ver as lembranças.

— Apostaria a que não era o líder do grupo.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Sabe? Acredito que muitas pessoas considerariam isso um insulto.

Ela curvou os lábios e os olhos brilharam de travessura.

— Ah, mas você não.

Tinha razão, claro, embora não fosse dizer.

— E por que acredita nisso?

— Nunca desejaria ser.

— Muita responsabilidade? — murmurou ele, pensando se seria isso o que ela pensava dele.

Ela abriu a boca e ele compreendeu que estava a ponto de dizer que sim; então ruborizou, desviou os olhos e passado um momento respondeu: — Você tem muito de rebelde. Não desejaria estar do lado da administração.

— Ah, a *administração* — repetiu ele, sem podê-lo evitar, divertido.

— Não zombe da minha eleição da palavra.

— Bom — declarou ele, arqueando uma sobrancelha. — Espero que perceba que isso o diz a um ex-oficial do exército de Sua Majestade.

Ela descartou isso imediatamente.

— Deveria haver dito que gosta de se considerar um rebelde. Eu suspeito que no fundo seja tão convencional como todo o resto de nós.

Ele ficou em silêncio um momento e logo disse:

— Espero que perceba que isso o diz a um ex-bandoleiro que trabalhava nas estradas de Sua Majestade.

Como pôde dizer isso com o rosto sério não saberia jamais, mas foi um imenso alívio quando ela, depois de olhá-lo horrorizada um momento, começou a rir. Porque, a verdade, não se acreditava capaz de sustentar essa expressão ofendida nem um só momento mais.

Teve a impressão de que imitava Wyndham, sentado aí como uma vara. Revolveu o estômago, na realidade.

— Você é terrível — disse ela, limpando os olhos.

— Faço todo o possível — Respondeu ele, modestamente.

— E por isso — disse ela, movendo um dedo ante seu rosto, sorrindo. — Nunca será o líder do grupo.

— Bom Deus, espero que não. Estaria algo desconjurado a minha idade.

Por não dizer o terrivelmente mau que era como estudante. Ainda tinha sonhos com isso. Não pesadelos, pois não valeriam a energia. Mas mais ou menos uma vez ao mês despertava de uma dessas irritantes visões em que estava de volta no colégio (bastante absurdo, os seus vinte anos).

Os sonhos sempre eram de natureza similar. Olhava seu horário e de repente percebia que não tinha assistido à classe de latim durante todo um trimestre. Ou chegava a um exame sem calça.

As únicas disciplinas que recordava com carinho eram esporte e arte.

Sempre tinha gostado de esportes; só tinha que olhar um jogo um minuto e seu corpo já sabia

mover-se instintivamente, e quanto à arte, bom, nunca tinha se sobressaído em nenhum dos detalhes práticos, mas sempre adorou seu estudo. Por todos os motivos dos quais falou com Grace na primeira noite em Belgrave.

Abaixou os olhos ao livro, que seguia aberto sobre a mesa entre eles.

— Por que não gosta deste? — perguntou, indicando o quadro.

Não era seu favorito, mas não encontrava nada ofensivo.

— Não cai bem ele — disse ela.

Estava olhando o livro, mas ele a estava olhando, e o surpreendeu ver que tinha o cenho franzido. Preocupação? Raiva? Não soube discerni-lo.

— Não deseja sua atenção — Continuou Grace. — E ele não quer parar, olhe a expressão.

Ele olhou a pintura. Entendia o que ela queria dizer, pareceu. A reprodução não era o que se consideraria de primeira qualidade, e era difícil saber seu grau de fidelidade ao original; sem dúvida as cores não eram exatas, mas os traços e contornos se viam com clareza. Sim que observou algo insidioso na expressão do homem. De todos os modos...

— Mas poderíamos dizer que sua objeção é ao conteúdo do quadro e não à pintura em si mesmo?

— Qual é a diferença?

Ele pensou um momento. Fazia algum tempo que não tinha com ninguém uma conversa que pudesse chamar de intelectual.

— Talvez o pintor deseje provocar esta reação. Talvez sua intenção fosse representar justamente esta cena; isso não significa que a passasse.

— Suponho — disse ela.

Apertou os lábios e as comissuras esticaram de uma maneira que não tinha visto; e não gostou; envelhecia-a. Mas, mais que isso, a expressão parecia refletir uma infelicidade que estava quase arraigada.

Quando movia a boca assim, zangada, molesta, resignada, dava a impressão de que nunca voltaria a ser feliz.

Pior ainda, parecia que o aceitava.

— Não tem por que gostar — Disse.

A ela suavizou a expressão da boca, mas seus olhos continuaram nublados.

— Não — disse — Não tem por que gostar. — Passou a página, para mudar de tema, usando os dedos.

— Ouvi falar de monsieur Watteau, é óbvio, e pode que seja um pintor muito admirado, mas... Oh!

Ele já estava sorrindo. Ela não estava olhando o livro quando passou a página, mas ele sim.

— Ah, caramba.

— Esse sim é um Boucher — disse ele, apreciativo.

— Não é... Nunca havia...

Tinha os olhos aumentados, duas imensas luas azuis, os lábios entreabertos e as bochechas... Ele teve que resistir ao impulso de abanar.

— Enjoe O'Murphy — Disse — Louise.

Ela o olhou horrorizada.

— Conhece-a?

Ele não devia rir, mas não pôde evitar.

— Todo escolar a conhece. Sabe dela — emendou. — Acredito que morreu faz uns anos. Em sua velhice, não tema. Por desgraça, tinha idade para ser minha avó.

Olhou com carinho à mulher do quadro, deitada em postura sedutora em um divã. Estava despida, maravilhosa, gloriosa e totalmente nua, e de barriga para baixo, com as costas ligeiramente arqueadas por ter o braço direito flexionado e apoiado no braço do divã, olhando por cima. Estava de perfil, mas ainda assim uma parte da fenda entre as nádegas estava escandalosamente visível, e suas pernas...

Suspirou feliz com a lembrança. Tinha as pernas bem abertas, e não cabia dúvida de que não tinha sido o único escolar que se imaginava instalado entre elas.

Muitos moços entregaram sua virgindade (em sonhos, mas de todos os modos) a Enjoe Louise O'Murphy. Teria se informado alguma vez a dama do serviço que tinha prestado?

Olhou para Grace. Ela estava olhando o quadro. Pareceu, isso esperava, que pudesse estar excitando-se.

— Alguma vez o tinha visto? — perguntou.

Ela negou com a cabeça, muito levemente. Estava paralisada.

— Foi a amante do rei da França — explicou. — Dizem que o rei viu um dos retratos dela de Boucher, não este, acredito um em miniatura, e decidiu que queria tê-la.

Grace abriu a boca, como se desejasse fazer um comentário, mas não saiu nenhum som.

— Procedia das ruas de Dublin — continuou ele — Ou ao menos isso me disse. É difícil imaginar a agarrando o sobrenome O'Murphy em outra parte. — Suspirou invocador — Sempre nos sentimos orgulhosos de afirmar que era nossa.

Situou-se atrás dela e se inclinou por cima de seu ombro, sabendo que quando falasse suas palavras roçariam a pele como um beijo.

— É muito sugestivo, verdade?

Ao parecer ela seguia sem saber o que dizer. Não importou.

Acabava de descobrir que observar Grace olhando o quadro era muito mais erótico do que foi jamais o quadro.

— Sempre desejei ver o original — comentou. — Acredito que agora está na Alemanha, em um museu de Munique talvez. Mas, ai de mim, minhas viagens nunca me levaram ali.

— Nunca tinha visto nada igual — murmurou Grace.

— Faz sentir, verdade?

Ela assentiu.

E então ele pensou se sempre tinha sonhado estando deitado entre as coxas de mademoiselle O'Murphy, Grace estaria pensando como seria *ser* ela? Imaginaria estendida no divã, exposta ao erótico olhar de um homem?

Do olhar dele.

Jamais permitiria que outro a visse assim.

O salão estava muito silencioso. Ouvia suas respirações, cada uma mais estremecida que a anterior.

E ouvia a respiração dela, suave e mais rápida com cada inspiração.

Desejava-a.

Desesperadamente.

Desejava Grace. Desejava-a ante ele na postura da mulher do quadro. Desejava-a de todas as formas que pudesse tê-la. Desejava tirar a roupa e desejava adorar toda sua pele, polegada a polegada.

Quase sentia o suave peso de suas coxas em suas mãos enquanto a abria para ele, o almiscarado aroma da excitação quando aproximava o rosto para beijá-la.

— Grace? — sussurrou.

Ela não o estava olhando. Seguia com os olhos fixos no quadro do livro. Então tirou a língua e molhou os lábios, justo no centro.

Não podia saber o que isso faria a ele.

Adiantou a mão e tocou a dela. Grace não a retirou.

— Dança comigo — murmurou

Agarrou a mão pelo pulso e com um suave puxão insistiu a levantar-se.

— Não há música — disse ela.

Mas se levantou, sem opor resistência, sem um instante de vacilação.

Então ele disse o que saiu do coração.

— A faremos nós.

Houve muitos instantes em que Grace poderia haver dito não.

Quando tocou a mão. Quando a puxou para ficar de pé.

Quando pediu que dançassem, face à falta de música, esse teria sido o momento lógico.

Mas não disse.

Não pôde.

Deveria ter se negado. Mas não desejou negar.

E então se encontrou em seus braços, dançando uma valsa ao ritmo do suave cantarolo dele. Não era um abraço que se permitisse jamais em um salão de baile; tinha-a muito apertada a ele, e com cada passo parecia apertá-la mais, até que a distância entre eles não se pôde medir por polegadas, mas sim pelo calor.

— Grace — disse ele, em uma espécie de gemido rouco.

Mas ela não ouviu o nome inteiro, porque ele já a estava beijando e o som ficou sufocado pelo beijo.

E estava correspondendo o beijo. Nossa, nunca desejou nada tanto como o desejava a ele, nesse momento. Desejava que a rodeasse que a aprisionasse que se fundisse com ela. Desejava abandonar-se a ele, tombar-se e oferecer-se a ele.

— O que queira — desejou sussurrar. — O que seja que deseja.

Porque ele sabia o que necessitava ela.

O retrato dessa mulher, a amante do rei francês, tinha feito algo.

Tinha-a enfeitiçado; não podia haver outra explicação. Desejava jazer nua em um divã. Desejava conhecer a sensação do tecido de damasco roçando o ventre enquanto soprava o ar fresco em suas costas, como um sussurro.

Desejava saber como era ficar dessa maneira, sentindo os olhos ardentes de excitação olhando seu corpo.

Os olhos dele, só os dele.

— Jack — sussurrou, apertando-se mais a ele, quase se jogando por cima.

Precisava senti-lo, sentir sua força, sua pressão. Não desejava que a carícia se limitasse aos lábios, queria-o em todas as partes, em todas as partes ao mesmo tempo.

Ele vacilou um momento, como surpreso por seu repentino entusiasmo, mas se recuperou rapidamente e em poucos segundos já tinha fechado a porta e a tinha esmagada contra a parede a um lado, sem interromper o beijo nem um só instante.

Ela estava nas pontas dos pés, tão esmagada entre ele e a parede que pendurariam os pés se estivesse um pouco mais acima. A boca dele era ávida e ela estava sem fôlego, e quando deslizou a boca para adorar a bochecha e logo a desceu ao pescoço, não pôde continuar com a cabeça direita; estirou-a para trás e se arqueou para ele, com seus seios desejosos de contato.

Não era a primeira vez que estavam nessa postura tão íntima, mas não era o mesmo. A outra vez ela desejava que a beijasse, desejava ser beijada.

Mas nesse momento... Era como se dentro dela tivessem despertado todos seus sonhos e desejos reprimidos, convertendo-a em um ser estranho, feroz. Sentia-se agressiva, forte. E estava absolutamente farta de ver acontecer à vida a seu redor.

— Jack... Jack.

Não foi capaz de dizer nada mais, enquanto ele puxava o corpete de seu vestido com os dentes, e seus dedos colaboravam soltando agilmente os botões do vestido às costas.

Mas isso não era justo. Ela desejava participar.

— Eu... — conseguiu dizer.

Desceu as mãos, que estavam desfrutando de seu sedoso cabelo, ao peito da camisa. Deslizou o corpo pela parede, abaixando-a com ele, até que os dois ficaram no chão. Sem perder um segundo, soltou os botões e quando terminou abriu a camisa.

Esteve um momento sem poder fazer nada além de olhar. Tinha ficado preso o ar na garganta, desejoso de sair, mas não conseguia fazer nada. Pôs a palma da mão no peito e o ar saiu em um

suave sopro quando sentiu os fortes batimentos do coração. Acariciou para cima e logo para baixo, maravilhada pelo contato, até que cobriu a mão com a sua.

— Grace — disse.

Engoliu saliva e sentiu tremer a mão.

Olhou-o, esperando que continuasse. Ele era capaz de seduzi-la com um apenas um olhar, pensou. Uma carícia a derreteria. Tinha uma ideia ele da magia que exercia sobre ela? Do poder?

— Grace — repetiu ele, com a respiração agitada. — Não poderei parar.

— Não me importa.

— Importa.

Sua voz soou áspera e isso a fez desejá-lo mais ainda.

— Desejo você. — disse suplicante. — Desejo isto.

Ele a olhou como se estivesse sofrendo. E ela *estava* sofrendo.

Apertou a mão, e ficaram em silêncio. Ela levantou os olhos e se encontraram.

Sustentaram o olhar.

E nesse momento o amou. Não sabia o que tinha feito ele, mas estava mudada. E o amava por isso.

— Não vou tomar isto de você — Disse ele, em um rouco sussurro. — Assim não.

Como, então? Desejou perguntar ela, mas a sensatez estava entrando em gotas no corpo e compreendeu que ele tinha razão. Era pouquíssimo o que tinha: uns pequenos brincos de pérolas de sua mãe, a Bíblia da família, as cartas de amor entre seus pais. Mas tinha seu corpo, e tinha seu orgulho, e não podia permitir-se entregá-lo a um homem que não seria seu marido.

E os dois sabiam que se resultasse ser ele o duque de Wyndham, não poderia ser seu marido. Ela não conhecia os detalhes da educação e criação dele, mas ouviu o suficiente para saber que estava familiarizado com os costumes da aristocracia. Tinha que saber o que se esperava dele.

Emoldurou o rosto entre as mãos e a olhou com uma ternura que a deixou sem fôlego.

— Ponho a Deus por testemunha — murmurou, virando-a para abotoar o vestido — De que isto é a renúncia mais difícil que fiz em toda minha vida.

Ela conseguiu encontrar força para sorrir. Ou ao menos para não chorar.



Essa noite Grace estava no salão rosa, procurando papel para transcrever uma carta da viúva, que tinha decidido, repentinamente parecia, que devia enviar a sua irmã, a grande duquesa desse pequeno país europeu cujo ela não sabia pronunciar (nem o recordava, na realidade).

O processo era mais longo do que poderia parecer, porque à viúva gostava de redigir suas cartas em voz alta (com ela de ouvinte) analisando e expressando dúvidas em cada frase. Tinha que concentrar-se em memorizar suas palavras porque depois devia copiar a carta (não a pedido da viúva, a não ser movimento pelo dever para a humanidade), convertendo os ganchos de ferro

ininteligíveis em palavras mais ordenadas e letra mais legível.

A viúva não reconhecia esse trabalho; de fato, a única vez que ela se ofereceu a fazê-lo, enfureceu-se de tal maneira que nunca mais voltou a dizer uma palavra sobre o assunto; mas, considerando que a seguinte carta da irmã começava com louvores por sua nova letra, era impossível imaginar-se que não soubesse.

Mas bom, era uma daquelas coisas das que não falavam.

Essa noite não considerava uma moléstia essa tarefa. Às vezes produzia dor de cabeça; sempre tentava fazer a cópia quando ainda o sol estava alto no céu, para ter a vantagem da luz natural. Mas era um trabalho que o único que exigia era uma concentração total, e pensava que nesse momento era exatamente o que necessitava. Algo que ocupasse a mente para não pensar em... Bom, em tudo.

No senhor Audley.

Em Thomas, e no horrorosamente mau que se sentia ela.

No quadro dessa mulher.

No senhor Audley.

Jack.

Exalou um suspiro curto, mas audível. Pelo amor de Deus, a quem queria enganar? Sabia muito bem em quem tentava não pensar.

Nela mesma.

Voltou a suspirar. Talvez devesse partir a esse país de nome impronunciável. Falariam inglês ali? A grande duquesa Margareta (batizada Margaret e chamada Maggs, como disse com certa alegria a viúva) teria tão mau gênio como sua irmã?

Parecia improvável.

Embora como membro da família real, Maggs devia ter a autoridade para ordenar que cortassem a cabeça de alguém; a viúva dizia que aí ainda imperava um sistema feudal.

Tocando a cabeça, concluiu que gostava do lugar onde estava, e com renovada resolução abriu a primeira gaveta da escrivaninha, talvez com mais força que necessário; fez um mau gesto ao ouvir o chiado ao roçar a madeira da gaveta, e então franziu o cenho; na realidade, esse era um móvel não muito bem feito; estava bastante desconjurado em Belgrave, em sua opinião.

Não havia nada na primeira gaveta; só uma pluma que parecia não ter sido usada desde que o país esteve governado pelo anterior rei Jorge.

Abriu o segundo e colocou a mão até o fundo, se por acaso houvesse algo que não se via por estar na escuridão, e então ouviu algo.

A alguém.

Era Thomas. Estava na porta, e se via bastante pálido, e inclusive a tênue luz viu que tinha os olhos avermelhados.

Engoliu saliva para passar uma quebra de onda de culpabilidade. Era um homem bom. Chateava-a estar apaixonando-se por seu rival. Não, não era isso. Chateava-a que seu rival fosse o senhor Audley. Não, não era isso tampouco. Detestava toda a maldita situação, até o último e ínfimo detalhe.

— Grace — disse ele, e não acrescentou nada mais.

Ela engoliu saliva novamente. Fazia algum tempo que não falavam de maneira amistosa; na realidade, tampouco tinham falado de maneira não amistosa, mas, francamente, o que podia ser pior que essa tão cuidada cortesia?

— Thomas, não sabia que ainda estava acordado.

Ele encolheu os ombros.

— Não é tão tarde.

— Não, suponho. — Olhou para o relógio. — A duquesa se deitou, mas ainda não dormiu.

— Seu trabalho não termina nunca? — perguntou ele, entrando.

— Não — disse ela, desejando suspirar; mas não queria cair na auto compaixão, assim que explicou: — Acima acabou o papel.

— Para cartas?

— Uma carta de sua avó. Eu não tenho a ninguém a quem escrever.

Nossa, como podia ser certo isso? Nunca tinha ocorrido pensá-lo.

Tinha escrito uma só carta no tempo que levava ali?

— Suponho que quando Elizabeth Willoughby se case e parta... — interrompeu-se, pensando que triste é necessitar que uma amiga parta para poder escrever uma carta. — Sentirei falta dela.

— Sim — disse ele, ao parecer algo distraído, embora não pudesse deixar de compreendê-lo, dado o estado de seus assuntos. — São boas amigas, verdade?

Ela assentiu, colocando a mão até o fundo da terceira gaveta. Êxito!

— Ah, aqui há papel. — Tirou da magra pilha de folhas e então percebeu que seu êxito significava que deveria fazer a tarefa. — Agora tenho que ir escrever a carta de sua avó.

— Ela não escreve suas cartas? — perguntou ele, surpreso.

Grace quase riu.

— Acredita que as escreve. Mas a verdade é que tem uma letra horrorosa. Ninguém poderia entender uma sílaba do que diz. Inclusive eu tenho dificuldades para entender. Ao final improvisado ao menos a metade.

Olhou os papéis que tinha nas mãos, golpeou-os sobre a escrivaninha pela borda de baixo e logo pelos lados, para quadrá-los. Quando levantou os olhos viu que ele se aproximou e estava bastante sério.

— Devo te pedir desculpas, Grace — disse ele, avançando para ela.

Oh, não desejava isso. Não desejava uma desculpa sentindo-se ela tão culpado.

— Por esta tarde? — Perguntou talvez em um tom muito alegre. — Não, por favor, não seja tolo. Esta é uma situação terrível, e ninguém poderia te culpar por...

— Por muitas coisas — interrompeu-o.

Olhava-a de uma maneira muito estranha, e pela cabeça passou a ideia de que poderia ter estado bebendo; bebia muitíssimo esse último tempo.

Muitas vezes disse que não devia brigar por isso; na realidade, era uma maravilha que se

comportasse tão bem nessas circunstâncias.

— Por favor — disse com o desejo de pôr fim à conversa. — Não me ocorre nada do que precise pedir desculpas, e te asseguro que se houvesse algo, aceitaria suas desculpas, com toda gentileza.

— Obrigado — disse ele. — Dentro de dois dias partimos em direção a Liverpool — Acrescentou, como se isso viesse ao caso.

Ela assentiu. Já sabia. E ele tinha que saber que ela estava a par dos planos.

— Imagino que tem muito que fazer antes que nos partamos.

— Quase nada — Respondeu ele.

E o disse em um tom desagradável, mais ou menos como desafiando-a a perguntar o que queria dizer. E seguro que havia algum significado, porque ele sempre tinha muito que fazer, houvesse planos de viagem ou não.

— Ah, isso é estupendo — disse, simplesmente porque tinha que dizer algo.

Ele se aproximou outro pouco e inclinou levemente a cabeça, e ela sentiu o aroma de licor em seu fôlego. Oh, Thomas. Sofreu por ele, compreendendo o que devia estar sentindo. E desejou dizer: — *Eu tampouco desejo isto. Desejo que você seja o duque e Jack o simples senhor Audley, e desejo que tudo isto acabe de uma vez.*

Inclusive se a verdade resultasse não ser a que ela rogava que fosse, desejava que soubesse.

Mas não podia dizer isso em voz alta; e não podia dizer para Thomas.

Ele já a estava olhando dessa maneira penetrante, como se soubesse todos seus segredos, como se soubesse que estava se apaixonando por seu rival, que já o tinha beijado, várias vezes, e que tinha desejado muito mais.

Que teria feito se Jack não o tivesse impedido.

— Estou praticando, sabe? — disse ele.

— Praticando?

— A ser um cavalheiro ocioso. Talvez devesse imitar seu senhor Audley.

— Não é meu senhor Audley — replicou ela imediatamente, até sabendo que ele só disse para provocá-la.

— Não terá que preocupar-se — Continuou ele como se ela não tivesse falado. — Deixei tudo em perfeita ordem. Revisaram-se todos os contratos e se checou até a última cifra de cada última coluna. Se ele levar a propriedade à ruína, só será responsabilidade dele.

— Thomas, pare — Disse ela, porque não pôde suportar, nem por ele nem por ela. — Não fale assim. Não sabemos se é o duque.

— Não sabemos? — disse ele, olhando-a. — Vamos, Grace, nós dois sabemos o que encontraremos na Irlanda.

— Não sabemos — insistiu ela, e notou que a voz saiu oca.

Sentia-se oca, como se tivesse que manter-se muito quieta para não romper-se.

Ele a olhou fixamente, por tanto tempo que fez incômodo.

— O ama? — perguntou então.

Grace notou que o sangue abandonava a cara.

— O ama? — Repetiu ele, em voz muito alta. — Audley.

— Sei a quem se refere — disse ela, sem pensar duas vezes.

— Imagino que sim.

Ela se manteve imóvel, obrigando-se a afrouxar as mãos; era possível que tivesse enrugado o papel, havia sentido um rangido ao apertá-lo. Depois de pedir desculpas, em um segundo ele se tornou odioso; sabia que sofria por dentro, mas ela também, maldição.

— Quanto tempo leva aqui? — perguntou ele.

Ela retrocedeu, desviando levemente o rosto; estava-a olhando muito estranho.

— Em Belgrave? Cinco anos.

— E em todo este tempo eu não... — Moveu a cabeça. — Não sei por que.

Sem pensar ela tentou retroceder mais, mas chocou com a escrivaninha.

O que acontecia com ele?

— Thomas — disse já receosa. — De que fala?

Ao parecer ele encontrou divertido isso.

— Que me pendurem se sei. — Então, enquanto ela procurava uma resposta apropriada, riu amargamente e disse: — O que vai ser de nós, Grace? Estamos perdidos, sabe? Os dois.

Ela sabia que isso era certo, mas foi terrível ouvi-lo confirmado.

— Não sei de que fala — disse.

— Ah, vamos, Grace, é muito inteligente, sabe.

— Devo ir. — Mas fechava o passo. — Thomas, eu...

E então, beijou-a. Pousou a boca na dela e o estômago deu um tombo de horror, não porque o beijo fosse repulsivo, mas sim porque não o era. Foi à comoção. Estiveram cinco anos aí, e ele nunca deu nem o menor sinal de...

Afastou-se bruscamente.

— Para! Por que faz isto?

— Não sei. — Encolheu-se de ombros. — Eu estou aqui, você está aqui.

— Vou embora.

Mas ele seguia com uma mão em seu braço. Necessitava que o soltasse; podia soltar-se com um puxão, não o deixava preso. Mas tinha que ser decisão dele.

Ele necessitava que fosse sua decisão.

— Oh, Grace — disse então ele, com expressão quase derrotada. — Já não sou Wyndham. Nós dois sabemos.

Encolhendo os ombros retirou a mão, em sinal de rendição.

— Thomas? — murmurou ela.

— Se casaria comigo depois que acabe isso tudo? — Disse ele então.

Com uma sensação semelhante ao horror ela perguntou.

— O que? Vamos, Thomas, está louco.

Mas sabia o que queria dizer ele realmente. Sendo duque não podia casar-se com Grace Eversleigh. Mas se não o fosse, se fosse o simples senhor Cavendish, por que não?

Subiu ácido à garganta. Não foi sua intenção insultá-la. E não se sentia insultada. Conhecia o mundo em que vivia. Conhecia as regras, e conhecia seu lugar. Jack nunca seria dela. Não podia se fosse o duque.

Thomas pôs um dedo sob o queixo e levantou o rosto para que o olhasse.

— O que diz Gracie?

E ela pensou *talvez*.

Seria muito terrível? Não poderia continuar em Belgrave, isso com certeza. E talvez pudesse aprender a amá-lo. Já gostava dele na realidade, como a um amigo.

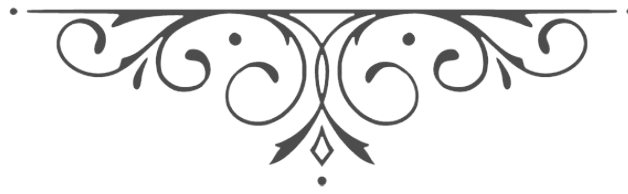
Ele se inclinou para beijá-la outra vez e ela o permitiu, rogando que o coração retumbasse, acelerasse o pulso e vibrasse esse lugar no meio das pernas. *Vamos, por favor, que sinta o que sinto quando me acaricia Jack.*

Mas não sentiu nada. Só a cálida sensação de amizade. O que não era o pior do mundo, claro.

— Não posso — murmurou, desviando o rosto, desejando chorar.

E então chorou, porque ele apoiou o queixo em sua cabeça, consolando-a como um irmão. Com o coração oprimido de pena, ouviu-o murmurar: — Sei.

CAPÍTULO 16



Jack não dormiu bem essa noite, por isso estava irritável, mal-humorado, assim passou pela sala de café da manhã, onde se encontraria com pessoas com as quais se esperaria que conversasse, e saiu para fazer sua cavalgada matutina costumeira.

Isso era o melhor dos cavalos: jamais esperavam conversa.

Não sabia o que devia dizer a Grace quando voltasse a vê-la, talvez: — Eu adorei te beijar. Poderíamos fazer mais vezes.

Essa era a verdade, mesmo que fosse ele quem interrompeu o encontro. Tinha ardido por ela toda a noite.

Poderia ter que se casar com ela.

Parou bruscamente ao cavalo. De onde saiu isso?

— De sua consciência, — disse uma molesta vozinha, talvez sua consciência.

Condenação. Realmente necessitava uma boa noite de sono; sua consciência nunca falava tão forte.

Mas poderia? Se casar com ela? Seria a única maneira em que poderia levá-la à cama. Grace não era o tipo de mulher com a que se tem uma aventura. E isso não era por seu berço, embora fosse um fator, é óbvio.

Simplesmente era... *ela*. Sua maneira de ser, sua dignidade, tão pouco comum, seu humor calado e peralta.

Matrimônio. Curiosa ideia.

Não o tinha evitado, não. Simplesmente nunca tinha ocorrido se casar. Raramente estava em um lugar tempo suficiente para formar uma relação duradoura. E, dada à natureza de sua profissão, seus ganhos eram esporádicos. Não haveria nem sonhado em pedir uma mulher que compartilhasse a vida com um bandoleiro.

Embora não fosse bandoleiro. Já não o era. A viúva se encarregou disso.

— Simpática Lucy — murmurou quando entrou no estábulo, dando uns tapinhas no pescoço do castrado, antes de desmontar.

Teria que pôr um nome masculino ao pobre animal; seria o lógico.

Mas já estavam a muito tempo juntos; seria difícil fazer a mudança.

— Minha relação mais duradoura — disse em voz baixa quando ia caminhando de volta a casa.
— Agora bem, isso é patético.

Lucy era um príncipe no que a cavalos se referia, mas era um cavalo.

O que tinha para oferecer a Grace? Olhou o castelo, imponente, enorme, como um monstro de

pedra. Quase riu. Um ducado, possivelmente. Bom Deus, mas não desejava o ducado; era muito.

E se não fosse o duque? Mas claro, sabia que era. Seus pais estavam casados, disso estava absolutamente seguro. Mas e se não houvesse nenhuma prova? Se a igreja se incendiou? Se houve uma inundação? Ou ratos? Os ratos roem o papel, não? E se um camundongo, não, uma legião de ratos, comeram todo o livro de registro da paróquia?

Isso podia ocorrer.

Então, o que tinha para oferecer se não fosse o duque?

Nada. Absolutamente nada. Um cavalo chamado Lucy e uma avó que, estava cada vez mais convencido, era um feto de Satã. Não tinha nenhuma habilidade nem conhecimentos dignos de menção; resultava difícil imaginar-se aplicando seu talento para roubar nas estradas em algum tipo de ocupação honrada. E não queria voltar para exército. Embora fosse uma profissão respeitável, o separaria de sua mulher e para que se casar, então?

Supunha que Wyndham daria uma pensão com uma simpática propriedade rural pequena o mais longe possível de Belgrave. Aceitaria, logicamente; nunca teve um orgulho desproporcionado. Mas o que sabia de simpáticas propriedades rurais? Criou-se em uma, mas jamais se incomodou em prestar atenção à maneira de administrá-la e levá-la. Sabia limpar um curral e paquerar com as criadas, mas estava seguro de que se necessitava muito mais que isso para fazer da propriedade algo decente.

E logo estava Belgrave, ainda gigantesco ante ele, ainda tampando o sol. Bom Deus, se não se acreditava capaz de administrar uma propriedade rural pequena, que diabos faria com *esta*? Por não falar das muitas outras propriedades que possuíam os Wyndham; a viúva as enumerou durante o jantar uma noite. Não conseguia nem imaginar a quantidade de documentos que teria que revisar no trabalho administrativo: montões de contratos, livros de contabilidade, propostas, cartas; doía o cérebro de só pensar.

Entretanto, se não aceitasse o ducado, se como fora encontrava a maneira de pará-lo tudo antes que o tragasse, o que teria para oferecer a Grace?

O estômago estava se queixando de que saltou o café da manhã, assim subiu depressa até a porta e entrou. No vestibulo havia muitíssima agitação, criados indo e vindo ocupados em sua miríade de tarefas, assim que sua entrada passou bastante despercebida, o que não importou.

Tirou as luvas, e se estava esfregando as mãos para esquentar quando divisou Grace no outro extremo do vestibulo.

Pareceu que ela não o tinha visto; pôs-se a caminhar em direção a ela, mas ao passar por diante da porta de um dos salões ouviu um estranho conjunto de vozes e não pôde resistir sua curiosidade. Parou e apareceu.

— Lady Amélia — Disse surpreso.

Estava de pé, muito rígida, com as mãos fortemente agarradas adiante.

Não podia deixar de compreendê-la; não cabia dúvida de que ele estaria tenso e aflito se estivesse comprometido em matrimônio com Wyndham.

Entrou no salão para saudá-la.

— Não sabia que nos tivesse honrado com sua encantadora presença.

Então viu Wyndham; na realidade era impossível não vê-lo. O duque estava emitindo um som

bastante macabro, quase parecido a uma risada.

A seu lado estava um cavalheiro mais velho de estatura mediana e um pouco rechonchudo. Era um aristocrata da cabeça aos pés, mas sua pele bronzeada e curtida indicava que passava muito tempo ao ar livre.

Lady Amélia engoliu saliva e tossiu, e tinha o aspecto de sentir-se enjoada.

— Pai — Disse ao homem mais velho.

— Permita-me que apresente ao senhor Audley? É um hóspede aqui em Belgrave. Conheci o outro dia quando vim ver Grace.

— Onde está Grace? — perguntou Wyndham.

Jack detectou algo estranho, desconjurado, em seu tom, mas de todos os modos respondeu: — Está ao final do vestíbulo. Eu ia caminhando...

— Não me cabe dúvida — espetou Wyndham, sem sequer olhá-lo.

— Muito bem — Disse lorde Crowland. — Queria saber sobre suas intenções.

Intenções? Pensou Jack, avançando uns quantos passos. Isso não podia ser outra coisa que interessante.

— Este poderia não ser o melhor momento — Disse lady Amélia.

— Não, este poderia ser nosso único momento — Disse Wyndham em um tom solene, estranho nele.

Jack estava pensando em como devia interpretar isso quando chegou Grace.

— Desejava algo, excelência? — perguntou.

Wyndham a olhou um momento, perplexo.

— Tão forte falei?

Grace fez um gesto para o vestíbulo.

— O laçao ouviu.

Ah, sim, em Belgrave abundavam os laçaios. E isso facilitava muito manter em segredo a viagem à Irlanda.

Mas se a Wyndham importou, não o demonstrou.

— Entre, senhorita Eversleigh — Disse, movendo o braço em gesto de bem-vinda. — Bem poderia ter um lugar nesta farsa.

Jack começou a sentir inquietação. Não conhecia bem seu primo, mas esse não era seu comportamento habitual. Estava muito teatral, muito solene; era um homem empurrado até o limite do abismo e ali estava se balançando.

Ele reconhecia os sinais, tinha passado por isso.

Deveria intervir? Poderia fazer algum comentário tolo para romper a tensão. Isso poderia ser útil e confirmaria o que Wyndham já pensava dele: que era um palhaço desarraigado ao que não teria levar a sério.

Decidiu se calar.

Observou Grace, que entrou na sala e foi se situar perto da janela; conseguiu captar seu olhar,

mas muito brevemente. Parecia tão perplexa como ele, e muitíssimo mais preocupada.

— Exijo saber o que está acontecendo. — Disse lorde Crowland.

— É óbvio — respondeu Wyndham. — Que má educação a minha. Onde estão minhas maneiras?

Jack olhou para Grace. Tinha colocado a mão na boca.

— Tivemos uma semana muito emocionante em Belgrave — Continuou Wyndham. — Ultrapassa com muito minhas mais loucas imaginações.

— E com isso quer dizer?

— Ah, sim, provavelmente deveria saber. Este homem — Agitou a mão em direção a Jack — É meu primo. Poderia inclusive ser o duque.

Olhou para lorde Crowland e encolheu os ombros. — Não sabemos ainda a verdade.

Silêncio.

— Oh, Meu Deus — Exclamou lady Amélia passado um momento.

Jack a olhou. Tinha empalidecido; não conseguiu discernir o que poderia estar pensando.

— Então a viagem à Irlanda... — Disse seu pai.

— É para determinar sua legitimidade — Confirmou Wyndham, e com uma expressão morbidamente brincalhona continuou: — Vai ser um bom grupo. Vai inclusive minha avó.

Jack controlou a expressão de seu rosto para que não demonstrasse seu horror. Então olhou para Grace; estava olhando ao duque horrorizada.

Em troca a expressão de lorde Crowland só se podia qualificar de lúgubre.

— Iremos com vocês. — Disse.

— Pai? — Disse lady Amélia, avançando para ele quase de um salto.

— Não se meta nisto, Amélia — Respondeu seu pai, sem sequer voltar-se para olhá-la.

— Mas...

— Te asseguro que nos daremos a maior pressa possível em determinar isto e informaremos imediatamente — Disse Wyndham.

— Disto depende o futuro de minha filha — Replicou Crowland acalorado. — Quero estar aí para examinar os papéis.

A expressão de Wyndham passou a letal.

— Acha que iremos te enganar? — perguntou em voz perigosamente baixa.

— Só prezo pelos direitos de minha filha.

— Pai, por favor — suplicou Amélia, pondo a mão em seu braço. — Por favor, só um momento.

— Disse para não se meter nisto! — Gritou ele, sacudindo o braço com tanta força que ela cambaleou.

Jack avançou para sustentá-la, mas Wyndham já estava junto a eles antes que ele pudesse pestanejar.

— Peça desculpas a sua filha — disse.

— Que diabos disse? — balbuciou Crowland, confuso.

— Lhe peça desculpas! — rugiu Wyndham.

— Excelência — disse Amélia, tentando meter-se entre eles. — Não julgue a meu pai com tanta dureza, por favor. Estas são circunstâncias excepcionais.

— Ninguém sabe disso melhor que eu — disse Wyndham, embora sem olhá-la, pois estava olhando a cara de seu pai, e não desviou o olhar ao dizer: — Peça desculpa a Amélia ou te expulso da propriedade.

E Jack o admirou, pela primeira vez. Já tinha percebido que o respeitava, mas isso não era o mesmo. Wyndham era um chato, em sua humilde opinião, mas tudo o que fazia todas suas decisões e atos, eram por outros. Todo o fazia por Wyndham, o patrimônio, não por sua pessoa. Era impossível não respeitar um homem assim.

Mas isto era diferente. O duque não estava defendendo a sua gente, a não ser a uma pessoa. Isso era algo muito mais difícil.

Entretanto, enquanto o olhava nesse momento, diria que isso o fazia com a mesma naturalidade com que respirava.

— Sinto muito — disse Crowland finalmente, com cara de não saber muito bem o que acabava de ocorrer. — Amélia, sabe que eu...

— Sei — interrompeu-a.

E então Jack se encontrou inesperadamente no centro do cenário.

— Quem é este homem? — perguntou lorde Crowland, apontando para ele com o braço.

Jack olhou para Wyndham com uma sobrancelha arqueada, cedendo a resposta.

— É o filho do irmão mais velho de meu pai — respondeu Wyndham.

— Charles? — perguntou Amélia.

— John.

Lorde Crowland assentiu.

— Estão seguros disto? — perguntou, dirigindo a pergunta a Wyndham.

Thomas encolheu os ombros.

— Pode olhar o retrato.

— Mas seu sobrenome.

— Era Cavendish quando nasci — respondeu Jack; se ele era o tema de conversa bem podia participar dela, maldição. — No colégio tinha o sobrenome Cavendish Audley. Pode olhar os arquivos se o desejar.

— Aqui? — perguntou Crowland.

— Em Enniskillen. Só vim à Inglaterra depois de servir ao exército.

— Eu estou convencido de que é parente sanguíneo — disse Wyndham tranquilamente. — Só falta por determinar se o é também pela lei.

Jack o olhou surpreso; era a primeira vez que o reconhecia como parente em público.

O conde não fez nenhum comentário; ao menos não direto.

Simplesmente caminhou para a janela resmungando:

— Isto é um desastre.

E não acrescentou nada mais.

De resto, tampouco ninguém disse nada.

E então chegou o comentário do conde, que estava olhando para o canteiro de grama.

— Eu assinei o contrato de boa fé — disse, com voz rouca e irada. — Vinte anos atrás, assinei o contrato.

Só respondeu o silêncio.

Então se virou bruscamente.

— Entende? — perguntou, olhando para Wyndham furioso. — Seu pai foi ver-me com seus planos e eu os aceitei, acreditando que você fosse o herdeiro legítimo do ducado. Ela seria duquesa. Duquesa! Acredita que entregaria minha filha se soubesse que não iria ser... Não seria...?

Não seria como eu, desejou dizer Jack, mas por uma vez pareceu que não era nem o momento nem o lugar para fazer uma brincadeira frívola e travessa.

Então Wyndham (de repente desejou chamá-lo Thomas) olhou o conde altivo, e disse: — Pode me chamar senhor Cavendish, se o desejar; se acha que poderia te servir para se acostumar à ideia.

Isso era exatamente o que teria desejado dizer ele, pensou Jack, se tivesse estado na pele de Thomas. Se tivesse ocorrido.

Mas essa sarcástica recriminação não intimidou o conde. Olhou para Thomas furioso, quase tremendo e vaiou: — Não vou permitir que defraudem minha filha. Se resultar que não é o legítimo duque de Wyndham, pode considerar nulo e inválido o compromisso.

— Como quiser — disse Thomas secamente.

Não discutiu nem deu nenhum sinal de que poderia desejar lutar por sua noiva.

Jack olhou para Amélia e imediatamente desviou o olhar. Há certas coisas, certas emoções, que um cavalheiro não deve observar.

E ao virar-se encontrou cara a cara com o conde, o pai dela. E o homem apontava seu peito com o dedo.

— Se for assim — disse — Se você for o duque de Wyndham, você se casará com minha filha.

Muitíssima pouca coisa deixava sem fala Jack Audley, mas com isso o conseguiu.

Quando recuperou a voz, depois de um desagradável som que supôs saiu da garganta, conseguiu dizer: — Ah, não.

— Ah, sim — Advertiu Crowland. — Casará com ela embora tenha que levá-lo ao altar com meu trabuco às costas.

— Pai, não pode fazer isto — exclamou Amélia.

Crowland a ignorou.

— Minha filha está comprometida com o duque de Wyndham e com o duque de Wyndham se casará.

— Não sou o duque de Wyndham — disse Jack, recuperando um pouco seu aprumo. — Ainda

não. Talvez nunca.

— Mas eu estarei presente quando sair à luz a verdade. E me encarregarei de que minha filha se case com o homem certo.

Jack o avaliou. Lorde Crowland não era um homem débil, e embora não gotejasse o mesmo altivo poder de Wyndham, sem dúvida conhecia sua valia e seu lugar na sociedade. Não permitiria que ofendessem sua filha.

Isso ele respeitava. Se tivesse uma filha, faria o mesmo, supôs, mas não a gastos de um homem inocente.

Olhou Grace, só um instante, e alcançou a captar a horrorizada e abatida expressão de seus olhos ante a cena que estava presenciando.

Não renunciaria a ela. Nem por um maldito título nem muito menos para honrar um contrato de matrimônio de outra pessoa.

— Isto é de loucos — disse, olhando a todos, sem poder acreditar que fora o único que falasse em sua defesa. — Nem sequer a conheço.

— Isso não tem importância — disse Crowland bruscamente.

— Está louco — exclamou Jack. — Não vou casar com ela. — Olhou para Amélia e desejou não ter dito isso. — Minhas desculpas milady — disse, virtualmente balbuciando. — Isto não é de caráter pessoal.

Ela moveu a cabeça, rápido, com pena. Não foi um sim nem um não, apenas uma aflita confirmação de entendimento, o tipo de movimento que faz uma pessoa quando é o único que é capaz de fazer.

Rasgou até as vísceras.

— Não — Disse ela. — Isto não é sua responsabilidade. Não tem por que se ofender.

E ninguém disse nada em sua defesa. Grace a entendia, posto que não estivesse em posição para dizer algo, mas, que tolice e Wyndham? Não importava que Crowland estivesse tentando dar sua noiva a outro?

Mas o duque simplesmente estava ali, imóvel como uma pedra, e em seus olhos ardia algo que não soube identificar.

— Eu não aceitei isto — disse. — Não assinei nenhum contrato.

Isso tinha que significar algo.

— Ele tampouco — disse Crowland, fazendo um gesto com o ombro para o Wyndham. — Assinou-o seu pai.

— Em seu nome — disse Jack, quase a gritos.

— Aí é onde se equivoca senhor Audley. No contrato não se especificou seu nome. Minha filha, Amélia Honoria Rose, irá se casar com o sétimo duque de Wyndham.

— Sim? — perguntou Thomas, falando por fim.

— Não olhou o documento? — perguntou Jack.

— Não, nunca vi a necessidade.

— Bom Deus — exclamou Jack — Estou no meio de um grupo de malditos idiotas.

Ninguém o contradisse, observou. Desesperado, olhou para Grace, que tinha que ser o único membro ajuizado da humanidade que estava nessa casa. Mas ela não o olhou nos olhos.

Isso bastou. Tinha que pôr fim ao assunto. Ergueu-se em toda sua estatura e olhou lorde Crowland.

— Senhor, não me casarei com sua filha.

— Ah, se casará.

Mas isto não disse Crowland, quem falou foi Thomas, avançando para ele com os olhos reluzindo de ira mal contida. Não parou até quando estavam quase tocando seus narizes.

— O que disse? — Perguntou Jack, seguro de que tinha ouvido mal.

Por tudo o que viu, o que não era muito na realidade, Thomas gostava bastante de sua noiva.

— Esta mulher — disse Thomas, fazendo um gesto para Amélia, que estava atrás. — Passou toda sua vida preparando-se para ser a duquesa de Wyndham. Não vou permitir que arruíne sua vida.

Todos os presentes ficaram absolutamente imóveis, à exceção de Amélia, que parecia a ponto de cair no chão.

— Entende-me?

E ele, bom, ele era Jack, assim simplesmente arqueou as sobrancelhas, e sorriu não um sorriso satisfeito, embora não tivesse dúvidas de que a seu sorriso faltava sinceridade. Olhou para Thomas nos olhos.

— Não. — Thomas ficou em silêncio. — Não, não o entendo — disse ele.

Encolheu os ombros. — Sinto muito.

Thomas o olhou um momento.

— Acredito que te matarei — disse.

Lady Amélia lançou um grito e se equilibrou ao agarrar Thomas, uns segundos antes que pudesse atacar.

— Pode me tirar a vida — Grunhiu Thomas, logo se deixando submeter por ela. — Pode me roubar meu sobrenome, mas Por Deus que não roubará o dela.

— Ela tem um sobrenome. É Willoughby. E, pelo amor de Deus, é filha de um conde. Encontrará outro homem.

— Se você for o duque de Wyndham — disse Wyndham energicamente. — Honrará seus compromissos.

— Se for o duque de Wyndham não pode me dizer o que devo fazer.

— Amélia, solte meu braço — disse Thomas com uma calma letal.

Em lugar de soltá-lo, ela puxou-o para trás.

— Acredito que não é conveniente — disse.

Lorde Crowland escolheu esse momento para situar-se entre eles.

— Isto..., senhores, tudo isto é hipotético neste momento. Talvez devessem esperar a...

— Em todo caso eu não seria o sétimo duque — disse Jack, que acabava de ver sua escapatória.

— Como disse? — perguntou Crowland, como se ele fosse uma moléstia e não o homem ao que queria obrigar a se casar com sua filha.

— Não seria o sétimo. — Pensou, pensou, tentando armar os detalhes da história da família que descobriu esses dias. Olhou para Thomas: — Verdade? Porque seu pai foi o sexto duque. E não o teria sido se o tivesse sido eu, verdade?

— De que diabos fala? — perguntou Crowland.

Mas Jack viu que Thomas entendia exatamente seu argumento. E o explicou: — Seu pai morreu antes que meu próprio pai. Se seus pais estavam casados teriam herdado à morte do quinto duque, nos eliminando totalmente a meu pai e a mim.

— E isso me converteria no sexto duque — disse Jack.

— Sim.

— Então não estaria obrigado a honrar o contrato. Nenhum tribunal do país me exigiria isso. Duvido que me exija isso ainda no caso de que fosse o sétimo duque.

— Não é a um tribunal jurídico ao que deve apelar — disse Thomas — A não ser ao tribunal de sua responsabilidade moral.

— Eu não pedi isto.

— Eu tampouco — disse Thomas em voz baixa.

Jack não disse nada. Sentia a voz presa no peito, martelando e fazendo um ruído surdo e espremendo o ar. A sala estava muito quente, sentia apertada a gravata, e nesse momento em que escapava o controle de sua vida, sabia uma só coisa de certo.

Tinha que sair.

Olhou para Grace, mas ela mudou de lugar; estava ao lado de Amélia e tinha a mão agarrada.

Não renunciaria a ela. Não poderia. Pela primeira vez em sua vida tinha encontrado uma mulher que enchia todos os espaços vazios do coração.

Não sabia quem seria uma vez que fossem a Irlanda e encontrassem o que fosse que acreditavam que procuravam. Mas fosse quem fosse duque, bandoleiro, soldado, pícaro, desejava-a a ela a seu lado.

Amava-a.

A *amava*.

Não a merecia por milhões de motivos, mas a amava. E era um bode egoísta, mas iria se casar com ela. Encontraria uma maneira. Fosse quem fosse e possuísse o que possuísse.

Talvez estivesse comprometido com Amélia. Talvez não fosse o bastante inteligente para entender os detalhes legais do assunto, e muito menos sem o contrato na mão e alguém que traduzisse os termos técnicos.

Se casaria com Grace. Se casaria.

Mas primeiro tinha que ir a Irlanda.

Não podia se casar com ela enquanto não soubesse quem era, mas mais que isso, não podia se

casar com ela enquanto não tivesse expiado seus pecados.

E isso só o podia fazer na Irlanda.

CAPÍTULO 17



Cinco dias depois, no mar...

Não era a primeira vez que cruzava o Mar da Irlanda. Nem sequer era a segunda nem a terceira. Pensou se alguma vez deixaria de sentir esse desassossego, se algum dia poderia olhar as águas escuras e revoltas sem pensar em seu pai deslizando-se sob a superfície e encontrando a morte.

Já antes de conhecer Cavendish, quando seu pai só era uma tênue imagem em seus pensamentos, desagradava cruzar em navio o mar.

Mas aí estava. Apoiado no corrimão. Ao parecer não podia evitá-lo; não podia ir navegando e não olhar, por volta da lonjura e logo o mar.

Esta vez era uma viagem tranquila, com o mar em calma, embora isso não o tranquilizasse muito. Não temia por sua segurança, simplesmente encontrava muito mórbido estar navegando por cima da tumba de seu pai.

Desejava que acabasse; desejava estar de volta em terra, mesmo que essa terra fosse à Irlanda, supunha.

A última vez que esteve em casa...

Apertou os lábios e fechou os olhos. A última vez que esteve em casa foi quando levou o cadáver de Arthur.

Isso foi o mais difícil que fez em toda sua vida. Não só porque tinha o coração destroçado, a não ser sobre tudo porque o aterrava sua chegada a casa. Como poderia olhar a seus tios e entregar a seu filho morto?

E se por acaso isso fosse pouco, era condenadamente difícil transladar um cadáver da França a Inglaterra e logo a Irlanda. Teve que encontrar um ataúde, o que era assombrosamente difícil em meio da guerra.

A "oferta e procura", explicou um de seus amigos quando fracassaram na primeira tentativa de conseguir um ataúde; havia muitíssimos cadáveres pulverizados por aí; os ataúdes eram o luxo definitivo em um campo de batalha.

Mas perseverou até encontrar um, e seguiu ao pé da letra as instruções que deu o empregado da funerária, enchendo o ataúde de madeira com serragem e selando-a com breu. Inclusive assim, finalmente o aroma começou a sair, e quando chegou à Irlanda, nenhum chofer aceitou levá-lo.

Teve que comprar uma carruagem para levar a casa o cadáver de seu primo.

Essa viagem transtornou a vida também. O exército rejeitou seu pedido de licença para transladar o cadáver, e se viu obrigado a vender sua comissão. Não foi elevado o preço de poder fazer esse último serviço a sua família; mas significou que teve que deixar um posto para o que, por fim, era absolutamente apto. O colégio foi um sofrimento, fracasso atrás fracasso.

Foi arrumando para passar de curso principalmente com a ajuda de Arthur, que ao ver seu problema se ofereceu discretamente a ajudá-lo.

Mas a universidade, bom Deus, ainda custava acreditar que o tivessem animado a ir. Sabia que seria um desastre, mas os alunos de Royal foram à universidade; era assim de singelo. Mas Arthur estava dois cursos mais atrás e sem ele não teria nem a menor possibilidade. O fracasso teria sido muito humilhante, assim conseguiu que o expulsassem por má conduta.

Não fazia falta muita imaginação para encontrar maneiras impróprias de comportar-se um aluno do Trinity College.

Então voltou para sua casa, supostamente castigado, e decidiu que poderia ir para o exército. Assim se alistou. O ofício perfeito. Por fim tinha encontrado um lugar no qual podia ter êxito e prosperar sem livros, redações nem plumas. E não era que não fosse inteligente; simplesmente detestava os livros, as redações e as plumas. Produziam dor de cabeça.

Mas tudo isso já estava no passado, e nesses momentos ia de volta à Irlanda pela primeira vez desde o funeral de Arthur, e poderia ser o duque de Wyndham, o que asseguraria toda uma maldita vida de livros, escritos e plumas.

E dores de cabeça.

Olhou à esquerda e viu Thomas, também junto ao corrimão da proa com Amélia. Estava apontando para algo, talvez um pássaro, posto que ele não visse nenhuma outra coisa de interesse. Amélia estava sorrindo; não era um sorriso muito largo, mas via que aliviava algo pelo menos o sentimento de culpa por aquela cena em Belgrave quando se negou a se casar com ela. E não poderia ter feito outra coisa; seriamente acreditavam que ele iria fazer uma cambalhota e dizer: — *Ab, sim, me deem a uma qualquer. Eu me apresentarei na igreja e estarei agradecido?*

E não encontrava nada mau em lady Amélia. Na realidade, poderia ser muito pior (possivelmente o seria) se o obrigavam a se casar.

E se não tivesse conhecido Grace..., poderia ter estado bem disposto.

Ouviu passos de alguém se aproximando e quando se voltou para olhar, ali estava ela, como se seus pensamentos a tivessem chamado. Tirou o lenço e a brisa agitou o cabelo.

— Está muito agradável aqui fora — disse ela, apoiando-se no corrimão a seu lado.

Ele assentiu. Não a tinha visto muito durante a viagem; a viúva tinha preferido permanecer em seu camarote e Grace tinha que atendê-la. Mas não se queixava; jamais se queixava, e ele supunha que, na realidade, não tinha motivos para queixar-se. Esse era seu trabalho depois de tudo, acompanhar à viúva. De todos os modos, não conseguia imaginar um posto menos agradável. Se fosse ele, não teria durado tanto tempo trabalhando nisso.

Logo, pensou. Logo ela estaria livre. Se casariam e ela não teria que ver nunca mais à viúva, se isso fosse o que desejava. Não importava que a velha bruxa fosse sua avó; era cruel, egoísta e antipática, e não tinha a menor intenção de voltar a falar nenhuma palavra com ela uma vez que tivesse acabado tudo. Se resultasse ser o duque, compraria essa fazenda nas Híbridas Exteriores e a enviaria ali. E se não fosse, pensava agarrar Grace pela mão e levá-la de Belgrave sem olhar para trás.

Era um sonho muito feliz, sorte fosse verdade.

Grace estava inclinada olhando a água.

— É curioso, verdade? O quão rápido parece avançar.

Ele olhou para a vela.

— Há bom vento.

— Sei. Tem muita lógica, é óbvio. — Levantou os olhos e sorriu. — O que passa é que nunca estive em um navio.

— Nunca? — Era difícil imaginar. — Está um pouco verde. Está enjoando?

Ela negou com a cabeça.

— Não em um navio como este. Meus pais me levaram para navegar em um lago uma vez, em um barco de remos. — Voltou a olhar a água. — Nunca tinha visto correr assim a água. Sinto vontade de me inclinar e tocar com os dedos.

— Está fria.

— Bom sim, claro. — inclinou-se outro pouco para fora, com o pescoço arqueado para sentir a brisa. — Mas de todo modo eu gostaria de tocá-la.

Ele encolheu os ombros. Deveria mostrar-se mais loquaz, mas acreditava ver os primeiros indícios de terra no horizonte, e sentia o ventre oprimido e um nó no estômago.

— Sente-se mau? — perguntou ela.

— Estou muito bem.

— Está um pouco verde. Está enjoado?

Quem dera, pensou ele. Jamais se enjoava no mar. Enjoava-se na terra. Não desejava voltar. Essa noite tinha despertado em seu pequeno beliche pegajoso de suor.

Tinha que voltar. Tinha. Mas isso não significava que uma parte dele não desejasse comportar-se como um covarde e fugir.

Ouviu-a inspirar forte e reter o fôlego, e quando a olhou estava apontando, com o rosto iluminada pelo entusiasmo.

Seu rosto assim era provavelmente o mais formoso que viu em sua vida.

— Isso é Dublin? — perguntou ela. — Ali? Ele assentiu.

— O porto. A cidade propriamente dita está um pouco mais ao interior.

Ela alargou o pescoço, o que o teria divertido se não estivesse com o ânimo tão baixo. À distância em que estavam não poderia ver nada.

— Disseram que é uma cidade encantadora — Disse ela.

— Há muito para ver.

— É uma lástima. Suponho que não passaremos muito tempo aí.

— Não. A viúva está impaciente.

— Você não?

Ele teve que fazer uma inspiração profunda, e esfregou os olhos.

Estava cansado, nervoso e se sentia como se o levassem a sua perdição.

— Não — Disse. — Para ser franco, ficaria muito feliz se ficasse aqui, neste navio, junto a este

corrimão, o resto de minha vida.

Ela se virou para olhá-lo com olhos sombrios.

— Com você — Acrescentou ele em voz baixa. — Aqui junto a este corrimão com você.

Voltou a olhar para terra. O porto de Dublin já era mais que um ponto no horizonte. Logo poderia distinguir edifícios e navios. À esquerda ouvia as vozes de Thomas e Amélia conversando. Estavam apontando também, olhando o porto que parecia crescer.

Engoliu saliva. Também estava crescendo um nó no estômago.

Bom Deus era quase divertido. Aí estava, de volta na Irlanda, obrigado a ver sua família, a quem falhou tantos anos atrás. E se por acaso isso fosse pouco, descobririam que era o duque de Wyndham, posto para o qual estava excepcionalmente incapacitado.

E, além disso, dado que ter sido ferido sem insulto, tinha que fazê-lo tudo em companhia da viúva.

Desejou rir. Era divertido. Tinha que ser divertido; se não fosse, teria que chorar.

Mas parecia incapaz de rir.

Olhou para Dublin, que já se via maior a distância.

Muito tarde para rir.



Várias horas depois, na estalagem Queen's Arms de Dublin.

— Não é muito tarde!

— Senhora, já são mais de sete — Disse Grace, empregando o tom mais calmo e tranquilo. — Todos estão cansados e com fome, os caminhos estão escuros e nos são desconhecidos.

— Para ele não — Ladrou a viúva movendo a cabeça para Jack.

— Eu estou cansado e faminto — Respondeu ele. — Graças a você já não viajo pelos caminhos à luz da lua.

Grace mordeu o lábio. Levavam quatro dias de viagem e quase se podia representar o avanço no trajeto pelo aumento do mau gênio dele; cada milha que os aproximava da Irlanda acabava com sua paciência. Ficou silencioso e retraído, absolutamente diferente do homem que conhecia.

Do homem pelo qual se apaixonou.

Chegaram ao porto de Dublin à última hora da tarde, mas com o tempo que gastaram para recolher a bagagem e entrar na cidade, já estavam perto da hora do jantar. Ela não tinha comido muito no trajeto pelo mar, e estando já em terra firme, sem balanços e sacudidas, estava morta de fome.

A última coisa que desejava era continuar a caminho de Butlersbridge, o pequeno povoado do condado de Cavam onde se criou Jack.

Mas, fiel a sua natureza, a viúva insistia em continuar, assim aí estavam, os seis, na primeira sala da estalagem, ouvindo-a opinar a velocidade e a direção da viagem.

— Não deseja resolver isto de uma vez por todas? — Perguntou a viúva para Jack.

— Na realidade, não — Respondeu ele, insolente. — Não tanto como desejo uma boa fatia de bolo de carne com batatas e uma jarra de cerveja.

Dizendo isso olhou para os outros, e a Grace doeu ver a expressão de seus olhos; estava angustiado, mas não conseguia imaginar por que.

Que demônio estava esperando? Por que tinha alargado tanto o tempo entre uma visita e outra? Disse que teve uma infância maravilhosa, que adorava sua família adotiva e que não a mudaria por nada do mundo.

Não desejavam isso todos? Não desejava ele voltar para sua casa? Não entendia a sorte que tinha por ter uma casa a qual voltar?

Ela daria algo por isso.

— Senhorita Eversleigh, lady Amélia — Disse ele fazendo uma cortês reverência a cada uma.

As duas damas fizeram suas reverências, e ele partiu.

— Acredito que ele tem razão — Disse Thomas. — Um jantar me parece imensamente melhor que uma noite por estes caminhos.

A viúva girou a cabeça para ele e o olhou furiosa.

— Não é que queira atrasar o inevitável — Disse ele, com uma expressão muito sarcástica. — Inclusive os duques que estão a ponto de ser despossuídos têm fome.

— Eu jantarei em meu quarto. — Declarou a viúva, em tom desafiante, como se supusesse que alguém fosse protestar, mas claro ninguém protestou.

— Senhorita Eversleigh — Ladrou — Pode vir me atender.

Grace exalou um lento suspiro e começou a andar atrás dela.

— Não — Disse Thomas.

A viúva parou imóvel.

— Não? — Repetiu, carregada de frieza.

Grace se virou para olhar Thomas. O que podia querer dizer? Não havia nada insólito na ordem da viúva. Ela era sua acompanhante; justamente para isso a tinham contratado.

Mas Thomas estava olhando sua avó com um leve sorriso subversivo brincando nas comissuras de sua boca.

— Grace vai jantar conosco — Disse.

— É minha dama de companhia — Respondeu a viúva.

— Já não o é.

Grace segurou o fôlego. As conversas entre Thomas e sua avó nunca eram cordiais, mas essa ultrapassava em muito o habitual; dava a impressão de que Thomas o estava desfrutando.

— Um vez que ainda não fui deposto — Disse ele, muito lentamente, como saboreando cada palavra. — Tomei a liberdade de fazer certas provisões de último momento.

— De que diabo fala? — Perguntou a viúva.

— Grace — Disse Thomas, olhando-a, amigavelmente e com lembranças refletidas em seus

olhos. — Está oficialmente exonerada de seus deveres para com minha avó. Quando voltar a Inglaterra receberá uma casa de campo cuja escritura está em seu nome, junto com os ganhos para o resto de sua vida.

— Está louco? — Balbuciou a viúva.

Grace simplesmente o olhava em choque.

— Isto deveria havê-lo feito há muito tempo — Continuou ele — E não o fazia por puro egoísmo. Não suportava a ideia de viver com ela — fez um gesto com a cabeça para sua avó — sem você para que atuasse de amortecedor.

— Não sei o que dizer — Murmurou ela.

— Normalmente te aconselharia a dizer *obrigada*, mas posto que seja eu quem está agradecido, bastará um simples: *É um príncipe entre os homens*.

Grace conseguiu esboçar um choroso sorriso e murmurou:

— É um príncipe entre os homens.

— Sempre é agradável ouvir isso — disse ele. — Agora, gostaria de ir jantar conosco?

Grace olhou para a viúva, que estava vermelha de fúria.

— Cadela ambiciosa — Ladrrou esta. — Acredita que não sei o que é? Acredita que te admitiria novamente em minha casa?

Embora chocada, Grace a olhou tranquilamente e disse:

— Iria dizer que continuaria atendendo-a durante o resto da viagem, porque jamais sonharia abandonar meu posto sem avisar com a devida antecipação e cortesia, mas acredito que repensei. — Estava tremendo, não sabia se pela impressão ou pela sorte, mas tremia toda. Assim, tratando de manter firmes as mãos do lado, olhou para Amélia e perguntou: — Permita-me compartilhar seu quarto esta noite?

Porque de maneira nenhuma iria continuar acompanhando à viúva.

— É óbvio — Respondeu Amélia imediatamente e agarrou seu braço. — Vamos jantar.

Depois, Grace chegaria à conclusão de que o bolo de carne com batatas tinha sido o melhor que tinha provado em toda sua vida.

Já tinham passado várias horas e Grace estava de camisola olhando pela janela do quarto enquanto Amélia dormia.

Tinha tentado dormir, mas foi impossível, pois na cabeça seguia dando voltas a assombrosa generosidade de Thomas. Além disso, não parava de pensar em Jack: aonde teria ido. Não estava no refeitório quando chegaram com o Thomas e Amélia, e ninguém sabia o que tinha sido dele.

Além disso, Amélia roncava.

Gostava da vista de Dublin da janela; não estavam no centro da cidade, mas na rua havia bastante atividade, pessoas indo e vindo ocupadas em seus assuntos, e muitos viajantes de caminho, de um porto ao outro.

Sentia-se estranha com essa sensação de liberdade. Ainda custava acreditar que estivesse ali, compartilhando a cama com Amélia e não enrolada em uma incômoda poltrona junto à cama da viúva.

O jantar foi muito alegre; Thomas estava de um ânimo extraordinário, tomando conta de tudo. Não disse nada mais a respeito de seu generoso presente, mas ela sabia por que o tinha feito. Se Jack fosse o verdadeiro duque, e Thomas estava convencido de que o era, ela não poderia continuar vivendo em Belgrave.

Que rompesse o coração, cada dia do resto de sua vida, era algo que não poderia suportar.

Thomas sabia que se apaixonou por Jack. Ela não disse com palavras, mas ele a conhecia bem. Tinha que saber. Que tivesse atuado com essa generosidade sabendo que ela estava apaixonada por outro homem que muito bem poderia ser a causa de sua ruína era algo...

Enchiam os olhos de lágrimas cada vez que o pensava.

E sim, agora já era independente. Uma mulher independente!

Gostava do som dessas palavras. Dormiria até meio-dia cada dia. Leria.

Se deleitaria na preguiça e ociosidade, ao menos uns quantos meses, e depois procuraria atividades construtivas para ocupar o tempo. Trabalhar em uma obra de caridade, talvez. Ou aprender a pintar aquarela.

Encontrava-o hedonista, prazeroso. Perfeito.

E solitário.

Não, decidiu firmemente; faria amigas. Tinha muitas amigas na região; alegrava-a saber, que continuaria vivendo em Lincolnshire, mesmo que isso significasse que de vez em quando cruzaria com Jack.

Lincolnshire era sua terra natal, seu lar. Conhecia todo mundo, conheciam-na e ninguém poria em dúvida sua reputação, mesmo que estivesse estabelecida em sua própria casa. Poderia viver em paz e com respeitabilidade.

Seria agradável.

Mas solitário.

Não, não solitário. Teria recursos. Poderia ir visitar Elizabeth, que se casaria com seu conde e viveria no sul. Poderia entrar em um desses clubes femininos que gostava tanto a sua mãe; estavam acostumados a reunirem-se todas as terças-feiras pela tarde assegurando que falariam de arte e literatura, e comentariam as notícias do dia, mas quando as reuniões se faziam em Sillsby, ela ouvia muitas risadas, que indicavam que não falavam desses temas.

Não seria uma vida solitária.

Não aceitaria a solidão.

Virou-se para Amélia, que seguia roncando. Pobre. Sempre invejou as garotas Willoughby com seus lugares seguros na sociedade. Eram filhas de um conde, de uma família de linhagem insuperável, e contavam com generosos dotes. Na realidade, era estranho que agora seu futuro estivesse tão bem definido enquanto o de Amélia estivesse tão turvo.

Mas tinha chegado a compreender que Amélia não estava mais ao mando de seu destino do que estava ela antes. Seu pai escolheu marido antes que ela aprendesse a falar, antes que soubesse como era e como seria.

Como iria poder saber seu pai, olhando sua menininha de menos de um ano, se seria apta para uma vida como duquesa?

Amélia esteve presa toda sua vida, esperando que Thomas decidisse se casar com ela. E até no caso de que não acabasse casando-se com nenhum dos dois duques de Wyndham, seguiria obrigada a acatar os pareceres de seu pai.

Estava se voltando para a janela quando ouviu ruído no corredor.

Passos. De homem. Sem poder resistir, correu até a porta, abriu-a e olhou.

Era Jack.

Via-se despenteado, cansado e de causar pena. Caminhava meio cambaleante na penumbra, com os olhos estreitos, sem dúvida procurando sua habitação.

Grace, a dama de companhia, poderia ter retrocedido e fechado à porta, mas Grace, a mulher independente, era mais ousada, assim saiu e sussurrou seu nome.

Ele olhou. Um flash brilhou como um relâmpago em seus olhos e muito tarde ela recordou que estava com uma camisola de dormir, embora esta não fosse absolutamente indecente; de fato, estava mais coberta que se usasse um vestido de noite. De todos os modos, rodeou-se com os braços ao avançar.

— Onde esteve? — Sussurrou.

Ele encolheu os ombros.

— Por aí. Visitando bares conhecidos.

Ela notou algo inquietante em sua voz.

— Sim?

Ele esfregou os olhos.

— Não. Estive do outro lado da rua. Comendo meu bolo de carne com batatas.

Ela sorriu.

— E bebendo cerveja?

— Duas, na realidade. — Então sorriu um sorriso tímido, infantil, com que tentou apagar o cansaço de seu rosto. — Sentia falta dela.

— A cerveja irlandesa?

— Comparada com ela a inglesa é sujeira.

Grace sentiu um calor por dentro. Via humor em seus olhos, pela primeira vez esses últimos dias. E era curioso, tinha acreditado que seria um suplício estar com ele, ouvir sua voz e ver seu sorriso, mas o único que sentia era felicidade. E alívio.

Não suportava vê-lo assim, desgraçado. Necessitava que voltasse a ser "ele". Embora não pudesse ser dele.

— Não deveria estar aqui assim — Disse ele então.

— Não — Respondeu ela, negando com a cabeça.

Mas não se moveu.

Ele fez um mau gesto olhando a chave que tinha na mão.

— Não consigo encontrar meu quarto.

Grace agarrou a chave e a olhou.

— O quatorze. — Levantou os olhos. — A luz é muito tênue.

Ele assentiu.

— Está por ali — Disse ela, apontando. — Passei junto a essa porta quando vinha.

— Seu quarto é aceitável? — perguntou ele. — O bastante grande para você e a viúva?

Grace afogou uma exclamação. Ele não sabia. Esqueceu totalmente.

Ele já partiu quando Thomas disse sobre a casa que dava de presente.

— Não estou com a viúva — Disse, sem poder ocultar de todo sua emoção. — Estou...

— Vem alguém — Sussurrou ele.

Então ela ouviu passos na escada. Agarrou sua mão e começou a levá-la ao interior do quarto. Ela resistiu.

— Não, aí não. Está Amélia.

— Amélia? Por que...?

Resmungou algo em voz baixa e a levou apressadamente pelo corredor. E entraram no quarto quatorze.

CAPÍTULO 18



— Três minutos — Disse Jack assim que fechou a porta.

Não se acreditava capaz de aguentar-se mais que esse tempo, sobre tudo estando ela de camisola. Era um objeto francamente horrível, de tecido áspero e abotoado do pescoço aos pés, mas de todos os modos era uma camisola de dormir.

E ela era Grace.

— Não vai acreditar no que aconteceu. — Disse ela.

— Normalmente esse é um começo excelente, mas depois de tudo o que aconteceu nas duas últimas semanas estou disposto a acreditar em algo.

Sorriu e encolheu os ombros. Duas canecas de cerveja irlandesa o tinham corrompido.

Então contou uma história surpreendente; Thomas deu uma agradável casinha de campo e recursos para que tivesse autonomia. Já era uma mulher independente. Estava livre da viúva.

Enquanto a ouvia falar entusiasmada acendeu o abajur. Sentiu uma pontada de ciúmes, embora não porque pensasse que ela não deveria receber presentes de outro homem; na realidade. Cinco anos com a viúva!

Bom Deus deveriam entregar um título como penitência por isso.

Ninguém tinha feito mais pela Inglaterra.

Não, seu ciúme era de natureza mais básica. Ouvia alegria em sua voz, e quando a luz afugentou a escuridão, viu alegria em seus olhos. E, sinceramente, achava muito incômodo que outra pessoa tivesse dado isso.

Desejava dar ele.

Desejava iluminar os olhos de felicidade.

Desejava ser a causa de seu sorriso.

— De todos os modos tenho que ir com vocês ao condado de Cavam. — Estava dizendo ela. — Não posso ficar aqui sozinha, e não quero deixar sozinha Amélia. Isto é terrivelmente difícil para ela, sabe?

Olhou-o e então ele assentiu. Sorte fosse a verdade, não tinha pensado muito em Amélia, por egoísta que fosse isso.

— Seguro que a situação vai ser violenta com a viúva — Continuou ela. — Estava furiosa.

— Imagino.

Ela aumentou os olhos.

— Ah, não. Isto foi extraordinário, inclusive para ela.

Ele pensou.

— Não sei se devo lamentar ou me alegrar de ter perdido isso.

— Talvez fosse melhor que você não estivesse presente — Respondeu ela, fazendo um gesto de pena. — Foi bastante cruel.

Ele estava a ponto de dizer que resultava difícil imaginar agradável quando a ela alegrou o rosto e disse: — Mas sabe? Não me importa!

Então começou a rir, emitindo o embriagador som de uma pessoa que não pode acreditar em sua boa sorte.

Sorriu por ela. Era contagiosa sua felicidade. Ele não tinha a menor intenção de que ela vivesse separada dele, e acreditava acertada sua hipótese de que Thomas não deu de presente à casa de campo com a intenção de que ela vivesse ali como a senhora Jack Audley, mas compreendia sua sorte.

Porque pela primeira vez, depois de muitos anos, Grace tinha algo próprio.

— Sinto muito — disse ela, embora sem poder dissimular seu sorriso. — Não deveria estar aqui. Não tinha a intenção de esperar que você chegasse, mas estava tão feliz, tão emocionada que desejei contar porque sabia que o entenderia.

E enquanto ela o olhava com os olhos brilhantes, partiram seus demônios, um a um, até que só ficou o homem, ante a mulher que amava.

Nesse quarto, nesse momento, não importou estar na Irlanda, nem ter tantos malditos motivos para sair correndo e comprar uma passagem no próximo navio para qualquer parte.

Nesse quarto, nesse momento, ela o era tudo para ele.

— Grace — disse acariciando a bochecha.

Ela apertou a bochecha em sua palma e nesse instante compreendeu que estava perdido. Toda a força que acreditava ter, toda a vontade para fazer o correto... Tinham desaparecido.

— Beije-me — Murmurou. Ela aumentou os olhos. — Beije-me.

Ela desejava beijá-lo; via-o em seus olhos, sentia-o no ar.

Aproximou-se e desceu levemente a cabeça, não tanto como para que se tocassem seus lábios.

— Beije-me — Repetiu.

Ela ficou nas pontas dos pés; só isso; não levantou as mãos para acariciá-lo, não aproximou o corpo para apoiá-lo no dele. Simplesmente ficou nas pontas dos pés e roçou os lábios com os seus.

E então retrocedeu.

— Jack? — Sussurrou.

— Te... — Quase disse; tinha as palavras na ponta da língua: "*Te Amo*".

Mas sabia, não sabia como, que se dissesse nesse momento, ela se assustaria e partiria.

— Fique comigo — Sussurrou.

Tinha renunciado a ser nobre; o atual duque de Wyndham podia passar a vida fazendo somente o correto, mas ele não podia ser tão desinteressado.

Beijou a mão.

— Não devo — murmurou ela.

Beijou a outra mão.

— Oh, Jack.

Levantou suas duas mãos até seus lábios e as sustentou ali, aspirando seu aroma.

Ela olhou para a porta.

— Fique comigo — repetiu ele. Pôs um dedo sob o queixo, levantou o rosto e deu um suave beijo nos lábios. — Fique.

Olhou seu rosto, viu contradições em seus olhos; tremiam os lábios.

Então ela se virou, dando as costas.

— Se ficar — disse, em um tremente sussurro, indecisa. — Se ficar...

Tocou o queixo, mas não insistiu que virasse para olhá-lo.

Esperou a que ela estivesse disposta e se virasse por vontade própria.

— Se ficar... — Engoliu saliva e fechou os olhos, para reunir coragem. — Pode...? Conhece alguma forma para se assegurar de que não haja um bebê?

Ele não pôde falar imediatamente. Passado um momento assentiu, porque sim, sabia a maneira de evitar bebês. Passou sua vida adulta assegurando-se de não gerar bebês.

Mas isso o tinha feito com mulheres às quais não amava, mulheres às quais não tinha a menor intenção de adorar e venerar o resto de sua vida juntos. Mas ela era Grace, e de repente se acendeu nele a ideia de conceber um bebê com ela, brilhante como um sonho mágico. Viu-se formando uma família com ela, rindo, gracejando. Sua infância foi assim, buliçosa, animada, correndo pelos campos com seus primos, indo pescar em riachos sem pescar nada. Refeições nunca eram formais; como as frias refeições em Belgrave que eram tão desconhecidas como um banquete chinês.

Desejava tudo isso, e o desejava com Grace, só que até esse momento não tinha compreendido quanto o desejava.

— Grace — Disse, apertando as mãos. — Não importa. Me casarei contigo. Desejo me casar contigo.

Ela negou com a cabeça, um movimento rápido, brusco, quase frenético.

— Não — Disse. — Não pode. Não pode se for o duque.

— Mesmo assim. — Disse. Maldição, algumas coisas eram muito grandes, muito certas, para guardá-los. — Amo você, quero você. Nunca disse isto à outra mulher e nunca o direi. Amo você, Grace Eversleigh, e desejo me casar contigo.

Ela fechou os olhos, com uma expressão quase de sofrimento.

— Jack, não pode...

— Posso e quero.

— Jack...

— Estou farto de que me digam o que não posso fazer. — Explodiu ele, e soltando as mãos se afastou com passo irado. — Entende que não me importa? Não me importa o maldito ducado e não me importa um rabanete a viúva. Importa-me você, Grace, você.

— Jack, se for o duque deverá se casar com uma mulher de linhagem.

Ele soltou um palavrão em voz baixa.

— Fala de si mesma como se fosse uma puta do porto.

— Não — Disse ela, em tom paciente. — Não. Sei exatamente o que sou. Sou uma dama pobre de berço respeitável, mas não distinguida. Meu pai era um cavalheiro do campo e minha mãe a filha de um cavalheiro do campo. Não temos nenhum parentesco com aristocratas. Minha mãe era prima de segundo grau de um baronete, mas isso é tudo.

Ele a olhou como se não tivesse ouvido nenhuma só palavra. Ou como se as tivesse ouvido, mas não escutado.

Não, pensou Grace, sentindo-se fatal. Tinha escutado, mas não ouvido. E dito e feito, as primeiras palavras que saíram da boca dele foram: — Não me importa.

— Mas a todos os outros importa. E se for o duque, já haverá bastante alvoroço. O escândalo será incrível.

— Não me importa.

— Pois deveria se importar.

Obrigou-se a fazer uma respiração para poder continuar. Desejou agarrá-lo pela cabeça e apertar enterrando os dedos no couro cabeludo.

Desejou apertar as mãos em punhos até que as unhas se enterrassem na pele. Algo, o que fosse que aliviasse a terrível frustração que a estava devastando por dentro. Por que ele não escutava? Por que não era capaz de ouvir que...?

— Grace...

— Não! — Interrompeu-o, talvez em voz mais alta do que deveria, mas tinha que dizê-lo: — Vai ser necessário andar com pés de chumbo se desejas ser aceito na sociedade. Sua esposa não tem por que ser Amélia, mas tem que ser alguém como ela, com formação similar. Se não...

— Não me escutou? — Interrompeu ele. Agarrou-a pelos ombros e a manteve quieta até que ela levantou os olhos e o olhou-o.

— Não me importa o *se não*. Não preciso que a sociedade me aceite. O único que preciso é de você, já seja que viva em um castelo, em um tugúrio ou em algo no meio.

— Jack...

Era um ingênuo. Amava-o por isso, a fazia quase chorar pelo fato dele a amar tanto que se desentendesse de todas as convenções sociais. Mas ele não sabia; não viveu cinco anos em Belgrave. Não viajou para Londres com a viúva nem visto pessoalmente o que significava ser membro dessa família. Ela sim. Tinha visto, tinha observado e sabia exatamente o que se esperava do duque de Wyndham. Sua duquesa não podia ser uma mulher qualquer da vizinhança; não podia sê-lo se esperava que o levassem a sério.

— Jack — Repetiu, procurando as palavras apropriadas. — Talvez...

— Me ama? — Interrompeu ele.

Ela ficou imóvel. Estava olhando com uma intensidade que cortava o fôlego, impedia de mover-se.

— Me ama?

— Não tem nada...

— Me... A... ma?

Ela fechou os olhos. Não convinha dizer. Se dissesse estaria perdida. Não poderia resistir jamais a ele, a suas palavras, a seus lábios. Se dissesse, perderia sua última defesa.

— Grace — Disse ele, emoldurando o rosto entre as mãos; então se inclinou e a beijou, uma vez, com dolorosa ternura. — Me ama?

— Sim — Murmurou ela. — Sim.

— Então isso é o único que importa.

Ela abriu a boca para tentar uma vez mais devolver a sensatez, mas ele já a estava beijando, sua boca ardente e apaixonada.

— Amo você — Disse beijando as bochechas, as sobrancelhas, as orelhas. — Amo você.

— Jack — Sussurrou ela.

Mas o corpo já tinha começado a ferver de desejo. Desejava-o.

Desejava isso. Não sabia o que traria o amanhã, mas nesse momento estava disposta a simular que não importava. Sempre que...

— Prometa-me — Disse, segurando seu rosto e afastando o rosto. — Me prometa, por favor, que não haverá um bebê.

Ele fechou e abriu os olhos, e finalmente disse:

— Prometo que tentarei.

— Que tentará?

Não mentiria nisso. Não ignoraria seu pedido e depois simularia que havia *tentado*.

— Farei o que sei fazer. Não é totalmente infalível.

Ela diminuiu a pressão com que sujeitava o rosto e manifestou sua aceitação acariciando as bochechas com as pontas dos dedos.

— Obrigada — Murmurou, aproximando ao rosto para beijá-lo.

— Mas te prometo isto — Disse ele então, levantando-a nos braços. — Terá nosso bebê. Me casarei contigo. Seja quem for, ou qual seja meu sobrenome, me casarei com você.

Mas ela já não tinha vontade para discutir, pois ele a estava levando para a cama. Depositou-a em cima da colcha, afastou-se e rapidamente desabotoou a camisa até que pôde tirar pela cabeça.

E imediatamente deitou-se na cama, a seu lado, meio em cima dela, beijando-a como se disso dependesse sua vida.

— Meu Deus, isto é horrível. — grunhiu, e ela não pôde evitar rir quando tentou fazer sua magia com os botões. Voltou a grunhir frustrado porque estes não se soltaram, e agarrou os dois lados da camisola, com a clara intenção de fazê-los saltar com um puxão.

— Não, Jack, não a desfaça! — Disse rindo.

Não sabia por que o achava tão divertido; sem dúvida o defloração tinha que ser um assunto sério, posto que mudaria sua vida. Mas era tanta a alegria que borbulhava dentro dela que era difícil

contê-la. Sobre tudo ao vê-lo esforçar-se tanto em fazer uma tarefa tão singela e fracassar tão horrorosamente.

— Está segura? — Perguntou ele, e seu rosto frustrado era quase cômico. — Porque estou muito seguro de que faria um serviço a toda à humanidade rompendo isto.

Ela tentou não rir.

— É minha única camisola.

Ao parecer, ele encontrou interessante isso.

— Quer dizer que se rasgo terá que dormir nua durante toda nossa viagem?

Ela se apressou a afastar as mãos do tecido.

— Não.

— Mas é muito tentador.

— Jack...

Ele se sentou nos calcanhares, olhando-a com uma mescla de desejo e diversão que a fez estremecer-se.

— Muito bem. — Disse. — Desabotoe você.

E isso era o que tentava fazer ela, mas nesse momento, ao estar ele observando-a tão intensamente, com as pálpebras entreabertas de desejo, sentiu-se quase paralisada. Como poderia ser tão descarada e despir-se diante dele? Tirar a roupa, *ela*? Havia uma diferença, compreendeu, entre tirar a roupa e deixar-se seduzir.

Com a mão trêmula, começou pelo botão de cima; não o via, estava quase debaixo de seu queixo; mas seus dedos conheciam os movimentos e quase sem pensar o soltou.

Jack soltou uma brusca inspiração.

— Outro.

Ela soltou o seguinte.

— Outro.

E assim foi avançando até que chegou ao que ficava entre seus seios.

Então ele estendeu suas enormes mãos e abriu essa parte. Mesmo não podendo ver nada, sabia que ainda faltava soltar mais botões, mas sentiu o ar fresco na pele, sentiu a suave carícia de seu fôlego quando ele se inclinou para depositar um beijo sobre seu seio.

— Que formosa é — Murmurou.

Então começou a soltar outros botões com dedos ágeis e não teve nenhuma dificuldade. Agarrando a mão deu um suave puxão, para indicar que se sentasse. Ela se sentou e fechou os olhos quando sentiu cair à camisola.

Não via nada, mas sentia, e o tecido, que só era de simples algodão liso, sem nenhum adorno, produziu estremecimentos ao roçar a pele.

Ou talvez fosse porque sabia que ele a estava olhando.

Seria isso o que sentiu essa mulher? A do quadro? Tinha que ter sido uma mulher experiente quando posou para monsieur Boucher, mas deve ter havido uma primeira vez para ela. Teria

fechado os olhos também, para poder *sentir* o olhar de um homem sobre ela?

Sentiu a mão de Jack acariciando o rosto, sentiu descer as pontas de seus dedos pelo pescoço até o oco do ombro; aí ele parou a mão, embora só um momento, e ela reteve o fôlego, esperando a carícia mais íntima que a aguardava.

— Por que tem os olhos fechados? — Perguntou ele.

— Não sei.

— Tem medo?

— Não.

Esperou. Fez uma brusca inspiração; inclusive estremeceu muito leve, quando ele deslizou a mão pela curva exterior de seu seio.

Involuntariamente se arqueou. Era curioso; jamais tinha pensado nisso, jamais tinha pensado como seria sentir a mão de um homem acariciando-a dessa maneira, mas nesse momento, em que o estava experimentando, sabia exatamente o que desejava que ele fizesse.

Desejava as mãos em seus seios, abrangendo-os inteiros em suas palmas.

Desejava que suas mãos roçassem os mamilos.

Desejava sentir sua carícia, Oh, desejava terrivelmente que a acariciasse e o desejo se estendendo por seu corpo. Ele desceu as mãos dos seios ao abdômen e continuou até o lugar escondido em seu ventre. Sentia-se excitada, trêmula, ardendo de desejo.

De desejo... Ali.

Sem dúvida era a sensação mais estranha e irresistível; não podia desentender-se dela, e desejava senti-la. Desejava estimulá-la, entregar-se a ela, e que ensinasse a satisfazê-la.

— Jack — Gemeu.

Ele subiu as mãos até as deixar em seus seios. E então os beijou.

Abriu os olhos.

Já estava sugando um mamilo, e teve que tampar sua boca com uma mão, para sufocar o grito de prazer. Não tinha imaginado... Acreditava saber o que desejava, mas isso...

Não sabia.

Agarrou a cabeça, como se fosse seu apoio. Era tortura, era prazer, e quase era incapaz de respirar quando ele retirou a boca e a beijou nos lábios.

— Grace, Grace — Repetia ele uma e outra vez, deslizando a boca por sua pele.

Sentia que a beijava por toda parte e talvez isso fosse o que fazia um instante na boca, logo na orelha, logo no pescoço. E suas mãos, suas mãos eram fabulosas, nunca paravam.

Ele não parava de movê-las, não parava de acariciá-la; acariciava seus ombros, logo os quadris, e de repente desceu uma delas por sua perna, arrastando a camisola até que a tirou de tudo.

Deveria sentir-se envergonhada. Deveria sentir-se constrangida, mas não se sentia. Com ele não, não podia, quando ele a olhava com tanto amor e adoração.

Amava-a. Ele disse e acreditou, mas nesse momento o sentia. O calor, o carinho, a paixão. Brilhavam em seus olhos. E compreendeu como uma mulher podia encontrar-se desonrada. Como

alguém poderia resistir a isso?

Como poderia resistir a ele?

Então ele se levantou e desceu da cama, com a respiração agitada, e desabotoou rapidamente a braguilha da calça, com movimentos frenéticos.

Já tinha o peito nu, e o único que ela pôde pensar foi *Que formoso é. Como pode ser tão formoso um homem?* Não levava uma vida de ócio, isso estava claro. Seu corpo era magro e firme, sua pele forte e com partes calosas e cicatrizes.

— Foi ferido à bala? — Perguntou ao ver uma enrugada cicatriz no braço.

Ele se olhou enquanto tirava a calça.

— Um franco-atirador francês. — Sorriu, com um sorriso um pouco enviesado. — Tive a sorte de que não era melhor em seu ofício.

Não deve ter sido tão divertido. Mas seu comentário era muito... Ele.

Prático, comedido... Sarcástico. Sorriu.

— Eu também estive a ponto de morrer — Disse.

— Sim?

— De febre.

— Detesto febres — Disse ele, fazendo uma careta.

Ela assentiu, apertando as comissuras dos lábios para não sorrir.

— Eu detestaria que me disparassem.

Ele a olhou, com os olhos brilhantes de humor.

— Não o recomendo.

Então ela riu, pelo ridículo que era a conversa; ele ali de pé nu, visivelmente excitado, e estavam falando do quão desagradáveis eram as feridas de bala e as febres.

Ele subiu na cama e se inclinou sobre ela com expressão predadora.

— Grace? — Murmurou.

Ela o olhou e quase se derreteu.

— Sim?

— Agora estou muito melhor.

E já não houve mais palavras. Ele a beijou com tal intensidade e paixão que ela compreendeu que o beijo os levaria a realização. Ela também sentia esse mesmo desejo, essa necessidade implacável, e quando ele tentou colocar a perna por entre as suas, abriu-as para ele imediatamente, sem reservas, sem medo.

Quanto tempo beijaram-se, não poderia saber. Pareceu um instante; pareceu uma eternidade. Sentia-se como se tivesse nascido para esse momento, com esse homem. Como se de algum jeito, decretou-se que em 28 de outubro de 1819, ela estaria no quarto quatorze da estalagem Queen's Armsem Dublin e se entregaria a esse homem: John Augustus Cavendish Audley.

Não poderia ter ocorrido nenhuma outra coisa; isso era o que devia ser seu destino.

Correspondeu os beijos com igual paixão e desenvoltura, apertando os ombros, os braços, acariciando-o por todos os lugares aos que podia chegar. E então, justo quando acreditava que já não podia mais, deslizou a mão pelo ventre. A carícia foi suave, mas de todos os modos pensou que poderia gritar pela impressão e sensação de maravilha.

— Jack — Resfolegou, não porque desejasse que parasse, mas sim porque de maneira nenhuma podia continuar silenciosa no meio do assalto de sensações que produzia essa simples carícia.

Acariciou e atormentou ali, enquanto ela se retorcia ofegante. E então notou que ele já não a estava acariciando por fora a não ser por dentro; tinha introduzido os dedos e a estava explorando de uma maneira tão íntima que ficou sem fala.

Sentiu como se contraíam seus músculos internos apertando seus dedos, pedindo mais. Não sabia o que fazer, não sabia nada além de que o desejava. Desejava-o e a algo que só ele podia dar.

Ele mudou de posição e retirou os dedos. Separou o corpo do dela e quando o olhou viu que parecia estar combatendo uma força irresistível; tinha o corpo em cima do seu sem tocá-la, afirmando-se nos antebraços.

Moveu a língua para dizer seu nome e justo então sentiu seu duro membro na entrada da vagina, empurrando brandamente.

Encontraram-se seus olhos.

— Chss — Murmurou ele. — Espera... Prometo...

— Não tenho medo.

Ele curvou a boca em um sorriso enviesado.

— Eu sim.

Ela desejou perguntar o que queria dizer e por que sorria, mas ele começou a penetrá-la, abrindo-a, estirando-a e então percebeu o mais estranho e incrível; ele estava dentro dela. Encontrou o mais espetacular do mundo que uma pessoa pudesse entrar em outra assim. Estavam unidos.

Não ocorria nenhuma outra maneira de descrevê-lo.

— Dói? — Perguntou ele em um sussurro.

Ela negou com a cabeça.

— Eu gosto.

Ao ouvir isso ele gemeu e investiu, e o repentino movimento produziu uma onda de sensações e pressão por toda ela. Exclamou seu nome, agarrou os ombros e se encontrou seguindo um antigo ritmo, movendo-se com ele, como se fossem um. Movendo-se, vibrando, esticando-se, uma e outra vez.

E de repente... Desfez-se em uma espécie de torvelinho de prazer; arqueou-se, apertando-se a ele, gemendo, e quase gritou. Quando finalmente abaixou o corpo e encontrou a força para respirar, não conseguia imaginar como podia estar viva. Uma pessoa não podia sentir isso e continuar vivendo para repeti-lo.

Então, ele retirou bruscamente o membro e se voltou para o outro lado, grunhindo e gemendo ao encontrar sua própria satisfação. Acariciou o ombro, sentindo os estremecimentos de seu corpo. E quando ele gritou, não só o ouviu, sentiu-o através de sua pele, em seu próprio corpo.

Em seu coração.

Ele ficou um momento sem mover-se, simplesmente estendido ali, e pouco a pouco a respiração foi ficando mais lenta, até que se normalizou.

Então voltou a virar-se e a agarrou em seus braços. Sussurrou seu nome e beijou o rosto.

Voltou a sussurrar seu nome e a beijá-la.

E outra vez.

E quando finalmente ela dormiu isso foi o que ouviu em seus sonhos.

A voz de Jack, sussurrando docemente seu nome.

Jack soube o momento exato em que ela dormiu. Não soube o que o advertiu; ela já tinha a respiração suave e tranquila, inclusive suspirou, e há um tempo seu corpo estava quieto.

Mas quando adormeceu soube.

Beijou-a uma última vez, na têmpora. E quando olhou o apazível rosto, sussurrou: — Me casarei contigo, Grace Eversleigh.

Fosse quem fosse ele, fosse ou não o duque, não permitiria separar-se dele.

CAPÍTULO 19



O caminho para Butlersbridge era tudo o que Jack recordava. As árvores, os pássaros, os exatos matizes de verde quando o vento agitava a erva. Essas eram as vistas e os sons de sua infância. Nada tinha mudado.

Deveria ser consolador.

Não o era.

Quando abriu os olhos essa manhã, Grace já não estava em sua cama, tinha voltado para seu quarto. Sentiu-se decepcionado, logicamente.

Tinha-o despertado seu amor e seu desejo e não desejava outra coisa que voltar a tê-la em seus braços.

Mas entendeu. A vida não era tão livre e despreocupada para as mulheres como para os homens, nem sequer para uma mulher independente, enriquecida. Grace tinha que pensar em sua reputação.

Thomas e Amélia nunca diriam nada contra ela, mas lorde Crowland não o conhecia muito bem para imaginar o que poderia fazer se a surpreendessem em sua cama.

Quanto à viúva...

Bom, não fazia falta dizer que a destroçaria alegremente se desse a oportunidade.

Os viajantes se reuniram no refeitório da estalagem para tomar o café da manhã, à exceção da viúva, para grande alívio de todos. Ele sabia que não foi capaz de não refletir o coração nos olhos quando viu entrar Grace.

Sempre seria assim? Pensou. Com apenas vê-la sentiria essa indescritível, avassaladora, onda de sentimento?

Nem sequer era desejo, era muito mais.

Era amor.

Amor, amor com letras maiúsculas, letras bonitas, perfiladas, com flores, rodeadas de corações, anjos e, sim, esses irritantes cupidos, o que desejassem usar para adornar a palavra.

Amor. Não podia ser nenhuma outra coisa. Via Grace e sentia sorte, alegria. Não só a alegria dele, mas também a de todos. A dos desconhecidos que estavam sentados atrás dele, dos conhecidos que estavam sentados em frente. Via-o tudo, sentia-o tudo.

Era assombroso, o fazia humilde. Grace o olhava e ele era um homem melhor.

E ela acreditava que ele permitiria que alguém os separasse.

Isso não ocorreria. Ele não permitiria que ocorresse.

Não podia dizer que durante o café da manhã ela o evitou; houve entre eles muitos olhares e sorrisos secretos; mas teve bom cuidado de não buscá-lo e, na realidade, não teve nenhuma só

oportunidade de falar com ela. Embora de todos os modos não tivesse podido falar, até se ela não se mostrasse tão circunspeta; logo que terminou o café da manhã, Amélia se agarrou em seu braço e não a soltou.

Segurança na quantidade, concluiu. As duas damas estavam presas na carruagem com a viúva e o estariam todo o dia. Ele procuraria às cegas uma mão a qual agarrar-se se visse obrigado a suportar o mesmo.

Os três cavalheiros foram a cavalo, aproveitando o bom tempo. À primeira parada para dar de beber aos cavalos, lorde Crowland decidiu tomar assento na carruagem, mas trinta minutos depois desceu resolutamente, declarando que cavalgar era muito menos exaustivo que estar com a viúva.

— E abandona sua filha a malignidade da viúva? — Perguntou ele, amavelmente.

Crowland nem sequer tentou desculpar-se.

— Não disse que me sinto orgulhoso de mim mesmo.

— As Híbridas Exteriores — Disse Thomas, aproximando-se. — Digo-te, Audley, que essa é a chave para sua felicidade. As Híbridas Exteriores.

— As Híbridas Exteriores? — Repetiu lorde Crowland, olhando de um ao outro, pedindo explicação.

— Estão muito longe. — Disse Thomas muito animado. — E é muito mais divertido dizer o nome.

— Tem propriedades ali? — Perguntou Crowland.

— Ainda não — Respondeu Thomas, e olhou para Jack. — Talvez possa a restabelecer um convento de monjas. Algo com muros muito altos, inexpugnáveis.

Jack descobriu que gostava da imagem que apareceu em sua mente.

— Como pode viver tanto tempo com ela? — Perguntou.

— Não tenho nem ideia — Respondeu Thomas, movendo a cabeça.

Falavam como se o assunto já estivesse decidido, compreendeu Jack.

Falavam como se ele já tivesse sido renomado duque. E parecia que a Thomas não importava. Mas bem dava a impressão de estar esperando com ilusão sua iminente desapropriação.

Olhou para a carruagem. Grace tinha insistido em que não podia se casar com ele se fosse o duque. E ele não conseguia imaginar-se sendo o duque sem ela. Não estava preparado para os deveres anexos ao título.

Assombrosamente não preparado. Mas ela sabia o que fazer, não?

Viveu cinco anos em Belgrave. Tinha que saber como se levava a casa.

Sabia os nomes de todos os criados e, por isso ele sabia o dia de seus aniversários também.

Era boa, amável, cortês. Era justa por natureza, de critério e julgamento excelente e muito mais inteligente que ele.

Não conseguia imaginar uma duquesa mais perfeita.

Mas não desejava ser o duque.

De verdade não desejava.

Tinha dado voltas e voltas na cabeça incontáveis vezes, enumerando todos os motivos que o fariam um muito mau duque de Wyndham, mas alguma vez o havia dito assim, claramente?

Não desejava ser o duque.

Olhou para Thomas, que estava olhando o sol, fazendo-se viseira com uma mão.

— Deve ser passado o meio-dia — Disse lorde Crowland. — Paramos para almoçar?

Jack encolheu os ombros. Não importava.

— Pelas damas — Acrescentou Crowland.

Como se fossem um, os três viraram a cabeça para olhar a carruagem por cima dos ombros.

A Jack pareceu que Crowland se encolhia.

— Não é agradável estar ali — Disse este em voz baixa.

Jack arqueou uma sobrancelha.

— A viúva — Disse Crowland, estremecendo-se. — Amélia me rogou que a deixasse cavalgar depois que déssemos de beber aos cavalos.

— Teria sido muito cruel para Grace — Disse Jack.

— Isso foi o que disse a Amélia.

— Quando saiu fugindo da carruagem — Murmurou Thomas, sorrindo levemente.

Crowland inclinou a cabeça.

— Jamais diria o contrário.

— E eu nunca brigaria por ter fugido.

Jack os escutava com pouco interesse. Segundo seus cálculos, estavam a meio caminho de Butlersbridge, e resultava cada vez mais difícil encontrar humor nas bobagens.

— Há uma clareira um pouco mais a frente — Disse. — Pare aí um pouco. É um bom lugar para fazer um lanche.

Os outros dois assentiram, manifestando seu acordo, e cinco minutos depois encontraram o lugar. Jack desmontou e imediatamente se dirigiu para a carruagem. Um moço estava ajudando às damas, mas posto que Grace fosse a última a fazê-lo, ele conseguiu situar-se de maneira que pudesse agarrar a mão quando aparecesse.

— Senhor Audley — Disse ela.

Seu tom foi muito cortês e formal, mas brilharam os olhos de simpatia secreta.

— Senhorita Eversleigh.

Olhou a boca; as comissuras moveram muito, muito levemente; desejava sorrir. Viu-o.

Sentiu-o também.

— Eu comerei na carruagem — Declarou a viúva, asperamente. — Só os pagãos comem no chão.

Jack se deu uns golpezinhas no peito, sorrindo de orelha a orelha.

— Sinto-me orgulhoso de ser pagão. — Moveu a cabeça para Grace. — E você?

— Muito orgulhosa.

A viúva desceu para dar uma volta pela borda do prado, para esticar as pernas, disse, e depois desapareceu no interior da carruagem.

— Isto tem que ter sido muito difícil para ela — Comentou Jack, observando-a.

— Difícil? — perguntou Grace, afastando os olhos do conteúdo de uma cesta que tinha estado examinando.

— Não há ninguém a quem perseguir na carruagem.

— Eu acredito que pensa que nos agrupamos contra ela.

— É certo.

Ela o olhou com pena.

— Sim, mas...

Ah, não, não iria permitir que inventasse desculpas para a viúva.

— Não me diga que sente compaixão por ela.

Ela negou com a cabeça.

— Não, não diria isso, mas...

— Tem o coração muito brando.

Então ela sorriu, timidamente.

— Talvez.

Quando já estavam estendidas as mantas, Jack manobrou até conseguir que os dois ficassem sentados um pouco separados dos outros.

Não resultou muito difícil, nem se notou muito. Amélia tinha se sentado ao lado de seu pai e Thomas se afastou, talvez em busca de uma árvore que necessitasse ser regada.

— Este é o caminho que fazia quando foi ao colégio de Dublin? — Perguntou Grace, agarrando uma parte de pão com queijo.

— Sim.

Procurou que a voz saísse normal, mas talvez não o conseguisse, porque quando a olhou viu que ela o estava olhando com esse inquietante olhar.

— Por que não deseja ir para sua casa?

Esteve a ponto de dizer que tinha muito ativa a imaginação, ou, posto que devesse voltar a ser como estava acostumado a ser, dizer algo engenhoso e grandioso, algo sobre a luz do sol, os pássaros e a bondade humana.

Comentários desse tipo o tinham tirado de situações mais delicadas que essa.

Mas nesse momento não tinha a energia nem à vontade.

E, em todo caso, Grace já o conhecia melhor. Podia ser frívolo e divertido a maior parte do tempo e ela o amava por isso, era de esperar, mas não quando tentava ocultar a verdade.

Ou se ocultava da verdade.

— É complicado — Disse, porque ao menos isso não era mentira.

Ela assentiu e voltou à atenção a sua comida. Ele esperou se por acaso fazia outra pergunta, mas

posto que não fizesse nenhuma, agarrou uma maçã.

Olhou-a; estava cortando uma fatia de frango assado, com o olhar fixo em seus utensílios. Abriu a boca para falar e, decidindo não dizer nada, levou a maçã à boca.

Mas não fincou o dente.

— Passaram mais de cinco anos — Soltou.

Ela o olhou.

— Da última vez que estive em casa? — Ele assentiu. — Isso é muito tempo.

— MUITÍSSIMO.

— Muito?

Ele apertou com mais força a maçã.

— Não.

Ela comeu e depois o olhou.

— Quer que parta em rodela essa maçã?

Ele a passou, principalmente porque tinha esquecido que a tinha na mão.

— Tinha um primo, sabe?

Condenação, de onde saiu isso? Sua intenção tinha sido não dizer nada sobre Arthur. Esses cinco anos os tinha passado tentando não pensar nele, fazendo o que fosse para evitar que o rosto de Arthur fosse o último que via antes de dormir pelas noites.

— Acreditei ouvi-lo dizer que tinha três primos — Disse ela.

Não o estava olhando; dava a impressão de ter toda sua atenção posta na maçã e a faca com que a estava cortando.

— Agora só tenho dois.

Ela levantou os olhos e o olhou, com profunda compaixão em seus grandes olhos.

— Sinto muito.

— Arthur morreu na França.

As palavras saíram ásperas. Percebeu que fazia muito tempo que não nomeava Arthur em voz alta. Cinco anos, provavelmente.

— Estava contigo? — Perguntou ela, em voz baixa.

Ele assentiu.

Ela olhou as rodela de maçã, já bem dispostas em um prato; parecia não saber o que fazer com elas.

— Não vai perguntar se morreu por minha culpa?

Detestou o som de sua voz; uma voz oca, cheia de pena, sarcástica e desesperada, e não pôde acreditar que houvesse dito isso.

— Eu não estava lá — Disse ela.

Ele a olhou.

— Não consigo imaginar como pode ter sido sua culpa, mas eu não estava lá. — Estendeu a mão por cima da comida e a pôs sobre a dele. — Sinto muito. Eram muito unidos?

Ele assentiu e desviou o rosto, fingindo que olhava para as árvores.

— Não muito quando éramos crianças. Mas depois, quando partimos ao colégio... — Apertou a ponta do nariz, pensando como poderia explicar o que Arthur fazia por ele — Descobrimos que tínhamos muito em comum.

Apertou brandamente a mão e a soltou.

— É difícil perder um ser querido.

Ele voltou a olhá-la quando esteve seguro de que seus olhos continuaram secos.

— Quando perdeu seus pais...?

— Foi horrível — Respondeu ela. Moveram as comissuras dos lábios, mas não em um sorriso; foi um desses movimentos reflexos, apenas um indício de emoção, que escapava sem que percebesse.

— Não pensei que eu também deveria morrer — Acrescentou em voz baixa — Mas não sabia como viveria.

— Talvez eu...

Interrompeu-se, porque não sabia o que desejava. Poderia ter estado ali para apoiá-la? De que utilidade teria sido? Nesse tempo ele estava destroçado também.

— A viúva me salvou — Disse ela, e sorriu irônica. — Não é curioso isso?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Ah, vamos, a viúva não faz nada pela pura bondade de seu coração.

— Não disse por que o fez, a não ser simplesmente que o fez. Teriam me obrigado a me casar com meu primo se não me tivesse levado com ela.

Agarrou a mão e a levou aos lábios.

— Alegra-me que não teve que se casar com ele.

— Eu também — disse ela sem o menor indício de ternura. — É horrendo.

Ele riu.

— E eu que pensava que se sentia contente por ter me esperado.

Ela o olhou sarcástica e retirou a mão.

— Não conheceu meu primo.

Finalmente, ele agarrou uma rodela de maçã e tomou um bocado.

— Temos superabundância de parentes odiosos, você e eu.

Ela curvou os lábios, pensativa, e depois virou o corpo para olhar o que se podia ver da carruagem.

— Devo acompanhá-la. — Disse.

— Não — Respondeu ele, firmemente.

Grace exalou um suspiro. Não queria sentir compaixão pela viúva, sobre tudo depois do que

disse nessa noite. Mas a conversa com Jack havia trazido lembranças, e recordou o muito que estava em dívida com ela.

Voltou-se para olhá-lo.

— Está muito sozinha.

— Merece estar sozinha — Disse ele, com muita convicção, e um tanto surpreso, como se pensasse que isso estava tão claro que não fosse necessário dizer.

— Ninguém merece estar sozinho.

— De verdade acredita nisso?

Ela não acreditava, mas...

— Desejo acreditar.

Ele a olhou duvidoso.

Ela começou a levantar-se. Olhou de um lado para o outro, para assegurar-se de que ninguém podia ouvi-la e disse: — Por certo, não deveria ter me beijado a mão havendo pessoas que poderiam vê-lo.

Então se levantou e se afastou rapidamente, antes que ele pudesse responder.

— Já terminou seu almoço? — Perguntou Amélia quando passou perto dela.

Grace assentiu.

— Sim, vou até a carruagem ver se a viúva quer algo.

Amélia a olhou como se acreditasse que tinha ficado louca.

Grace encolheu levemente os ombros.

— Toda pessoa merece uma segunda oportunidade. — Caminhando para a carruagem pensou no que acabava de dizer e acrescentou mais para si mesma. — Isso é verdade.

O piso da carruagem ficava muito alto para subir sozinha, e não havia nenhum moço à vista, assim exclamou: — Excelência! Excelência! — Ao não ouvir resposta, exclamou em voz mais alta.

— Senhora!

Apareceu o irado rosto da viúva na porta.

— O que quer?

Grace disse a si mesma que não tinha passado toda uma vida indo à igreja as manhãs dos domingos para nada.

— Desejava perguntar se quer algo, excelência.

— Por quê?

Bom

Deus desconfiava dela.

— Porque sou uma boa pessoa — Disse algo impaciente, e cruzou os braços esperando para ver sua reação.

A viúva a olhou em silêncio um bom momento e finalmente disse: — Segundo minha experiência, as pessoas boas não precisam anunciar-se como tais.

Grace desejou perguntar que tipo de experiências teve com pessoas boas, posto que segundo a experiência dela, a maioria das pessoas boas fugiam de sua presença.

Mas isso pareceu muito mordaz.

Soltou uma lenta respiração. Não tinha por que fazê-lo; não tinha por que ajudar à viúva de maneira nenhuma. Já era uma mulher independente e não precisava preocupar-se com sua segurança.

Mas, como disse, era uma pessoa boa, e estava resolvida a seguir sendo-o, por muito melhoradas que estivessem suas circunstâncias. Tinha atendido à viúva durante cinco anos porque tinha que fazê-lo, não porque o desejasse. E agora...

Bom, seguia sem desejá-lo, mas o faria. Fossem quais fossem os motivos da viúva a cinco anos, tinha-a salvado de toda uma vida de infelicidade. Por isso, podia passar uma hora atendendo-a. Mas mais que isso, podia *decidir* passar uma hora atendendo-a.

Incrível a diferença entre um e o outro.

— Senhora? — disse.

E nada mais. Com isso bastava; o resto dependia da viúva.

— Ah, muito bem — Disse esta, irritada. — Se é o que quer.

Com o rosto absolutamente sereno, Grace aceitou a mão que ofereceu lorde Crowland (que ouviu a última parte da conversa e disse que estava louca), subiu à carruagem e ocupou o assento de costas ao chofer, o mais longe possível da viúva, e juntou as mãos na saia. Não sabia quanto tempo ficaria ali, ao parecer, os outros não se decidiam a pôr fim ao almoço.

A viúva estava olhando pela janela; ela olhava as mãos. De tanto em tanto, levantava os olhos e, cada vez, a viúva quase dava as costas, sua postura rígida, os lábios bem apertados.

Então, talvez a quinta vez que olhou, encontrou-se com que a estava olhando.

— Decepciona-me — Disse, em voz baixa, não exatamente uma conversa, mas muito parecida.

Grace ficou em silêncio. Não mudou de postura, simplesmente reteve o fôlego; não sabia o que dizer, além de que não iria se desculpar. Não iria pedir desculpas por ter estendido a mão para agarrar sua felicidade.

— Não deveria partir.

— Para continuar sendo uma criada, senhora?

— Não deveria partir — Repetiu a viúva, mas esta vez deu a impressão de que estremecia algo por dentro; não o corpo, tampouco a voz.

O coração compreendeu Grace, surpresa; à viúva estremeceu o coração.

— Ele não é o que eu esperava — Acrescentou a viúva.

Grace pestanejou, tentando entender.

— O senhor Audley?

— Cavendish — Emendou a viúva, rotundamente.

— Não sabia que existia — Disse Grace, com a maior amabilidade possível. — Como poderia ter esperado algo?

Sem responder a pergunta, a viúva perguntou a sua vez:

— Sabe por que a levei para minha casa?

— Não — Respondeu Grace, docemente.

A viúva apertou os lábios e passado um momento disse:

— Não era correto. Uma pessoa não deveria ficar sozinha neste mundo.

— Não — Repetiu Grace. E acreditava isso com todo seu coração.

— Foi pelas duas. Agarrei algo terrível e o transformei em bom. Pelas duas. — Olhou-a com os olhos estreitos, perfurando os olhos. — Não deveria partir.

Então, santo céu, sem poder acreditar, Grace se ouviu dizer:

— Irei visita-la, se o desejar.

A viúva engoliu saliva e disse, olhando reto à frente:

— Isso seria aceitável.

Grace se salvou de responder algo pela chegada de Amélia, que as informou que partiriam em seguida. E dito e feito, logo que teve tempo para acomodar-se no assento quando rangeram as rodas a carruagem se pôs em marcha.

Ninguém disse nada.

Era melhor assim.

Várias horas depois Grace abriu os olhos.

Amélia a estava olhando.

— Dormiu — Disse, e levou um dedo aos lábios fazendo um gesto para a viúva, que também dormia.

Grace tampou a boca para ocultar um bocejo e perguntou:

— Sabe quanto tempo nos falta para chegar?

Amélia encolheu os ombros.

— Não sei. Talvez uma hora? Duas horas?

Exalou um suspiro e se reclinou no respaldo. Via-se cansada, pensou Grace. Todos estavam cansados.

E assustada.

— O que vai fazer? — Perguntou, sem pensar duas vezes.

Amélia não abriu os olhos.

— Não sei.

Isso não tinha muito de resposta, mas claro, a pergunta não tinha sido justa.

— Sabe qual é a parte mais divertida? — Disse Amélia de repente.

Grace negou com a cabeça, e ao recordar que Amélia estava com os olhos fechados, respondeu: — Não.

— Vivo me dizendo: Isto não é justo. Não deveriam acontecer coisas assim, como se eu fosse um

bem transferível. E então penso: O que mudaria? Entregaram-me a Wyndham faz muitos anos. Nunca me queixei.

— Era apenas um bebê.

Amélia continuou com os olhos fechados e quando falou sua voz soou recriminatória: — Tive muitos anos para apresentar uma queixa.

— Amélia...

— Ninguém tem culpa além de mim.

— Isso não é verdade.

Amélia abriu os olhos. Um ao menos.

— Diz isso, mas não o pensa.

— Não. — Reconheceu, porque era certo — Mas acontece que digo a verdade. Não é sua culpa. Na realidade não é culpa de ninguém. — Fez uma inspiração e deixou sair o ar. — Talvez fosse assim seria muito mais fácil.

— Ter a alguém a quem jogar a culpa?

— Sim.

— Não quero me casar com ele — Sussurrou Amélia então.

— Com Thomas?

Amélia foi noiva de Thomas durante muito tempo, e não parecia que houvesse muito afeto entre eles. Amélia a olhou com curiosidade.

— Não, com o senhor Audley.

— Não?

— Parece muito surpresa.

— Não, claro que não — Apressou-se a dizer Grace. O que poderia dizer, que estava tão perdidamente apaixonada por ele que não conseguia imaginar-se que outra não o desejasse? — Só que é muito bonito. — Improvisou.

Amélia encolheu levemente os ombros.

— Suponho.

Supunha? Não o tinha visto *sorrir*?

— Não acha que é *muito* encantador? — Perguntou a Amélia então.

— Não.

Imediatamente olhou as mãos, porque a voz não saiu no tom que queria. E claro Amélia deve ter notado também, porque sua seguinte pergunta foi: — Grace Eversleigh, você gosta do senhor Audley?

Grace balbuciou, gaguejou e finalmente conseguiu grasnar:

— Eeh... Eu...

— Você gosta — Interrompeu Amélia.

— Isso não tem importância — Disse Grace.

O que outra coisa iria dizer? A Amélia, que igual estava ou não estava comprometida em matrimônio com ele.

— Pois sim que tem importância. Você gosta?

Grace desejou derreter-se e esfumar-se dentro do assento.

— Não, não responda — Disse Amélia, ao parecer muito divertida. — Em seu rosto vejo que gosta. Bom, agora o deixo claro. Não me casarei com ele.

Grace engoliu saliva, tinha um mau sabor na garganta.

— Não deve rejeitá-lo por mim.

— O que disse?

— Não posso me casar com ele se for o duque.

— Por que não?

Grace tentou sorrir, porque realmente Amélia era um encanto ao não dar importância às diferenças entre elas, mas não o conseguiu de tudo.

— Se ele for o duque terá que se casar com uma mulher apropriada. De seu convívio.

— Vamos, não seja tola — Bufou Amélia. — Não é que tenha se criado em um orfanato.

— Já haverá suficiente escândalo. Não deve agravá-lo com um matrimônio desconjurado.

— Com uma atriz seria desconjurado. Você simplesmente vale uma semana de intrigas.

Seria mais de uma semana, pensou Grace, mas não tinha sentido discutir mais.

— Não sei o que pensa o senhor Audley — Disse Amélia. — Nem conheço suas intenções, mas se estiver disposto a desafiar tudo por amor, deveria está-lo também.

Grace a olhou sem dizer nada, surpresa. Como era que de repente Amélia ficou tão sábia? Quando aconteceu? Em que momento deixou de ser a irmã mais nova de Elizabeth e se converteu em... Ela mesma?

Amélia agarrou a mão e a apertou.

— Seja uma mulher audaz, Grace.

Então sorriu, murmurou algo em voz muito baixa e olhou pela janela.

Grace continuou olhando à frente, pensando... Pensando... Tinha razão Amélia? Ou era apenas que simplesmente nunca passou apuros?

É fácil falar de ser valente quando nunca se encontrou cara a cara com a desesperança.

O que ocorreria se uma mulher de sua posição se casasse com um duque? A mãe de Thomas não era aristocrata, mas quando se casou com seu pai, este só era o terceiro na linha de sucessão ao ducado, e ninguém supunha que ela iria ser a duquesa. Pelo que sabia, foi terrivelmente desgraçada; inclusive amargurada.

Mas os pais de Thomas não se amavam; nem sequer gostavam um do outro, pelo que tinham contado.

Mas ela amava Jack.

E ele a amava.

De todos os modos, tudo seria muito mais singelo se resultasse que ele não fosse o filho legítimo de John Cavendish.

Então, imprevisivelmente, Amélia disse:

— Poderíamos jogar a culpa à viúva. — Ao ver o olhar desconcertado de Grace, esclareceu. — Pois, como disse você, seria mais fácil se tivéssemos a alguém a quem jogar a culpa.

Grace olhou à viúva, que estava sentada em frente a Amélia.

Roncava brandamente e tinha a cabeça em um ângulo que devia ser incômodo; por extraordinário que fosse inclusive dormindo tinha os lábios apertados em uma linha desagradável.

— Certamente é mais culpada que qualquer outra pessoa — Acrescentou Amélia, mas olhando nervosa para a viúva.

— Não posso estar em desacordo contigo — Disse Grace, assentindo.

Amélia ficou em silêncio olhando para o espaço, e justo quando Grace já estava convencida de que não diria nada mais, acrescentou: — Mas isso não me tem feito sentir melhor.

— Jogar a culpa à viúva?

Amélia encurvou um pouco os ombros.

— Sim. Continua sendo horrível. Tudo.

— Horrroso — Concordou Grace.

Amélia se voltou para olhá-la nos olhos.

— Maldição horrível.

— Amélia!

Amélia enrugou o nariz, pensativa.

— Disse bem?

— Não saberia dizê-lo.

— Ah, vamos não me diga que nunca pensou em algo tão impróprio de uma dama.

— Não o "diria".

O olhar de Amélia foi uma provocação clara.

— Mas pensou.

A Grace curvaram os lábios.

— É uma condenada lástima.

— Uma maldita chateação, se quiser minha opinião — Respondeu Amélia, tão rápido que com certeza estava esperando por esta.

— Eu tenho uma vantagem, sabe?

— Ah, sim?

— Sim. Ouço falar o pessoal.

— Vamos, não vai me convencer de que as criadas de Belgrave falam como peixeiras.

— Não, mas às vezes os lacaios sim.

— Diante de ti?

— Não a propósito, mas ocorre.

— Muito bem — Disse Amélia, olhando-a com os lábios curvados e humor nos olhos. — Diga-me o que sabe de pior.

Grace pensou e passado um momento olhou para a viúva para assegurar-se de que seguia dormindo e logo sussurrou ao ouvido.

Quando terminou, Amélia se afastou, olhou-a com os olhos aumentados, pestanejou três vezes e finalmente disse: — Não sei o que quer dizer isso.

Grace franziu o cenho.

— Acredito que eu tampouco.

— Mas soa mal.

— Muito mau — Disse Grace sorrindo e dando um tapinha na mão.

— Uma maldita lástima — Suspirou Amélia.

— Estamos nos repetindo — Observou Grace.

— Sim. — Respondeu Amélia, com bastante sentimento. — Mas de quem é a culpa? Não de nós. Criaram-nos muito resguardadas.

— Isso sim é uma maldita lástima — Disse Grace.

— Uma maldita chateação, se me perguntar.

— De que diabos estão falando?

Grace engoliu saliva e olhou dissimuladamente para Amélia, que estava olhando à viúva, esta já muito acordada, e com uma expressão de horror similar.

— E bem?

— De nada — Respondeu Grace.

A viúva a olhou com uma expressão muito desagradável e logo voltou sua glacial atenção a Amélia.

— E *voce*, lady Amélia, onde está sua boa criação?

Então Amélia, ai, santo céu, encolheu os ombros e disse:

— Que me pendurem se sei, tudo é muito complicado.

Grace tentou ficar imóvel, mas a surpresa saiu em uma fervorosa risada, e pareceu que tinha jogado saliva sobre a viúva. E era irônico que a primeira vez que a cuspiu fosse por acaso.

— É você asquerosa — Vaiou a viúva. — Não posso acreditar que tenha pensado na possibilidade de perdoá-la.

— Deixe de meter-se com Grace — Disse Amélia, e com surpreendente energia.

Grace a olhou surpresa.

Mas a viúva estava furiosa.

— O que disse?

— Disse que deixe de meter-se com Grace.

— E quem se acredita que é para me dar ordens?

Grace teria jurado que Amélia se transformou ante seus olhos; tinha desaparecido a garota insegura e em seu lugar estava: — A futura duquesa de Wyndham, ou ao menos isso me disseram.

A Grace entreabriram os lábios ante a surpresa. E a admiração.

— Porque, francamente. — Acrescentou Amélia, desdenhosa. — Se não o for, que diabos faço aqui, atravessando metade da Irlanda?

Grace olhou de Amélia à viúva, novamente para Amélia e logo à viúva, e logo...

Bom, basta dizer que foi um momento monstruosamente longo.

— Não voltem a conversar. — Disse a viúva finalmente. — Não tolero o som de suas vozes.

E, como não, ficaram silêncio todo o resto da viagem.

Inclusive a viúva.

CAPÍTULO 20



Fora da carruagem o ambiente era grandemente mais torpe. Os três homens avançavam pelo caminho, mas não em fila. De tanto em tanto alguém acelerava o passo ou ficava atrás, e um cavalo adiantava a outro.

Então intercambiavam saudações, por rotineira cortesia.

De vez em quando um fazia um comentário sobre o tempo.

Lorde Crowland parecia bastante interessado nos pássaros nativos.

Thomas não falava muito, mas... Ao passar junto a ele Jack o olhou.

Estava assobiando?

— Sente-se feliz? — Perguntou, em tom algo brusco.

Thomas o olhou surpreso.

— Eu? — Franziu o cenho, pensando. — Suponho que sim. O dia está muito formoso, não te parece?

— Bonito dia — Concordou Jack.

— Ninguém está preso na carruagem com a malvada velha bruxa — Declarou Crowland. — Os três deveriam estar felizes. — Então, posto que a malvada velha bruxa fosse a avó de seus dois acompanhantes, acrescentou: — Perdão.

— Se a isso se refere, não é necessário pedir perdão — Disse Thomas. — Estou totalmente de acordo com sua avaliação.

Tinha que haver algo importante nisso, pensou Jack, que a conversa voltasse uma e outra vez ao aliviados que se sentiam por não estarem em companhia da viúva. Era condenadamente estranho, embora fosse a verdade, e dava o que pensar.

— Terei que viver com ela? — Respondeu.

Thomas o olhou e sorriu.

— As Híbridas Exteriores, companheiro, as Híbridas Exteriores.

— Por que não o fez você? — perguntou Jack.

— Ah, acredite que o farei se por acaso continuo com poder sobre ela amanhã. E se não... — Encolheu os ombros. — Vou necessitar algum tipo de emprego, verdade? Sempre desejei viajar. Talvez seja seu explorador. Encontrarei a mais fria das ilhas. Passarei fabulosamente.

— Pelo amor de Deus, homem, deixe de falar assim.

Não queria que o assunto se desse por entendido, considerar como algo já estabelecido, destinado. Thomas deveria lutar por seu lugar no mundo, não ceder alegremente.

Porque ele não o desejava. Desejava Grace, desejava sua liberdade, e mais que qualquer outra coisa, nesse momento desejava estar em outra parte. Em qualquer outra parte.

Thomas o olhou, mas não disse nada mais.

Jack tampouco. Não falou quando passaram por Pollamore, quando passaram por Cavam nem quando entraram em Butlersbridge.

Já fazia um tempo que tinha caído à noite, mas ele conhecia as vitrines de todas as lojas, os sinais de todos os postes e todas as árvores.

Aí estava à estalagem Derragarra, onde se embebedou pela primeira vez no dia que fez dezessete anos. Aí estava o açougue, mais à frente a ferraria e, ah, sim, a fábrica de farinha de aveia, atrás da qual roubou seu primeiro beijo.

Isso significava que dentro de cinco, não, de quatro minutos, estaria em casa.

Seu lar.

Essa era uma palavra que não dizia há anos. Não tinha nenhum sentido. Alojava-se em posadas, em botequins e às vezes dormia sob as estrelas. Tinha seu grupo de amigos, mas se juntavam e separavam com igual frequência. Roubavam juntos mais por comodidade que por outra coisa. O único que tinham em comum era um passado no exército e a disposição a dar uma parte da bota de cano longo a aqueles que haviam voltado da guerra com menos sorte que eles.

Ao longo desses anos deu dinheiro a homens sem pernas, a mulheres sem marido, a meninos sem pais. Nunca ninguém perguntou de onde tirava o dinheiro. Supunha que bastava que seu porte e sua maneira de falar fossem os de um cavalheiro. As pessoas viam o que desejam ver, e quando um ex-oficial (nunca disse a ninguém seu nome) chega com presentes...

Ninguém deseja fazer perguntas.

E durante todo esse tempo, não o disse nunca a ninguém. A quem tinha para dizer?

A Grace.

Agora tinha Grace.

Sorriu. Ela o entenderia. Talvez não os meios, mas sem dúvida sim o fim. A verdade, jamais tinha roubado a ninguém que não parecesse que podia permitir-se perder algo. E sempre foi mais consciencioso ao roubar às mais irritadas de suas vítimas.

Esses escrúpulos não o teriam liberado da forca, isso sim, mas sempre o faziam sentir-se um pouco melhor a respeito de sua profissão escolhida.

Ouviu o ruído dos cascos de um cavalo junto ao dele e quando olhou viu que era Thomas, que estava a seu lado.

— Esta é a rua? — Perguntou em voz baixa.

Jack assentiu.

— Passada essa curva.

— Não esperam verdade?

— Não.

Thomas tinha muito tato, e não fez mais perguntas; de fato, diminuiu a marcha até ficar meio cavalo atrás por respeito a sua intimidade.

E aí estava, Cloverhill. Tal como recordava, embora talvez a trepadeira houvesse subido mais pela fachada de tijolo. Havia luz nas habitações, e as janelas resplandeciam acolhedoras. Embora os únicos sons que ouviam eram os que faziam o grupo viajante, poderia jurar que pelas paredes se filtravam os sons de risadas e alegria.

Deus santo tinha pensado que sentia falta, mas o que sentia...

O que sentia era algo mais. Era dor, uma verdadeira dor no peito; um buraco vazio, um soluço sempre preso na garganta.

Esse era seu lar.

Desejou parar, tomar um momento para contemplar a formosa e velha casa, mas ouviu o ruído da carruagem aproximando-se e compreendeu que não poderia mantê-los a todos a raia enquanto ele se entregava à nostalgia.

O último que desejava era que a viúva entrasse antes que ele (e estava seguro de que o faria), assim cavalgou até a porta, desmontou e subiu sozinho. Fechou os olhos, deu uma profunda inspiração e, posto que não fosse reunir mais valor nos minutos seguintes, levantou a aldrava de bronze e a deixou cair.

Não houve resposta imediata. Isso não tinha por que surpreendê-lo.

Era tarde. Não os esperavam. Talvez o mordomo já estivesse deitado. Eram muitíssimos os motivos para ter procurado habitações no povoado e ido a Cloverhill pela manhã. Não queria...

Abriu a porta. Agarrou firmemente as mãos às costas. Tinha tentado deixá-las de lado, mas começaram a tremer.

Primeiro viu a luz da vela e logo ao homem que a levava, enrugado e curvado.

— Senhor Jack?

Jack engoliu saliva.

— Wimpole — Disse.

Bom Deus, o velho mordomo deveria estar rondando os oitenta, mas claro, sua tia o seguiria tendo todo o tempo que ele quisesse trabalhar, o qual, conhecendo-o, seria até o dia em que morresse.

— Não esperávamos — Disse Wimpole.

— Bom — Disse Jack, tentando sorrir — Já sabe o quanto eu gosto de surpresas.

— Passe, passe! Ah, senhor Jack, a senhora Audley vai ficar muito contente de ver. Como também... — Interrompeu-se para olhar para fora da porta, e estreitou seus velhos olhos, enrugando-os.

— Sinto muito, mas trouxe uns quantos acompanhantes — Explicou Jack.

Já tinham ajudado a descer da carruagem à viúva, Grace e Amélia estavam atrás dela. Thomas tinha o braço agarrado a sua avó, com bastante firmeza, pelo que se via, para deixá-lo sozinho um momento, mas a viúva já dava indícios de indignação.

— Wimpole? — Disse uma voz feminina. — Quem é a estas horas?

Jack se esticou, quase sem poder respirar. Era sua tia Mary. Sua voz era exatamente a mesma de antes. Como se ele não tivesse partido nunca.

Mas claro, não. Se não tivesse partido não teria o coração retumbante nem a boca ressecada. E, o principal, não estaria tão absolutamente apavorado. Mudo de medo de ver a única pessoa que o tinha amado toda sua vida, com todo seu coração e sem condições.

— Wimpole? O que...? — Já estava na porta do salão, e o estava olhando como se fosse uma aparição. — Jack?

— Em carne e osso.

Tentou dizê-lo em tom jovial, mas não resultou fácil, e no fundo, onde guardava seus momentos mais negros, desejava chorar. Chorar ali mesmo, diante de todos, pois o pranto se retorcia e empurrava tentando sair.

— Jack! — Exclamou ela, correndo para rodeá-lo com os braços. — Oh, Jack, Jack, meu querido menino precioso. Sentimos tanto sua falta.

Estava cobrindo de beijos o rosto, como uma mãe a seu filho.

Como deveria ter podido beijar Arthur.

— Quanto me alegra verte, tia Mary — Disse.

Abraçou-a com força e afundou o rosto no oco de seu pescoço, porque de verdade era sua mãe de todas as maneiras que importavam. E tinha sentido sua falta. Bom Deus, tinha sentido falta e nesse momento não importava que a tivesse ferido da pior maneira imaginável. Só desejava continuar sendo abraçado por ela.

— Oh, Jack — Disse ela, sorrindo chorosa. — Deveria te açoitara por estar tanto tempo longe. Por que não voltou? Não sabia quão preocupados estávamos? Como...?

— Hum.

Mary se interrompeu e olhou ainda acariciando o rosto.

A viúva tinha chegado à porta e estava atrás dele na escada de pedra.

— Você deve ser a tia — Disse.

Mary a olhou um momento, surpresa e finalmente respondeu:

— Sim, e você é...?

— Tia Mary — Apressou-se a dizer ele, antes que a viúva pudesse abrir a boca. — Quero apresentar à duquesa viúva de Wyndham.

Mary o soltou, inclinou-se em uma reverência e ficou de lado para deixá-la passar.

— A duquesa de Wyndham? — repetiu, olhando-o com evidente comoção. — Santo céu, Jack, não podia nos haver enviado um aviso?

Jack conseguiu esboçar um tenso sorriso.

— É melhor assim, asseguro.

Nesse momento entraram outros do grupo e Jack fez as apresentações, fazendo esforços para não fixar-se na palidez de sua tia, que aumentou mais ainda quando apresentou o duque de Wyndham e ao conde de Crowland.

— Jack — sussurrou ela, angustiada. — não tenho os quartos. Não temos nada o suficientemente...

— Por favor, senhora Audley — disse Thomas, fazendo uma cortês e respeitosa reverência. — Não se tome muitas moléstias por mim. Foi imperdoável por nossa parte não haver avisado. Não quero que chegue os extremos por nós. Embora... — Olhou para a viúva, que já estava no vestíbulo, com expressão azeda. — Talvez nos empreste seu melhor quarto para minha avó. Isso fará as coisas mais fáceis a todos.

— Faria até mais — disse Mary. — Por favor, por favor, faz frio. Devem entrar todos. Jack preciso te dizer...?

— Onde está sua igreja? — interrompeu a viúva.

— Nossa igreja? — perguntou Mary, olhando para Jack desconcertada. — A estas horas?

— Não é minha intenção render culto — ladrou a viúva. — Desejo examinar o livro de registros.

— Continua o pároco Beveridge? — perguntou Jack, para interromper a viúva.

— Sim, mas seguro que já está deitado. São nove e meia, e eu diria que é madrugada. Talvez pela manhã. Eu...

— Este é um assunto de importância dinástica — interrompeu a viúva. — Não me importa que seja passada a meia-noite. Vamos a...

— Importa a mim — Interrompeu Jack, silenciando-a com um olhar glacial. — Não vai tirar da cama ao pároco. Esperou todo este tempo. Bem pode esperar até amanhã, maldição.

— Jack! — exclamou Mary. — Não o eduquei para que falasse dessa maneira — Disse à viúva.

— Não, claro que não — disse Jack, e isso era o mais próximo a uma desculpa que iria dizer enquanto a viúva o estivesse olhando altiva.

— Você era a irmã de sua mãe, verdade? — perguntou a viúva.

Mary pareceu bastante perplexa pela mudança de tema.

— Sim.

— Esteve presente em seu casamento?

— Não.

— Não esteve? — perguntou Jack, surpreso.

— Não, não pude assistir. Estava a ponto de dar a luz. — Olhou-o pesarosa. — Nunca disse isso, o bebê nasceu morto. — Lhe suavizou a expressão. — Esse foi um dos motivos por ter ficado tão feliz por ter você.

— Iremos à igreja pela manhã — declarou a viúva, não interessada no histórico obstétrico de Mary. — Na primeira hora. Encontraremos os papéis e tudo ficará resolvido.

— Os papéis? — repetiu Mary.

— A prova do casamento. — Disse a viúva, mordaz; olhou para Mary com uma expressão glacial de superioridade, e com um movimento da cabeça a descartou: — É tola?

Menos mal que Thomas a agarrou pelo braço e de um puxão a fez retroceder, porque Jack a teria estrangulado.

— Louise não se casou na igreja de Butlersbridge — disse Mary, então. — Casou-se em Maguiresbridge, no condado de Fermanagh, onde nos criamos.

— A que distância está isso? — perguntou a viúva, tentando soltar o braço da mão de Thomas.

— A vinte quilômetros, excelência.

A viúva resmungou algo muito desagradável; Jack não conseguiu entender as palavras exatas, mas Mary ficou branca como o papel, e se virou para ele com uma expressão quase alarmada.

— Jack? O que significa tudo isso? Por que necessitam uma prova do casamento de sua mãe?

Ele olhou para Grace que estava quase atrás de sua tia; fez um leve gesto de fôlego. Então ele esclareceu garganta e explicou: — Meu pai era seu filho.

Mary olhou à viúva horrorizada.

— Seu pai... John Cavendish, quer dizer...?

— Posso intervir? — perguntou Thomas.

— Por favor — disse Jack; estava esgotado.

— Senhora Audley — disse Thomas, com mais dignidade e serenidade do que Jack poderia ter — Se houver alguma prova do matrimônio de sua irmã, seu sobrinho é o verdadeiro duque de Wyndham.

— O verdadeiro duque de... — Mary cobriu a boca, espantada. — Não, não é possível. Recordo. O senhor Cavendish. Era... — Moveu os braços como tentando descrevê-lo com gestos; depois de tentar várias vezes descrevê-lo com palavras, disse finalmente: — Ele não nos teria oculto algo assim.

— Nesse tempo não era o herdeiro — explicou Thomas — E não havia nenhum motivo para pensar que o seria.

— Oh, Meu Deus. Mas se Jack for o duque, você...

— Não sou — Terminou ele, irônico. — Pode imaginar, sem dúvida, nossa impaciência para resolver isto.

Mary o olhou chocada. Depois olhou para Jack. E depois pareceu que sentia uma enorme necessidade de sentar-se.

— Estou de pé no vestíbulo — Declarou a viúva altivamente.

— Não seja grosseira — Disse Thomas.

— Ela deveria ter se ocupado de...

Thomas agarrou o braço com a outra mão e a fez avançar, rodeando a Jack e a sua tia.

— Senhora Audley — disse. — Estamos muito agradecidos de sua hospitalidade. Todos.

Mary assentiu agradecida, e se voltou para o mordomo.

— Wimpole, seria...?

— É óbvio senhora — disse ele e se afastou.

Jack não pôde deixar de sorrir ao vê-lo afastar-se. Sem dúvida iria despertar a governanta para que fizesse preparar os dormitórios necessários. Wimpole sempre sabia o que necessitava tia Mary antes que ela o dissesse.

— Teremos as habitações preparadas em seguida — disse Mary e se voltou para Grace e Amélia que estavam um pouco afastadas.

— Se importariam em compartilhar um quarto? Não tenho...

— Não é nenhum problema — Respondeu Grace amavelmente. — Passamos muito bem em companhia mútua.

— Ah, obrigada — Disse Mary em tom aliviado. — Jack, você terá que ocupar sua velha cama no quarto dos meninos e, vamos, que tolice. Não deveria fazer perder o tempo aqui no vestibulo. Vamos ao salão, onde podem se esquentar junto ao fogo até que os quartos estejam prontos.

Fez gestos convidando-os a entrar no salão, mas quando Jack fez gesto de pôr-se a caminhar colocou brandamente a mão no braço e o reteve.

— Sentimos sua falta.

Ele engoliu saliva, mas o nó que tinha na garganta não se desfez.

— Eu também senti falta de vocês. — Disse, tentando sorrir. — Quem está em casa? Edward deve haver-se...

— Casado — Terminou ela. — Sim, logo que terminamos o luto por Arthur. E Margaret pouco depois. Os dois vivem perto. Edward nesta mesma rua e Margaret em Belturbet.

— E o tio William? — Perguntou Jack; tinha-o visto pela última vez no funeral de Arthur. Via-se muito mais velho e cansado; abatido pela aflição. — Está bem?

Mary não disse nada e seus olhos refletiram uma insuportável pena; entreabriu os lábios, mas não falou. Não era necessário.

— Não — disse ele, olhando-a chocado, porque não podia ser certo.

Deveria ter tido uma oportunidade para dizer que o lamentava.

Desejava dizer que o lamentava.

— Morreu Jack — disse ela, e pestanejou várias vezes, com os olhos brilhantes de lágrimas. — Faz dois anos. Não sabia aonde te escrever. Nunca nos deu uma direção.

Jack se virou e avançou uns passos para a parte de trás da casa. Se ficasse ali alguém poderia vê-lo. Todos estavam no salão; se olhassem pela porta, veriam que estava abatido, a ponto de chorar, talvez a ponto de gritar.

— Jack?

Era Mary, sentiu seus passos, avançando cautelosa para ele. Olhou para o céu soltando uma trêmula inspiração pela boca. Não serviu de muito, mas só pôde fazer isso.

Mary pôs uma mão no braço.

— Me disse que te dissesse que te amava.

— Não me diga isso.

Era o único que não poderia suportar, nesse momento.

— Me disse. Me disse que sabia que viria para a casa. E que te amava, e que foi seu filho. Em seu coração, foi seu filho.

Ele cobriu o rosto com as duas mãos e começou a apertar mais e mais forte, como se assim pudesse fazer desaparecer a dor. Por que se surpreendia? William não era um homem jovem; tinha quase quarenta anos quando se casou com Mary. Acaso tinha acreditado que a vida se deteria em sua

ausência? Que ninguém mudaria, cresceria nem morreria?

— Deveria ter voltado. — Disse. — Deveria ter... Meu Deus, que idiota sou.

Mary acariciou uma mão, abaixou brandamente e a reteve. Então o levou pelo vestíbulo até o quarto mais próximo e o fez entrar. Era o escritório de seu tio.

Lentamente caminhou até o escritório. Era um escritório imenso, gigantesco, de madeira escura, que cheirava igual aos papéis e a tinta que sempre havia em cima.

Mas nunca foi imponente; curioso, sempre gostou de entrar ali. Na realidade era estranho; ele era um menino ao que gostava de estar ao ar livre, correndo, jogando, sempre sujo de barro. Inclusive agora odiava uma habitação que tivesse menos de duas janelas.

Mas sempre gostou de estar ali.

Voltou-se para olhar sua tia; estava no centro da sala; tinha fechado quase totalmente a porta e deixado a vela em uma prateleira. Voltou-se a olhá-lo e disse, muito docemente: — Ele sabia que o amava

— Não merecia isso — disse ele, movendo a cabeça. — Nem você.

— Deixe de falar assim. Não quero te ouvir falar assim.

— Tia Mary, sabe... — Colocou o punho na boca e mordeu os nódulos; as palavras estavam ali, queimando o peito, mas era terrivelmente difícil dizê-las. — Sabe que Arthur não teria ido à França se não tivesse sido por mim.

Ela o olhou desconcertada um momento e logo afogou uma exclamação.

— Santo céu, Jack, não se culpe de sua morte, verdade?

— É obvio que sim. Foi por mim. Não haveria...

— Ele desejava entrar no exército. Sabia que era isso ou o clero, e o céu sabe que não desejava ser padre. Sempre tinha pensado...

— Não — interrompeu ele, com toda a força da raiva que sentia no coração. — Não o tinha pensado. Talvez te dissesse isso, mas...

— Não pode se responsabilizar por sua morte. Não permitirei isso.

— Tia Mary...

— Basta! Basta!

Cobriu a cabeça com as mãos pressionando as têmporas com as palmas; dava a impressão de que, mais que nada, queria esmagar o que tinha dentro, pôr fim ao que fosse que ele queria dizer.

Mas tinha que dizê-lo. Era a única maneira de fazê-la entender.

E seria a primeira vez que pronunciava essas palavras:

— Não sei ler.

Três palavras. Nada mais. Três palavras. E toda uma vida de segredos.

Ela enrugou a testa e ele não soube discernir sua expressão. Não acreditava, ou simplesmente pensava que tinha ouvido mal?

As pessoas veem o que esperam ver. Ele sempre atuou como um homem educado e assim o via ela.

— Não sei ler, tia Mary. Nunca consegui aprender. Arthur era o único que sabia.

Ela negou com a cabeça.

— Não entendo. Esteve no colégio. Graduou-se...

— Por um fio — Interrompeu ele — E só graças à ajuda de Arthur. Por que acha que tive que deixar a universidade?

— Jack... — Parecia envergonhada. — Disseram-nos que te levava mal. Que bebia muito, e tinha aquela mulher e... e... Essa horrível brincadeira com o porco e... Por que nega com a cabeça?

— Não queria envergonhar.

— Acredita que isso não foi vergonhoso?

— Não podia fazer o trabalho sem a ajuda de Arthur — Explicou ele — E ele estava dois cursos atrás que mim.

— Mas nos disseram...

— Prefери que me expulsassem por má conduta que por estupidez.

— Fez de propósito?

Ele abaixou o queixo.

— Oh, Meu Deus. — Sentou-se em uma cadeira. — Por que não nos disse nada? Poderíamos ter contratado um preceptor.

— Não teria servido de nada. — Ao ver que ela o olhava desconcertada, explicou, sentindo-se quase impotente: — As letras dançam. Saltam, movem-se. Nunca consigo distinguir entre um d e uma b, a não ser que estejam em maiúscula, e inclusive assim...

— Não é estúpido — interrompeu ela, com voz muito enérgica.

Ele simplesmente a olhou.

— Não é estúpido. Se houver um problema está em seus olhos, não em sua mente. Te conheço. — Levantou-se, com movimentos trêmulos, mas decididos. — Eu estive presente quando nasceu. Fui a primeira que te teve em braços. Estive o seu lado sempre que se feriu, em todas suas quedas. Vi como iluminam os olhos, Jack. Vi-o "*pensar*". — E acrescentou docemente: — Que inteligente tem que ter sido para nos enganar a todos.

— Arthur me ajudou em todos os anos do colégio — disse ele, com a voz mais casual que pôde. — Nunca pedi. Ele dizia que gostava... — Engoliu saliva, porque as lembranças subiam à garganta como uma bala de canhão. — Dizia que gostava de ler em voz alta.

A ela começou a descer uma lágrima pela bochecha.

— E eu acredito que gostava. Te idolatrava, Jack.

Jack tentou conter os soluços que o afogavam.

— Eu deveria tê-lo protegido.

— Os soldados morrem Jack. Arthur não foi o único. Somente foi...

Fechou os olhos e abaixou a cabeça desviando o rosto, mas não tão rápido que ele não conseguisse ver a dor que passou por ela.

— Somente foi o único que me importava — Murmurou; levantou os olhos e o olhou. — Por

favor, Jack, não quero perder dois filhos.

Abriu os braços e sem perceber ele se encontrou neles, soluçando.

Não tinha chorado por Arthur. Nenhuma só vez. Estava tão cheio de fúria, com os franceses, consigo mesmo, que não tinha ficado espaço para a aflição.

Mas aí, nesse momento o pranto se precipitou. Saiu em corrente, com toda a tristeza, com todas as vezes que tinha se divertido e não estava Arthur para compartilhar a risada. Todos os lucros importantes que tinha celebrado sozinho; todos os lucros que Arthur não celebraria jamais.

Chorou por tudo isso. E chorou por si mesmo, por seus anos perdidos. Esteve fugindo, fugindo de si mesmo. E estava cansado de fugir.

Desejava parar; ficar em um lugar.

Com Grace.

Não a perderia. O que fosse que tivesse que fazer para assegurar seu futuro com ela, faria. Se Grace dissesse que não podia se casar com o duque de Wyndham, pois não seria o duque de Wyndham. Ainda tinha que haver uma parte de seu destino ao mando.

— Tenho que ir ver os hóspedes — murmurou Mary, afastando-o brandamente.

Assentindo, ele limpou as últimas lágrimas dos olhos.

— A duquesa viúva... — Bom Deus, o que podia dizer da viúva a não ser? — Sinto-o muito.

— Ocupará meu dormitório — Disse Mary.

Normalmente teria proibido ceder sua habitação, mas estava cansado, supunha que ela estava cansada, portanto, pareceu que essa noite era o momento perfeito para antepor a facilidade ao orgulho. Assim, assentiu.

— Isso é muito amável de sua parte.

— Eu acredito que se aproxima mais ao instinto de sobrevivência.

Isso o fez sorrir.

— Tia Mary?

Ela já tinha chegado à porta, mas parou com a mão na maçaneta e se voltou para olhá-lo.

— Sim?

— A senhorita Eversleigh.

Algo iluminou os olhos de sua tia, algo romântico.

— Sim?

— Amo-a.

Toda ela pareceu encher-se de afeto e calor.

— Quanto me alegra ouvir isso.

— Ela também me ama.

— Melhor ainda.

— Sim — murmurou ele.

Ela fez um gesto para o vestibulo.

— Vai me acompanhar?

Ele era consciente de que deveria, mas as revelações dessa noite o tinham esgotado. E não queria que o vissem assim, com os olhos ainda avermelhados pelo pranto.

— Importa-se que fique aqui?

— Não, claro que não.

Esboçando um melancólico sorriso, saiu da sala.

Jack se voltou para o escritório de seu tio e passou lentamente a mão pela superfície. Era aprazível esse quarto, e ele necessitava um lugar de paz.

Essa iria ser uma noite longa. Não poderia dormir, não tinha nenhum sentido tentar. Mas não desejava fazer nada. Não desejava ir a nenhuma parte nem, principalmente, pensar.

Por esse momento, por essa noite, só desejava "ser".



Grace concluiu que gostava do salão dos Audley. Era muito elegante, decorado em cores bordeaux e nata, com dois lugares separados para sentar-se, um escritório e acolhedoras poltronas para ler nos cantos. Por toda parte se viam sinais de vida familiar, das cartas empilhadas no escritório, ao bordado que a senhora Audley deve ter deixado abandonado quando ouviu Jack na porta. Sobre o suporte havia seis retratos em miniatura em fileira. Aproximou-se para olhá-los, simulando que iria pôr as mãos perto do fogo para esquentar.

Eram retratos da família compreendeu imediatamente, talvez pintados uns quinze anos atrás. O primeiro era sem dúvida do tio de Jack, e no seguinte reconheceu à senhora Audley. O seguinte era de... Santo céu, esse era Jack? Tinha que ser. Como era possível que alguém mudasse tão pouco? Via-se mais jovem, sim, mas em todo o resto estava igual: a expressão, o sorriso pícaro.

Quase ficou sem fôlego.

Os outros três eram dos meninos Audley, supôs. Dois meninos e uma garota. Quando chegou ao mais novo, Arthur, abaixou a cabeça e elevou uma oração. Jack o tinha querido muitíssimo.

Do que estaria falando com sua tia? Ela foi à última a entrar no salão e viu quando a senhora Audley o empurrou brandamente fazendo-o entrar por outra porta.

Passados uns minutos entrou o mordomo para anunciar que estavam preparadas as habitações. Ela não saiu com os outros e continuou junto à lareira. Não se sentia disposta a sair dessa sala.

Não sabia por que.

— Senhorita Eversleigh.

Olhou para a voz. Era a tia de Jack.

— Caminha muito silenciosa, senhora Audley — disse. — Não a senti aproximar-se.

— Este é Jack — Disse a senhora Audley, apontando a miniatura.

— Reconheci-o.

— Sim, está igual. Este é meu filho Edward. Vive nesta mesma rua. E esta é Margaret. Já tem

duas filhas.

Grace olhou o retrato de Arthur. As duas o olharam.

— Lamento sua morte — disse Grace finalmente.

A senhora Audley engoliu saliva, mas não deu a impressão de que fosse chorar.

— Obrigada — disse, olhou-a e agarrou a mão. — Jack está no escritório de seu tio, ao final do vestíbulo, a porta da direita. Vá fazer companhia.

Grace entreabriu os lábios.

— Vá — disse, a senhora Audley, em tom mais doce ainda.

Quase sem perceber Grace assentiu e, sem tomar o tempo para pensá-lo duas vezes, já estava no vestíbulo caminhando depressa para a parte de trás.

A porta da direita.

— Jack? — disse em voz baixa, abrindo um pouco a porta.

Ele estava sentado em uma poltrona, de cara à janela, mas ao ouvir sua voz se voltou imediatamente e se levantou.

Ela entrou e fechou brandamente a porta.

— Sua tia me disse...

Ele já estava diante dela, e de repente se encontrou com as costas esmagadas contra a porta e ele a estava beijando, a fundo, devorando a boca, santo céu, muito completamente.

Então ele se afastou e retrocedeu. Ela não podia respirar, escassamente se sustentava em pé, e não seria capaz de dizer uma frase nem que sua vida dependesse disso.

Jamais em sua vida desejou tanto algo como desejava a ele.

— Vá se deitar, Grace.

— O que?

— Sou incapaz de resistir — disse ele, com a voz rouca, áspera, embargada por todas as emoções.

Estendeu as mãos; não pôde evitar.

— Não nesta casa — murmurou ele.

Mas seus olhos ardiam por ela.

— Vá. — Repetiu. — Por favor.

Ela saiu do escritório. Subiu correndo a escada, encontrou sua habitação e se deitou.

Mas passou toda a noite tremendo.

Tremendo e ardendo.

CAPÍTULO 21



— Não pode dormir?

Jack, que seguia sentado em uma poltrona do escritório de seu tio, levantou os olhos. Thomas estava na porta.

— Não — respondeu.

— Eu tampouco — disse Thomas, entrando.

Jack agarrou a garrafa de conhaque que tinha tirado do armário. Não tinha nenhuma só bolinha de pó, mesmo sabendo que ninguém tinha provado o licor desde a morte de seu tio. Tia Mary sempre tinha a casa imaculada.

— É bom — disse. — Acredito que meu tio o estava guardando. — Estreitou os olhos olhando a etiqueta. — Não para isto, imagino.

Fez um gesto para um jogo de taças de cristal que havia sobre uma prateleira perto da janela. Esperou com a garrafa na mão enquanto Thomas buscava uma taça. Quando este foi sentar-se na outra poltrona e deixou a taça na mesinha entre eles, serviu uma generosa quantidade.

Thomas agarrou a taça e bebeu, e estreitando os olhos olhou pela janela.

— Falta pouco para o amanhecer.

Jack assentiu. No céu ainda não aparecia nenhuma insinuação de cor rosa, mas já se via o resplendor prateado da alvorada.

— Levantou-se alguém? — perguntou.

— Não que eu tenha ouvido.

Ficaram em silêncio um bom momento. Jack bebeu o que sobrou do conhaque e pensou na possibilidade de beber outra taça. Agarrou a garrafa para servir-se, mas quando só havia caído umas gotas, compreendeu que na realidade não desejava beber mais. Levantou os olhos.

— Alguma vez se sentiu como se estivesse em uma vitrine?

— Sempre, a todo o momento.

— Como o suporta?

— Não sei fazer outra coisa.

Jack colocou a mão na testa e a friccionou. Tinha uma forte dor de cabeça e não havia nenhum motivo para supor que aliviaría.

— Hoje vai ser um dia espantoso.

Thomas assentiu.

Jack fechou os olhos. Não era difícil imaginar a cena. A viúva insistiria em ser primeira em ler o

registro e Crowland estaria atrás dela olhando por cima de seu ombro, cacarejando, disposto a vender sua filha pelo melhor lance. Seguro que sua tia desejaria ir e Amélia também, compreensivelmente; tinha tanto em jogo como qualquer um.

A única pessoa que não estaria presente seria Grace.

A única pessoa que necessitava a seu lado.

— Vai ser um maldito circo — resmungou.

— Certamente.

Continuaram sentados sem fazer nada, e de repente os dois levantaram os olhos ao mesmo tempo. Olharam-se nos olhos e Jack observou que Thomas desviava o rosto e olhava para a janela.

Para fora.

— Vamos? — disse, e sentiu formar a primeira insinuação de sorriso.

— Antes que ninguém...?

— Agora mesmo.

Porque, francamente, ninguém mais tinha lugar nessa história.

Thomas se levantou.

— Você adiante.

Jack se levantou e saiu, seguido por Thomas. Quando montaram seus cavalos e empreenderam marcha, ainda era de noite, o ar impregnado de escuridão. E então ocorreu pensar...

Eram primos.

E pela primeira vez achou que isso era bom.

Já tinha amanhecido quando chegaram à igreja de Maguiresbridge.

Jack esteve várias vezes no povoado, visitando a família de sua mãe, e a velha igreja de pedra resultava conhecida e agradável. Era pequena e humilde, como deveriam ser todas as Igrejas, em sua opinião.

— Parece que não há ninguém — disse Thomas.

Se não o impressionava a simplicidade da igreja não o manifestou de maneira nenhuma.

— É provável que o livro de registros esteja na casa paroquial — disse Jack.

Thomas assentiu. Desmontaram, deixaram os cavalos amarrados a um poste de sinalização, e caminharam até a porta da casa paroquial.

Golpearam várias vezes até que no interior ouviram passos em direção a eles.

Abriu-se a porta e apareceu uma mulher de idade amadurecida que tinha todo o aspecto de ser a governanta.

— Bom dia, senhora — disse Jack, fazendo uma educada reverência.

— Sou Jack Audley e ele é...

— Thomas Cavendish — disse Thomas, saudando-a.

Jack dirigiu um olhar irônico, a que sem dúvida teria notado a mulher se não tivesse estado tão irritada pela visita.

— Queríamos ver o registro da paróquia — disse Jack.

Ela os olhou e passado um momento voltou a cabeça indicando a parte de trás da casa.

— Está no quarto de trás. O escritório do pároco.

— E está o pároco em casa? — perguntou Jack, e a última palavra saiu em um grunhido, provocado por uma cotovelada de Thomas no flanco.

— Estamos sem pároco — respondeu a governanta. — O posto está vago. — Caminhou tranquilamente até um bem usado sofá diante da lareira e se sentou. — Têm que atribuir a um logo. De momento enviam a alguém de Enniskillen todos os domingos para dar o sermão.

Então agarrou um prato com torradas da mesinha e deu totalmente as costas.

Jack olhou para Thomas, e descobriu que este o estava olhando.

Supôs que com esse gesto a governanta quis dizer que simplesmente tinham que ir ao escritório.

Foram.

O quarto era maior do que Jack tinha suposto, dado o tamanho da casa. Havia três janelas, uma na parede norte e dois na oeste, ao lado da lareira. Estava aceso o fogo, uma chama pequena, mas brilhante; Jack se aproximou para esquentar as mãos.

— Sabe como é um livro de registro de paróquia? — perguntou Thomas.

Jack encolheu os ombros e negou com a cabeça. Depois esticou as mãos e logo flexionou os dedos dos pés o melhor que pôde dentro das botas. Sentia os músculos tensos e duros e cada vez que tentava ficar quieto, notava que estava golpeando a perna com os dedos, deixando uma mancha.

Desejava sair de sua pele; desejava sair de...

— Este poderia ser.

Jack se voltou para olhar. Thomas tinha um enorme livro nas mãos.

O livro estava encadernado em couro marrom, e se via que era muito velho e estava muito usado.

— Olhamos? — Propôs Thomas.

Sua voz soou tranquila, mas Jack o viu engoliu saliva várias vezes, e tremiam as mãos.

— Olhe você — disse.

Esta vez não poderia fingir; não poderia fingir que lia. Há coisas que simplesmente não se podem suportar.

Thomas o olhou horrorizado.

— Não quer olhar comigo?

— Confio em você.

E era verdade. Não ocorria uma pessoa mais naturalmente digna de confiança que Thomas. Não mentiria. Nem sequer nisso.

— Não — Disse Thomas, rotundamente. — Não o olharei sem você.

Jack continuou sem mover-se, até que finalmente, soltando um palavrão em voz baixa, foi situar-se a seu lado ante a escrivaninha.

— É muito nobre, maldição. — Resmungou.

Balbuciando algo que ele não conseguiu entender, Thomas pôs o livro sobre a escrivaninha e abriu uma das primeiras páginas.

Jack olhou. Tudo era um borrão; ante seus olhos dançavam traços curvos, traços retos, listras para cima e para baixo. Engoliu saliva, e olhou de soslaio para Thomas para ver se tinha encontrado algo. Mas Thomas estava revisando o livro, movendo rapidamente os olhos da esquerda à direita e passando as páginas.

De repente começou a passar mais lento.

Jack apertou os dentes, tentando ler. Às vezes captava as letras maiúsculas e, com frequência, os números. O que ocorria era que muitas vezes não estavam onde acreditava que deviam estar ou não eram o que acreditava que eram.

Que idiotice. Já deveria estar acostumado a isso; mas nunca o estaria.

— Sabe em que mês se casaram seus pais?

— Não.

Mas era uma paróquia pequena, pensou. Quantos casamentos poderia ter havido?

Observou os dedos de Thomas. Este os passou pela margem da página, logo agarrou a borda, passou a página. E parou o movimento.

Olhou o corpo. Estava imóvel. Olhou o rosto.

E Thomas fechou os olhos. Estava claro. Estava claro em sua cara.

— Bom Deus.

As palavras caíram da boca como lágrimas. Não era uma surpresa, entretanto, tinha esperança, rogado...

Que seus pais não se casaram. Ou que se perdeu a prova. Que alguém, qualquer um, tivesse se equivocado, porque isso era um engano. Não podia estar ocorrendo. Ele não podia ser o duque.

Só teria que ver; estava ali "simulando" que lia o livro de registros.

Como diabos podia ocorrer a alguém que ele poderia ser um duque?

Contratos?

Ah, isso sim seria divertido.

Rendas?

Teria que contratar um administrador digno de confiança, posto que ele não pudesse revisar nada para comprovar se o enganava.

E claro, engoliu uma risada de horror, era condenadamente fabuloso que pudesse assinar os documentos com um selo. Deus sabia o tempo que levou aprender a assinar com seu nome sem parecer que tinha que pensá-lo.

Aprender a escrever "John Cavendish Audley" tinha levado meses.

Era de estranhar que se houvesse sentido tão desejoso de eliminar o "Cavendish"?

Cobriu o rosto com as duas mãos e fechou fortemente os olhos. Isso não podia estar ocorrendo. Sabia que ocorreria, e, entretanto aí estava convencido de que era impossível.

Ficaria louco.

Custava respirar.

— Quem é Philip? — perguntou Thomas.

— O que?!

— Philip Galbraith. Foi uma testemunha.

Levantou a cabeça e colocou as mãos no rosto. Então olhou a página do registro, os traços curvos que subiam e baixavam formando o nome de seu tio.

— O irmão de minha mãe.

— Vive?

— Não sei. Estava vivo a última vez que soube dele. Passaram cinco anos.

Pensou desesperado. Por que Thomas perguntava isso?

Significaria algo que Philip tivesse morrido? A prova seguia aí no livro de registro.

O livro.

Olhou-o, com os lábios entreabertos e frouxos. Esse era o inimigo.

Esse livro.

Grace dizia que não poderia se casar com ele se fosse o duque de Wyndham; Thomas não tinha escondido o trabalho administrativo que o aguardava. Se fosse o duque de Wyndham.

Mas só estava nesse livro. Na realidade, só nessa página.

Uma só página e poderia continuar sendo Jack Audley. Estariam resolvidos todos seus problemas.

— Arranque-a — sussurrou.

— O que?

— Arranque-a.

— Está louco?

Jack negou com a cabeça.

— Você é o duque.

Thomas olhou a página.

— Não, não o sou.

— Vamos — disse Jack, já desesperado, e o agarrou pelos ombros. — Você é o que necessita Wyndham. O que todos necessitam.

— Para, não seja...

— Me escute. Você nasceu e se criou para fazer o trabalho. Eu estragarei tudo. Entende? Não posso fazê-lo. Não posso.

Thomas negou com a cabeça.

— Pode ser que tenha sido criado para o trabalho, mas é você quem nasceu para ele. E não posso tomar o que é seu.

— Eu não o quero! — exclamou Jack.

— Não corresponde a você aceitá-lo nem rejeitá-lo — Disse Thomas, com uma voz calma. — Não o entende? Não é uma posse. É o que é.

— Vamos, pelo amor de Deus! — Passou as mãos pelo cabelo, agarrou umas mechas e puxou até que pareceu que iria separar o couro cabeludo do osso. — Dou isso, em uma maldita bandeja de prata. Você continua sendo o duque e eu te deixarei em paz. Serei seu explorador nas Híbridas Exteriores. Farei o que for. Simplesmente arranque essa página.

— Se não queria ser o duque — replicou Thomas — por que não disse que seus pais não estavam casados? Perguntei se seus pais estavam casados, poderia ter dito que não.

— Não sabia que estava na linha de sucessão quando pôs em dúvida minha legitimidade.

Engoliu saliva. Sentia um sabor ácido na garganta, de medo. Olhou para Thomas, tentando adivinhar o que estava pensando.

Como podia ser tão condenadamente reto e nobre? Qualquer outro arrancaria essa página e a faria pedacinhos. Mas não Thomas Cavendish; ele não. Fazia o que era correto. Não o que era melhor, a não ser o correto.

Maldito tonto.

Seguia aí olhando o registro enquanto ele estava a ponto de subir pelas paredes. Tremia todo o corpo, retumbava o coração, o...

O que era esse ruído?

— Ouve isso? — sussurrou, angustiado.

Cavalos.

— Chegaram — disse Thomas.

Jack deixou de respirar. Pela janela viu uma carruagem aproximando-se.

Acabou o tempo.

Olhou para Thomas.

Este estava olhando a página de registro.

— Não posso fazê-lo — disse.

Jack não pensou. Simplesmente atuou. De um salto ficou junto a Thomas e arrancou a página.

Thomas agarrou um braço e tentou tirar a página, mas Jack conseguiu retê-la e, soltando-se, voltou-se para a lareira.

— Jack, não! — gritou Thomas.

Mas Jack foi muito rápido e embora Thomas voltasse a agarrar o braço, conseguiu jogar o papel no fogo.

A curta briga esgotou os dois, e ficaram paralisados observando como o papel ia se enroscando e enegrecendo.

— Deus — murmurou Thomas. — O que fez?

— Salvei a nós dois — respondeu Jack, sem poder desviar os olhos do fogo.

Grace não tinha esperado que a incluíssem na viagem à igreja de Maguiresbridge. Por muito que estivesse envolvida no assunto do legado Wyndham, não formava parte da família e já nem sequer

era membro do pessoal.

Mas quando a viúva descobriu que Jack e Thomas foram à igreja sem ela, veio um ataque de loucura furiosa, e não era um exagero descrevê-lo assim; só demorou um minuto em recuperar-se, mas nesses sessenta segundos foi uma visão aterradora. Nem sequer ela a tinha visto assim nunca.

Portanto, quando chegou o momento de partir, Amélia se negou a ir sem ela.

— Não me deixe sozinha com essa mulher — Disse ao ouvido.

— Não estará sozinha — disse Grace.

Iria seu pai, logicamente, e a tia de Jack assegurou um lugar na carruagem também.

— Por favor, Grace — rogou Amélia.

Não conhecia a tia de Jack, explicou, e não suportava a ideia de ir sentada ao lado de seu pai. Ao menos não essa manhã.

A viúva fez birra feito uma criança, o que não foi inesperado, mas pela manhã só conseguiu deixar Amélia mais firme. Agarrou a mão de Grace e quase rompeu os dedos.

— Muito bem, como quiser — ladrou a viúva. — Mas se não estiverem instaladas na carruagem dentro de três minutos irei sem vocês.

E assim foi como Amélia, Grace e Mary Audley acabaram apinhadas em um assento, frente à viúva e lorde Crowland sentados no outro.

O trajeto para Maguiresbridge foi interminável para Grace. Amélia olhava pela janela, a viúva pela dela, e lorde Crowland e Mary Audley olhavam pela outra. Ela, metida no meio e de costas ao chofer, não podia fazer outra coisa que fixar o olhar em um ponto entre as cabeças da viúva e de lorde Crowland.

Cada dez minutos mais ou menos, a viúva se virava para Mary para perguntar quanto tempo faltava para chegar à igreja. Cada vez Mary respondia com admirável respeito e paciência, e de repente, para grande alívio de todos, disse: — Chegamos.

A viúva desceu primeiro, seguida por lorde Crowland quase pisando os calcanhares e levando a rastros Amélia atrás dele. Mary Audley se apressou a descer detrás deles, deixando Grace em último lugar.

Exalou um suspiro.

Quando chegaram à porta da casa paroquial os outros já tinham entrado, e nesse momento estavam apertados passando por uma porta que dava a outra habitação, onde, supôs, estavam Jack e Thomas, além disso, o muito importante livro de registros da igreja.

Uma mulher estava boquiaberta no centro da primeira sala, com uma xícara de chá balançando-se precariamente em uma mão.

— Bom dia — saudou-a, com um breve sorriso, pensando se outros teriam tomado à moléstia de golpear.

— Onde está? — ouviu perguntar à viúva, e a isso seguiu um forte ruído ao bater uma porta em uma parede.

— Atreveram-se a vir sem mim! Onde está? Exijo ver o registro!

Chegou à porta, mas esta estava bloqueada pelos outros e não conseguia ver dentro. Então fez o

último que se teria esperado dela.

Empurrou. Com força.

Amava-o. Amava Jack. E o que fosse que trouxesse o dia, ela estaria ali. Ele não estaria sozinho, isso não o permitiria.

Entrou, a tropeções, justo quando a viúva exclamou:

— O que descobriram?

Serenou-se e olhou. Ali estava ele, Jack. Tinha um aspecto horroroso.

Atormentado.

Seus lábios formaram seu nome, mas só o modulou. Não poderia havê-lo dito em voz alta; era como se tivessem arrebatado à voz. Nunca o tinha visto assim. A cor de seu rosto estava estranha. Muito pálido ou muito vermelho? Não soube discernir. E tremiam as mãos. Será que ninguém mais o via?

Olhou para Thomas, porque seguro que ele faria algo, diria algo.

Mas ele estava olhando para Jack, igual a todos outros. Ninguém dizia nada. Por que ninguém falava?

— Ele é o Duque de Wyndham — disse Jack finalmente. — Como deve ser.

Grace teria saltado de alegria, mas o único que passou pela mente foi: — *Não acredito.*

Não parecia ser certo, não soou certo.

A viúva olhou para Thomas.

— É certo isso?

Thomas não respondeu.

A viúva grunhiu de frustração e agarrou o braço.

— É... Certo... Isso?

Thomas continuou em silêncio.

— Não está registrado o matrimônio — disse Jack.

Grace desejou chorar. Ele mentia. Isso era absolutamente evidente, para ela, para todos. Em sua voz detectou desespero, medo e... Santo Deus, isso o fazia por ela? Queria renunciar ao que tinha direito por "ela"?

— Thomas é o duque — repetiu Jack, olhando a cada um, desesperado. — Não me ouviu? Por que ninguém me escuta?

Ninguém disse nada.

— Mente — disse Thomas, então.

E o disse com voz sonora, tranquila e absolutamente verossímil.

A Grace escapou um soluço afogado, e se voltou; não suportava continuar olhando.

— Não — disse Jack. — Digo que...

— Vamos, pelo amor de Deus — Respondeu Thomas. — Acha que ninguém vai descobrir que mente? Haverá testemunhas. Acha que não aparecerão testemunhas do casamento? Pelo amor de

Deus, não pode reescrever o passado.

Grace fechou os olhos.

— Nem queimá-lo — Acrescentou Thomas em tom detestável — Como poderia ser o caso.

— *Oh, Jack, o que fez?* — *Pensou ela.*

— Arrancou a página do registro — continuou Thomas — E a jogou no fogo.

Grace abriu os olhos, porque não podia não olhar para a lareira. Não havia o menor sinal do papel; sob a chama alaranjada só havia cinzas e fuligem.

— É seu — disse Thomas, voltando-se para Jack.

Olhou-o nos olhos e logo fez uma reverência.

Jack parecia a ponto de vomitar.

Então Thomas se voltou para os outros.

— Eu sou... — Esclareceu a garganta e continuou com a voz tranquila e orgulhosa. — Sou o senhor Cavendish, e desejo a todos um bom dia.

Ato seguido passou por um lado do grupo e saiu pela porta.

Ninguém pôde dizer nada imediatamente. Passado um momento, fazendo um movimento quase grotesco, lorde Crowland se voltou para Jack e se inclinou em uma reverência.

— Excelência — disse.

— Não — disse Jack, negando com a cabeça. — Não permita isto — Disse à viúva. — Ele será melhor duque.

— Muito provavelmente — disse lorde Crowland, absolutamente indiferente à aflição de Jack. — Mas aprenderá.

Então Jack começou a rir, não pôde evitar. Do fundo saiu seu sentido do ridículo, e riu. Porque, bom Deus, uma coisa que não tinha obtido nunca era aprender. O que fosse.

— Ah, não tem nem ideia — disse. Então olhou à viúva. Tinha desaparecido seu desespero, substituída por outra coisa, algo amargo, fatalista, algo cético e triste. — Não tem nem ideia do que fez. — Disse. — Não tem a menor ideia.

— Devolvi você ao lugar que te corresponde — Disse ela, com sua brutalidade de sempre. — Como é meu dever para com meu filho.

Jack desviou o rosto, não podia continuar olhando-a nem um só momento mais. Mas aí estava Grace, perto da porta. Via-se chocada, parecia assustada. Então ela o olhou e ele viu ordenado todo seu mundo.

Ela o amava. Não sabia como nem por que, mas não era tão idiota para ter dúvidas quanto a isso. E quando ela o olhou nos olhos, ele viu esperança, viu o futuro, e este brilhava como o sol nascente.

Tinha passado toda sua vida fugindo. Fugindo de si mesmo, de suas falhas e defeitos. Era tão desesperado seu desejo de que ninguém o conhecesse verdadeiramente que se negou a oportunidade de encontrar seu lugar no mundo.

Sorriu. Por fim sabia qual era seu lugar.

Tinha visto Grace quando entrou na sala, mas ela ficou atrás e ele não podia ir até ela, ocupado

como estava tentando manter o ducado nas mãos de Thomas, que era onde deveria estar.

Mas tinha fracassado nisso.

Não fracassaria "agora".

Caminhou para ela e quando esteve diante agarrou a duas mãos.

— Grace.

— Que diabos faz? — perguntou a viúva.

Ele ficou de joelho.

— Case-se comigo — disse, apertando as mãos. — Seja minha esposa, seja mi... — riu, ao subir a sua garganta o ridículo que era isso. — Seja minha duquesa. — Sorriu. — É pedir muitíssimo, sei.

— Pare — Disse a viúva. — Não pode se casar com ela.

— Jack — murmurou Grace.

Tremiam os lábios, e ele compreendeu o que estava pensando.

Estava vacilante, balançando-se no limite.

E ele a faria cair.

— Por uma vez em sua vida — disse, veemente. — Pense em sua felicidade.

— Basta disso! — exclamou

Crowland, agarrando-o pelas axilas e tentando levantá-lo.

Mas ele se manteve firme. Seguiria com um joelho no chão uma eternidade se era necessário.

— Case-se comigo, Grace — murmurou.

— Se casará com Amélia! — exclamou Crowland.

— Case-se comigo — repetiu Jack, sem afastar os olhos dela.

— Jack — disse ela, e em sua voz ele detectou que acreditava que deveria dar uma desculpa, dizer algo sobre o dever dele e o lugar dela.

— Case-se comigo — repetiu, sem deixá-la continuar.

— Ela não é aceitável — disse a viúva, glacialmente.

Ele levou aos lábios as duas mãos dela.

— Não me casarei com nenhuma outra.

— Não é de seu nível!

Ele se virou e dirigiu um olhar glacial. Sentia-se bastante duque na realidade; era quase divertido.

— Deseja que eu gere um herdeiro? Alguma vez?

A viúva pôs a cara vermelha.

— Interpretarei isso como um sim — declarou ele. — Portanto, isso significa que Grace terá que se casar comigo. — Encolhendo os ombros continuou — É o único que se pode fazer, se tiver que dar um herdeiro legítimo a Wyndham.

Grace começou a pestanejar e moveram as comissuras da boca; estava combatendo consigo mesma, dizendo-se que deveria dizer não. Mas o amava. Ele sabia que o amava, e não permitiria

desperdiçar isso.

— Grace... — Franzio o cenho e logo riu. — Qual é seu segundo nome, a propósito?

— Catriona — disse ela em um sussurro.

— Grace Catriona Eversleigh — disse, em voz alta e segura. — Amo você. Te Amo com todo meu coração e juro, ante todos os presentes — olhou ao redor, e viu que na porta estava a governanta da casa paroquial olhando boquiaberta. — Entre eles, condenação — resmungou em voz baixa — Como se chama você?

— Senhora Broadmouse — respondeu ela, com os olhos aumentados.

Jack esclareceu a garganta. Começava a sentir-se ele mesmo; pela primeira vez desde dias, sentia-se ele. Podia ficar com o maldito título, mas com Grace a seu lado conseguiria encontrar a maneira de fazer algum bem com ele.

— Juro. — disse — ante a senhora Broadmouse...

— Basta disto! — gritou a viúva, agarrando o outro braço. — Levante-se!

Jack olhou para Grace e sorriu.

— Alguma vez se interrompeu tanto um pedido?

Correspondeu o sorriso, embora tivesse os olhos cheios de lágrimas, a ponto de cair.

— Seu dever é se casar com Amélia! — grunhiu lorde Crowland.

Então interveio Amélia, aparecendo à cabeça por um lado de seu pai.

— Eu não me casarei com ele — declarou, com toda naturalidade; captou o olhar de Jack e sorriu.

A viúva se engasgou com uma brusca inspiração.

— Rejeita meu neto?

— A *este* neto — esclareceu Amélia.

Jack afastou os olhos de Grace o tempo suficiente para sorrir a Amélia aprovador. Correspondeu o sorriso e fazendo um gesto com a cabeça para Grace indicou claramente que deveria voltar à atenção ao assunto que tinha entre mãos.

— Grace — disse ele, esfregando brandamente as mãos. — Está começando a doer o joelho.

Ela começou a rir.

— Diga que sim — disse Amélia.

— Ouça Amélia — disse Jack.

— Que diabos vou fazer contigo? — disse lorde Crowland a Amélia, a que ao parecer não importou nada.

— Te Amo Grace — disse Jack.

Grace já estava sorrindo; todo seu corpo parecia sorrir como se estivesse envolta em uma felicidade que não soltaria jamais. E então o disse, aí diante de todos.

— Eu também te amo.

Ele sentiu entrar toda a felicidade do mundo, como um redemoinho que foi diretamente até seu

coração.

— Grace Catriona Eversleigh — repetiu — Quer se casar comigo?

— Sim. Sim.

Ele se levantou.

— Agora a vou beijar — anunciou.

E a beijou. Diante da viúva, diante de Amélia e seu pai, diante de sua tia e diante da senhora Broadmouse.

Beijou-a, e continuou beijando-a. Estava-a beijando quando a viúva partiu emitindo um suspiro de fúria, e a estava beijando quando lorde Crowland levou a Amélia a rastros resmungando algo sobre sensibilidades delicadas.

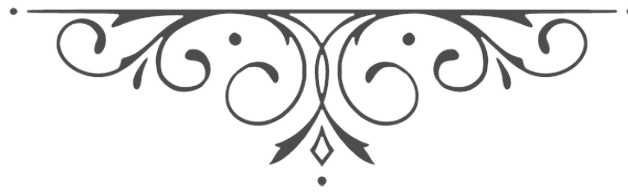
E continuou beijando-a e beijando-a, e não teria interrompido o beijo se não percebesse que a senhora Broadmouse seguia na porta olhando-os com uma expressão bastante benigna.

Sorriu.

— Um pouquinho de intimidade, se não importa?

Exalando um suspiro ela se afastou, mas antes de fechar a porta a ouviram dizer: — Sim que eu gosto de uma boa história de amor.

EPÍLOGO



Minha queridíssima Amélia: É possível que só tenham passado três semanas desde minha última carta? Tenho a sensação de que estive acumulando notícias pelo menos durante um ano. Os meninos estão bem, crescendo e desenvolvendo-se.

Arthur é tremendamente estudioso! Jack se declara surpreso, mas seu prazer é evidente. No começo desta semana visitamos Happy Hare para falar dos planos para a feira do povoado com Harry Gladdish, e Jack não parou de lamentar-se de quão difícil foi encontrar um novo preceptor, já que Arthur deixou esgotado ao anterior.

Harry não se deixou enganar. Jack estava inchado de orgulho como um tambor grande.

Estivemos encantados com...

— Mamãe!

Grace levantou os olhos. Sua filha (a terceira de quatro e única menina) estava na porta com cara de sentir-se muito ofendida.

— O que acontece, Mary?

— John me...

— Só estava passando — disse John, parando junto à Mary derrapando pelo brilhante chão.

— John! — gritou Mary.

John olhou para Grace com cara da mais absoluta inocência.

— Apenas me desviei.

Grace resistiu o desejo de fechar os olhos e gemer. John só tinha dez anos, mas já possuía o encanto letal de seu pai.

— Mamãe — disse Mary — Eu ia caminhando para a estufa quando...

— O que quer dizer Mary — interrompeu John — é que eu ia caminhando para a estufa de laranjeiras quando ela chocou comigo e...

— Não, não é isso o que queria dizer — protestou Mary, e olhou para sua mãe terrivelmente afligida. — Mamãe!

— John, deixe que sua irmã termine de falar — disse Grace, quase automaticamente; essa era uma frase que dizia várias vezes ao dia.

John sorriu. Um sorriso para derreter. Bom Deus, dentro de pouco teria que afugentar as garotas a pauladas.

— Mãe — disse ele, no mesmo tom que empregava Jack quando queria sair de um apuro com seu encanto. — Nem sonharia interromper.

— Acaba de me interromper! exclamou Mary.

John levantou as mãos, como dizendo: — *Coitadinha*.

Grace olhou para Mary com uma compaixão que era de esperar que notasse.

— Dizia Mary?

— Esmagou uma laranja em minha partitura!

Grace olhou para seu filho.

— John, é...?

— Não — respondeu ele imediatamente.

A ela não escapou que respondeu antes que ela terminasse a pergunta. Talvez não devesse dar muita importância a isso. A frase "John, é certo isso?" era outra das que repetia muitíssimas vezes em um dia.

— Mãe — disse ele, com seus olhos verdes muito solenes — juro por minha honra que não esmaguei uma laranja...

— Mente — disse Mary, fervendo de raiva.

— *Ela* esmagou a laranja.

— Depois que você a pôs debaixo...

— Grace! — disse então outra voz.

Grace sorriu encantada. Jack conseguiria resolver a briga dos meninos.

— Grace — disse ele, passando de lado pelo pequeno espaço que deixavam os meninos na porta.

— Necessito que me...

— Jack! — Interrompeu ela.

Ele a olhou e logo olhou para trás.

— O que fiz?

Ela fez um gesto para os meninos.

— Não os viu?

Ele esboçou um sorriso, idêntico a que tinha empregado com ela seu filho só fazia um instante.

— Pois claro que os vi. Não percebeu que passei pelo lado? — Então se voltou para os meninos.

— Não ensinamos que é de má educação fechar a passagem de uma porta?

Menos mal que não estavam na estufa, pensou ela, porque teria jogado uma laranja. Tal como estavam às coisas, começava a pensar que conviria ter um bom sortimento de objetos pequenos, redondos e fáceis de jogar na gaveta de sua escrivaninha.

— Jack — disse, com uma paciência incrível em sua opinião. — Teria a amabilidade de resolver seu conflito?

Ele encolheu os ombros.

— Eles resolverão.

— Jack — suspirou ela.

— Não é sua culpa que não tenha tido irmãos — disse ele. — Não tem nenhuma experiência em

rixas entre irmãos. Acredite tudo se soluciona ao final. Adivinho que vamos conseguir que os quatro cheguem à idade adulta com pelo menos quinze de seus principais membros intactos.

Grace o olhou com os olhos estreitos.

— Você, em troca, está em grave perigo de...

— Meninos! — interrompeu Jack — Ouçam sua mãe.

— Não disse nada — observou John.

— Bem. — Franziu o cenho e passado um momento disse. — John, deixa em paz sua irmã. Mary, da próxima vez não pise na laranja.

— Mas...

— Já disse. — Declarou ele.

E, surpreendentemente, eles continuaram seu caminho.

— Viu, não foi tão difícil — comentou ele, avançando para ela. — Tenho uns papéis.

Imediatamente Grace deixou de lado sua carta e agarrou o documento.

— É de meu advogado, chegou esta manhã.

Ela leu o primeiro parágrafo.

— Sobre a casa Ennigsly em Lincoln?

— Isso é o que estava esperando — confirmou ele.

Ela assentiu e leu atentamente o documento. Aos doze anos de matrimônio isto já era uma rotina fácil. Jack levava pessoalmente todos seus assuntos de negócios e quando chegava correspondência ela era sua leitora.

Era quase divertido. Jack tinha levado mais ou menos um ano levar tudo tranquilamente, mas tinha se convertido em um administrador maravilhoso do ducado. Tinha uma mente muito aguda, e seu julgamento era tal que custava acreditar que não tinha sido formado em administração de propriedades. Os inquilinos o adoravam e os criados o veneravam (sobre tudo uma vez que enviaram à viúva a viver no extremo mais afastado da propriedade), e a sociedade londrina tinha caído rendida a seus pés. Claro que a isto contribuiu que Thomas deixasse muito claro que estava convencido de que Jack era o legítimo duque de Wyndham, mas ela não se considerava parcial por acreditar que algo tinha que ver nisso seu encanto e seu engenho.

Do único que era incapaz era de ler.

Quando ele o disse, não acreditou. Ah, sim que acreditou o que ele acreditasse; seguro que teve maus professores; seguro que alguém cometeu uma grave negligência; um homem da inteligência e a educação de Jack não chega analfabeto à idade adulta.

Assim, sentou-se com ele a ensinar, pondo em prática os melhores métodos que conhecia. E ele o suportou. Pensando-o em retrospectiva, era incrível que ele não tivesse explodido de frustração. Foi, talvez, a demonstração de amor mais estranha esta, permitiu tentar ensinar a ler, uma e outra vez, e com um sorriso na cara inclusive.

Mas ao final teve que renunciar. Seguia sem entender o que ele queria dizer com isso de que as letras *dançavam*, mas acreditava quando insistia em que o que único que conseguia de uma página impressa ou escrita à mão era uma dor de cabeça.

— Tudo está como deve ser — disse, devolvendo os papéis.

Tinha explicado o assunto na semana anterior, depois de ter tomado todas as decisões. Sempre fazia isso, para que ela soubesse exatamente o que esperava receber.

— Está escrevendo para Amélia? — perguntou ele.

Ela assentiu.

— Ainda não consigo decidir se devo contar a travessura de John no campanário da igreja.

— Ah, conte. Vão rir muitíssimo.

— Mas ele vai ficar como um rufião.

— É um rufião.

Ela se desinflou.

— Sei, mas é encantador.

Ele riu e deu um beijo na testa.

— É igual a mim.

— Sei.

— Não tem por que dizê-lo com tanto desespero. — Sorriu, com esse sorriso tão incrivelmente travesso. Seguia enfeitando-a, cada vez, que era justo o que ele desejava.

— Note no que resultei — Acrescentou.

— Simplesmente para que compreenda que se der de assaltar carruagens, morrerei imediatamente.

Ele riu.

— Dê minhas lembranças a Amélia.

Ela estava a ponto de responder quando percebeu que ele já tinha saído. Agarrou a pluma, molhou-a no tinteiro e esteve um momento pensando para recordar o que queria escrever.

Estivemos encantados com a visita de Thomas quando veio em sua peregrinação anual para ver a viúva, a qual lamento informar, não diminuiu em severidade em sua velhice. Está tão sã como pode estar; é minha hipótese que vai sobreviver a todos.

Moveu a cabeça. Fazia o trajeto de meio quilômetro à casa da viúva só uma vez ao mês. Na opinião de Jack, nem sequer isso era necessário, mas ela seguia sentindo uma estranha lealdade para com a viúva. Por não dizer um imenso carinho e compaixão pela mulher a que contrataram para que a substituísse como dama de companhia.

Nenhum criado tinha sido tão bem pago jamais. A mulher (por insistência dela) já ganhava o dobro do que pagavam a ela quando estava no posto.

Além disso, tinham uma casinha prometida de campo quando a viúva morresse; era a casa que deu de presente Thomas a ela tantos anos atrás.

Sorrindo para si mesma, continuou escrevendo a Amélia, contando isto e aquilo, todas essas anedotas divertidas que as mães adoram contar.

Mary parece um esquilo com o oco deixado pelo dente de leite que caiu. E o pequeno Oliver, de só dezoito meses, saltou-se por completo a fase de engatinhar e passou diretamente de uma estranha maneira de arrastar-se sobre o ventre

a correr como um menino que já sabe andar. Já o perdi duas vezes no labirinto de sebes.

Sinto sua falta, querida Amélia. Deve me prometer que virá nos visitar este verão. Sabe o maravilhoso que é Lincolnshire quando está tudo cheio de flores. E, é óbvio...

— Grace? — Era Jack, que de repente estava na porta outra vez. — Senti sua falta.

— Nestes cinco minutos?

Ele entrou e fechou a porta.

— Não precisa muito tempo.

— É incorrigível — disse ela, mas deixou a pluma na escrivaninha.

— É o bom serviço que me faz — murmurou ele. Dando a volta a escrivaninha, agarrou a mão e a levantou brandamente. — E eu a você.

Grace resistiu ao desejo de gemer. Só Jack diria algo assim.

Só Jack...

Escapou um grito quando seus lábios...

Bom, basta dizer, só Jack faria *isso*.

Ah, mas como o fazia bem.

Derretida, fundiu-se com ele. E, absolutamente, fizeram *isso*.

SOBRE A AUTORA

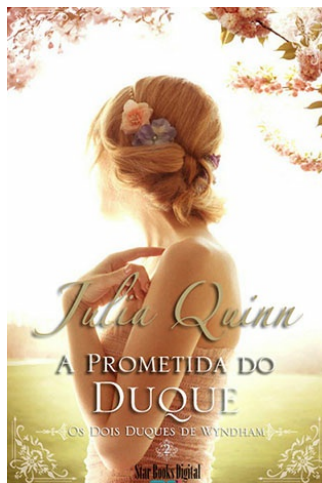


Julia Quinn começou a trabalhar em seu primeiro romance um mês depois de terminar a faculdade e nunca mais parou de escrever. Seus livros já atingiram a marca de 10 milhões de exemplares vendidos, sendo mais de 3,5 milhões da série Os Bridgertons, publicada pela Arqueiro. Seus romances já foram lançados em 29 países.

Julia é formada pelas universidades Harvard e Radcliffe e foi a autora mais jovem a ser incluída no Romance Writers of America's Hall of Fame, a Galeria da Fama dos Escritores Românticos dos Estados Unidos. Atualmente mora com a família no Noroeste Pacífico.

www.juliaquinn.com

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE
A PROMETIDA DO DUQUE



CAPÍTULO 1



É um verdadeiro crime que Amélia Willoughby ainda não tenha se casado.

Pelo menos, era isso o que dizia sua mãe.

Amélia ou, mais corretamente, Lady Amélia, era a segunda filha do Conde de Crowland, sendo assim ninguém poderia encontrar nenhum defeito em sua linhagem. Sua aparência era mais do que aceitável, se o gosto se inclinasse para as saudáveis rosas inglesas, gosto que, felizmente para ela, era dominante na alta Sociedade.

Seu cabelo era admiravelmente louro, seus olhos castanhos um tanto cinza esverdeados, e sua pele lisa e branca sempre que se lembrava de não ficar ao sol, as sardas não eram amigas de Lady Amélia. Tinha também, como sua mãe gostava de comentar, uma inteligência adequada, sabia tocar piano e pintar aquarelas, e isso sua mãe enfatizava com entusiasta insistência, estava em posse de todos os seus dentes.

Melhor ainda, que os mencionados dentes fossem perfeitamente iguais, o que não se podia dizer de Jacinda Lennox, a que caçou de forma limpa o Marquês de Baresford, cujo casamento foi *em* 1818, embora não antes de recusar dois Viscondes e um Conde, como gostava de informar a mãe de Jacinda.

Mas todas essas qualidades desapareciam diante do que, sem dúvida, era o aspecto mais pertinente e extraordinário da vida de Amélia Willoughby, seu longo compromisso de noivado com o Duque de Wyndham.

Se Amélia não tivesse sido comprometida, quando ainda estava no berço, com Thomas Cavendish, que nesse tempo era o herdeiro do ducado e ainda um menino, sem dúvida não teria chegado a pouco atraente idade de vinte e um anos, sendo donzela.

Durante uma temporada ficou em Lincolnshire, porque ninguém pensou que precisasse se incomodar em ir à Londres, a seguinte temporada sim, passou na capital, para acompanhar sua irmã mais velha, Elizabeth, pois seu prometido, também desde que ela estava no berço, teve a má sorte de contrair uma febre aos doze anos e morreu, deixando sua família sem herdeiro e Elizabeth Willoughby sem compromisso.

E quanto à temporada seguinte, quando todos estavam quase certos que Elizabeth se comprometeria em casamento a qualquer momento e Amélia continuava comprometida com o Duque, foram a Londres de todo jeito, porque teria sido embaraçoso se ficassem no campo.

Amélia gostava bastante da cidade. Divertia-se com as conversas, gostava muitíssimo de dançar, e se as pessoas falassem com sua mãe mais de cinco minutos, inteiravam-se de que se Amélia estivesse livre para se casar, teria recebido meia dúzia de pedidos, no mínimo.

O que significava que Jacinda Lennox continuaria sendo Jacinda Lennox e não a Marquesa de Baresford. E, mais importante ainda, Lady Crowland e todas as suas filhas continuariam a ter um

status mais elevado do que a enfadonha garota.

Evidentemente, como ouvia dizer com frequência do pai de Amélia, a vida nem sempre era justa, de fato, dificilmente era. Só tinha de olhar para ele, pelo amor de Deus. Cinco filhas, cinco! E agora o condado, que passara de pai para filho desde os tempos em que havia Príncipes na torre, passaria à Coroa, pois não havia nenhum primo à vista que pudesse herdá-lo.

Além disso, como sua mulher estava acostumada a recordar, graças as suas prontas manobras, que uma de suas cinco filhas já estava estabelecida, por assim dizê-lo, e só tinham que se preocupar com as outras quatro. A seu ver deviam deixar de se queixar do pobre Duque de Wyndham e do seu lento avanço para o altar.

Lorde Crowland gostava da paz e quietude acima de tudo, e isso era algo que deveria ter em conta antes de tomar por esposa, a ex Anthea Grantham.

Logicamente a ninguém ocorria sequer pensar que o Duque não cumpriria a sua promessa a Amélia e sua família, pelo contrário, era de conhecimento geral que o Duque de Wyndham era um homem de palavra, e se dizia que se casaria com Amélia Willoughby, então, como Deus era testemunha, casaria. Só ocorria que tinha a intenção de se casar quando fosse conveniente para ele, o que não era necessariamente quando fosse conveniente para ela. Ou, mais ao caso, para sua mãe.

Assim, ali estava Amélia, de volta a Lincolnshire.

E seguia sendo Lady Amélia Willoughby.

— Não me importa absolutamente — declarou quando Grace Eversleigh levantou o assunto no salão de reuniões e festas durante o baile de Lincolnshire.

Além de ser a mais íntima amiga de sua irmã Elizabeth, Grace Eversleigh era a dama de companhia da Duquesa viúva de Wyndham e, portanto estava em contato muito mais próximo com seu futuro marido do que ela já teve a oportunidade de ter.

— Ah, não — apressou-se em dizer Grace — não foi minha intenção dar a entender que se importasse.

— A única coisa que disse — atravessou Elizabeth, dirigindo um olhar estranho — foi que sua Excelência pensa permanecer em Belgrave durante seis meses pelo menos. E então você disse...

— Sei o que disse — interrompeu Amélia, sentindo o rubor subir à face.

E na realidade isso não era de todo certo. Não poderia ter repetido o que disse palavra por palavra, mas tinha a triste suspeita de que se o tentasse, seria mais ou menos algo assim.

“Bem, isso é fabuloso, sem dúvida, mas eu não daria nenhuma importância, e em todo caso o casamento de Elizabeth é no próximo mês, assim nem sonharia fazer planos para nada muito em breve e, digam o que digam, não tenho muita pressa em me casar com ele. Intercalou algo mais, algo, algo, algo. Apenas o conheço. Algo, algo mais. Sigo sendo Amélia Willoughby, e absolutamente não me importa”.

No final das contas, não era o tipo de discurso que alguém deseja reviver na cabeça.

Passado um momento de incômodo silêncio, Grace limpou a garganta e disse: — Prometeu que viria aqui esta noite.

Imediatamente Amélia a olhou nos olhos.

— Ah, sim?

Grace assentiu.

— O vi durante o jantar. Ou melhor, o vi porque passou por fora da sala de jantar quando estávamos jantando. Não jantou conosco. Acredito que ele e sua avó estejam brigados — acrescentou, como um à parte — Com frequência o estão.

Amélia sentiu os cantos da boca tensos. Não por raiva, na realidade, nem sequer por irritação. Era mais por resignação, que por qualquer outra coisa.

— Suponho que a viúva o tenha pressionado falando de mim — disse.

Teve impressão que Grace não desejava responder, mas finalmente disse: — Bem, sim.

O que era de esperar, claro. Era bem conhecido que a Duquesa viúva de Wyndham estava mais impaciente que sua mãe por ver realizado o casamento. Também era bem conhecido que o Duque achava enfadonho a sua avó no melhor dos casos, assim não a surpreendia absolutamente que tivesse aceitado assistir à festa, só para conseguir que o deixasse em paz.

Como também era bem conhecido que o Duque não fazia promessas apressadas, estava muito seguro que ele se apresentaria na festa, e isso significava que o resto do sarau seguiria um caminho bem trilhado.

O Duque chegaria, todos o olhariam, depois todos a olhariam e então ele se aproximaria, ficariam vários minutos dedicados a uma incômoda conversa, solicitaria uma dança, ela aceitaria, e quando tivesse acabado a dança, daria um beijo em sua mão e partiria.

Presumivelmente, em busca dos cuidados de outra mulher. Uma mulher de outro tipo. Do tipo com ao qual um Duque não se casa.

Isso era algo no qual não gostava de pensar, embora nem por isso deixasse de pensá-lo. Mas, de verdade, podia esperar fidelidade de um homem *antes* do casamento?

Esse era um tema do qual tinha falado com sua irmã muitíssimas vezes, e a resposta era sempre deprimente a mesma, não. Não se pode esperar fidelidade quando o cavalheiro esteve comprometido desde que era menino. Não era justo esperar que renuncie a todas as diversões às que seus amigos se entregavam, só porque seu pai assinou um contrato de casamento uns vinte anos atrás. Mas quando estivesse fixada a data, bem, isso seria uma história diferente.

Ou, melhor dizendo, seria se os Willoughby conseguissem, alguma vez, que Wyndham fixasse uma data.

— Não parece muito entusiasmada por vê-lo — comentou Elizabeth.

— Não o estou — suspirou Amélia — Verdade seja dita, passo muito melhor quando ele está longe.

— Oh, não é tão terrível — assegurou Grace — Na realidade, é bastante encantador quando chega a conhecê-lo.

— Encantador? — repetiu Amélia, duvidosa.

Tinha o visto sorrir, mas não mais de duas vezes em uma conversa.

— Wyndham?

— Bem — disse com anuência Grace — talvez exagerei. Mas o Duque será um bom marido Amélia, isso prometo. É bastante divertido quando quer.

Amélia e Elizabeth a olharam com tanta incredulidade que Grace se pôs a rir e acrescentou: — Não minto, juro! Tem um senso de humor travesso.

Amélia sabia que Grace tinha boa intenção, mas ao dizer isso não conseguiu tranquilizá-la. E não era que sentisse ciúmes, estava bastante segura de que não estava apaixonada por Wyndham. Como poderia estar? Rara vez teve chance de trocar mais de duas palavras com ele. De todos os modos, achava bastante inquietante que Grace tivesse chegado a conhecê-lo tão bem. E isso não podia dizer a Elizabeth, para quem normalmente contava tudo.

Sua irmã e Grace eram amigas íntimas desde o dia que se conheceram, aos seis anos.

Elizabeth diria que era uma tola. Ou a obsequiaria com uma dessas olhadas horríveis que pretendiam ser de compreensão, mas que na realidade eram de lástima. E nos últimos tempos parecia ser a receptora de muitos desses olhares, normalmente sempre que saía o assunto do casamento. Se fosse uma mulher aficionada a apostar o que acreditava que poderia ser se alguma vez tivesse a oportunidade de tentá-lo, apostaria que recebera olhares de compaixão e lástima ao menos da metade das damas da alta Sociedade, e de todas as suas mães.

— Essa será nossa missão para o outono — declarou Grace de repente, com os olhos faiscantes de decisão — Amélia e Wyndham vão se conhecer por fim.

— Grace, não, por favor — disse Amélia, ruborizando-se.

Bom Deus, que humilhante, ser um *trabalho*.

— Finalmente vai ter que chegar a conhecê-lo — disse Elizabeth.

— Na realidade, não — respondeu Amélia, irônica — Quantos quartos há em Belgrave? Duzentos?

— Setenta e três — respondeu Grace.

— Poderia passar semanas sem vê-lo. Anos.

— Bem, não diga tolices — disse sua irmã — por que não me acompanha à Belgrave amanhã? Ocorreu-me o pretexto que mamãe precisa devolver uns livros à viúva para poder ir ver Grace.

Esta olhou um pouco surpresa para Elizabeth.

— Sua mãe pediu livros emprestados à viúva?

— Sim — respondeu Elizabeth, e acrescentou empertigada, — Foi minha idéia.

Amélia arqueou as sobrancelhas.

— Mamãe não é muito leitora.

— Bem, não podia pedir emprestado um piano — replicou Elizabeth.

Amélia achava que sua mãe tampouco era muito aficionada à música, mas pareceu que não tinha nenhum sentido dizê-lo. Além disso, justo nesse momento, a conversa se interrompeu bruscamente.

Ele chegara.

Bem podia estar de costas para a porta, mas soube exatamente no instante em que Thomas Cavendish entrou no salão de festas, porque, droga, já aconteceu o mesmo antes. Chegou o momento do grande silêncio. E então contou até cinco, fazia tempo que descobrira que os Duques requerem mais dos normais três segundos de silêncio começaram os cochichos. E Elizabeth já estava enterrando o cotovelo nas costelas, como se necessitasse do aviso.

E então, *aah, vi tudo na cabeça*, a multidão estava fazendo sua imitação do mar Vermelho, e pelo meio passou o Duque, seus ombros largos, seu passo decidido e orgulhoso, e ali estava, quase, quase,

quase...

— Lady Amélia.

Arrumando a expressão do rosto, virou-se.

— Excelência — disse, esboçando o sorriso amável que sabia necessário.

Segurou sua mão e a beijou.

— Está encantadora esta noite.

Dizia sempre isso, cada vez.

Murmurou o obrigado e esperou pacientemente enquanto ele saudava sua irmã e logo dizia a Grace.

— Vejo que esta noite, minha avó a deixou livre de suas garras.

— Sim — disse ela, suspirando feliz — Não é maravilhoso?

Ele sorriu, e Amélia observou que seu sorriso não era o mesmo sorriso destinado ao público com que sorria para ela. Era um sorriso de amizade.

— É nada menos que uma santa, Senhorita Eversleigh — disse ele.

Amélia o olhou e depois olhou para Grace, tratando de imaginar no que ele estava pensando. Grace não tinha nenhuma opção no assunto. Se de verdade ele pensava que era uma santa, deveria provê-la de um dote e buscar um marido, para que não tivesse que passar o resto de sua vida atendendo a sua avó em todas as horas, até em seus menores desejos.

Mas, claro, isso não o disse, porque ninguém dizia essas coisas a um Duque.

— Grace nos disse que pensa passar vários meses no campo — disse Elizabeth.

Amélia desejou dar um chute. Com isso dava a entender que se tinha tempo para estar no campo, também tinha que ter tempo para por fim se casar com sua irmã. E claro, nos olhos do Duque havia uma expressão vagamente irônica ao responder.

— Sim.

— Pelo menos, eu estarei bastante ocupada até novembro — disse ela.

Porque de repente pareceu absolutamente necessário que ele se inteirasse que ela não iria passar o tempo sentada, junto à janela, bordando e suspirando por sua visita.

— Sim? — perguntou ele.

Ela endireitou os ombros.

— Sim.

Ele entreceitou um tanto os olhos, que eram de uma intensa cor azul, o gesto era de humor, não de aborrecimento, o que talvez, fosse ainda pior. Estava rindo dela. Não entendia por que tinha demorado tanto em se dar conta disso. Todos esses anos acreditara que ele simplesmente a ignorava.

Ora Por Deus.

— Lady Amélia — disse ele inclinando levemente a cabeça, mais parecido a uma permissão que se sentia obrigado a fazer — me daria à honra de conceder uma dança?

Elizabeth e Grace a olharam, as duas sorrindo serenamente, espectadoras. Todos Já tinham representado essa cena antes. E todos sabiam como devia continuar. Em especial ela.

— Não — disse, sem pensar duas vezes.

Ele pestanejou.

— Não?

— Não, obrigado, queria dizer — disse, com seu mais encantador sorriso, porque gostava de ser amável.

Ele parecia atônito.

— Não deseja dançar?

— Esta noite não, acredito que não.

Olhou dissimuladamente sua irmã e Grace. As duas estavam horrorizadas. Sentiu-se *maravilhosa*. Sentiu-se ela mesma, algo que nunca conseguia sentir na presença dele. Nem antes, quando estava esperando sua presença. Nem depois. Sempre tudo girava em torno dele. *Isto Wyndham e aquilo Wyndham e, aah, que sorte tinha ela por ter apanhado o Duque mais bonito do país sem ter tido nem que mover um dedo*. A única vez que deixou sair seu humor mordaz dizendo: *Bem, sim que tinha que mover os dedos para agarrar meu chocalho de bebê*, foi recompensada por dois olhares de assombro e um *jovem ingrata*. Essa foi à mãe de Jacinda Lennox, três semanas antes que caísse a chuva de pedidos para Jacinda.

Assim, pelo geral mantinha a boca fechada e fazia o que se esperava dela. Mas nesse momento... Bem, não se encontravam em um salão de Londres, sua mãe não estava olhando e estava simplesmente farta que ele a tivesse segurando com uma lorota. De verdade, já poderia ter encontrado outro. Poderia ter se divertido. Poderia ter beijado um homem.

Ah, muito bem, isso não. Não era uma idiota e sim valorizava sua reputação. Mas poderia ter imaginado, o que nunca se incomodou em fazer.

Então, tendo em vista que não sabia quando poderia sentir-se tão temerária outra vez, sorriu ao seu futuro marido e disse: — Mas você deveria dançar se o deseja. Não tenho dúvida que há muitas damas que se sentiriam felizes de ser seu par.

— Mas eu desejo dançar com você — disse ele.

— Talvez em outra ocasião — respondeu ela. Sorriu-lhe com seu sorriso mais alegre — Obrigado!

E dando meia volta, afastou-se.

Afastou-se.

Desejou saltar. E, claro, saltou, mas quando já estava fora do salão.



Thomas Cavendish agradava se considerar um homem justo, equânime, sobretudo que sua posição como sétimo Duque de Wyndham permitia sentir prazer em uma grande quantidade de exigências e atos irracionais. Poderia agir como um louco raivoso, se vestir todo de rosa e declarar que o mundo é um triângulo, mesmo assim os aristocratas seguiriam inclinando-se e arrastando-se diante dele, penderes de cada uma de suas palavras.

Seu pai, o sexto Duque de Wyndham, não tinha se comportado como um louco raivoso, nem

vestido de rosa, nem declarado que o mundo é um triângulo, mas foi um homem muito pouco dado à razão. Justamente a isso se devia que ele se orgulhasse de sua serenidade e equanimidade, da seriedade de sua palavra e, embora não gostasse de revelar a muitos este lado de sua personalidade, da capacidade para encontrar humor no ridículo. E o que acabava de acontecer era decididamente ridículo.

Mas quando encerrou o rumor da saída de Lady Amélia do salão e, uma atrás de outra, as cabeças começaram a virar para ele, se deu conta de que o limite entre humor e fúria não é muito mais grosso que o fio de uma faca. E o dobro de afiado.

Lady Elizabeth estava olhando para ele com uma boa dose de horror, como se ele fosse se transformar em um ogro e despedaçar membro por membro. E Grace, droga a atrevida dava a impressão de que ia se por a rir a qualquer momento.

— Não — advertiu.

Ela obedeceu, mas apenas, assim que ele olhou Lady Elizabeth e perguntou: — Vou procurá-la?

Ela o olhou sem dizer uma palavra.

— A sua irmã — explicou ele.

Ela continuou muda.

Bom Deus, educavam as mulheres nestes tempos?

— Lady Amélia — disse, acrescentando uma explicação extra — Minha prometida. A que acaba de me deixar plantado.

— Eu não diria isso... — disse por fim Elizabeth, com a voz afogada.

Ele a olhou um momento, mais tempo do que parecera normal. Ele não sentia nem o menor desconforto com aquilo e depois olhou Grace, a que comprovara fazia muito tempo, que era uma das únicas pessoas do mundo, em quem podia confiar que era totalmente sincera.

— Vou procurá-la?

— Ah, sim — disse ela, com os olhos brilhantes de travessura — Vá.

Ele arqueou levemente as sobrancelhas, pensando onde poderia ter ido a maldita garota. Na realidade, não poderia ter partido da festa, a porta dava diretamente à rua principal de Stamford, lugar absolutamente inapropriado para uma mulher sozinha.

Na parte de trás havia um jardim. Ele não teve ocasião de vê-lo, mas haviam dito que se faziam muitos pedidos de casamento nesse frondoso recinto.

Embora pedido fosse na realidade uma palavra muito moderada para descrever o que ali ocorria. A maioria dos pedidos se fazia estando os envolvidos bem mais vestidos, do que estavam as pessoas que se encontravam no jardim atrás do salão de reuniões e festas de Lincolnshire. Mas não o inquietava muito que o surpreendessem as sós com Lady Amélia Willoughby. Já estava comprometido à garota, não? E não podia seguir prorrogando o casamento por muito mais tempo. Tinha informado aos seus pais que esperaria até que ela tivesse vinte e um anos, e supunha que não demoraria muito em chegar a essa idade.

Se é que já não chegara.

— Uma de minhas opções parece ser a seguinte — disse — Poderia ir procurar a minha encantadora prometida, trazê-la de volta arrastada para dançar com ela, e demonstrar à multidão

reunida que a tenho claramente dominada.

Grace o olhou divertida. Elizabeth estava da cor de algo verde.

— Mas então daria a impressão que ela conseguiu me incomodar — continuou.

— Não o fez? — perguntou Grace.

Ele pensou. Sentia a espetada em seu orgulho, certo, mas, mais que qualquer outra coisa, estava tendo um grande momento.

— Não muito — respondeu e, posto que Elizabeth era a irmã, apressou-se a acrescentar, — Perdão.

Ela assentiu fracamente.

— Por outro lado — continuou — poderia simplesmente continuar aqui. E me negar a armar uma cena.

— Ah, parece-me que a cena já está armada — disse Grace, olhando-o travessa. Pagou-lhe com a mesma moeda.

— Tem sorte de ser a única coisa que faz com que a minha avó seja tolerável.

— Ao que parece não pode me despedir — disse Grace a Elizabeth.

— Embora a tentação seja grande — acrescentou ele.

Os dois sabiam que isso não era certo. Ele se prostraria aos seus pés, se fosse necessário, contanto que ela continuasse sendo a acompanhante de sua avó. Felizmente para ele, ela não mostrava nenhuma inclinação a partir. De todos os modos, o faria, e triplicaria o salário ao mesmo tempo. Cada minuto que Grace passava na companhia de sua avó era um minuto na qual ele não tinha que estar com ela, e francamente, não se pode por preço a algo assim.

Mas isso não era o assunto que tinha entre mãos. Sua avó estava comodamente instalada no salão contíguo, rodeada pelo grupo de suas amigas, e ele tinha toda a intenção de entrar e partir da festa sem ter que trocar nenhuma só palavra com ela.

Sua noiva, em troca, era outra história totalmente diferente.

— Acredito que vou permitir que tenha seu momento de triunfo — disse, chegando à decisão enquanto as palavras saíam de sua boca.

Não sentia a menor necessidade de demonstrar sua autoridade, porque, na realidade, podia ficar em dúvida? E não agradava particularmente a idéia de que a boa gente de Lincolnshire pudesse imaginar que estava apaixonado por sua noiva.

Thomas Cavendish não se apaixonava.

— Isso é muito generoso de sua parte, tenho que dizer — comentou Grace, sorrindo de uma maneira mais irritante.

Encolheu os ombros, levemente.

— Sou um homem generoso.

Elizabeth aumentou os olhos e pareceu que a ouvia respirar, mas além disso, continuou muda.

Uma mulher silenciosa, talvez devesse se casar com ela.

— Parte, então? — perguntou Grace.

— Quer se livrar de mim?

— Não, nada disso. Sabe que sua presença sempre me deleita.

Teria respondido o sarcasmo com algo similar, mas antes que pudesse abrir a boca, viu uma cabeça ou, melhor dizendo, parte de uma cabeça, aparecida por trás da cortina que separava o salão do corredor lateral.

Lady Amélia. Não fora muito longe depois de tudo.

— Vim para dançar — declarou ele.

— Detesta dançar — disse Grace.

— Não é certo. Detesto que me exijam dançar. Há muita diferença.

— Eu posso encontrar a minha irmã — disse Elizabeth, excitada.

— Não seja tola. É evidente que também detesta que exijam dançar. Grace será meu par.

— Eu? — disse a jovem, surpresa.

Thomas fez um gesto aos músicos que estavam na parte dianteira do salão. Imediatamente eles prepararam seus instrumentos.

— Você — disse ele — Não imaginou, suponho, que eu dançaria com outra aqui.

— Tem Elizabeth — disse ela, quando a levava para o centro da pista.

— Brinca, suponho — murmurou ele.

Lady Elizabeth Willoughby ainda não recuperara a cor que abandonou a face quando sua irmã deu as costas a ele e saiu do salão. Era provável que os esforços que exigiria a dança a fariam desmaiar.

Além disso, Elizabeth não ia bem aos seus fins. Olhou para Amélia. Surpreso, viu que ela não se ocultava imediatamente por trás da cortina. Sorriu, levemente. E então, e foi muito satisfatório, viu-a afogar uma exclamação.

Depois disso ela sim se escondeu por trás da cortina, mas isso não o preocupou. Estaria observando a dança, inteira, até o último passo.